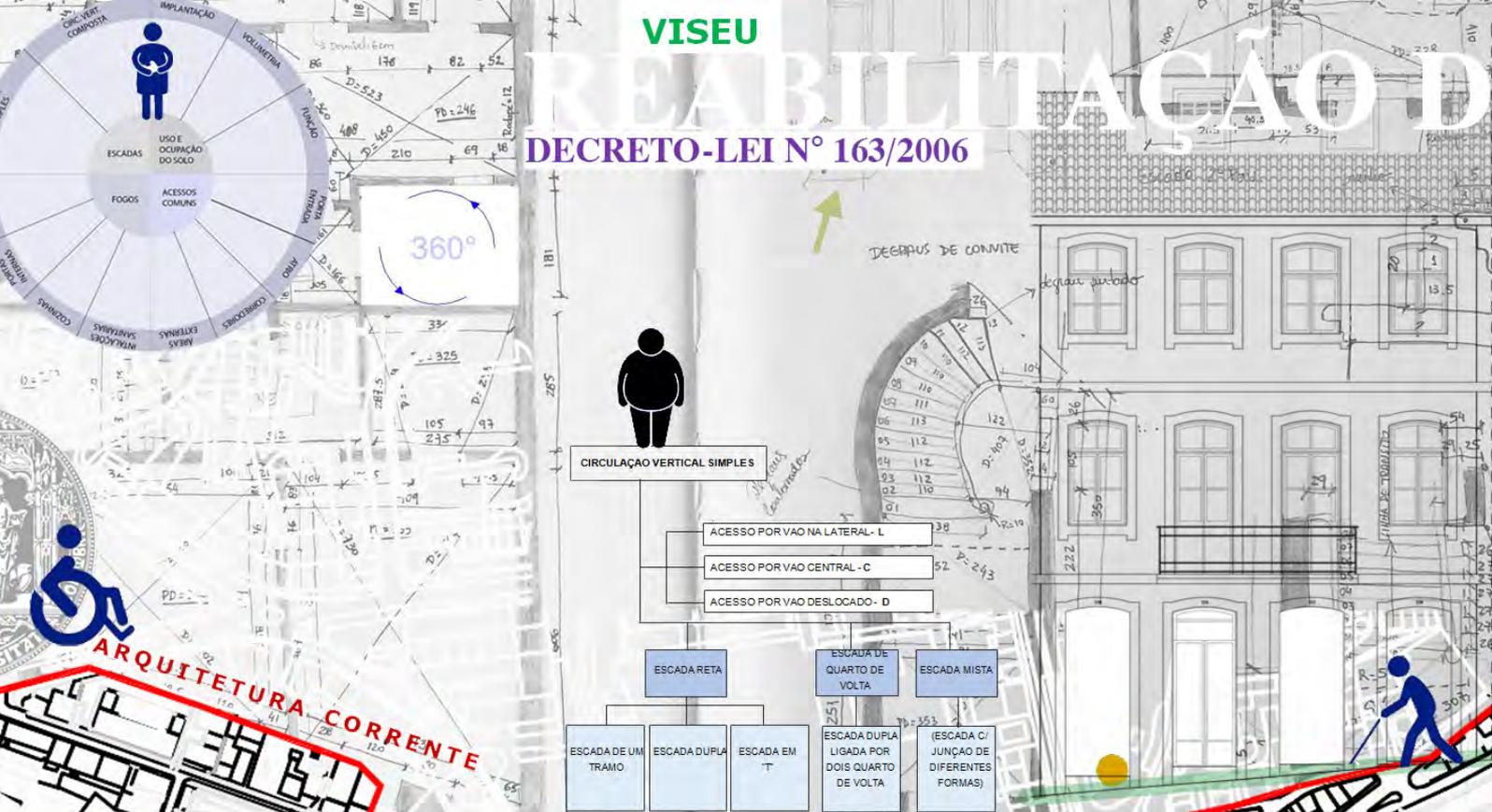


UISEU

# REABILITAÇÃO D

DECRETO-LEI N° 163/2006



Lidia Onara Gomes Andrioni

## ACESSIBILIDADE NO PATRIMÔNIO CORRENTE: ESTUDO NA CIDADE DE VISEU

ACCESSIBILITY IN CURRENT HERITAGE: STUDY IN THE CITY OF VISEU

Dissertação de Mestrado em Reabilitação de Edifícios,  
orientada pelos professores Doutor Nuno Valentim Rodrigues Lopes  
e Doutor António Alberto de Faria Bettencourt

Coimbra, 02 de abril de 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



**FCTUC DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Lídia Onara Gomes Andrioni

# **Acessibilidade no patrimônio corrente: Estudo na cidade de Viseu**

Accessibility in current heritage: Study in the city of Viseu

Dissertação de Mestrado em Reabilitação de Edifícios,  
orientada pelos professores Doutor Nuno Valentim Rodrigues Lopes  
e Doutor António Alberto de Faria Bettencourt

Esta Dissertação é da exclusiva responsabilidade do seu autor.  
O Departamento de Engenharia Civil da FCTUC declina qualquer  
responsabilidade, legal ou outra, em relação a erros ou omissões  
que possa conter.

Coimbra, 02 de abril de 2018

Aos meus pais e ao meu afilhado Alfredinho.

## AGRADECIMENTOS

Felizmente, tenho muito que agradecer! A escolha pelo mestrado em Portugal sucedeu em grandes encontros, conhecimentos, crescimentos pessoal e profissional. Foi um período envolvido por muita energia, alegria e resiliência.

Neste percurso, tive a oportunidade de conhecer o Dr. Prof. Raimundo, um apaixonado pelo ensino e pelo trabalho, a quem sou grata pelo apoio, considerações e confiança no meu desenvolvimento em conjunto com a equipe do Viséu Patrimônio. Neste grupo fiz grandes amigos, me acolheram com braços abertos e familiaridade. Agradeço ao Dr. Prof. Bittencourt por contribuir com olhar e instruções perspicazes sobre o edificado tradicional.

Agradeço, em especial, ao Dr. Prof. Nuno Valentim pela atenção e disponibilidades concedidas nas orientações, sempre aberto a discussões e direcionamentos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Do outro lado do oceano Atlântico e sempre presente comigo, a minha família é a força que possibilita tamanha ousadia. Uma torcida cuja energia e amor são sentidos em qualquer lugar do mundo e, por isso, me disponho a percorrer léguas e enfrentar grandes desafios. E nesta andança, o companherismo e carinho de Tales Sabará tornou o percurso mais leve e feliz.

Agradeço aos amigos da residência Pedro Nunes, que seguem com propósitos semelhantes, fé e dedicação aos estudos. Neste sentido, formamos uma irmandade, onde há trocas de experiências, conhecimentos e diversões. Obrigada Henrique Manfredo, por ter sido meu leitor assíduo.

Os meus agradecimentos se estendem a todos os professores da Universidade Federal de Minas Gerais, a quem devo grande parte dos meus conhecimento acerca da arquitetura e urbanismo. Aos meus amigos arquitetos e engenheiros, que fazem parte da minha história e me incentivaram nesta etapa. Enfim, a todos que favoreceram a realização dessa nova conquista, com reconhecimento indireto, mas fundamental, de toda a nação brasileira.

## RESUMO

A reabilitação de edifícios é uma ação de gestão essencial na contemporaneidade, tem como objetivos a organização urbana, a salvaguarda de bens patrimoniais, a sustentabilidade e a melhoria de espaços funcionais e ambientais. A acessibilidade nas intervenções de reabilitação é fundamental para garantir a segurança e a autonomia de locomoção de todos os indivíduos. O Decreto-Lei nº163/2006 assegura os direitos das pessoas com necessidades especiais (deficiências permanente ou temporária de ordem intelectual, sensorial, física ou comunicacional), eliminando barreiras e adotando medidas para a plena participação cívica.

Contudo, edificações correntes estão sujeitas ao regime geral e comum às novas construções - o que pode acarretar perda da sua autenticidade e como consequência a extinção de valores intrínsecos. Nesta circunstância, surge o desafio de questionar o emprego do regime de acessibilidade, enquanto existirem valores patrimoniais em causa.

A dissertação estuda a acessibilidade no edificado corrente, localizado no centro histórico da cidade de Viseu, em Portugal. O trabalho tem o como objetivo mais lato refletir e analisar o regime português relativo à acessibilidade quando aplicado a arquitetura comum, a fim de verificar seu impacto sobre os valores patrimoniais aqui existentes.

Para tal, realizam-se estudos de caracterização de 26 edifícios inseridos no núcleo histórico de Viseu; em seguida, aplicando as condições de acessibilidade vertidas no decreto-lei referido, procede-se à identificação dos riscos apresentados aos valores patrimoniais no caso concreto de estudo na Rua Direita, nº226.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acessibilidade. Património. Reabilitação de edifícios. Decreto-lei nº163/2006. Centro Histórico de Viseu.

## ABSTRACT

The rehabilitation of buildings is an essential management action in the contemporaneity, whose objectives are the urban organization, the safeguarding of patrimonial assets, the sustainability and the improvement of functional and environmental spaces. Accessibility in rehabilitation interventions is fundamental to guarantee the safety and freedom of movement of all individuals. Decree-Law n.º. 163/2006 ensures the rights of people with special needs (permanent or temporary disabilities of an intellectual, sensorial, physical or communicational nature), eliminating barriers and adopting measures for full civic participation.

However, current buildings are subject to the general scheme and common to new constructions - which can cause loss of their authenticity and as a consequence the extinction of intrinsic values. In this circumstance, the challenge of questioning the use of the accessibility regime arises, as long as there are patrimonial values in question.

The dissertation studies the accessibility in the current building, located in the historic center of the city of Viseu, Portugal. The work has as its broad objective to reflect and analyze the Portuguese regime regarding accessibility when applied to the common architecture, in order to verify its impact on the patrimonial values existing here.

To this end, characterization studies are carried out on 26 buildings located in the historic center of Viseu: then, applying the accessibility conditions set out in the aforementioned Decree-Law, the risks presented to the patrimonial values in a concrete case of study at Rua Direita, n.º. 226.

**KEY WORDS:** Accessibility. Patrimony. Rehabilitation of buildings. Decree-law n.º. 163/2006. Historic Center of Viseu.

## SOMMARIO

La riabilitazione degli edifici è un'azione gestionale essenziale nell'epoca contemporanea e ha come obiettivi l'organizzazione urbana, la salvaguardia dei beni patrimoniali, la sostenibilità e il miglioramento degli spazi funzionali e ambientali. L'uso dell'accessibilità negli interventi riabilitativi è fondamentale per garantire la sicurezza e l'autonomia della mobilità delle persone. Il decreto-legge n°163 di 2006 garantisce i diritti delle persone con disabilità (disabilità permanenti o temporanee, intellettuali, sensoriali, fisiche, o di comunicazione), eliminando le barriere e prevedendo l'adozione di misure per la piena partecipazione dei cittadini alla vita sociale.

Tuttavia, gli edifici attuali sono soggetti a leggi di regime generale e comuni da adottare per le nuove costruzioni, che possono portare alla perdita della loro autenticità, storica ed artistica, come conseguenza dell'estinzione dei valori intrinseci. In questa circostanza, sorge la sfida di mettere in discussione l'uso dei regolamenti sull'accessibilità, perché i valori patrimoniali possono essere messi in pericolo.

Il tema della tesi riguarda l'accessibilità nell'edificio minori, situato nel centro storico della città di Viseu, in Portogallo. L'obiettivo di questo lavoro è riflettere e approfondire le normative portoghesi sull'accessibilità applicate nell'architettura comune, per verificarne l'impatto sui valori del patrimonio.

Per raggiungere questo obiettivo, il primo posto sarà studi di caratterizzazione architettura di 26 edifici inseriti nel centro storico di Viseu, quindi applicando le condizioni di accessibilità capannone nel decreto-legge di cui, ci sarà di identificare il rischi presentato agli importi patrimoniali del caso studio Rua Direita, n° 226.

**PAROLE CHIAVE:** Accessibilità. Patrimonio culturale. Restauro. Decreto-legge n°163/2006. Centro storico di Viseu.

## ÍNDICE

### CAPÍTULO 01.

INTRODUÇÃO.....	1
1.1. MOTIVAÇÕES E CONTRIBUTOS.....	2
1.2. OBJETIVOS E ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO.....	3
1.3. PERTINÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO.....	5

### CAPÍTULO 02.

ENQUADRAMENTOS: VISEU, PATRIMÔNIO E ACESSIBILIDADE.....	8
2.1. CENTRO HISTÓRICO DE VISEU.....	9
2.2. PATRIMÔNIO.....	11
2.2.1. EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PATRIMÔNIO.....	11
2.2.2. CARTAS PATRIMONIAIS.....	18
2.2.3. POR UMA NOVA GRAMÁTICA: O PATRIMÔNIO CORRENTE.....	21
2.2.4. PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO CORRENTE.....	22
2.3. ACESSIBILIDADE.....	23
2.3.1. CONCEITO DE ACESSIBILIDADE.....	23
2.3.2. REGIME DE ACESSIBILIDADE: DECRETO-LEI Nº163/2006.....	24
2.3.3. REGIME EXCECIONAL PARA A REABILITAÇÃO URBANA.....	26

### CAPÍTULO 03.

VINTE E SEIS EDIFÍCIOS EM VISEU.....	27
3.1. ACESSIBILIDADE EM QUATRO CATEGORIAS.....	28
3.2. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	29
3.3. ACESSOS COMUNS.....	32
3.4. ESCADAS.....	36
3.4.1. CIRCULAÇÃO VERTICAL SIMPLES.....	37
3.4.2. CIRCULAÇÃO VERTICAL COMPOSTA.....	42
3.4.3. COMPOSIÇÃO DAS ESCADAS.....	46
3.5. CIRCULAÇÃO HORIZONTAL E COMPARTIMENTAÇÃO INTERNA.....	52
3.5.1. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E COZINHAS.....	55
3.5.2. QUALIDADE CONSTRUTIVA DAS EDIFICAÇÕES.....	57

## **CAPÍTULO 04.**

APLICAÇÃO DO REGIME DE ACESSIBILIDADE .....	60
4.1. PRERROGATIVAS LEGAIS TRANSITÓRIAS.....	61
4.2. PERTINÊNCIA DO CASO DE ESTUDO.....	62
4.3. ESTRUTURA DE ANÁLISE.....	63
4.4. INTERPRETAÇÕES.....	65
4.4.1. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	66
4.4.2. ESPAÇOS COMUNS.....	66
4.4.3. ESCADAS.....	69
4.4.4. FOGOS.....	69
4.5. VALORES PATRIMONIAIS IDENTIFICADOS.....	77

## **CAPÍTULO 05.**

CONCLUSÃO.....	80
5.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
I. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
LIVROS .....	84
LEGISLAÇÕES E CARTAS PATRIMONIAIS .....	84
TESES, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS.....	85
SITES CONSULTADOS .....	85
II. ANEXOS	
ANEXO A - PARECER DO CONSELHO .....	A-2
ANEXO B - FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO.....	A-4
III. APÊNDICES	
APÊNDICE A - MATRIZ DE ACESSIBILIDADE.....	A-178
APÊNDICE B - TABELAS DE CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO .....	A-180
APÊNDICE C - PROJETO DE ACESSIBILIDADE .....	A-281

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1: Levantamento da edificação RDIR226.....	6
Figura 1.2: Mapa de Viseu .....	7
Figura 2.1: Planta de Viseu em 1700 e 1864.....	10
Figura 2.2: Conceitos brandianos no Oratorio San Filippo Neri, na Itália. ....	17
Figura 3.1: Quatro categorias estabelecidas para o estudo das acessibilidades nas edificações.....	28
Figura 3.2: Ilustração do tipo de localização do edifício na malha urbana e no lote. ....	30
Figura 3.3: Implantações de edifícios no lote em diferentes contextos. ....	31
Figura 3.4: Acesso à edificação através das laterais, do centro e anexos/ fachada lateral.....	33
Figura 3.5: Edificações RCHM045, RDIR016, RDIR081 e RDIR143 .....	34
Figura 3.6: Diferente tipologias de portas das edificações RDIR143, RADR005, LPIG003 e RDIR160.....	34
Figura 3.7: Destaque para os ressaltos e degraus nas LMIS036, RCHM045 e RDIR120.....	35
Figura 3.8: Entradas das edificações RDIR069, RDIR246 e RDIR226. ....	35
Figura 3.9: Formas das Escadas .....	37
Figura 3.10: Circulação Vertical Simples.....	38
Figura 3.11: Fachadas dos RGRV015, LMIS022 e LPIG003, com acessos às habitações pelas laterais.....	39
Figura 3.12: Escadas do edifício LMIS022 e LPIG003.....	40
Figura 3.13: Plantas da RDIR166 e da RADR005 .....	40
Figura 3.14: Planta do primeiro piso, fachada e vão de entrada no rés-do-chão da RDIR143. ....	41
Figura 3.15: Circulação Vertical Composta .....	42
Figura 3.16: Plantas do primeiro e do segundo piso das RDIR014 e RDIR023.....	43
Figura 3.17: Fachada da RDIR081 e RDIR160.....	44
Figura 3.18: Escada com detalhe em cantaria .....	45
Figura 3.19: Edificações RAUC007 e RAUC011, com respectivas fachadas e escadas externas.....	46
Figura 3.20: Escada localizada no rés-do-chão dos edifícios RDIR226, LPIG003 e RDIR246.....	48
Figura 3.21: Escada em "T" com dois lances em pedra e um em madeira da RDIR166. ....	48
Figura 3.22: Escadas externa e internas dos edifícios RAUC007 e RAUC11.....	49
Figura 3.23: Portal, gradil e escada externa de pedra da edificação RAUC017. ....	49
Figura 3.24: Escadas em madeira no rés-do-chão das RDIR002, RCHM045 e LMIS036.....	50
Figura 3.25: Escadas com introdução de materiais diversos - LMIS022, RDIR081 e RDIR173.....	50
Figura 3.26: Bomba das escadas das edificações LPG003, RADR005 e RGRV005 .....	51

---

Figura 3.27: Detalhes das escadas dos edifícios LPIG003, RADR005 e RDIR173 .....	51
Figura 3.28: Plantas da edificação RGRV036.....	53
Figura 3.29: Planta RDIR120.....	54
Figura 3.30: Plantas do primeiro piso RDIR002, do segundo piso RDIR213 e da edificação RCHM045.....	55
Figura 3.31: Instalações Sanitárias da LMIS022, LMIS028 e RCHM045 .....	56
Figura 3.32: Cozinhas dos edifícios RDIR160 e LMIS022.....	56
Figura 3.33: Paredes de tabique das edificações RDIR226 e RDIR081 .....	57
Figura 3.34: Assoalho e estrutura do piso da RDIR160.....	58
Figura 3.35: Portas internas de uma e duas folhas das RADR005, RDIR160, RDIR166 e RAUC011.....	58
Figura 3.36: Vista interna da esquadria RAUC015 e externa das janelas LPIG003 e RDIR213 .....	59
Figura 3.37: Teto de madeira da LPIG003e estucado do RADR005 .....	59
Figura 4.1: Alçados do caso de estudo - RDIR226.....	62
Figura 4.2: Matriz e chave de leitura.....	63
Figura 4.3: Organização das tabelas do Apêndice B.....	64
Figura 4.4: Representação dos critérios de acessibilidade.....	64
Figura 4.5: Diferenças de níveis entre o corredor e compartimentos adjacentes.....	68
Figura 4.6: Percurso acessível.....	71
Figura 4.7: I.S. dos fogos 04 e 05, tendo ao lado arranjo acessível.....	72
Figura 4.8: Cozinhas dos fogos com layout.....	73
Figura 4.9: Projeção de quatro requisitos de acessibilidade no fogo 02.....	74
Figura 4.10:: Áreas para o percurso acessível no fogo 02.....	75
Figura 4.11: Área livre após aplicação da norma .....	76
Figura 4.12: Áreas dos requisitos para o deslocamento acessível no interior do fogo 02 .....	76
Figura 4.13: Compatibilidades e incompatibilidade nos fogos do caso de estudo.....	79

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.1: Endereço dos 26 casos de estudo.....	6
Tabela 3.1: Características do uso e ocupação do solo.....	29
Tabela 3.2: Informações sobre os acessos às edificações.....	33
Tabela 3.3: Materiais dos degraus e lances das escadas .....	47
Tabela 3.4: Circulação Horizontal e compartimentos dos fogos .....	52
Tabela 4.1: Valores identificados em causa pela aplicação direta do D.L.163/2006 ao caso de estudo.....	78

## ABREVIATURAS

ANMP - Associação Nacional de municípios portugueses

ARU - Área de Reabilitação Urbana

DGPC - Direção geral do Património Cultural

D.L. - Decreto-lei

ICOMOS - Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios

INR - Instituto Nacional de Reabilitação

I.S. - Instalação Sanitária

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

REGEU - Regulamento Geral das Edificações Urbanas

RERU - Regime excecional para a reabilitação urbana

SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

## CAPÍTULO 01.

# **INTRODUÇÃO**

## 1.1. MOTIVAÇÕES E CONTRIBUTOS

" Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela? ." (BACHELARD, Gaston. 1993, p.200)

A casa tem grande potencial de reminiscência. As noções de lugar, aconchego, proteção, segurança e temporais iniciam-se no berço do lar. Os ambientes internos das casas incitam quem os habita, do porão ao sótão, a percepção do espaço é alterada e cheia de sensações. Segundo Bachelard, esses valores concebidos pelo ser, no interior da casa, permanece na memória e são traduzidos em gestos que se reproduzirão em toda a vida. O lar é a partida para a compreensão do mundo que, por sua vez, será formado pelas impressões que temos dos espaços que nos rodeia, nos acolhe e nos molda.

A motivação deste trabalho tem origem no reconhecimento do patrimônio como vital para a identidade e a cultura de um povo. Para além, busca-se a compreensão dos valores contidos nos detalhes e nos espaços da arquitetura corrente, nos atos quotidianos que expressam as transformações do ser, os quais são incorporados utilizando-se da arquitetura como meio de projeção do corpo humano. Portanto, interessa compreender os valores tradicionais e os gestos da contemporaneidade que possam potencializar a matéria preexistente.

A habitação tradicional, após a industrialização e os modernos modos de habitar, tem sofrido pressões externas para adaptação e renovação de suas estruturas e tipologias, para inserção de novos padrões e técnicas contemporâneas. A tendência para a homogeneização cultural inseriu o patrimônio como o tema de uma nova disciplina, na tentativa de protegê-lo e valorizá-lo. Contudo, Choay aponta, a indústria patrimonial explora os bens históricos como recursos e empreendimentos lucrativos, utilizando-se da imagem hipotética de desenvolvimento e turismo.

É relevante pontuarmos que, atualmente, em Portugal, tem crescido o número de intervenções em edifícios preexistentes cujas práticas disseminadas pelo país tem demonstrado, nas palavras de José Aguiar,

"[...] como um sonho do qual acordamos para um pesadelo. Um sonho ecológico, culturalmente atento à qualidade dos lugares e das memórias, numa procura identitária onde descobríamos um novo desenho, de um construir no (e com o) construído, entre a cautelosa cautela e o (subtil ou ostensivo) atrevimento poético; e sai-nos na sorte a desonestidade do fachadismo, o sistemático roubo identitário para criar artificiais parques temáticos, que se multiplicam [...]" (AGUIAR, 2014, p.67)

Diante desses efeitos contrários, que tornam a cultura como um produto, com alteração de seus valores múltiplos em valores econômicos e de consumo, as cidades continuam ameaçadas. Assim, enfatiza-se a necessidade de reavaliação das práticas, das formas de proteção e gestão. Enquanto, por um lado, há a ampliação do conceito de patrimônio aplicado a toda a cidade, com valor significativo da arquitetura corrente sem precedência, por outro, as diretivas e normas não seguem tais considerações.

Paralelamente, o tema da acessibilidade convoca a pensar e a agir em prol da democratização dos espaços, da participação de todos e das necessidades de cada indivíduo. Nesse sentido, problematizam-se os valores de cidadania, inclusão social e direitos humanos. Questões reais que merecem ser tratados com justiça e estima. Contudo, quando avaliados diante da temática do patrimônio cultural, temos a necessidade de preservação face as possibilidades de locomoção e fruição. Deste confronto, há de considerar que a decisão de projeto a favor de um pode ocasionar a eliminação ou a falta do outro. Estes são dois grandes desafios para a intervenção no patrimônio.

A tensão entre esses dois temas, a preservação e a acessibilidade, é visível na reabilitação de edifícios quando aplicado o decreto-lei 163/2006, uma vez que enquadra a arquitetura corrente como qualquer construção nova. É primordial lembrarmos que as perdas patrimoniais são normalmente irreversíveis. Portanto, surge a necessidade de repensar as estratégias de intervenção e definir de maneira precisa os meios de proteção.

A partir da participação no *Projeto Viseu Patrimônio*, no ano de 2017, surgiu a ocasião propícia para o desenvolvimento desta dissertação. Este projeto cuja pretensão, a longo prazo, é identificar, conservar e divulgar o patrimônio de Viseu, tornou-se um grande estímulo para esta investigação. Atribuíram a tarefa a uma equipe multidisciplinar, com engenheiros, arquitetos e docentes, com o objetivo comum de contribuir, numa primeira fase, para a identificação dos valores do patrimônio edificado de Viseu, tendo como objetivo final a elaboração do memorando de reabilitação.

Em traços gerais, o horizonte de contribuição da presente dissertação consiste em discorrer sobre as problemáticas do patrimônio na contemporaneidade, refletir sobre os valores da arquitetura corrente e sobre o quadro regulamentar vigente, colaborar com o *Projeto Viseu Patrimônio*, na condição de ser uma matéria de pesquisa e de divulgação - problematizando a partir da questão da acessibilidade.

## **1.2. OBJETIVOS E ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO**

A inclusão social é um tema recorrente em diversas áreas do conhecimento e requer atenção especial. A cidade deve ter função social capaz de propiciar o exercício da cidadania

e o bem-estar de todos. Para alcançar esses objetivos é importante garantir a acessibilidade aos meios de comunicação, locomoção e fruição do espaço público e privado com segurança. Para além do direito de participar e gozar dos espaços comuns é fundamental a permeabilidade e liberdade de uso, apreensão e pertencimento dos indivíduos aos bens patrimoniais. Assim, requer reflexão e criação de estratégias que possibilitem a capacidade autônoma para o desempenho de atividades gerais.

Quando se trata de uma intervenção na arquitetura corrente, onde sejam necessárias as adaptações de acessibilidade, há de considerar os valores patrimoniais a serem preservados. Essa conjunção de medidas de adaptação e conservação do edificado é delicada, requer senso crítico para alcançar as melhores estratégias. Os enquadramentos legais não constituem fundamentos coerentes para essa avaliação, pois a lei nacional de acessibilidade não as distingue das construções novas. Logo, podem ocorrer conflitos entre o enquadramento legal da acessibilidade e os valores singulares dos edifícios. Destes problemas pontuam-se algumas inquietações:

- Quais os critérios de intervenção no patrimônio corrente?
- Qual o nível de interferência no edificado para criar as condições de acessibilidade?
- Quais os valores e não-valores da arquitetura corrente?
- Na intervenção para a adaptação às condições de acessibilidade, quais são os valores da arquitetura corrente em risco?
- Como ponderar a intervenção entre a acessibilidade e a preservação de valores singulares do edifício?

A investigação tem o objetivo de estudar 26 edifícios na cidade de Viseu, em Portugal, com o foco no caso de estudo da Rua Direita, nº226, simulando a intervenção condicionada a norma nacional de acessibilidade, prevista no D.L. nº163/2006. Esta condição é o ponto de partida para propiciar uma ponderação entre a acessibilidade e valor patrimonial do edificado. Assim, postulam-se as seguintes hipóteses:

- Os edifícios correntes do núcleo histórico de Viseu apresentam valores arquitetônicos a serem preservados;
- A acessibilidade é importante e necessária para a inclusão social e o estado democrático;
- A abordagem da acessibilidade na reabilitação do patrimônio corrente é determinante na solução arquitetônica.

Após o presente capítulo introdutório, são desenvolvidos quatro capítulos que tratam de pesquisas bibliográficas e de campo, além da interpretação da lei de acessibilidade na simulação do caso de estudo, de acordo com as abordagens metodológicas seguintes:

O capítulo 02 desenvolve os enquadramentos dos temas *Enquadramentos: Viseu, Patrimônio e Acessibilidade*. Está dividido em três partes e reflete sobre os principais

conceitos e literaturas. O primeiro subcapítulo trata da cidade de Viseu, da evolução do centro histórico até os dias atuais. Mostra os desafios da expansão urbana para além da muralha antiga. O segundo subcapítulo aborda o patrimônio cultural, os movimentos conceituais, identifica os valores a partir de teóricos e das cartas patrimoniais e reconhece a arquitetura corrente como parte integrante de uma nova gramática. O terceiro subcapítulo faz o enquadramento da acessibilidade e introduz o decreto-lei nº163/2006, de 08 de agosto, e explicita o regime de exceção vigente para a reabilitação urbana.

O capítulo 03, *Vinte e seis edifícios em Viseu*, dedica-se aos espaços e às caracterizações de elementos arquitetônicos inspeccionados no Projeto Viseu Patrimônio, fundamentado no decreto-lei nº163/2006 e em critérios para obter o percurso acessível. Assim, constitui uma observação que parte do logradouro público, acessa à edificação, permeia os espaços de circulação e o interior dos fogos. Um trajeto que no regime de acessibilidade prescreve como percurso acessível - do espaço público ao espaço privado.

No capítulo 04, *Aplicação do regime de acessibilidade*, retrata o caso de estudo na rua Direita, nº 226. Realiza-se uma matriz que verifica a aplicação do regime de acessibilidade. Paralelamente, as tabelas de caracterização do edifício mostram o estado atual dos compartimentos e as consequências da aplicação da lei, de maneira cega e sem restrições. Estes dados são reportados ao desenho técnico de arquitetura que evidencia as barreiras arquitetônicas e as áreas acessíveis. Por fim, há um confronto entre a norma e os valores do patrimônio corrente.

No capítulo 05, *Conclusão*, realizam-se a síntese crítica, a verificação do cumprimento dos objetivos e os caminhos de desenvolvimento futuro. Em seguida, têm-se as referências bibliográficas, os anexos e apêndices ( matriz, tabelas e desenhos técnicos - realizados no decorrer da dissertação).

### **1.3. PERTINÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO**

No ano de 2017, através do Projeto Viseu Patrimônio, 26 edificações correntes na cidade portuguesa de Viseu foram inspeccionadas através de visitas aos espaços interiores e exteriores. Arquitetos e engenheiros com olhares voltados a temáticas distintas e, ao mesmo tempo, complementares, reuniram esforços para compreender as edificações e responder, entre outras, às questões: Como é construído? Como funciona? Por que é/está desta forma? Quais são os valores arquitetônicos e os aspetos singulares? Estas visitas aos edifícios fizeram parte da primeira etapa de um trabalho cujo planeamento, a longo prazo, é reunir, investigar e divulgar os valores patrimoniais para a sociedade local e nacional.

O trabalho desenvolvido pela equipe de arquitetura consistiu no levantamento métrico *in loco* para a execução dos documentos gráficos arquitetônicos e da Ficha de Caracterização do Edificado (Anexo B). Estes foram fundamentais para a compreensão arquitetônica e relevantes para o trabalho em questão, que justifica-se na medida em que estes edifícios mantêm-se ativos como espaços de atividades humanas ou significado cultural.

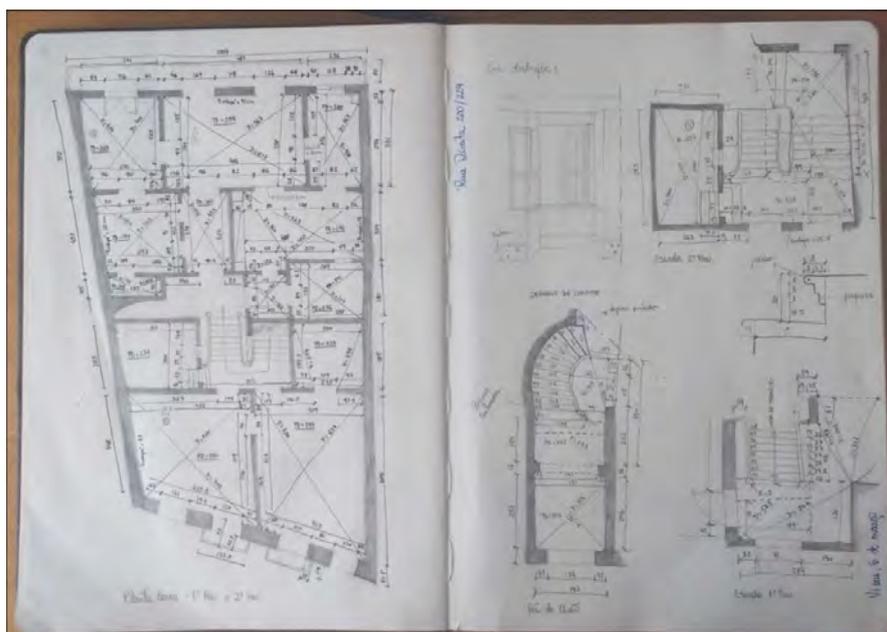


Figura 1.1.: Levantamento da edificação RDIR226.  
Fonte: Lídia Andrioni - Projeto Viseu Patrimônio

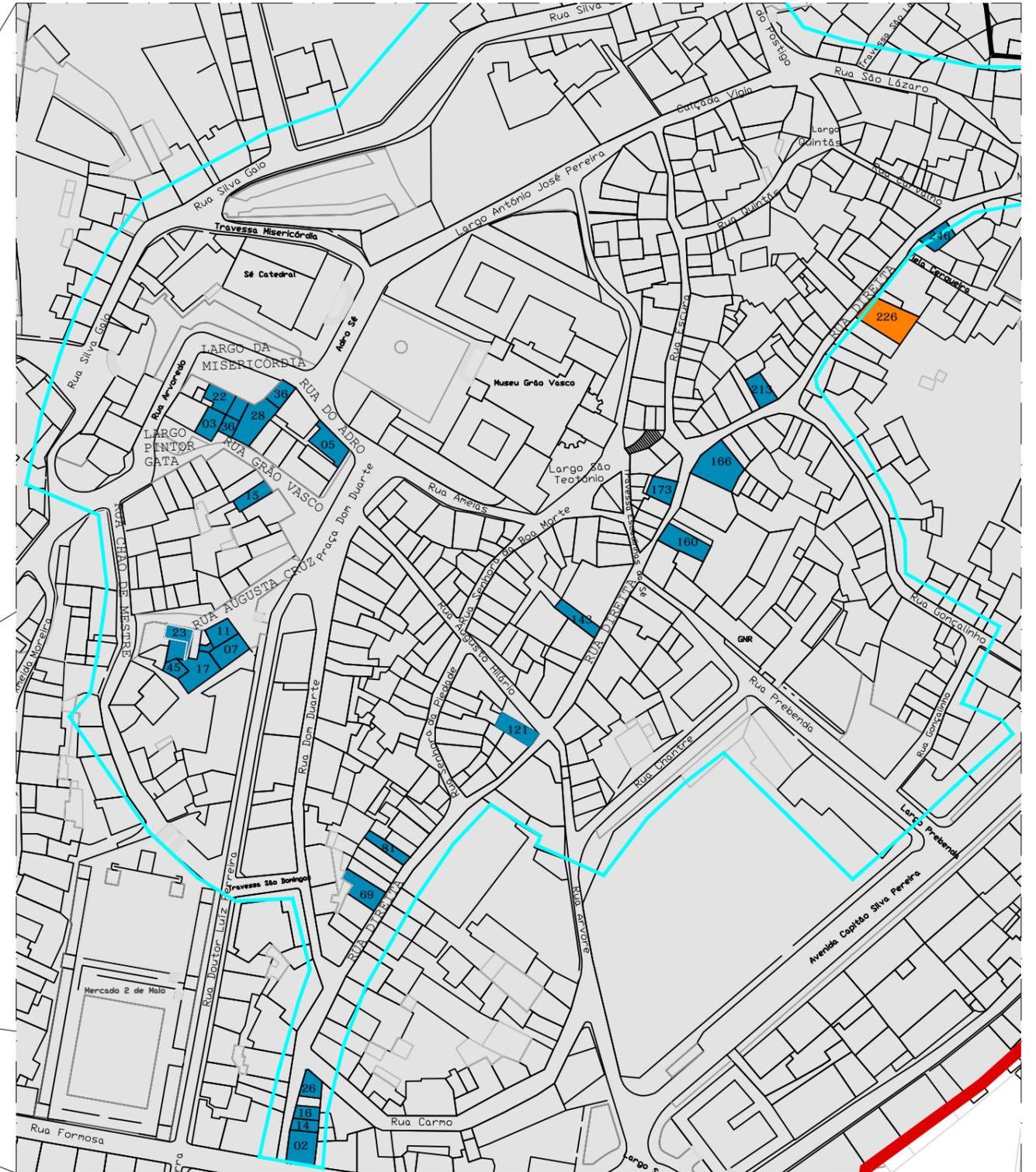
Durante as etapas iniciais, os edifícios foram identificados por códigos que atribuem a indicação da rua e do número da porta, conforme a tabela 01 e indicados no mapa da figura 02.

ENDEREÇOS DAS 26 EDIFICAÇÕES E RESPETIVOS CÓDIGOS	
Rua Direita, nº 02 – RDIR002	Rua Direita, nº 246 – RDIR246
Rua Direita, nº 14 – RDIR014	Rua Grão Vasco, nº15 – RGRV015
Rua Direita, nº 16 – RDIR016	Rua Grão Vasco, nº 36 – RGRV036
Rua Direita, nº 26 – RDIR026	Rua Augusta Cruz, nº 07 – RAUC007
Rua Direita, nº 69 – RDIR069	Rua Augusta Cruz, nº 11 – RAUC011
Rua Direita, nº 81 – RDIR081	Rua Augusta Cruz, nº 17 – RAUC017
Rua Direita, nº 120 – RDIR120	Rua Augusta Cruz, nº 23 – RAUC023
Rua Direita, nº143 – RDIR143	Largo Pintor-Gata, nº 03 – LPIG003
Rua Direita, nº160 – RDIR160	Rua do Adro, nº 05 – RADR005
Rua Direita, nº 166 – RDIR166	Rua Chão Mestre, nº 45 – RCHM045
Rua Direita, nº173 – RDIR173	Largo da Misericórdia, nº22 – LMIS022
Rua Direita, nº 213 – RDIR213	Largo da Misericórdia, nº 28 – LMIS028
Rua Direita, nº 226 – RDIR226	Largo da Misericórdia, nº 36 – LMIS036

Tabela 1.1: Endereço dos 26 casos de estudo  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio



1 MAPA DA CIDADE DE VISEU COM LIMITES DE PROTEÇÕES  
ESCALA 1/1000



2 DETALHE DO CENTRO HISTÓRICO DE VISEU  
ESCALA 1/200

LEGENDA	
	ZONA DE PROTEÇÃO À SÉ DE VISEU
	ÁREA DE REABILITAÇÃO URBANA - ARU
	EDIFÍCIOS VISITADOS
	CASO DE ESTUDO EDIFÍCIO DA RUA DIREITA, Nº 226

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
MESTRADO EM REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS DISSERTAÇÃO: A ACESSIBILIDADE NO PATRIMÓNIO CORRENTE ORIENTADOR: NUNO VALENTIM E ANTÓNIO BETTENCOURT
AUTORA: LÍDIA ONARA GOMES ANDRIONI
MAPA DE VISEU
ZONAS DE PROTEÇÕES E LOCALIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS VISITADOS

01 / 01
FORMATO A1 DATA: 01/03/2018

## CAPÍTULO 02.

# **ENQUADRAMENTOS: VISEU, PATRIMÔNIO E ACESSIBILIDADE**

## 2.1. CENTRO HISTÓRICO DE VISEU

A história de Viseu após longos períodos de sucessivas destruições, conquistas e reconstruções, formou-se sobre diferentes camadas temporais. Pode-se dizer, que Viseu contém contribuições de povos e culturas distintas, os quais são vistos nos detalhes construtivos, na malha urbana e na arqueologia.

A antiga cidade medieval era delimitada por uma muralha elíptica de sete pontas com função militar, protetiva e de controle fiscal. No interior desta, e sobre uma elevação rochosa, construíram o núcleo da Sé, a partir do qual a cidade se desenvolveu de forma excêntrica. O Adro da Sé, localizado em posição privilegiada, simbolizava o poder religioso. Com o formato retangular, é delimitado pela Sé Catedral e seus anexos, pelo Palácio dos Três Escalões, atual Museu Grão Vasco, e pela Igreja da Misericórdia.

Na proximidade, a atual praça denominada Praça Dom Duarte era, no século XIV, um espaço vazio de traçado retangular cercado por edificações e, principalmente, marcado pelos poderes civil e religioso. Consistia num espaço comercial, com feiras e ambiente de convivência. Desta praça originam sete ruas: A rua do Adro, que conecta ao Adro da Sé; rua Améias; ruas Augusto Hilário e Rua Dom Duarte que conectam com a Rua Direita; Rua Dr. Luiz Ferreira e Rua Grão Vasco, que tem a outra extremidade no Largo Pinto Gata.

A antiga praça da Erva e atual Largo Pintor Gata, conservou o carácter comercial e habitacional. Com formato trapezoidal, tem a Porta do Soar em sua menor extremidade, o que aponta a sua importância histórica no contexto da cidade. Do Largo desembocam as ruas do Arvoreda, rua Grão Vasco, antiga rua das Estalagens, e Rua Chão de Mestre.

As ruas estreitas e tortuosas no espaço intramuros, normalmente faziam a ligação entre as portas da muralha e a destinação ao Adro da Sé. Dentre o conjunto orgânico de vielas, a rua Direita, antiga Rua das Tendas, com posição topografia menos elevada, fazia a ligação entre duas portas da muralha. Ela foi durante muito tempo, a artéria principal da cidade, com espaços de encontro, de intensa atividade econômica e cultural. Logo, é um eixo de intensa memória coletiva.

"Rua Direita era o caminho mais curto e mais directo que ligava, normalmente de porta a porta, os dois extremos mais distantes da cidade. O nome dado, Rua Direita, é uma consequência da posição estratégica que ocupava na cidade, onde ligava a parte alta à parte baixa. Inicialmente percorria a cidade ligando lados opostos da muralha. No decorrer dos anos houve construção de casas ao longo da rua e algumas delas subsistem já há alguns séculos" (FERREIRA, 2010, p.42)

Internamente, notava-se o contraste entre a cidade e os ambientes ruralizados dos extramuros. A expansão da cidade em direção aos arrabaldes só acontece no século XVIII, no

período moderno, circunstância de dispersão das atividades econômicas e desenvolvimento de núcleos urbanos sem ordenamento territorial.

"Apesar das expansões urbanísticas do século XVIII terem visto nascer novos bairros e um alargamento da urbe para os arrabaldes, simbolicamente é ainda dentro das muralhas que acontece a cidade."(CASTILHO, 2012, p. 22)

No século XIX, significativas alterações na cidade extramuros contribuíram para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento, observado pela consolidação de espaços e definição de novos polos. O plano de melhoramentos de 1864, embora destinado a outras cidades portuguesas, teve impacto direto no município de Viseu, com a criação de uma comissão que obteve a planta topográfica e um plano que vislumbrava a construção de obras e equipamentos públicos. Assim, a cidade expandiu-se nas direções delineadas pelos eixos viários, tais infraestruturas tornaram-se prioritárias com o advento dos veículos automatizados. Estas se opunham a malha tradicional de vielas estreitas e sinuosas.

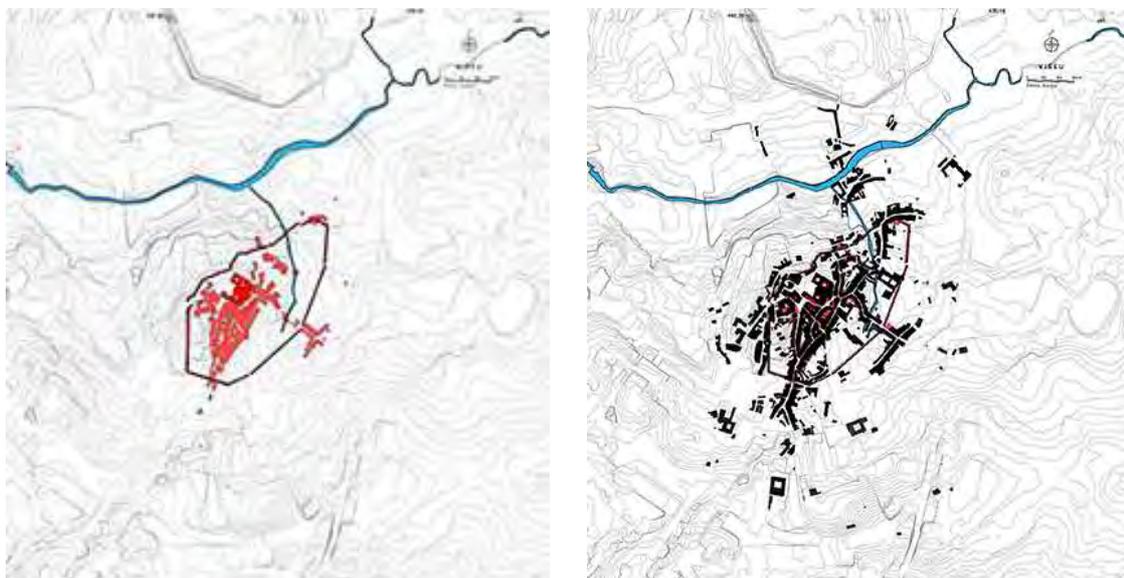


Figura 2.1: Planta de Viseu em 1700 e 1864  
Fonte: Site da Câmara Municipal de Viseu

O século XX foi marcado pelo maior crescimento urbano, aumento populacional, formação de novos bairros e atribuição relevante aos espaços públicos. Em 1935, o Plano de Urbanização revela preocupações com a organização e implantação das construções, habitação e interligação entre os núcleos periféricos e a cidade. Outros planos realizados revelavam as mudanças de paradigmas da concepção urbana e a introdução de novos

conceitos, *Cidade- Jardim*, para zonas residenciais periféricas e *City Beautiful*, com a definição formal clássica de embelezamento e monumentalidade.

Diante deste processo de expansão e modificação da paisagem urbana com incorporação dos novos modos de habitar, verificou-se o abandono populacional no núcleo histórico de Viseu. As deficiências se pronunciaram na carência de infraestrutura, degradações dos edifícios, isolamento social e falta de gestão da administração para gerir o patrimônio e integrá-lo ao restante da cidade.

"Acompanhando a Nova Agenda Urbana Mundial e as Recomendações da Unesco sobre a HUL, segundo as orientações estratégicas da Europa, a cidade tem caminhado no sentido da revitalização deste núcleo, através de políticas de coesão territorial, social e económica." (ALMEIDA, Vanessa, 2017, p. 54)

Os problemas observados no século XX desafiam as políticas e as intervenções atuais. Portugal já demonstrou conhecimentos, iniciativas e avanços na revitalização urbana, como em Porto, Guimarães, dentre outras cidades. Logo, o legado dessas experiências urbanas com intervenções cautelosas podem ser apoio e referência para os futuros trabalhos viseense, na busca por uma cidade mais coesa e ativa.

## 2.2. PATRIMÔNIO

O termo patrimônio está originalmente relacionado com a ideia de herança e posse. Seu conceito foi bastante ampliado desde o renascimento, com a contribuição de eruditos, antiquários, teóricos, arquitetos e restauradores. Tema debatido há séculos, principalmente após a revolução industrial, momento de reflexão intensa sobre os riscos que o envolviam, devido às mudanças urbanas em grande escala. Assim, veremos que a história do restauro mostra as transformações do conceito de patrimônio e alcança o estatuto de bem cultural com direito a memória, proteção da imaterialidade e importância da arquitetura corrente.

### 2.2.1. EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PATRIMÔNIO

A partir da metade do século XIV houve um grande interesse pelos vestígios do passado clássico. Nesse momento histórico, após a obscuridade da Idade Média, os eruditos reconheceram nos objetos do passado um valor patrimonial. Surge a figura dos antiquários e dos colecionadores, que conservavam em locais privados objetos históricos e artísticos,

inicialmente provenientes da Itália e posteriormente de outros países, outros estilos e culturas diversas.

A busca pelas antiguidades está relacionada com a origem do projeto e das problemáticas protecionistas da arquitetura. Muitos estudos realizavam-se através de desenhos, os quais, geralmente, continham representações imaginadas das partes faltantes. Tornou-se fundamental o contato real com a obra, sobretudo da arquitetura, que para poder apreendê-la necessariamente mobilizava interessados de toda a Europa. Contudo, não haviam respostas ao modo de conservação, preservação e proteção legal.

No século oitocentista a noção de patrimônio nacional se expandiu e, com a revolução francesa (1789-1799), o efeito de nacionalização transformou os bens patrimoniais em objetos com valor de troca. Essa mudança de concepção do bem patrimonial exige que seus proprietários ou os órgãos públicos protejam-o sob pena de prejuízo financeiro. Neste contexto, o resguardo do bem fica condicionado a classificação, inventário, conservação, leis de proteção e conhecimentos de técnicas que prolongue a vida útil.

A consagração do monumento histórico deve-se à industrialização e à tomada de consciência de um novo momento histórico em escala global, que gerou impactos sociais e urbanos sem precedentes. Estas forças destrutivas alertaram os defensores para a condição de risco do patrimônio. Para Choay (2011), "a partir dos anos vinte do século XIX, o monumento histórico é inscrito no signo do insubstituível: os danos que sofre são irreparáveis e a sua perda irremediável". Neste sentido, a ação em defesa do bem não seria eficaz sem uma legislação de proteção e uma disciplina de conservação, como meios de difundir uma nova mentalidade.

Segue-se um período com domínio de duas doutrinas românticas opostas: a intervencionista de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), na França e em países europeus, e a anti-intervencionista de John Ruskin (Londres, 1819-1900), na Inglaterra.

A contribuição de Viollet-le-Duc está no âmbito teórico e prático. Autor de *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XIe au XVIe Siècle* (1868), defendia o restauro como a possibilidade de restabelecer o estado completo do edifício. Assim, o restaurador deveria intervir na estrutura e na forma, em busca de um "modelo ideal" em correspondência ao estilo arquitetônico do monumento. Sugere que o restaurador penetre na mentalidade do arquiteto original e realize obras em correspondência aquele período. Neste processo, Le-Duc questionava a metodologia de projeto e preocupava-se com a forma, material, função e estrutura para obter método perfeito.

Essa doutrina ficou conhecida como restauro estilístico e resultaram em alterações arbitrárias, falsificação da arquitetura preexistente. Alguns exemplos da prática de Viollet-le-

Duc, na França, são a Igreja de Vézelay e a Notre Dame de Paris, que revelam acréscimos e substituições com destruição de características específicas dos monumentos.

Contrariamente às ideias estilísticas, Ruskin, autor de *The Seven Lamps of Architecture* (1849) e *Stones of Venice* (1851), criticava de forma severa as mudanças advindas da industrialização e recusava a intervenção que desrespeitasse a história do monumento. Seus livros evidenciam fundamentos morais de princípios de intervenção e gestão da cidade. O intelectual percebe que a essência da cidade são habitações comuns e critica a importância dada somente aos edifícios isolados. Ele inclui a **arquitetura doméstica** como um elemento de representatividade no contexto urbano, através da qual os indivíduos criam suas raízes e estabilidade. Sugere a criação de uma organização europeia de proteção e de ordem internacional, que será formada posteriormente.

As reflexões de Ruskin estão inseridas no modelo de conservação estrita, na qual o ato de restaurar é impensável, pois o monumento perde suas particularidades adquiridas com o tempo. A **pátina do monumento** testemunha a beleza do sublime e evidencia o conflito entre a natureza (ação do tempo) e a produção humana. Logo, remover marcas temporais seria alterar a matéria original e o verdadeiro carácter do edifício. Portanto, devem deixá-lo em ruína para que as outras gerações possam apreciar a arquitetura do passado. A herança recebida deve ser transmitida, admitindo somente a manutenção e a consolidação de forma invisível.

Graças ao progresso da arqueologia e da arte, nas últimas décadas do século XIX, Camillo Boito (Roma, 1836-1914) propõe uma teoria intermediária às ideologias de Viollet-le-Duc e Ruskin. Autor de *Os restauradores*, teoria apresentada em 1884, mostra a diferença entre a **conservação** e o **restauro**. A primeira seria a intervenção necessária e menos agressiva; a segunda é considerada uma ação perigosa de maior interferência no objeto, que deve-se evitar. Todavia, é a maneira indispensável para a salvaguarda do patrimônio após todos os outros métodos falharem.

"Ele deve a Ruskin e Morris a sua concepção de conservação dos monumentos, fundada sobre a noção de autenticidade. Não se deve apenas preservar a pátina dos edifícios antigos, mas também os acrescentos sucessivos de que o tempo os correjou: verdadeiros estratos [...]" (CHOAY, 2010, p.137)

Boito anunciava alguns princípios do restauro moderno. Instaura a noção de **autenticidade** e defendia a conservação das camadas históricas, com realização de manutenções e intervenções para evitar a degradação. Mencionava a importância primordial da reparação, o que seria no contexto atual, a manutenção dos edifícios e monumentos. Admitia a utilização de novos elementos construtivos e de técnicas modernas, com amparo às estratégias múltiplas que façam a distinção entre os elementos originais e aqueles

acrescentados. Considerava o monumento como testemunho da cultura de um povo e, assim, pretendia eliminar as intervenções de falsificação do edificado.

Contemporâneo de Boito, o arquiteto e historiador Camillo Sitte (Viena, 1846 - 1903) reflete sobre a estética urbana das cidades pré-industriais, numa perspectiva de um passado findado com beleza plástica e preciosidade para a arte e a história. Para ele essa cidade frágil e rara é incapaz de absorver o presente em gestação, cujos usos e escalas a condena. Neste sentido, surge a figura museológica urbana, **Cidade Histórica**, onde devem retirar lições, princípios e regras de composição para as cidades futuras.

A obra *Der Städtebau*<sup>1</sup> (1889), é um estudo urbanístico que analisa os espaços existentes, principalmente as praças, como crítica a valorização de preceitos matemáticos, técnicos e funcionais da cidade pós-industrial em detrimento do bem estar, estética e humanização que considera fundamentais aos espaços públicos. O autor atenta para regular a expansão e as transformações das cidades.

Neste contexto, Sitte funda um novo conceito, **a morfologia urbana**, indispensável para o entendimento da realidade e do habitat humano, através da compreensão da organização e articulação entre os elementos físicos que a compõem. Seus estudos influenciaram vários autores sobre a conservação, morfologia urbana e fenômenos que influenciam o crescimento das cidades.

O teórico austríaco Alois Riegl (1858-1905) escreveu *O Culto Moderno dos Monumentos*<sup>2</sup> (1903) como parte laboral para a organização da legislação austríaca sobre a conservação dos monumentos, o qual é composto por três partes: base teórica, projeto da lei e disposições para a aplicação da lei. É interessante abordar os princípios que Riegl estabelece para a preservação com base nos **valores dos monumentos**.

O autor classifica os valores em dois grandes grupos: os valores de rememoração, com as subdivisões: valor de antiguidade, valor histórico e valor de rememoração intencional; e os valores de contemporaneidade, subdividido em valor de uso e valor artístico. Conceitua ainda, os monumentos intencionais cuja atribuição de valor foi propositada, e os monumentos não-intencionais quando o valor lhe é concedido na história.

Segundo Köhl, a análise realizada dos valores por Riegl teve o objetivo de fundamentar a legislação e não aplicá-los aos monumentos. Riegl insere o valor de antiguidade como a base da tutela proposta para os monumentos vienenses, ou seja, o projeto lei baseia-se no respeito aos testemunhos que revelam as marcas do tempo e traços de decomposição natural.

---

<sup>1</sup> Sitte, C. [2002] (1889). *Der Städtebau. Nach seinen künstlerischen Grundsätzen*. Basel: Birkhäuser.  
*Tradução: Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*

<sup>2</sup> Denominada *Der moderne Denkmalkultus*, a obra foi escrita por Riegl enquanto era presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria.

O valor histórico simboliza o monumento excepcional, que é reconhecido através de prévios conhecimentos, também considerado um documento histórico, que implica a manutenção de suas características e a interrupção do processo de deterioração. O valor de rememoração intencional caracteriza-se pela perenidade da obra original com ações em prol do eterno presente.

O grupo qualificado como valor de contemporaneidade subdivide-se em valor de uso prático e valor artístico, esse distingue-se em valor relativo e valor com novidade. O valor de uso atende às necessidades materiais do indivíduo, o valor de arte é mutável e varia entre culturas e tempos. Assim, revela a existência de valores que não são absolutos, podem ser esquecidos e não memoráveis.

As reflexões de Riegl reconhecem que a ação no monumento é plausível de soluções distintas, as quais podem se justificar com base em um **juízo crítico**. Assim, inserem as práticas da restauração como um **ato reflexivo, técnico e conceitual** que será explorado e continuado pelo restauro crítico, meio século depois, com destaque para as proposições de Brandi.

Enquanto isso, o início do século XX teve como representatividade o engenheiro Gustavo Giovanonni (Roma, 1873 - 1943), inserido na tendência conhecida como restauro filológico. Sua obra *Vecchie città ed edilizia nuova* (1931), dentre outras produções teóricas, reúnem reflexões sobre as mudanças de escalas que a modernidade impõem a paisagem construída. Contribuiu, na sequência dos demais pensadores para o entendimento da cidade como um monumento, o **patrimônio urbano**, no qual todo fragmento deve ser integrado à cidade, como corpo único e articulado, conjunto integrado pelas arquiteturas emblemáticas, **arquiteturas menores**, espaços públicos e sistema viário, tendo como suporte o território.

Em contraposição à consideração de Sitte sobre o núcleo histórico, Giovanonni entende que a cidade pré-industrial, no presente, deve ter utilidade à vida e integrar a todo o sistema urbano. Para isto, ressalta a importância da rede viária cuja função seria unir o novo e o antigo. Propõe o modelo de descentralização urbana e reconhece que a cidade tradicional compacta é diferente da polinuclear moderna. Nesta conjuntura, sugere a realização de um instrumento-síntese, o **plano diretor**, para abranger as particularidades e a visão global do território, possibilitar o seu planejamento e legitimar a conservação do patrimônio urbano.

Sobre as intervenções nos edifícios, Giovanonni acreditava no **princípio de intervenção mínima**, na manutenção regular, no restauro com uso de novos materiais, no período já admitiam e iniciavam as experiências com a introdução do concreto armado. O autor acrescenta que, na necessidade de demolir um edifício como forma de densificação do tecido urbano, seja utilizada a técnica do "diradamento", processo seletivo com base na história e conhecimento prévio do edificado. Essa última estratégia visava a intervenção

"microcirúrgica" do edifício, na intenção de melhorar a qualidade ambiental com a remoção de anexos sobrepostos ao original, que ocasionava às insalubridades.

Notadamente, após a década de 1940 e sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, o discurso urbanístico daria menos atenção às especificidades da cidade antiga e das áreas urbanas isoladas para priorizar as questões da preservação e devastação em grande escala. Afinal, como seria tratada a devastação de espaços simbólicos e identitários? O resultado das intervenções revelaria uma descontinuidade entre a paisagem antiga e a contemporânea? Diante destes conflitos de ordem estética, o conhecimento no campo do restauro mostrou-se incompleto para lidar com o tratamento figurativo dos monumentos. Período de participação e contribuição dos autores do restauro crítico.

Cesare Brandi (Siena, 1906-1988), autor da célebre obra *Teoria do Restauro* (1963), fundador do *Istituto Centrale del Restauro* (ICR) em Roma, contribuiu em pesquisas no âmbito da filosofia e estética para a análise crítica da obra de arte. Formulou enunciações sobre o restauro, com a inserção da dupla instância, na qual a obra de arte deve ser estruturada: histórica e estética. Brandi define restauro:

"a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro." (BRANDI, 2004, p.30)

Convém referir que as teorias de Brandi e de teóricos como Roberto Pane, Renato Bonelli e Paul Philippot foram fundamentais para a concepção da **Carta de Veneza de 1964**, que resultou em discussões e consenso internacional. Atualmente, em vigor, a carta constitui o documento-base do ICOMOS.

As teorias de Brandi, embora criticadas após os anos oitenta, tem grande influência na contemporaneidade. Como exemplo, verifica-se nas obras de restauro do arquiteto e urbanista Pierluigi Cervellati (Bologna, 1936), com destaque para o emblemático trabalho realizado no Oratório San Filippo Neri (figura 04), em Bolonha, na Itália, no qual observa-se o valor dado ao testemunho histórico e o estabelecimento da unidade arquitetônica.

Alicerçada na teoria brandiana e leituras do Restauro Crítico, o arquiteto e teórico Giovanni Carbonara (Roma, 1942), faz parte da linha do "Restauro Crítico Conservativo". Essa tendência entende o restauro como um **ato cultural**, de conservação e transmissão do bem para as gerações futuras, fundamentadas em valores histórico, documentais, estético e ambiental.

Atualmente, outras tendências exercidas na Itália, são chamadas de "conservação integral" e "hipermanutenção". A primeira defende a conservação de todas as camadas históricas,

inclusive a contemporânea, valorizando a instância histórica sobre a instância estética, mesmo que ocasione a descontinuidade de leitura da obra. A segunda, utiliza-se a manutenção e o tratamento do edifício com técnicas, materiais e formas consoantes às existentes no bem. Logo, a intervenção é análoga ao que se apresenta e não há distinguibilidade entre o existente e as ações contemporâneas.

As três tendências descritas anteriormente, o "Restauro Crítico Conservativo", a "Conservação integral" e "Hipermanutenção", são sustentadas por preceitos comuns do restauro. Pode-se citar alguns pontos de convergência: a preservação do passado para as gerações futuras; a intervenção racional, prévio conhecimento histórico do edifício e do entorno; o respeito pela matéria original e a desaprovação da reconstrução do bem.

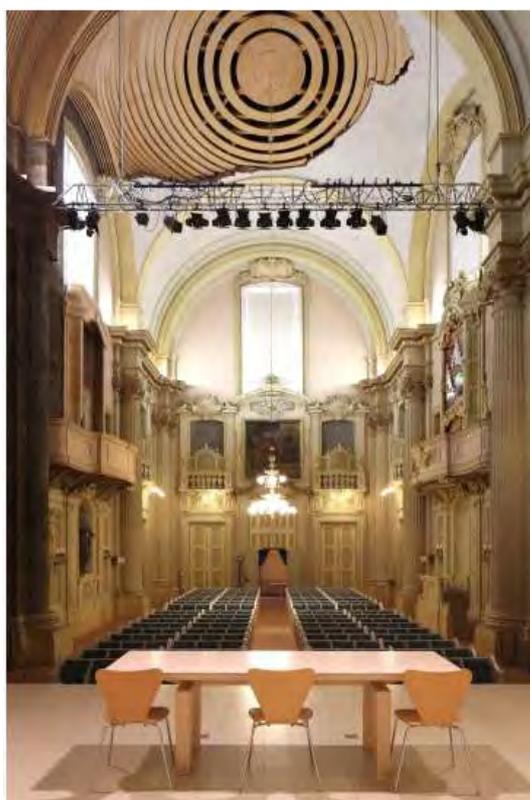


Figura 2.2: Conceitos brandianos no Oratorio San Filippo Neri, na Itália.  
Fonte: Site - Fondazione del monte

Esses fundamentos não visam o congelamento da arquitetura ou musealização, mas admitem a contemporaneidade desde que seja norteadas por um pensamento crítico e cauteloso. É a favor desse processo racional e fundamentado da prática de restauro, que existem as **cartas patrimoniais**, com reunião de bases deontológicas que podem mostrar as realidades de cada contexto cultural e auxiliar os profissionais da área.

### 2.2.2. CARTAS PATRIMONIAIS

O século XX foi marcado por muitas alterações e ampliação do conceito de patrimônio, tendo a contribuição de vários teóricos e especialistas que visavam a proteção dos bens culturais ameaçados, principalmente após a revolução industrial e as guerras mundiais. Nesta conjuntura, surgiram vários debates entre as comunidades internacionais, tendo como resultado cartas patrimoniais.

As cartas são documentos que reúnem os pontos de vista e as concordâncias de ideias entre um determinado grupo de interessados e especialistas patrimoniais, de um determinado período. Não tem o carácter regulamentar, mas indicativo, de recomendações e orientações aos profissionais. Podem ser cartas internacionais, cujo conteúdo é um consenso entre os países signatários, ou, a partir dessas recomendações gerais, podem surgir as cartas nacionais, com temas aprofundados e direcionados às realidades locais. Logo, as cartas não são uma reunião de documentos com fins únicos e temas concordantes, representam momentos e propósitos específicos, que ao serem bem interpretados podem constituir base importante para a construção de regulamentos de preservação dos bens culturais.

Nas primeiras décadas do século passado, a comunidade internacional se reunia na tentativa de criar uma organização que pudessem tratar de maneira crítica as questões de preservação e proteção de monumentos. A favor dessa cooperação e representatividade internacional, foi criada a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), após a segunda guerra mundial, e como órgão associado, foi fundado, no ano de 1965, o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), uma organização não-governamental de carácter consultivo e colaborativo. Este último é constituído por comités nacionais com a participação de Portugal, membros que seguem compromissos éticos e tem como base as cartas patrimoniais adotadas pela Assembléia Geral, cujo documento base é a Carta de Veneza, “Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios”.

Cabe destacar que, as cartas da Assembléia Geral do ICOMOS são documentos<sup>3</sup> que complementam a Carta de Veneza, com abrangências do conceito de patrimônio e evolução do pensamento, a partir da década de 80, citados abaixo:

- (1981) Carta dos jardins históricos (Carta de Florença);
- (1987) Carta internacional para a salvaguarda de cidades históricas (Carta de Washington);
- (1990) Carta internacional do patrimônio arqueológico;

---

<sup>3</sup> Lista conforme o site oficial do ICOMOS, que mostra as cartas adotadas pela Assembléia Geral e as cartas adotadas pelos comités nacionais do ICOMOS.

- (1996) Carta internacional sobre a proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático;
- (1999) Carta internacional do turismo cultural;
- (1999) Princípios a seguir para a conservação de estruturas históricas de madeira;
- (1999) Carta do patrimônio construído vernacular;
- (2003) Carta de princípios para a análise, conservação e restauração de estruturas do patrimônio arquitetônico;
- (2003) Carta para a preservação e a conservação-restauração de pinturas murais;
- (2008) Carta dos itinerários culturais;
- (2008) Carta para a interpretação e a apresentação de sítios culturais patrimoniais,
- (2011) Princípios de Dublin para a Conservação de Patrimônio Industrial, Estruturas, Áreas e Paisagens;
- (2011) Princípios de La Valletta para Salvaguarda e Gestão das Cidades e Conjuntos Históricos.

É importante salientar que essas cartas patrimoniais constituem documentos diferentes das declarações e resoluções de simpósios do ICOMOS, que visam apresentar estado da arte que antecede discussões e subsidiar determinado debate<sup>4</sup>. Assim, o Documento de Nara, de 1994, refere-se a uma conferência e não tem a qualidade de carta patrimonial. Contudo, há cartas patrimoniais que apresentam contradições à Carta de Veneza, isto é, não seguem um conjunto coerente e unificado de pensamentos. Um exemplo é a *Carta de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada*, na qual o conceito de "restauro de um edifício" é a:

"obras especializadas, que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua concepção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história." (CARTA DE LISBOA, 1995.)

Observa-se que, nesta carta, o que se refere a "reposição [...] da sua concepção original" é incompatível com a Carta de Veneza, considerando que no documento do ICOMOS a finalidade de uma intervenção é a salvaguarda da obra de arte e do testemunho histórico (Kühl, 2011).

A Carta de Veneza é um documento sintético que reitera princípios da Carta de Atenas, que teve a participação de Gustavo Giovanonni, e acrescenta outros princípios concordante ao período em que foi escrita, com influência brandiana e do restauro crítico (Kühl, 2011). Aborda temas fundamentais para a execução da conservação e do restauro em monumentos

---

<sup>4</sup> Ver artigo publicado pela Beatriz Kühl: *Notas sobre a Carta de Veneza* (2010)

históricos, como: trabalho multidisciplinar, manutenção permanente, destinação do monumento a uma função útil e social, relação entre o monumento e o espaço circundante, respeito ao testemunho histórico e estético, distinguibilidade da ação contemporânea com a condenação das reconstruções, imitações ou falsos históricos (admissão da anastilose), intervenção mínima e compatibilidade das técnicas e materiais.

As discussões em Atenas e Veneza foram fundamentais para o alargamento do que se considerava patrimônio. Nota-se que a designação de " monumentos históricos e artísticos" presentes na Carta de Atenas adquiriu, com o tempo, significado cultural, o qual ainda está em processo de modificação. No documento do ICOMOS, Princípios de La Valleta<sup>5</sup>, reforça a amplitude do tema, com a abordagem do patrimônio numa escala regional, na qual a paisagem e o ecossistema urbano assumem grande importância.

"O principal objectivo deste documento é propor princípios e estratégias aplicáveis a qualquer intervenção nas cidades e áreas urbanas históricas. Estes princípios e estratégias destinam-se a salvaguardar os valores de cidades históricas e as suas configurações, bem como a sua integração na vida social, cultural e económica dos nossos tempos." (PRINCÍPIOS DE LA VALLETA, 2011)

O documento está dividido em quatro partes: Definições, Aspectos de Mudança, Critérios de Intervenção e Propostas e Estratégias. Assim, a primeira parte insere conceitos que julgam contemporâneos e complementares à Carta de Veneza, a segunda parte considera o patrimônio urbano ativo cujo processo de mudança é inevitável, a terceira parte apresenta dez critérios que, de maneira geral, abordam a qualidade e o equilíbrio social, cultural, econômico e ambiental, a quarta parte, além de orientar para aspectos de conservação cultural, aponta questões tecnológicas para a melhoria da qualidade, de maneira planejada e com acompanhamento. Cabe destacar que, a última parte, ao tratar dos elementos a preservar, expõe os assuntos relativos ao edifício (incluindo os aspectos internos e externos) e à morfologia urbana, como observados no trecho seguinte:

"1. A autenticidade e integridade das cidades históricas, cujo carácter essencial é expresso pela natureza e coerência dos seus elementos tangíveis e intangíveis, incluindo:

- a. Os padrões urbanos definidos pelo traçado dos arruamentos, os lotes de terreno, os espaços verdes e as relações entre edifícios e espaços verdes e abertos;
- b. A forma e aparência, interior e exterior, dos edifícios, tal como definido pela sua estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração; (...)" (PRINCÍPIOS DE LA VALLETA, 2011)

---

<sup>5</sup> Documento do ICOMOS de 2011: Princípios de La Valletta para Salvaguarda e Gestão das Cidades e Conjuntos Históricos.

Os debates atuais colocam em pauta aspectos dinâmicos e diários da cidade que é intrínseco à arquitetura "menor". Ainda que seu reconhecimento como parte essencial do todo não seja contemporânea, os entraves para sua conservação são reais e complexos. Observa-se na **arquitetura corrente** um assunto atual a ser explorado, sobre a luz e reinterpretações dos legados teóricos do restauro, das cartas patrimoniais e, principalmente, como método norteador da própria disciplina, a apreensão na prática das suas particularidades.

### 2.2.3. POR UMA NOVA GRAMÁTICA: O PATRIMÔNIO CORRENTE

O patrimônio atinge uma escala global simbolizada pela proteção da UNESCO, no entanto, revela-se necessário salvaguardar os valores na escala do parcelário. O termo "arquitetura corrente" é recente no contexto da conservação patrimonial, foi possível após as contribuições de teóricos na integração do tecido urbano como espaço de ação cultural.

Segundo Giacomini e Povoas, a arquitetura corrente não é monumental, nem vernácula, nem obra de arte. Sem autoria e com caráter comum reconhecido pela população local, pode ser nova ou antiga, dependendo do tempo de construção e dos materiais industrializados ou pré-industrializados. Possuem estética peculiar e reconhecível no conjunto urbano e, no entanto, apresentam variedades no sentido de implantação, organização do espaço, desenvolvimento morfológico, estrutura, materialidade e definição construtiva.

A intervenção no patrimônio corrente, embora se diferencie da praticada em arquitetura monumental ou vernacular, requer a salvaguarda de elementos com valores singulares e comuns. A afirmação da arquitetura corrente na cidade tem como base a repetição, que o caracteriza e o faz coeso. Assim, a realidade plural cumpre princípios sociais, políticos e culturais, que podem ser observados nos elementos cotidianos e simples. Um olhar atento revela a importância da estratificação construtiva, composição de fachadas, forma das coberturas, dimensionamento dos compartimentos de apropriação individual ou coletiva e outros aspectos que compõem um edifício.

Salienta-se que apesar de teóricos como Ruskin, Sitte e Giovanonni focarem na temática urbana, não há contudo, diretrizes específicas para a conservação da arquitetura corrente. As cartas patrimoniais que abordaram o tema revelam a sua importância, mas não mostram com propriedade a sua definição nem tratamento específico.

"A arquitetura comum ainda não alcançou um estatuto específico, apesar de estar latente essa necessidade (...) Apesar da diferenciação feita entre "monumentos", "conjuntos" e "sítios", a caracterização dos conjuntos (normalmente vinculados à noção de centro histórico) não especifica o tratamento o qual deveria ser dado a cada um dos edifícios comuns que os compõem e, individualmente, ainda recebem as mesmas diretrizes utilizadas para os edifícios monumentais".(GIACOMINI E POVOAS, 2011, p. 186)

A essência da arquitetura corrente é ter sido herdada, adaptada, reinterpretada e perpetuada, ou seja, revela as várias camadas temporais, palimpsesto, mudanças inerentes no tempo. Nessa conjunção, expõe o problema do juízo de valor, com foco no parcelário. Assim, pressupõe a análise das características peculiares do edifício comum, da compreensão dos espaços internos e externos, para posteriormente, identificar valores coletivos diante do conjunto arquitetônico.

#### **2.2.4. PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO CORRENTE**

A história da reabilitação de edifícios em Portugal, no final do século passado, revela o esforço de profissionais em projetar e intervir no patrimônio corrente de forma integrada e cautelosa. Segundo José Aguiar, "como sucedeu em outros países europeus, entre nós a década de 1960 revoluciona a importância atribuída ao património urbano, e nos anos 70 podemos arriscar dizer que estamos já na vanguarda da Europa!" Arquitetos como Cabeça Padrão, José Augusto França, Fernando Távora realizavam inovadores estudos sobre núcleos urbanos portugueses. Távora propôs os princípios da reabilitação integrada, associando a intervenção cautelosa do edificado à participação social e ao desenvolvimento econômico.

Mesmo com todos esses avanços concretizados em algumas regiões do país, confirma-se em Portugal o processo de retrocesso da gestão do património, com relevância da valorização estética numa perspectiva política e capitalista de beneficiamento de interesses privados. As ações frequentes no património privilegiam as fachadas e alteram de maneira radical as áreas internas, incorporando, sem critérios, novas tecnologias, tendências e meios de conforto como numa construção nova.

"Na transição do milénio nem tudo foi positivo, e importa constatar a amnésia propositadamente lançada sobre as práticas e os resultados de duas décadas de experiências de reabilitação urbana integrada ao nível autárquico (...) A ideologia económica que guia os poderes dominantes aqui e na Europa, defende a exploração do património cultural como qualquer outro recurso, um mero bem de consumo, dando lugar a uma nova e massiva indústria que explora as experiências do passado, com a consequente perda da identidade coletiva que se segue." (AGUIAR, 2014, p.63)

Nota-se que, no século XXI, há um conjunto de conhecimentos, teorias, cartas patrimoniais, experiências a favor da salvaguarda dos bens patrimoniais e inúmeros desafios a enfrentar, desde a consciência popular patrimonial e às novas formas de gestão. A reabilitação da arquitetura corrente torna-se comum na sociedade. Busca-se, atualmente, transformar essas práticas em ações criteriosas e consoantes com a identidade dos edifícios.

Em âmbito internacional, verificam-se ações contrárias à disciplina do restauro. Difundem práticas alheias aos valores históricos e estéticos, que visam, por um lado, inserir padrões construtivos e técnicos contemporâneos e, por outro, estabelecer uma imagem "original" ou rejuvenescida da arquitetura. Contudo, recorrem a uma falsa ideia de restauro que coloca em risco os valores culturais.

O arquiteto Nuno Valentim relata que o número de projetos no campo da reabilitação é crescente e a compreensão dos valores (e não valores) do edificado são determinantes na fase de projeto. Contudo, enfatiza problemáticas da legislação que envolve a intervenção no patrimônio corrente, "as intervenções neste edificado não-classificado estão sujeitas ao regime geral de edificação e ao quadro regulamentar em vigor para a construção nova, frequentemente com desastrosas consequências".

Segundo Valentim, o quadro regulamentar português não distingue construções novas das preexistentes. Além disso, são complexos, numerosos e incompatíveis entre si. Não há documentos que sintetizem de maneira coerente e organizada toda a regulamentação, dificultando a compreensão pelos profissionais das atualizações legais, responsabilidades e consequências das próprias diretivas.

## **2.3. ACESSIBILIDADE**

### **2.3.1. CONCEITO DE ACESSIBILIDADE**

A acessibilidade é um conceito do século XX que surgiu das lutas de pessoas com deficiência e soldados que voltaram das guerras mutilados. Na segunda metade do século, profissionais de reabilitação motora reconheceram as barreiras físicas e as dificuldades existentes nos espaços coletivos, edifícios e meios de transporte. A partir da década de 60, surgiram normativas a favor da acessibilidade. Somente na década de 80 o conceito ampliou-se, com o desenho universal e a legitimação pela ONU da acessibilidade como um direito das pessoas deficientes. Assim, corroborou a existência de várias pessoas em situações permanentes ou temporárias, com inacessibilidade.

O conceito atual abrange pessoas com necessidades especiais e mobilidade condicionada, ou seja, pessoas em cadeira de rodas, incapazes ou com dificuldades de locomoção, igualmente as pessoas com dificuldades sensoriais como cegos, mudos e aquelas em situações transitórias como grávidas, crianças e idosos. É importante identificar as barreiras físicas e esclarecer os seus conceitos. Estas são definidas como qualquer obstáculo que limite ou impeça o acesso, a movimentação e a circulação com segurança das pessoas.

São classificadas em barreiras arquitetônicas, urbanísticas, sensoriais, de transportes e móveis/temporárias.

Considerando que a acessibilidade é fundamentada na promoção de melhor qualidade de vida, sociedade democrática e inclusão social, o Estado Português estabeleceu a regulamentação normativa<sup>6</sup> que proporciona condições de acessibilidade a todos cidadãos.

### **2.3.2. REGIME DE ACESSIBILIDADE: DECRETO-LEI Nº163/2006**

O decreto-lei nº163/2006, de 8 de agosto, assegura os direitos à acessibilidade "de pessoas que se confrontam com barreiras ambientais, impeditivas de uma participação cívica e integral, resultantes de fatores permanentes ou temporários, de deficiência de ordem intelectual, emocional, sensorial, física ou comunicacional." Este decreto substitui a lei revogada D.L. nº 123/97 e introduz:

- Alargamento do campo de aplicação das normas técnicas aos edifícios habitacionais;
- Coimas mais elevadas;
- Participação das organizações de pessoas com deficiência;
- Responsabilidades dos projetistas, responsáveis técnicos e/ou dono de obra;
- Indeferimentos de licenciamento e autorizações quando ao não cumprimento legal.

O D.L. nº163/2006 é aplicado aos projetos, espaços públicos, equipamentos coletivos, edifícios públicos e habitacionais, com o objetivo de definir as condições de acessibilidade. A justificativa para a aplicação das normas aos edifícios habitacionais é definida com:

"(...) o intuito de evitar a entrada de novas edificações não acessíveis no parque edificado português. Visa-se impedir a realização de loteamentos e urbanizações de novas edificações que não cumpram os requisitos de acessibilidade estabelecidos no presente decreto-lei". (**DECRETO-LEI Nº 163/2006**)

As pessoas com mobilidade condicionadas são: em cadeiras de roda, incapazes de andar ou com dificuldades de percorrer grandes distâncias, cegas ou surdas, transitoriamente condicionadas (grávidas, crianças e idosos). Estas enquadram-se na lei como pessoas com necessidades especiais assistidas.

---

<sup>6</sup> Decreto-lei 163/2006, de 08 de agosto. Lei nacional de acessibilidade.

No artigo 9º, referente às *Instalações, estabelecimento e espaços circundantes já existentes* não há menção às edificações habitacionais e define prazos para que as edificações adequem-se a lei, isentando àquelas já em conformidade com o DL123/97 (lei revogada).

O artigo 10º, *Exceções*<sup>7</sup>, também não inclui as edificações habitacionais, trata das condições onde o cumprimento das normas técnicas de acessibilidade não é exigível. As exceções citadas, para serem legitimadas, devem ser fundamentadas e aprovadas por órgão competente. O artigo, de forma genérica, aborda as exceções, sem definir parâmetros que possam expor com precisão os termos que a definem.

"Note-se que o uso de expressões “desproporcionadamente difíceis” ou “meios económico-financeiros desproporcionados” não têm qualquer balizamento nesta redação, tornando-se de difícil justificação e dependente do entendimento da entidade licenciadora. Acresce a necessidade de “justificação dos motivos que legitimam o incumprimento” ficando “apenas ao processo e disponível para consulta pública” 47 – obrigação, essa sim, desproporcionada (utilizando os termos do DL), sobretudo quando analisamos o vasto edificado corrente com valores patrimoniais objecto de estudo da tese" (VALENTIM, 2016, p.75)

No mesmo artigo, há um parágrafo que prevê a possibilidade de alguma norma técnica ser impraticável e, nessa circunstância, exige-se satisfazer todas as outras. Na alínea 8, direcionada aos edifícios de especial interesse histórico e arquitetónico, diz que a avaliação das normas e os estudos dos casos excepcionais ficam a cargo do Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico, atual DGPC - Direção Geral do Património Cultural.

O regime de acessibilidade apresenta anexo as *Normas técnicas para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada*, com quatro capítulos: Capítulo 1 - Via Pública; Capítulo 2- Edifícios e estabelecimentos em geral; Capítulo 3 - Edifícios, estabelecimentos e instalações com usos específicos; Capítulo 4- Percurso acessível.

Após mais de cinco anos do regime nacional de acessibilidade foi realizada proposta de alteração do decreto-lei<sup>8</sup>, publicado pelo Instituto Nacional de Reabilitação - INR, com o objetivo de, "corrigir algumas imperfeições nele constatadas, nomeadamente, no sentido de se proceder a uma harmonização de linguagem e à clarificação de princípios e requisitos que,

---

<sup>7</sup> "Quando as obras necessárias à sua execução sejam desproporcionalmente difíceis, requeiram a aplicação de meios económico-financeiro desproporcionados ou não disponíveis, ou ainda quando afectem sensivelmente o património cultural e histórico, cujas características morfológicas arquitetónicas e ambientais se pretende preservar." (D.L.163/2006)

<sup>8</sup> Projeto de revisão do decreto-lei 163/2006, publicado em 2012, conforme parecer do conselho directivo da ANMP.

embora já previstos, carecem de maior legibilidade ou coerência na sua redação." Logo, é importante considerar para o trabalho em questão os acréscimos e correções apontados pela Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP).

### 2.3.3. REGIME EXCECIONAL PARA A REABILITAÇÃO URBANA

Aprovado em 2014, o *Regime excepcional para a reabilitação urbana* - RERU, é um regime excepcional e transitório, com duração de sete anos. As edificações com trinta anos ou mais e que estejam em processo de reabilitação estão dispensadas de obrigações técnicas. Através desse regime, há o reconhecimento do desajuste regulamentar aplicado à reabilitação de edifícios, com a necessidade de reformulá-la. Revela que, de acordo com o senso de 2011, existem em Portugal cerca de dois milhões de fogos carentes de recuperação, equivalente a 34% das edificações habitacionais. Portanto,

"constitui um passo decisivo no sentido da sua agilização e dinamização, flexibilizando e simplificando os procedimentos de criação de áreas de reabilitação urbana, criando um procedimento simplificado de controlo prévio de operações urbanísticas e regulando a reabilitação urbana de edifícios ou frações, ainda que localizados fora de áreas de reabilitação urbana, cuja construção tenha sido concluída há pelo menos 30 anos e em que se justifique uma intervenção de reabilitação destinada a conferir-lhes adequadas características de desempenho e de segurança." (DECRETO-LEI N.º 53/2014)

Segundo Valentim, sobressai a motivação econômica na origem desse documento, a sua duração excepcional (para uma medida supostamente transitória) e o fato de não se atacar o problema de fundo, a desadequação regulamentar.

Preocupa-se apenas em tornar o processo de reabilitação simplificado e economicamente viável. Nesta circunstância, a questão econômica posta como prioridade pode sobrepor-se a um dos objetivos principais da reabilitação, que é integrar valores patrimoniais do edifício. E só o edifício em si, mas também as técnicas construtivas, materiais, utilização, composições e articulação entre os espaços que integram a herança cultural. Nesse sentido, os assuntos desenvolvidos na dissertação não terão como base o RERU, por entender que este representa uma regra transitória e não tem impacto numa eventual revisão da lei de acessibilidade.

## CAPÍTULO 03.

### **VINTE E SEIS EDIFÍCIOS EM VISEU**

### 3.1. ACESSIBILIDADE EM QUATRO CATEGORIAS

O presente capítulo aborda as 26 edificações analisadas na cidade de Viseu, através do Projeto Viseu Patrimônio - estudos a partir de quatro categorias fundamentadas no âmbito da norma técnica do decreto-lei nº163/2006 e em critérios que visam o percurso acessível nas habitações:

- Uso e ocupação do solo: Trata da volumetria, localização, implantação e função do edifício;
- Acessos comuns: Expõe a relação entre os espaços coletivo e privados, a partir da observação dos acessos, soleira, porta de entrada, átrio e espaços comuns;
- Escadas: Classificação e tipos de escadas nas edificações de estudo;
- Fogos: Observa os espaços interiores das unidades autônomas, formas de distribuição dos compartimentos internos e a qualidade construtiva do edificado tradicional.

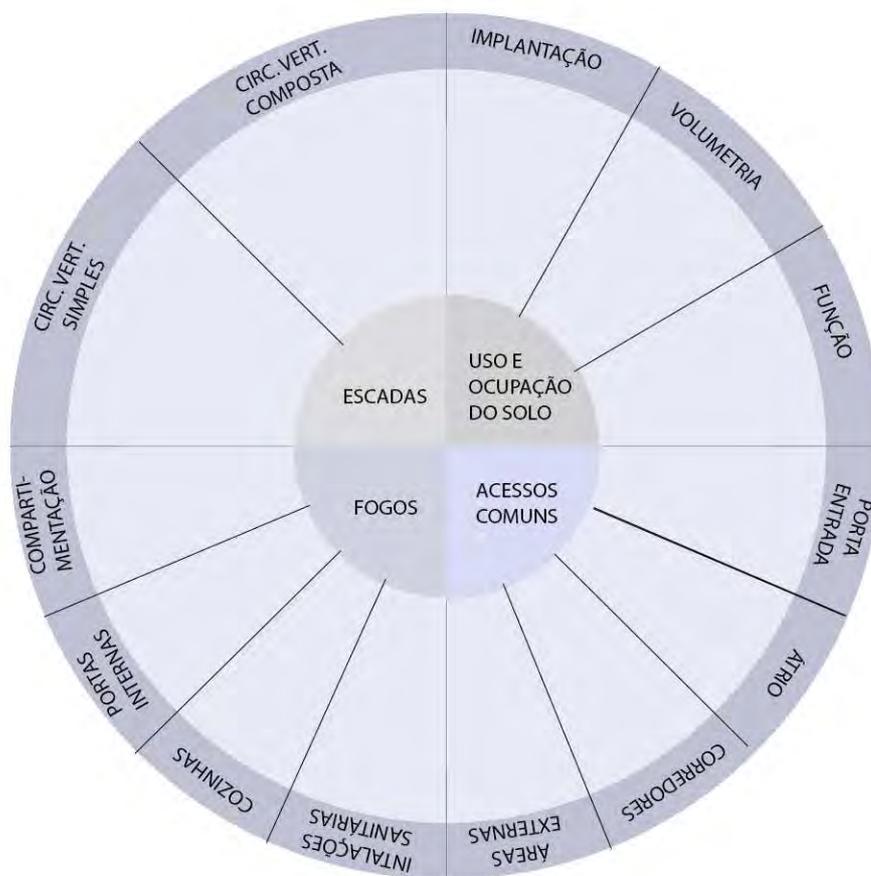


Figura 3.1: Quatro categorias estabelecidas para o estudo das acessibilidades nas edificações

### 3.2. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

As edificações tendem a modificar as suas formas e dimensões ao longo do tempo, enquanto o lote urbano é propenso a estabilidade. Na malha urbana do núcleo histórico de Viseu, é possível observar lotes e ruas que trazem até os dias atuais características do período medieval. Destaca-se o traçado urbano com ruas tortuosas e delgadas, lotes estreitos e profundos, edificações com avanço no logradouro público. Algumas características do uso e ocupação do solo dos 26 edifícios foram reunidas na tabela 02, com informações sobre a localização na malha urbana, implantação no terreno, função desempenhada no edifício e volumetria.

26 EDIFÍCIOS EM VISEU							
EDIFICAÇÕES	CARACTERÍSTICAS DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO						
	LOCALIZAÇÃO/IMPLANTAÇÃO		FUNÇÃO E USO			VOLUMETRIA	
	MALHA URBANA	LOTE	EDIFÍCIO (habitacional -H, mista - M, comercial - C ou Institucional- I)	TÉRREO (Habitação -H, Comércio -C, Misto -M, )	PISOS SUPERIORES (Fogo Unifamiliar -U , Fogos Multifamiliares - M, Comércio -C , Misto -MS)	PRESENÇA DE CAVE	Nº DE PAV ≥05
RDIR002	Gaveto	AA	M	C	U		
RDIR014	Banda	AA	M	C	U		
RDIR016	Banda	AA	C	C	C		
RDIR026	Gaveto	AA	M	C	M		
RDIR069	Banda	AP	M	C	U		
RDIR081	Banda	AA	M	C	U		X
RDIR120	Banda	AP	M	C	M		
RDIR143	Banda	AP	H	H	U		
RDIR160	Gaveto	AA	M	C	U		
RDIR166	Gaveto	AA	I	-	-		
RDIR173	Banda	AA	M	C	M		X
RDIR213	Banda	AP	M	C	MS		
RDIR226	Banda	AP	M	M	M	X	X
RDIR246	Banda	AA	M	C	M		
RGRV015	Banda	AA	M	C	M		X
RGRV036	Banda	AA	M	C	M		X
RAUC007	Banda L.F.	AL	M	C	U		
RAUC011	Gaveto	AL	M	C	U		
RAUC017	Banda	AF	H	H	U		
RAUC023	Banda	AA	H	H	U		
LPIG003	Gaveto	AA	M	C	M		X
RADR005	Gaveto	AA	M	C	M		
RCHM045	Banda	AA	H	H	U		
LMIS022	Banda	AA	M	C	M		X
LMIS028	Banda	AA	M	C	M		X
LMIS036	Gaveto	AA	M	C	U		

Tabela 3.1: Características do uso e ocupação do solo

Observa-se as localizações dos edifícios na malha urbana através de três classificações: gaveto, banda, e banda com logradouro frontal. A primeira representa a posição do lote na esquina da quadra e, por isso, existem no mínimo duas fachadas direcionadas para o logradouro público. A segunda refere-se à posição intermediária do lote no quarteirão. O terceiro caso revela a existência de um logradouro público (praça ou pontos nodais<sup>9</sup>) em frente ao lote. Com referência ao afastamento no limite dos lotes, pode ser: ausente (AA), frontal (AF), lateral (AL) e posterior (AP). Essas configurações possibilitam entender as transformações do edificado ao longo do tempo e sua relação com o espaço circundante (figura 06).

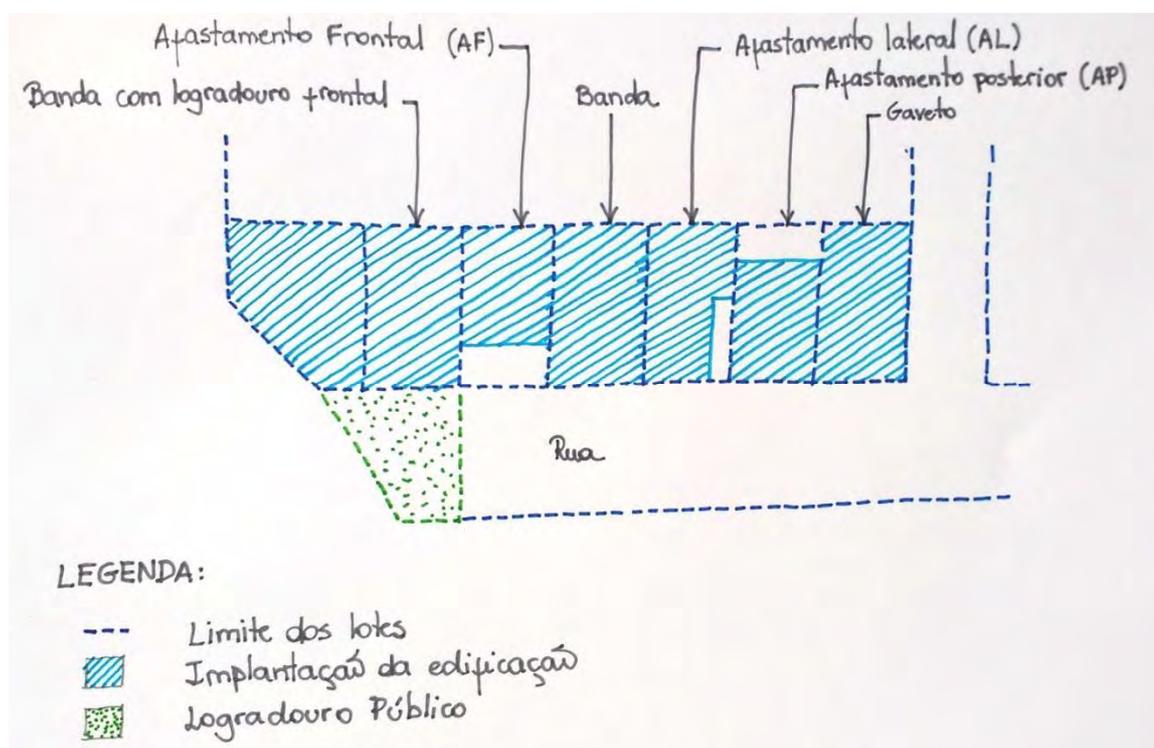


Figura 3.2: Ilustração do tipo de localização do edifício na malha urbana e no lote.

Observa-se na tabela 02 que a localização dos edifícios na malha urbana é predominantemente em banda: um caso do tipo banda com logradouro frontal e oito casos em gaveto. A implantação do edificado no lote, em grande maioria, não apresenta afastamento e ocupa o terreno em sua totalidade. Poucos edifícios apresentam o afastamento de fundo, com raro afastamento lateral e frontal, encontrados somente na Rua Augusta Cruz.

<sup>9</sup> Kevin Lynch mostra no livro *A imagem da Cidade* cinco elementos estruturantes da cidade: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Os pontos nodais são espaços estratégicos na cidade, de referência e de relevância para os habitantes, como: esquina, praças, pontos de encontros e de convívio, etc.

Historicamente, na Rua Direita "não há espaços entre os prédios, as fachadas encostam umas às outras, sendo interrompidas apenas pelas ruas que convergem com a Rua Direita, pelo desvão e pela viela sem saída, a Travessa da Carqueja."<sup>10</sup>. Os lotes com formato mais estreito na testada da rua<sup>11</sup> e com os comprimentos alongados, conduziram a implantação das edificações na parte frontal, com a ocupação do terreno em toda a largura. Geralmente, a área livre no fundo do lote formava o quintal, com hortas, árvores frutíferas, espaço para a criação de animais, além da construção de áreas de serviço e apoio. Assim, no contexto urbano, as edificações se juntavam lateralmente na formação de casario compacto, com implantação em banda e áreas vazias no interior dos quarteirões.



Figura 3.3: Implantações de edifícios no lote em diferentes contextos.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio (2017)

Importante destacar que todos os edifícios visitados são de propriedade privada. Verifica-se, dentre as atividades desempenhadas, o preponderante uso misto, tendo geralmente no rés-do-chão estabelecimentos comerciais e, nos pavimentos superiores, o uso habitacional, unifamiliar ou multifamiliar. Somente na edificação RDIR226, que o térreo se destina ao uso comercial na parte frontal e habitacional no fundo. Os demais possuem unicamente o comércio no piso térreo. Destacam-se, os edifícios com destinação exclusiva habitacional RDIR143, RAUC017, RAUC023, RCHM045, com uso comercial RDIR016 e com uso institucional RDIR166.

<sup>10</sup>Ver FERREIRA, 2010, p.66.

<sup>11</sup> Termo utilizado para representar o perímetro do lote que coincide com o limite do logradouro público.

Segundo Ferreira, há registro que confirma a inexistência de edifícios originais térreos na Rua Direita, todos possuíam, no mínimo, o pavimento térreo e o piso superior para fim habitacional. Com o tempo, a valorização dos lotes centrais e o crescimento da população, as edificações tiveram acréscimos através da sobreposição de pisos ao volume original e o avanço construtivo para o interior dos lotes.

"Como forma de rentabilizar o espaço construído a arquitectura medieval multiplicou os prolongamentos do edifício sobre a via pública. O acrescento de um andar superior significava normalmente uma projecção sobre a rua através de sacadas e balcões apoiadas em estruturas de madeira fixas à parede do edifício ou esteios. " (CASTILHO,2006/07, p. 125)

As projeções, recuos e descontinuidades dos planos das fachadas fazem parte da morfologia urbana do núcleo histórico de Viseu. O carácter orgânico da arquitetura corrente, disposto em camadas temporais diversas, palimpsesto, com repetição e reprodução na malha urbana, formam o patrimônio urbano.

### 3.3. ACESSOS COMUNS

A porta de entrada é um elemento construtivo de conexão entre o espaço urbano e privado, ultrapassá-la permite o contato com os costumes e valores sociais expressos nas particularidades.

"No século XVI a porta é normalmente a única abertura do andar inferior, surgindo, no entanto, já, por vezes, a solução de existir mais do que uma porta, quando na loja dianteira é exercida uma actividade profissional. Essa solução vai-se multiplicar ao longo do século XVII para se tornar absoluta já no século XVIII. O aumento da noção de privacidade e a separação entre o espaço profissional, tendencialmente masculino, do espaço doméstico, feminino, vai obrigar a uma demarcação, clara e pragmática, entre os dois domínios." (CASTILHO, 2012, p.243)

Informações sobre os acessos dos casos observados foram reunidas na tabela 03. Especificamente trata-se da localização e tipologia da porta de entrada, da relação entre os desníveis externo/interno com observação da soleira e da existência ou não do átrio como espaço de recepção.

ACESSO À EDIFICAÇÃO											
EDIFICAÇÕES	LOCALIZAÇÃO DO ACESSO				NÍVEL DA SOLEIRA		PORTA EXTERNA ENTRADA HABITAÇÃO			ÁTRIO	
	ÚNICO VÃO DE ACESSO	LATERAL	CENTRAL	DESLOCADO	AO NÍVEL DA RUA	ACIMA DA RUA	UMA FOLHA	DUAS FOLHAS	TRÊS FOLHAS	AUSENTE	PRESENTE
RDIR002		X				X		X			X
RDIR014		X				X		X		X	
RDIR016	X	X				X	X			X	
RDIR026		X				X		X			X
RDIR069		X				X	X			X	
RDIR081	X		X			X		X		X	
RDIR120		X				X		X			X
RDIR143	X		X			X	X			X	
RDIR160			X			X			X	X	
RDIR166			X			X		X			X
RDIR173		X				X		X		X	
RDIR213		X				X	X			X	
RDIR226		X				X		X			X
RDIR246		X				X		X	X		X
RGRV015		X				X		X			X
RGRV036		X				X		X			X
RAUC007				X		X		X		X	
RAUC011				X		X		X			X
RAUC017				X		X	X	X			X
RAUC023		X				X		X		X	
LPIG003		X				X		X			X
RADR005			X			X		X			X
RCHM045	X	X				X		X			X
LMIS022		X				X		X			X
LMIS028		X				X		X			X
LMIS036		X				X		X		X	

Tabela 3.2: Informações sobre os acessos às edificações.

A localização da porta de acesso à habitação, com referência a fachada principal, pode ter o vão numa das extremidades, lateral direita ou esquerda, o vão centralizado ou deslocado para outro plano (figura 08).

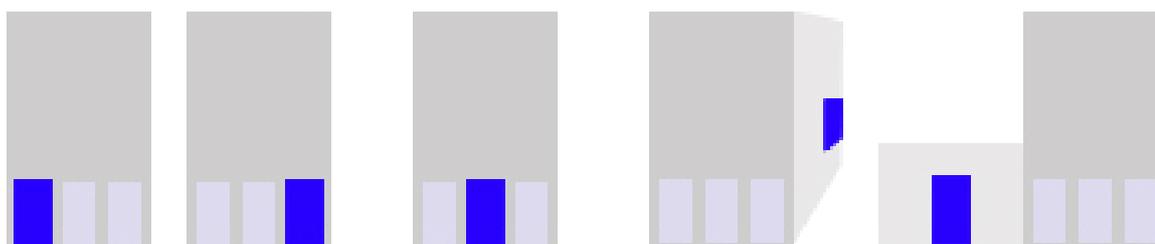


Figura 3.4: Acesso à edificação através das laterais, do centro e anexos/ fachada lateral

Na maioria das edificações, o rés-do-chão tem o uso comercial com os pavimentos superiores destinados à habitação. Logo, é comum encontrar na fachada principal mais de um acesso, que direcionam a esses espaços com funções distintas. Percebe-se que este fato não acontece nas edificações RCHM045, RDIR016, RDIR081 e RDIR143, pois há um acesso na fachada principal (figura 9). Na primeira edificação o uso é exclusivamente residencial, com acesso lateral e aparentemente com o traçado original. Nas outras, há vestígios de alteração na fachada, os edifícios nº16 e nº81 são exemplos de modificações para fins comerciais. Na rua Direita,

"As grandes alterações a nível da fachada são visíveis nos acrescentos que foram sofrendo ao longo dos anos em mais de metade dos edifícios (...) Ao nível do rés-do-chão, identificamos a abertura de vãos das portas, dando lugar a grandes montras. Em alguns casos desapareceram por completo os elementos arquitectónicos mais antigos." (FERREIRA, 2010, p.70)



Figura 3.5: Edificações RCHM045, RDIR016, RDIR081 e RDIR143  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

Com o foco nas portas de entrada, observa-se que podem ter de uma a três folhas (figura 10). Geralmente, são constituídas de duas folhas, raramente com três, como identificadas nas edificações da RDIR160 e RDIR246, e outros arranjos na RDIR143 e LPIG003. A RDIR143 apresenta um vão de acesso centralizado na fachada, preenchido por duas portas, separadas por alvenaria com direcionamento para o rés-do-chão e pavimentos superiores. No caso da LPIG003, a porta de acesso tem duas folhas, contudo, uma apresenta o tamanho 1/3 maior que a outra e, proporcionando uma passagem mais ampla.



Figura 3.6: Diferente tipologias de portas das RDIR143, RADR005, LPIG003 e RDIR160  
Fonte: Projeto Viseu Património (2017).

Na entrada das edificações, em todos os casos, há ressalto da soleira ou degraus isolados que avançam para a rua, encontrados nas edificações LMIS036 e RCHM045. Na RDIR120, apesar de ter o ressalto da soleira, o nível do piso interno é idêntico ao nível da rua, a soleira serve como obstáculo para as águas pluviais (figura 3.7)



Figura 3.7: Destaque para os ressaltos e degraus nas LMIS036, RCHM045 e RDIR120.

Fonte: Projeto Viseu Patrimônio (2017).

Após a porta de entrada é comum ter um espaço intermédio até a escada, denomina-se *hall* de entrada ou *átrio*. Há onze casos com ausência do *átrio*, nos quais os patamares das escadas são os únicos espaços que interligam a porta de entrada à circulação vertical. Nas edificações RDIR120, RDIR226, RADR005 e LPIG003, o *átrio* tem delimitação específica e a escada está localizada posteriormente.



Figura 3.8: Entradas das edificações RDIR069, RDIR246 e RDIR226.

Fonte: Projeto Viseu Patrimônio (2017)

Constatou-se, ao observar os poucos espaços comuns nos edifícios multifamiliares, que, na maioria das situações, constituem de espaços de circulação. Os patamares das caixas de escadas com tamanhos diversos dão acesso aos fogos e, geralmente, condicionam a abertura da porta de acesso às unidades familiares. São poucos os corredores nos espaços comuns, identificados principalmente no rés-do-chão e primeiro pavimento, com a função de ligar caixas de escadas e conectar ao quintal no fundo do lote, esse encontrado somente na RDIR226. Por fim, com observação aos espaços de estacionamentos privativos, não há registro de nenhum caso encontrado nas edificações visitadas. As vagas de estacionamentos utilizadas localizam-se nos espaços público.

### 3.4. ESCADAS

A circulação vertical é composta por elementos arquitetônicos, cujos principais objetivos são vencer os desníveis e articular os diferentes espaços internos e externos. Contudo, pode abranger outras diferentes funções para além dos aspectos físicos como o desempenho térmico, através da ventilação natural por efeito chaminé, a transmissão da luz natural através da iluminação zenital. A sua localização no edifício, somada ao desenho do elemento arquitetónico (escada, rampas, plataformas ou ascensores) são determinantes para a compreensão do conjunto do edificado.

Nos edifícios visitados, é unânime a presença de escadas como único meio de circulação vertical, com diferentes desenhos e dimensões. Essa constatação pode ser um indicador da preservação das edificações e da tradição construtiva. A arquitetura existente remete a períodos diversos, sendo necessário analisar esse elemento arquitetónico com foco nas suas particularidades e integração com os compartimentos internos.

Existem diferentes possibilidades de classificação das escadas, que podem ter em conta a localização, formas, número de voltas, inclinação, altura do pé direito, detalhes dos degraus, materiais construtivos, dentre outros. No entanto, com o objetivo de identificar a geometria recorrente, as singularidades e a autenticidade das escadas, foi estruturado o procedimento metodológico, com as seguintes condições:

- Forma geométrica das escadas (Escada Reta, Escada de Quarto de Volta, Escada Caracol, Escada Giratória e Escada Mista);
- Modo de acesso à habitação, com referência à fachada principal através de vão localizado na lateral, no centro ou deslocado;
- Localização da escada, frontal (F), mediana (M) ou posterior (P), em relação à fachada principal e observado em planta;

- Quantidade de caixa de escada, única e escada livre, denominada Circulação Vertical Simples, ou múltipla, Circulação Vertical Composta.

A forma das escadas observadas foram divididas em cinco grupos: Escada Reta, quando há uma sequência linear dos degraus; Escada de Quarto de Volta, quando a estrutura principal se desenvolve de forma linear, com degraus angulosos na mudança de direção; Escada Caracol, quando os degraus apresentam formatos específicos e desenvolvem-se em 360°; Escada Giratória, quando os degraus apresentam a estrutura sinuosa; Escada Mista, quando há junção das diferentes formas numa caixa de escada.

FORMAS DAS ESCADAS	ESCADA RETA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESCADA DE UM TRAMO - "ESCADA RETA"</li> <li>• ESCADA COM DESCANSO</li> <li>• ESCADA DE DOIS TRAMOS COM DESCANSO DUPLO - "ESCADA DUPLA"</li> <li>• ESCADA DE TRÊS TRAMOS LIGADA POR DESCANSO - "ESCADA EM T"</li> <li>• ESCADA DE DOIS TRAMOS COM DESCANSO ÚNICO DE QUARTO DE VOLTA - "ESCADA EM L"</li> <li>• ESCADA DE TRÊS TRAMOS COM DESCANSO DE QUARTO DE VOLTA - "ESCADA EM U"</li> <li>• ESCADA À IMPERIAL</li> </ul>
	ESCADA DE QUARTO DE VOLTA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESCADA CONTÍNUA DE IDA E VOLTA</li> <li>• ESCADA EM ARRANQUE EM QUARTO DE VOLTA</li> <li>• ESCADA COM SAÍDA EM QUARTO DE VOLTA</li> <li>• ESCADA COM ARRANQUE E SAÍDA EM QUARTO DE VOLTA</li> <li>• ESCADA COM DOIS TRAMOS RETOS LIGADOS POR UM QUARTO DE VOLTA</li> <li>• ESCADA COM ARRANQUE E SAÍDA EM QUARTO DE VOLTA E SEM SENTIDOS OPOSTOS</li> </ul>
	ESCADA CARACOL	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESCADA OVALADA</li> <li>• ESCADA COM ESPIGÃO</li> <li>• ESCADA COM OLHO</li> </ul>
	ESCADA GIRATÓRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESCADA ARQUEADA</li> <li>• ESCADA EM SEMI-CÍRCULO</li> <li>• ESCADA CURVA COM DESCANSO</li> <li>• ESCADA CIRCULAR EM CAIXA RETANGULAR</li> </ul>
	ESCADA MISTA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESCADA COM JUNÇÃO DE DIFERENTES FORMATOS</li> </ul>

Figura 3.9: Formas das Escadas  
Fonte: Memorando Viseu Patrimônio 2017

### 3.4.1. CIRCULAÇÃO VERTICAL SIMPLES

Nas 26 edificações visitadas, constatou-se a existência de 16 construções consideradas Circulação Vertical Simples, com única caixa de escada ou escada livre, para interligar dois

ou mais pavimentos. O fluxograma **abaixo**, mostra a classificação dos respectivos edifícios, conforme o acesso na fachada principal, a localização e formato da escada.

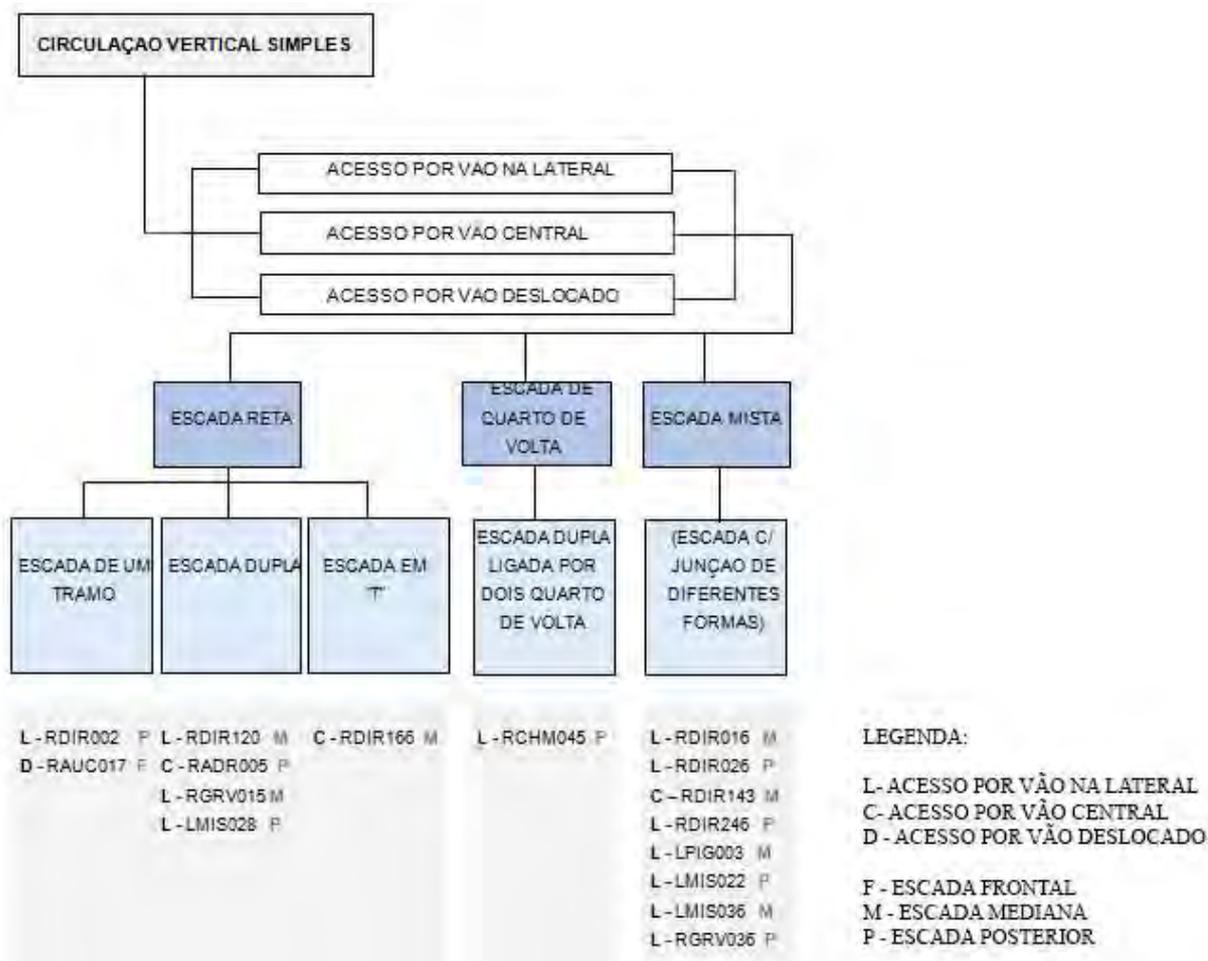


Figura 3.10: Circulação Vertical Simples  
Fonte: Memorando Viseu Patrimônio 2017

Considerando as três posições base para a escada citadas anteriormente, observou-se que a única edificação enquadrada na Circulação Vertical Simples, com a escada na parte frontal, é RAUC017, a qual destaca-se também pelo acesso deslocado (D), devido ao afastamento frontal existente. Em relação às outras edificações, a quantidade existente de escada mediana (M) é semelhante às com circulação posterior (P). Uma das razões para a construção de escadas em posição mediana está relacionada a organização interna dos compartimentos, pois favorece o deslocamento dos ambientes para o perímetro das fachadas e possibilita a abertura de esquadrias para o exterior. As escadas localizadas no fundo das edificações, normalmente

deve-se a impossibilidade de aberturas externas, ocupando assim, local indesejado para implantação dos fogos.

A localização da escada não tem relação com a profundidade do átrio, pode ser curto quando as escadas estão localizadas posteriormente ou alongado quando a implantação é mediana. Fator relevante para a análise das dimensões do átrio é o formato do lote, que não será abordado de forma específica neste estudo.



Figura 3.11: Fachadas dos RGRV015, LMIS022 e LPIG003, com acessos às habitações pelas laterais.  
Fonte: Projeto Viseu Património (2017).

Na maioria das edificações de Circulação Vertical Simples, a entrada é realizada por vão localizado numa das extremidades da fachada principal (L). Essa configuração pode ser encontrada em edificações com diferentes funções, habitacional, comercial ou mista. Presume-se que os motivos da frequente presença de escadas mistas seja a facilidade de adaptação às diferentes situações impostas pela arquitetura e a execução de alterações internas sem planeamento ou visão sistêmica.

É recorrente, no rés-do-chão, a existência de espaços comerciais e passagem lateral estreita para acesso ao piso superior, construídos com a alvenaria estrutural de pedra. Os pavimentos superiores, com a função habitacional, normalmente são executados em alvenaria estrutural de tabiques. Logo, é comum ter o primeiro lance da escada condicionado ao formato retilíneo, entre paredes, chamada de "escada de tiro" e os lances seguintes, devido ao maior espaço de circulação, possui novas formas. O LPIG003 ilustra tal situação (figura 3.12). O primeiro lance de escada reta assemelha-se a forma do *hall* de acesso lateral, contínuo e estreito, e nos pisos superiores cria-se um padrão, com desenho arqueado e reto, proporcionado pelo maior espaço disponível, inclusive, resultante na redução da secção estrutural.



Figura 3.12: Escadas do edifício LMIS022 e LPIG003  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

As edificações com acesso centralizado na fachada principal revelam um discurso intencional de separação dos compartimentos internos, com efeitos funcionais e dinâmicos, como observado nas edificações RDIR166 e RADR005 (figura 3.13). A primeira apresenta a escada retilínea de três tramos ligadas por um descanso, “escada em T”, cuja característica peculiar é o direcionamento para diferentes pontos da edificação, permite aceder aos compartimentos localizados em áreas frontais e posteriores, além de ser elemento divisor e estruturante na configuração longitudinal da construção. A segunda edificação apresenta uma lógica simétrica, motivada pela centralidade dos espaços de circulação. O *hall* de entrada dos fogos divide a área útil da habitação em duas zonas opostas, cada qual com três ambientes.

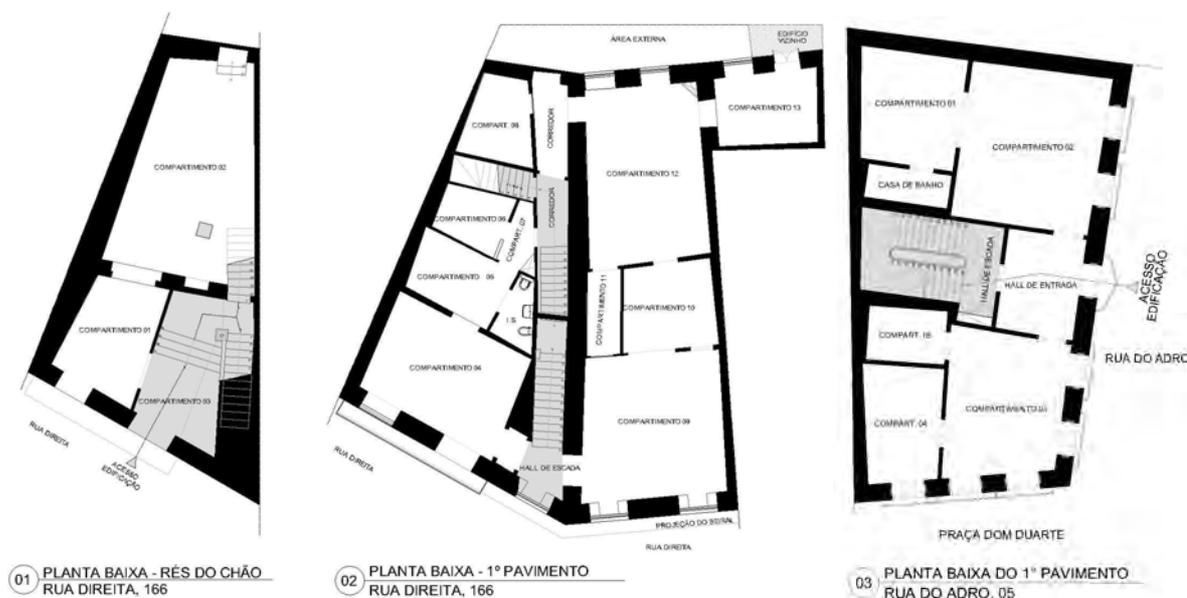


Figura 3.13: Plantas da RDIR166 e da RADR005  
Fonte: Projeto Viseu Património (2017)

Outra edificação que apresenta o acesso centralizado na fachada principal é RDIR143 (figura 3.14). Contudo, a intenção em centralizar o acesso não corresponde a proposta de centralização espacial interna. Nesse mesmo vão observa-se que, há duas portas que direcionam a ambientes distintos, separados por alvenaria estrutural. A porta à esquerda encaminha para os compartimentos localizados no rés-do-chão e, à direita, conduz à circulação vertical e aos pavimentos superiores. Portanto, verifica-se que a entrada da edificação não contém espaço de recepção, convergência de circulações e distribuição de compartimentos. A centralidade do vão é desmistificada, configuração que sugere a existência de intervenção com perda de valores arquitetônicos.



Figura 3.14: Planta do primeiro piso, fachada e vão de entrada no rés-do-chão da RDIR143.  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

A edificação RAUC017 destaca-se por seu acesso deslocado na fachada principal. A entrada é realizada por um gradil metálico instalado num pórtico de cantaria, que sobressai no afastamento frontal (figura 3.23). A escada externa reta, de degraus em pedra, conduz a entrada no volume construído em cota superior, ao fundo e implantado no sentido oposto ao logradouro, estabelece pouca relação com a via pública. O seu volume segue a direção da via posterior, sendo notória a sua horizontalidade e, embora seja composta pelo rés-do-chão e pelo primeiro pavimento, esses dois pisos não se comunicam. No interior da residência não há escada, sendo o único exemplar verificado com tal ocorrência.

### 3.4.2. CIRCULAÇÃO VERTICAL COMPOSTA

Constatou-se nos edifícios inspeccionados a existência de 10 edificações com Circulação Vertical Composta. Executadas em edifícios unifamiliar e multifamiliar, apresentam mais de uma caixa de escada localizadas em lugares distintos. Por vezes, há escadas livres em área externa e interna, e, noutras circunstâncias, todas as caixas de escadas estão presentes no interior do edifício.

Os aspectos funcionais e estéticos condicionam a criação da circulação vertical composta. Contudo, há situações em que essas resultam de grandes alterações internas, implicando na desarticulação da circulação concisa e harmoniosa.

Os conjuntos de escadas encontradas no projeto podem ser divididas em três modalidades, conforme indicado no fluxograma abaixo: Combinações de escadas retas; Combinação de escada reta e escada de quarto de volta; Combinação de escada giratória e escada mista.

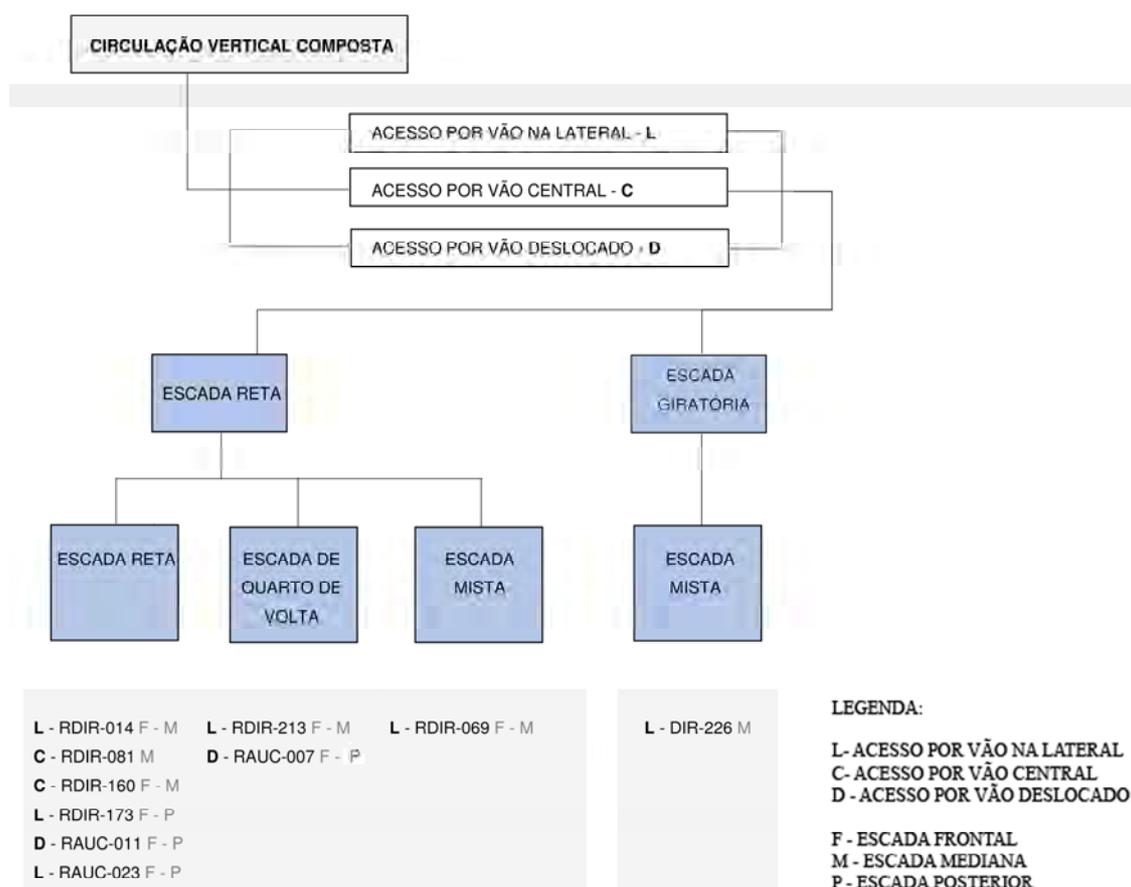


Figura 3.15: Circulação Vertical Composta  
Fonte: Memorando de Reabilitação do Projeto Viseu Patrimônio 2017

Outro dado é a relação entre as posições das escadas no volume da edificação. Tais posições são indicadas no fluxograma 02, com base na sequência em que aparecem para o observador ao acessar a porta principal do edifício. Verifica-se que, com exceção das edificações RDIR081 e RDIR226, todas apresentam a escada frontal como primeiro modo de deslocamento vertical.

Destaca-se a presença significativa de escadas retas, com diversos desenhos, nas edificações RDIR014, RDIR081, RDIR160, RDIR173, RAUC011 e RAUC023. A articulação entre as escadas retas e escadas em quarto de volta estão presentes nas edificações RDIR213 e RAUC007. A edificação RDIR069 é definida pela combinação de escadas reta e mista. Por fim, distingue-se das restantes a edificação RDIR226, com escada giratória no rés-do-chão e escada mista nos pavimentos superiores.

Nas edificações com acesso na lateral da fachada, há escadas retilíneas no rés-do-chão e, nos demais pavimentos, foram construídas outras caixas de escadas em área central ou no fundo do lote. Geralmente, resultado do crescimento da edificação e da adaptação da circulação vertical a estes novos compartimentos. Essa ocorrência foi observada nos edifícios da RDIR014, RDIR 069, RDIR173, RDIR213 e RAUC023.

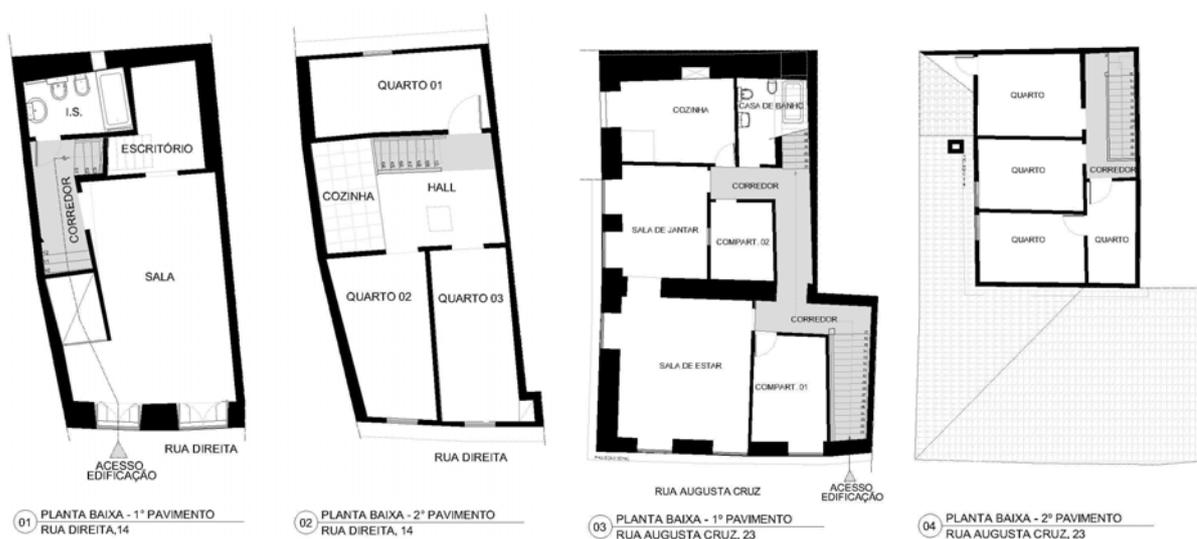


Figura 3.16: Plantas do primeiro e do segundo piso das RDIR014 e RDIR023  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio. (2017)

O exemplo das habitações unifamiliares da RDIR014 e RAUC023, mostra as escadas em formato reto e sua conexão com os corredores que direcionam para a segunda escada. No entanto, o primeiro caso tem fluxo para o centro do volume edificado e o segundo para o compartimento posterior, através de ampla área destinada a circulação horizontal.

Destaca-se o caso particular da edificação multifamiliar RDIR226, diferenciada pelo formato singular da escada, localização centralizada de todas as circulações verticais e deslocamento dos planos pavimentares. Em contraponto aos edifícios inspecionados, apresenta um duplo átrio que cria distanciamento entre a porta de entrada e o lance de escada. Assim, centraliza a circulação vertical no volume construído e proporciona mais-valia relativamente à escada arqueada no rés-do-chão, lance de escada em formato requintado denominado degraus de convite<sup>12</sup>, configuração que prioriza o acesso à habitação ao invés de ampliar e valorizar a área comercial. Outra peculiaridade é a apreciação da forma em que os pavimentos estão dispostos (apêndice C), que resulta na diminuição de cota entre os mesmos. Como consequência, os lances das escadas vencem menores desníveis e repercute na redução volumétrica do edificado.

As edificações com acesso centralizado na fachada estão localizadas na RDIR081 e RDIR160 (figura 3.17). A primeira foi alvo recente de significativa modificação interna, principalmente no rés-do-chão e primeiro pavimento. O acréscimo gradual das caixas de escadas em diferentes sítios, embora concentradas em posição mediana, tornou a circulação interna menos inteligível e fluída. Fato que apesar das perdas de elementos arquitetônicos, não exclui a existência de vestígios e valores singulares. A presença da alvenaria de pedra nas paredes externas, paredes interiores de tabique, caixilharias, pisos, tetos e outros elementos em madeira conservam o modo de fazer tradicional.



Figura 3.17: Fachada da RDIR081 e RDIR160  
Fonte: Projeto Viseu Património (2017)

<sup>12</sup> <sup>12</sup> No fascículo escada de madeira, a designação de degraus de convite é uma "[...] série de degraus que se constroem nos vestíbulos das escadas, antes de se entrar praticamente na escada propriamente dita. [...] Este grupo de degraus não é mais que um pequeno lance de escada [...]"

A edificação RDIR160 revela, na fachada lateral, acréscimos de elementos industrializados, que contrastam com detalhes compositivos de expressão tradicional. Internamente, preserva a escada com características notáveis em cantaria, em formato “U”, apresenta três lances separados por descansos em quarto de volta. Não apresenta bomba de escada, visto que seu núcleo é preenchido pela alvenaria estrutural de pedra, a partir do qual surgem ornamentos decorativos em volutas e frisos, que convidam o utilizador a subir e percorrer o edifício (figura 3.18).



Figura 3.18: Escada com detalhe em cantaria  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio (2017)

Os edifícios com acesso deslocado RAUC007 e RAUC011, com implantação em banda com logradouro frontal e em gaveto respectivamente, apresentam escada externa. Ambos apresentam na lateral da edificação, anexo onde foram inseridas as escadas retilíneas, com objetivo de vencer o desnível do terreno e possibilitar o acesso ao interior das residências em cota superior. Internamente, essas habitações tem caixa de escada que interliga os pavimentos superiores. Contrariamente a estas, os demais edifícios com circulação vertical composta não possuem afastamentos, sendo o acesso realizado através da fachada principal, numa das extremidades ou no centro.



Figura 3.19: Edificações RAUC007 e RAUC011, com respectivas fachadas e escadas externas  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

### 3.4.3. COMPOSIÇÃO DAS ESCADAS

A análise da circulação vertical nos edifícios visitados em Viseu, refere-se aos materiais construtivos das escadas, identificando valores a serem salvaguardados no patrimônio corrente. Essas considerações são relevantes, pois fazem alusão aos sistemas construtivos tradicionais, com utilização significativa de pedra e madeira.

A princípio é importante apontar alguns fundamentos técnicos que explicam a aplicação desses materiais naturais nas escadas. A cantaria e a marcenaria são ofícios tradicionais que reuniram conhecimentos ao longo do tempo e demonstraram as potencialidades das matérias-primas. Além da considerável trabalhabilidade e beleza natural que agregam valor estético às escadarias, há de ter em conta os aspectos físicos que justificam a utilização da pedra na base das escadas e da madeira nos degraus superiores.

A pedra é um material com elevada resistência mecânica, funciona à compressão, motivo pelo qual frequentemente é utilizado em fundações. Apresenta significativa durabilidade, principalmente em relação às pedras menos porosas, razão pela qual pode ter contato com o solo e resistir facilmente à ação dos agentes atmosféricos.

Em relação a madeira, é possível indicar vantagens de sua aplicação nos degraus e lances superiores, nomeadamente resistência mecânica, por resistir a diferentes esforços; conforto térmico; durabilidade, especialmente quando aplicados em situações de baixa humidade e, por isso, evita-se o contato desta com o solo; e leveza, uma vez que o peso próprio é relativamente baixo e atua com pouca sobrecarga nas alvenarias tradicionais.

Deve-se considerar a importância da compatibilização dos materiais e a ligação entre eles, como encaixes e sambladuras na estrutura de madeira da edificação. Frequentemente de

alvenaria de pedra na base e alvenaria de tabiques nos pisos superiores. Nas edificações visitadas, observaram-se quatro conjuntos de composições dos materiais, pedra e madeira, no elemento das escadas:

- Pedra nos primeiros degraus e madeira nos superiores;
- Pedra no(s) primeiro(s) lance(s) da escada interna;
- Pedra na escada(s) externa(s) e madeira, quando há, escada interna;
- Madeira em todas as caixas de escadas.

Além das situações relatadas, observou-se que, há intervenções recentes em algumas edificações com a introdução de novos materiais. Reune-se na tabela seguinte a síntese e classificação das escadas, em relação aos materiais que as constituem:

<b>MATERIAIS DOS DEGRAUS E LANCES DAS ESCADAS</b>				
<b>PRIMEIROS DEGRAU EM PEDRA E, NOS SUPERIORES, EM MADEIRA</b>	<b>LANCE EM PEDRA ÁREA INTERNA</b>	<b>LANCE EM PEDRA ÁREA EXTERNA</b>	<b>ESCADA EM MADEIRA</b>	<b>SITUAÇÕES COM MATERIAIS DIFERENTES</b>
RDIR069 RDIR120 RDIR226 RDIR246 RADR005 RGRV015 LPIG003 LMIS028	RDIR143 RDIR160 RDIR166	RAUC007 RAUC011 RAUC017	RDIR002 RDIR026 RDIR213 LMIS036 RAUC023 RCHM045	RDIR014 RDIR016 RDIR081 RDIR173 LMIS022 RGRV036

Tabela 3.3: Materiais dos degraus e lances das escadas  
Fonte: Memorando de Reabilitação do Projeto Viseu Patrimônio 2017

Constatou-se que, nas edificações da RDIR069, RDIR120, RDIR226, RDIR246, RADR005, RGRV015, LPIG003 e LMIS028, há aplicação da pedra nos primeiros degraus da escada, normalmente até o terceiro degrau, os demais constituídos por madeira (figura 3.20).

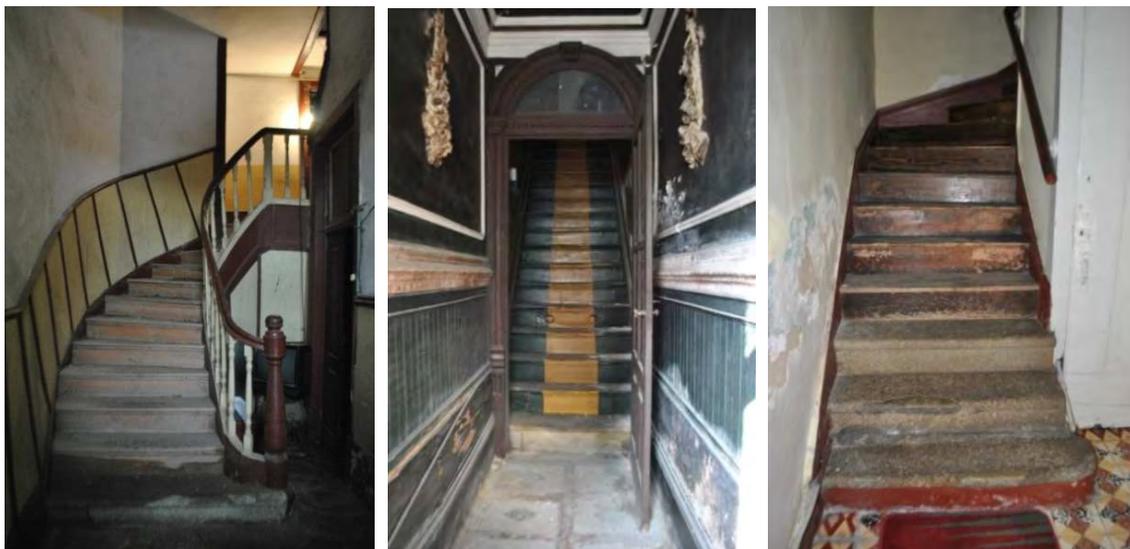


Figura 3.20: Escada localizada no rés-do-chão dos edifícios RDIR226, LPIG003 e RDIR246.  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

As edificações RDIR143, RDIR160 e RDIR166 apresentam um ou mais lances de escada em pedra e os demais constituídos em madeira. O primeiro apresenta único lance em pedra, o segundo tem a caixa de escada em alvenaria de pedra e o último possui a escada em “T”, com dois tramos em pedra e um tramo em madeira. Além das escadas, é possível encontrar elementos em cantaria com função ornamental e estrutural. A coluna de sustentação presente no patim da escada em “T”, edificação RDIR166 (figura 3.21), além de suportar as sobrecargas do pavimento superior, estabelece relação visual entre os lances de escada de pedra. Da mesma forma, a escada em “U”, da edificação RDIR160, delimitada por alvenaria de pedra, expõe aresta em cantaria e constitui exemplo de valor excepcional.

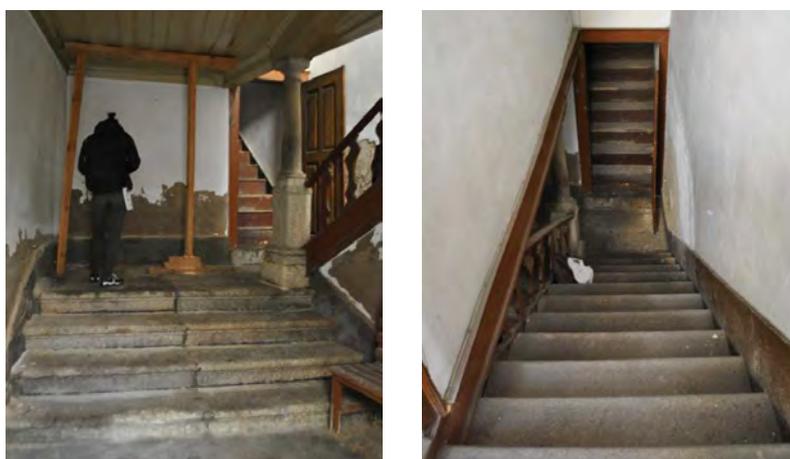


Figura 3.21: Escada em "T" com dois lances em pedra e um em madeira da RDIR166.  
Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

Algumas edificações apresentam escadas externas de pedra para vencer o desnível do terreno, no qual o acesso é realizado no nível da rua, onde existem normalmente comércios no rés-do-chão, e o acesso a habitação é feito através de cota mais elevada. Neste contexto, três situações foram registradas, e localizam-se na Rua Augusta Cruz. As residências RAUC007 e RAUC011 têm escadas externas em pedra e escada interna em madeira (figura 3.22).



Figura 3.22: Escadas externa e internas dos edifícios RAUC007 e RAUC11.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio. (2017)

A edificação RAUC017 revela implantação peculiar (figura 3.23). É notório o pórtico de entrada em cantaria e o afastamento frontal existente, onde está localizada a escada de pedra. Como já mencionado, é a única edificação que não apresenta escada interna, tendo os compartimentos reunidos em único pavimento, em cota superior.



Figura 3.23: Portal, gradil e escada externa de pedra da edificação RAUC017.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio. (2017)

As escadas constituídas de madeira estão presentes nas edificações RDIR002, RDIR026, RDIR213, RCHM045, RAUC023 e da LMIS036 (figura 3.24). Com base nas referências anteriormente, relativamente a utilização da pedra nos primeiros degraus da escada, surgem algumas questões acerca dos motivos dessa composição. Uma suposição prende-se a eventualidade da pedra, quando aplicada nos primeiros degraus, constituir a solução original. Paralelamente, admite-se à utilização de soluções de madeira em edifícios mais modestos.

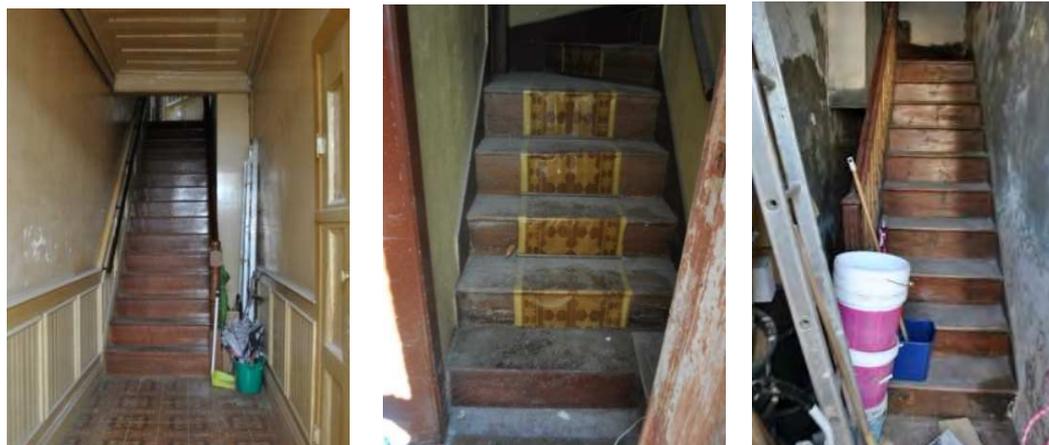


Figura 3.24: Escadas em madeira no rés-do-chão das RDIR002, RCHM045 e LMIS036

Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

Conforme os grupos de composição, há de referir às intervenções mais recentes observadas nos edifícios, nos quais os materiais originais das escadas, pedra e/ou madeira, foram substituídos por materiais mais modernos, principalmente o concreto armado e aço. Observou-se que na edificação RDIR014 e RGRV036, houve alteração do primeiro degrau, no primeiro lance. As edificações RDIR016, RDIR081, RDIR173 sofreram modificações em lances da escada e, no caso da construção LMIS022, houve a substituição integral da estrutura preexistente (figura 3.25).



Figura 3.25: Escadas com introdução de materiais diversos - LMIS022, RDIR081e RDIR173

Fonte: Projeto Viseu Património. (2017)

Com referência às caixas de escadas internas, é importante destacar a função da bomba das escadas. Esta refere-se ao vão central delimitado por um obstáculo, normalmente guarda-corpo e corrimão. Solução utilizada para possibilitar a evacuação ligeira em caso de necessidade<sup>13</sup> e para que a iluminação natural, proveniente de aberturas zenitais, alcance os pavimentos inferiores. Esta estratégia é muito utilizada em caixas de escada localizadas no centro do edifício, sem a possibilidade de abertura nas fachadas.

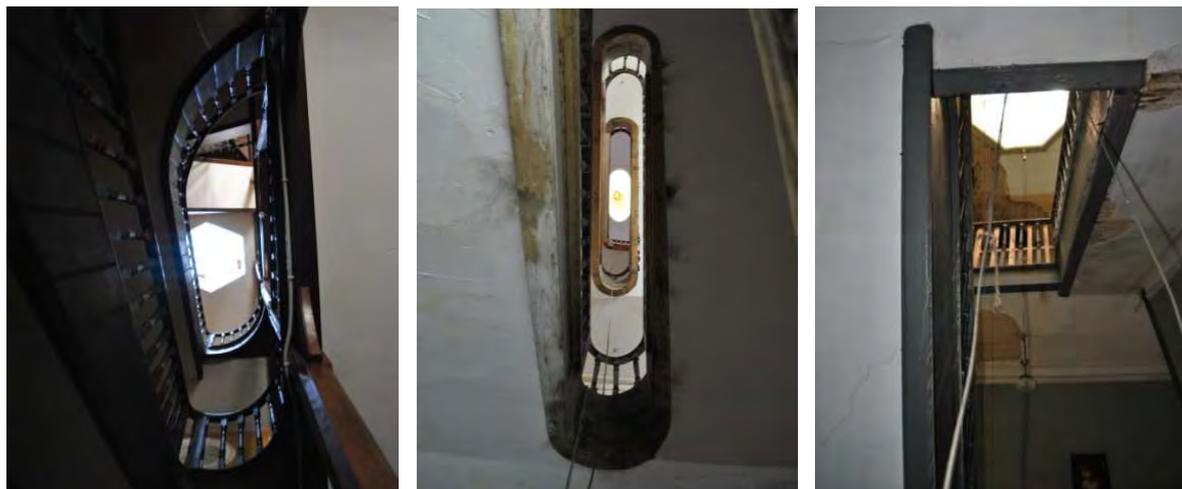


Figura 3.26: Bomba das escadas das edificações LPG003, RADR005 e RGRV005  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio. (2017)

Por fim, as bombas das escadas agregam valores estéticos e, contribuem para novos estímulos sensoriais e percepções espaciais. Aliadas às formas dos degraus, patamares, escada, guarda-corpo e corrimãos, tornam cada caixa de escada única, com grande potencial imagético e memorável.



Figura 3.27: Detalhes das escadas dos edifícios LPIG003, RADR005 e RDIR173  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio. (2017)

<sup>13</sup> COSTA, Enciclopédia Prática da Construção Civil.

### 3.5. CIRCULAÇÃO HORIZONTAL E COMPARTIMENTAÇÃO INTERNA

A organização interna da arquitetura corrente é complexa e variável. Resulta-se da configuração do lote, implantação do volume, área construída, concepção do projeto arquitetônico, além da organização funcional dos ambientes, que estabelece hierarquias e inter-relações entre os espaços íntimos, social e de serviço.

FOGOS: CIRCULAÇÃO HORIZONTAL E COMPARTIMENTOS										
EDIFICAÇÕES	DISTRIBUIÇÃO DOS COMPARTIMENTOS			TIPOS DE PORTAS			INSTALAÇÕES SANITÁRIAS		COZINHA	
	SÉRIE	CIRCULAÇÃO	HÍBRIDA	ABRIR DE UMA FOLHA	ABRIR DE DUAS FOLHAS	OUTRA	ÁREA ÚTIL ACESSÍVEL	INACESÍVEL	ÁREA ÚTIL ACESSÍVEL	INACESÍVEL
RDIR002			X	X	X			X	X	
RDIR014			X	X				X		X
RDIR016		X		X			-	-	-	-
RDIR026			X	X			X		X	
RDIR069			X	X				X	X	
RDIR081			X	X	X		X		X	
RDIR120		X		X	X		X		X	
RDIR143		X		X	X			X	X	
RDIR160			X	X	X			X	X	
RDIR166			X	X	X			X	-	-
RDIR173		X		X	X			X	X	
RDIR213			X	X	X			X	X	
RDIR226			X	X	X	X		X	X	
RDIR246			X	X	X			X	X	
RGRV015		X		X	X	X		X	X	
RGRV036	X			X				X	X	
RAUC007			X	X	X		X		-	-
RAUC011			X	X	X		X		-	-
RAUC017			X	X				X	X	
RAUC023		X		X	X		X		X	
LPIG003		X		X	X			X	-	-
RADR005			X	X	X			X	-	-
RCHM045			X	X	X			X	X	
LMIS022			X	X	X			X	X	
LMIS028				X	X			X	X	
LMIS036			X	X	X			X	-	-

Tabela 3.4: Circulação Horizontal e compartimentos dos fogos

A partir da análise das edificações visitadas, estabeleceu-se três princípios de distribuição dos compartimentos, com observação a circulação horizontal (tabela 05). No primeiro caso, a fluidez espacial é proporcionada pela sucessão de compartimentos, numa lógica de fluxo em série. Não há espaço com concentração de fluxos, o percurso ocorre através dos próprios ambientes. O segundo grupo é caracterizado por conter corredores, espaços com a função de distribuição e circulação, com lógica distributiva. Tem a qualidade de propiciar acessos com maior privacidade e autonomia, pois independe de explorar outros ambientes. O terceiro

grupo é híbrido e, apesar de conter um espaço de circulação, apropria-se parcialmente de outros compartimentos para alcançá-los.

Segundo Castilho, a casa quinhentista, que continha normalmente dois ou três pavimentos, possuía área comercial no térreo e, no piso superior, havia salas, cozinhas e câmaras. "A organização espacial interna segue na maioria dos casos o sistema de *enfilage*, em que as divisões se sucedem e se acede diretamente de uma para outras". Em casas maiores poderia existir o corredor, a partir do século XVII e XVIII, houve aumento do número de compartimentos, com surgimento de corredores, quartos e espaços com maior habitabilidade.

O princípio da circulação horizontal com distribuição em série foi identificada no fogo da edificação RGRV036, relação de vínculo criada na distribuição dos compartimentos internos, trama de dependência e sucessão, que resulta, além da falta de privacidade, a carência de iluminação e ambiência de determinados compartimentos, por não possuírem contato com a área externa.



Figura 3.28: Plantas da edificação RGRV036.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

A distribuição interna solucionada através da criação de corredores, o deslocamento dos compartimentos para os perímetros da edificação, de modo a facilitar a aberturas de esquadrias para a área externa. É interessante observar que, em várias edificações, apesar de da existência do corredor, existem também aberturas opcionais “em série” entre compartimentos internos, inclusive de usos distintos. Esse fato verifica-se na edificação

RDIR120 (figura 3.29), na qual há uma interligação paralela ao corredor, que conecta a sala, na parte frontal do edifício, aos quartos, ao centro, e à cozinha, no fundo.

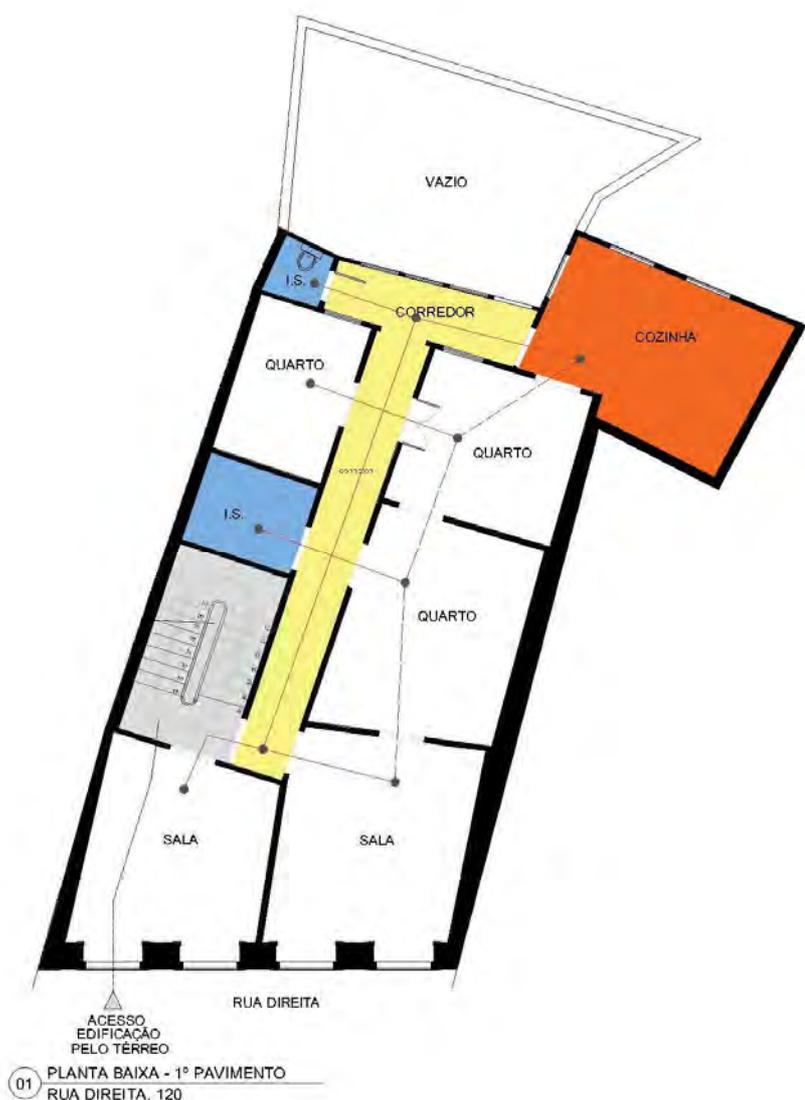


Figura 3.29: Planta RDIR120.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

A distribuição híbrida ocorre na maioria dos casos visitados. Neles, existe o corredor ou o *hall* que faz a comunicação entre os compartimentos, contudo, há também aqueles que são exclusivamente alcançados por ambiente adjacente. Caso comum é a sala de estar ou a sala de jantar serem extensão do corredor e apresentar uma área parcial destinada a circulação, sem comprometer o uso e a funcionalidade. A edificação RDIR213, possui parte da sala de estar com a função de circulação e conexão com os quartos 03 e 04 (figura 3.30).



Figura 3.30: Plantas do primeiro piso RDIR002, do segundo piso RDIR213 e da edificação RCHM045.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

### 3.5.1. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E COZINHAS

As instalações sanitárias e as cozinhas são espaços dos fogos que o regime de acessibilidade trata com detalhes. Logo, é importante verificar, de maneira geral, algumas de suas características. Verifica-se que normalmente as instalações sanitárias das habitações possuem áreas restritas, deslocadas para os perímetros das edificações e sem valorização espacial. Dentre as plantas arquitetônicas analisadas, somente seis casos possuem todos os aparelhos sanitários (sanita, banheira, bidê e lavabo) e espaço suficiente para a deslocação acessível.

Nas cozinhas, foram identificados vestígios quinhentistas em algumas edificações, pois está localizada na parte dos fundos e nos últimos pavimentos. A única edificação identificada com a cozinha centralizada é a RDIR002, que, devido aos materiais e características, revela alterações recentes, com probabilidade de ter sido localizada em outro sítio.



Figura 3.31: Instalações Sanitárias da LMIS022, LMIS028 e RCHM045  
Fonte: Projeto Viseu Património

Com relação às estruturas internas, é comum encontrar dutos de saída de fumos, normalmente construídos com sistema de alvenaria de tabique revestidos com argamassa. Os espaços das cozinhas são, na maioria, amplos, conforme mostra a tabela 05. Após a inserção de bancadas e equipamentos, restam espaços livre para percurso com segurança. A cozinha da edificação RDIR014, foi a única considerada com área interna reduzida (tabela 3.4).



Figura 3.32: Cozinhas dos edifícios RDIR160 e LMIS022  
Fonte: Projeto Viseu Património

### 3.5.2. QUALIDADE CONSTRUTIVA DAS EDIFICAÇÕES

O sistema construtivo das edificações é, geralmente, em alvenaria de pedras de espessuras consideráveis no rés-do-chão e na cave, nas paredes superiores, o sistema é de alvenaria de tabiques, apresentam formas esbeltas e irregulares. Determinadas habitações possuem alvenaria de pedra nas paredes externas e divisórias internas semi-portantes de tabiques com dimensões de aproximadamente 10cm. A parede de tabique é formada por tábuas, que apoiam os fasquiados de madeira e sustenta o reboco (figura 3.33). O revestimento das paredes tradicionais pode ser em reboco e estuque, com elementos cerâmicos, papel de parede, dentre outros. Lambrim e rodapés de madeira fazem a ligação entre as paredes e os pavimentos. Contudo, há edifícios onde é visível a perda do sistema construtivo tradicional, com a introdução de concreto armado, observado em sacadas, instalações sanitárias, cozinhas e em toda a edificação, como no LIMS022.

"A construção em pedra resultava mais dispendiosa e necessitava mão-de-obra especializada enquanto a taipa, o tijolo e a madeira implicavam materiais acessíveis e técnicas construtivas que o próprio proprietário podia aplicar. A construção mista, pedra junto ao solo e taipa, tijolo ou madeira nos pisos superiores permitia o isolamento da humidade junto ao solo e um crescimento em altura acessível [...]" (CASTILHO, 2012, p. 254)



Figura 3.33: Paredes de tabique das edificações RDIR226 e RDIR081  
Fonte: Projeto Viseu Património 2017

Os pisos de grande parte das edificações possuem estruturas de madeira que se apoiam sobre as paredes ou sobre os frechais, com samblagens para interligar os barrotes, normalmente, presos por cavilhas ou pregos. Com relação aos soalhos de madeira, observou-se a formação de desenho, aplicação de revestimentos em vinil e sobreposição por concreto.

Foram identificados tetos, em algumas edificações, constituídos de madeira ou fasquiados revestido com reboco e estuque, revelando diversos e ricos detalhes construtivos.



Figura 3.34: Assoalho e estrutura do piso da RDIR160.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

Ao observar as portas que interligam os compartimentos internos dos fogos percebe-se que estabelecem a privacidade e separação entre ambientes distintos. Normalmente são constituídas de uma ou duas folhas de madeira, envidraçada ou com a junção de ambos os materiais. Podem apresentar bandeira fixa com placas de vidro, almofadas, golas e socos.



Figura 3.35: Portas internas de uma e duas folhas das edificações RADR005, RDIR160, RDIR166 e RAUC011.  
Fonte: Projeto Viseu Patrimônio

As dimensões das portas variam conforme o ambiente de instalação, sendo de desenho mais simples que as portas externas. As guarnições são geralmente de madeira, contudo, podem apresentar detalhes e materiais mais ou menos nobres. Onde as paredes são grossas, a instalação da porta é executada numa gola com ombreiras e vergas que estabelecem os limites e destaca-se do vão. Neste caso, é comum ter a soleira com outros materiais e apresentar ressalto.

Na composições de fachadas, destacam-se as esquadrias externas, principalmente as constituídas de madeira com molduras em pedra. As janelas podem ter vãos de peito, de varanda e sacadas. A primeira tipologia, normalmente possui de uma a quatro folhas de abrir. As janelas com mais de três folhas apresentam notório desenho, que se articulam e encaixam nas ombreiras dos vãos. Outras particularidades são observadas nas soluções das edificações RDIR213, em estilo manuelino, e LPIG003, com folhas de madeiras treliçadas (figura 3.36).



Figura 3.36: Vista interna da esquadria RAUC015 e externa das janelas LPIG003 e RDIR213 .

Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

Os materiais tradicionais passaram pelo crivo do tempo e muitos mantêm o bom estado de conservação, que se justifica pela composição e uso de materiais similares e compatíveis entre si. A sua vida útil, deve-se ao comportamento mecânico dos materiais empregados, além da maneira como são trabalhados e onde são aplicados. Assim, percebe-se a importância dos ofícios tradicionais e do conhecimento especializado na construção e intervenção desses edifícios.



Figura 3.37: Teto de madeira da LPIG003e estucado do RADR005

Fonte: Projeto Viseu Patrimônio 2017

No próximo capítulo, a partir do presente estudo, será aplicado ao caso RDIR226 as exigências do regime de acessibilidade português, com o intuito de conhecer e refletir os impactos na arquitetura corrente e avaliar os valores colocados em causa por esse Regime.

## CAPÍTULO 04.

### **APLICAÇÃO DO REGIME DE ACESSIBILIDADE**

#### 4.1. PRERROGATIVAS LEGAIS TRANSITÓRIAS

Neste capítulo, define-se como caso de estudo o edifício da Rua Direita, nº 226 (RDIR226), na cidade de Viseu, em Portugal. Edifício corrente, em estado devoluto, inserido na área de reabilitação urbana (ARU) do núcleo histórico central e fora do limite da zona de proteção da Sé de Viseu.

O objeto de estudo, rege-se pelas normas e implicações decorrentes da ARU, cujo enquadramento legal aprovado no decreto-lei 32/2012, de 14 de agosto, define, no artigo 02, a:

"[...] área territorialmente delimitada que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsolescência dos edifícios, das infraestruturas, dos equipamentos de utilização coletiva e dos espaços urbanos e verdes de utilização coletiva, designadamente no que se refere às suas condições de uso, solidez, segurança, estética ou salubridade, justifique uma intervenção integrada, através de uma operação de reabilitação urbana aprovada em instrumento próprio ou em plano de pormenor de reabilitação urbana". **DECRETO-LEI. 32/2012**

As atividades promovidas na ARU afirmam a necessidade de incentivos fiscais e financeiros para a recuperação do casario, revitalização da economia local e regeneração das áreas mais antigas da cidade. Como já mencionado, há vasto número de edificações a serem intervencionadas e, conseqüentemente, cresce a demanda pela quantidade de projetos de reabilitação.

O Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU), aprovado em 1951 e revisado posteriormente, é complexo e incapaz de incorporar a especificidade da reabilitação urbana. Desta maneira, foi promovido simplificações de instrumentos e normas que responsabilizam os promotores e técnicos pelas operações e intervenções no edificado. O RERU é o modelo de simplificação normativa, com aberturas para o descumprimento dos regulamentos, inclusive da lei de acessibilidade em edificações existentes com mais de 30 anos. Logo, o caso de estudo está pautado em regulamentos transitórios que tem legalidade até o ano de 2020. Nesse sentido, interessa refletir sobre os regulamentos originais, reavaliar o D.L. 163/2006 e destacar suas conseqüências na arquitetura corrente.

Este capítulo propõe a aplicação da lei de acessibilidade, o decreto lei nº163/2006, de 8 de agosto, no caso de estudo situado em área urbana consolidada e com valores arquitetônicos identificáveis. Sobre as perspectivas e problemáticas relatadas anteriormente, o estudo seguinte fará um ponderamento entre o regulamento de acessibilidade, os valores do edificado e as conseqüências da aplicação da lei.

## 4.2. PERTINÊNCIA DO CASO DE ESTUDO

A edificação RDIR226 está localizada numa rua histórica de Viseu, a rua Direita, eixo comercial e habitacional no interior da antiga muralha. Trata-se de uma edificação multifamiliar que apresenta características arquitetônicas tradicionais, com implantação em banda, volume construtivo concentrado na testada<sup>14</sup> da rua, quintal ao fundo do lote com árvores de fruto, cêrcea integrada no conjunto (figura 4.1). O edifício não está classificado, mas pertence à ARU do núcleo histórico central, e encontra-se, entre outras, em processo de deterioração com necessidade de intervenção urgente.

A escolha desse caso baseia-se nas qualidades arquitetônicas intrínsecas e pertencentes a grande parte das edificações do núcleo urbano antigo. Além disso, apresenta características - como a existência de cave e mais de cinco pavimentos - tornando-a interessante para o confronto com a norma de acessibilidade.



Figura 4.1: Alçados do caso de estudo - RDIR226.  
Fonte: Projeto Viseu Património

<sup>14</sup> Testada: Parte da rua ou estrada que fica à frente de um prédio. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013.

### 4.3. ESTRUTURA DE ANÁLISE

Foi estruturada uma matriz com o objetivo de refletir sobre o regime de acessibilidade, aplicado ao edificado corrente, verificando o seu impacto sobre os valores patrimoniais, que considera: documentos técnicos de projeto do caso de estudo; visitas *in loco* para visualização da situação atual e obter informações; lei de acessibilidade - decreto 163/2006 de 8 de agosto; proposta de revisão do decreto 163/2006 de 8 de agosto. Com base nestas informações, a análise organiza-se em três elementos: a matriz, as tabelas e o desenho técnico.

A matriz representa o regime de acessibilidade nas colunas (eixos verticais), decomposto em capítulos, secções e artigos, e nas linhas (eixos horizontais) os atributos do caso de estudo (apêndice A), com inserção de todos os compartimentos. Direcionada às particularidades dos artigos de acessibilidade, referente a edificação, visa verificar os requisitos legais específicos

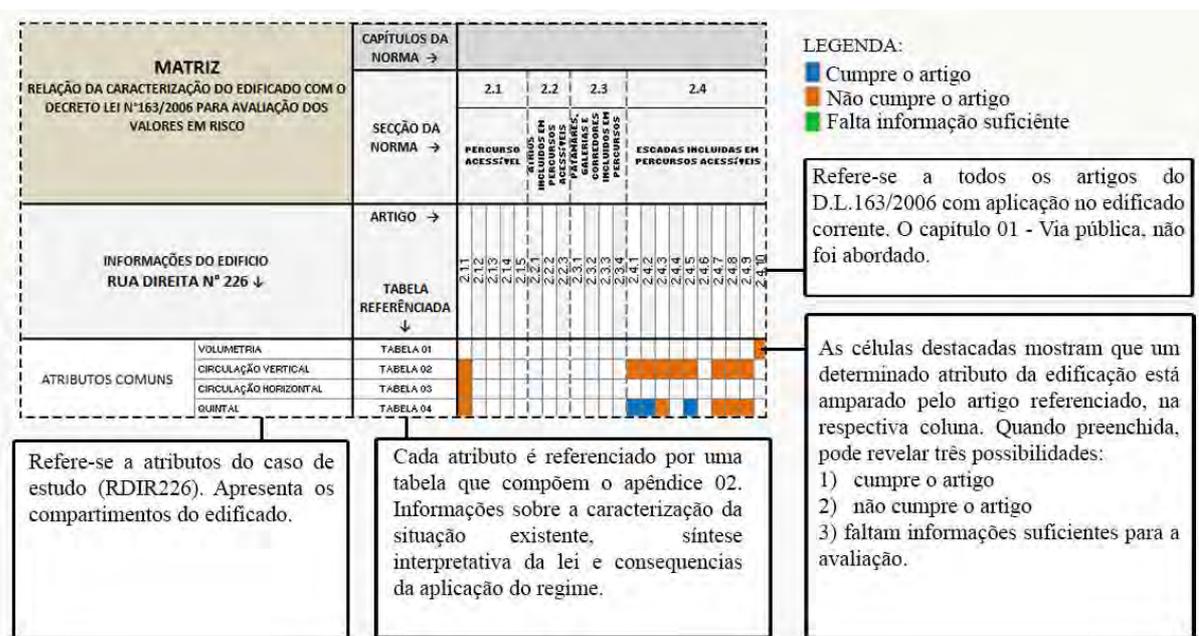


Figura 2: Matriz e chave de leitura

Referidas e conectadas à matriz, foram realizadas tabelas para cada atributo (apêndice B). Abordam a caracterização da situação existente, a síntese interpretativa da aplicação do D.L.163/2006 ao edifício e as consequências da aplicação da lei (figura 4.3).

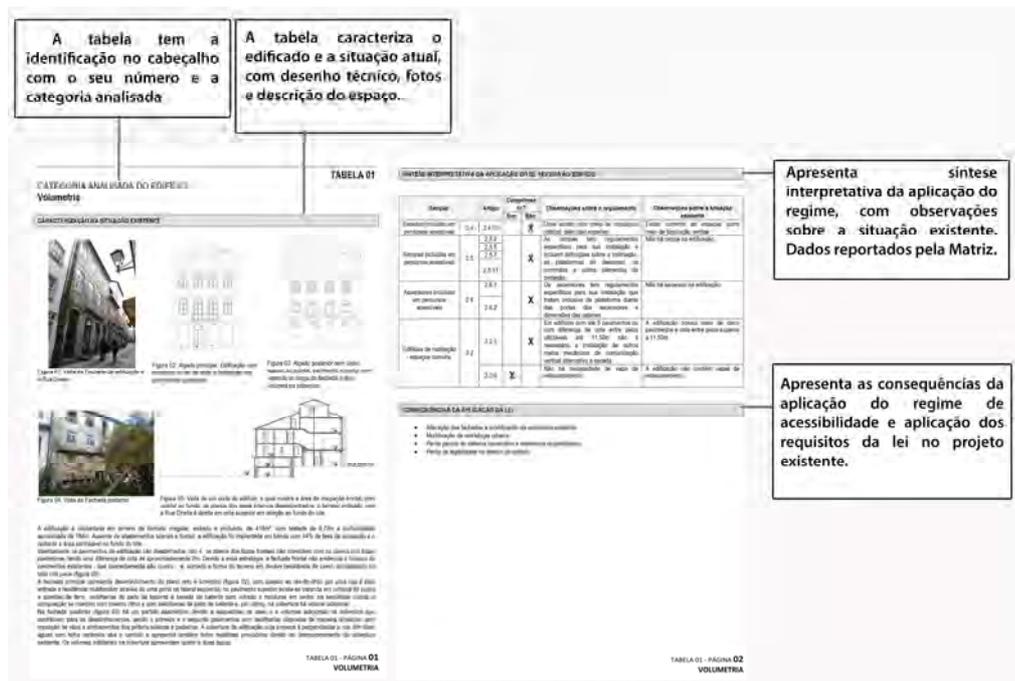


Figura 3.3: Organização das tabelas do Apêndice B.

Em paralelo com as tabelas, foi sobreposto ao projeto arquitetônico, alguns dos principais requisitos da lei de acessibilidade, como: as zonas de rotação de 360° e 180°, zonas de manobras, zonas livres de acesso e permanência, áreas com altura livre menor que 2m, os comandos e controles, locais com mudança de nível do piso e objetos salientes das paredes e tetos (figura 4.4). Além disso, utilizou-se o desenho técnico para simulação de layout e verificar os espaços de utilização, circulação e área livre, principalmente nas cozinhas, instalações sanitárias e no fogo 02.



Figura 4.4: Representação dos critérios de acessibilidade

Numa visão geral, a matriz mostra qual artigo da lei é aplicado a um determinado atributo/compartimento. As tabelas sustentam a análise do contexto atual da edificação e, apoiada pelo desenho técnico, revelam as consequências da aplicação da lei de acessibilidade.

A seguir será realizada a interpretação do caso de estudo, com síntese de avaliação das incompatibilidades encontradas e apontamentos dos valores em risco. Diante disso, recorre-se a quatro categorias enfatizadas no capítulo 03, uso e ocupação do solo, espaços comuns, escada e fogos. Neste sentido, caberá as relações, entre o edifício da Rua Direita e os outros 25 edifícios, além de focar nas particularidades do caso de estudo e nas exigências dos pormenores arquitetônicos abordado pelo regime.

#### 4.4. INTERPRETAÇÕES

Este modelo de análise procura refletir em que medida o regime de acessibilidade desconsidera os valores arquitetônicos presentes nas edificações correntes. De acordo com o Regime, no artigo 23º- Normas Transitórias, explicita as condições de aplicação das normas técnicas de forma gradual, em edifícios habitacionais. Com efeito, exige que as alterações sejam realizadas num prazo de oito anos, a partir da entrada em vigor, que equivale ao período entre 2007 a 2015. Passado esses anos, a norma é aplicável à totalidade dos fogos.

Importante salientar que norma exige um percurso acessível, entre o acesso pela via pública e a todos os espaços internos e externos da edificação. Contudo, no Capítulo 2 - Edifícios e estabelecimentos em geral, Secção 2.1 - *Percurso acessível*, refere-se às exceções:

"2.1.2 - Nos edifícios e estabelecimentos podem não ter acesso através de um percurso acessível:

- 1) Os espaços em que se desenvolvem funções que podem ser realizadas em outros locais sem prejuízo do bom funcionamento do edifício ou estabelecimento (exemplo: restaurante com dois pisos em que no piso não acessível apenas se situam áreas suplementares para refeições);
- 2) Os espaços para os quais existem alternativas acessíveis adjacentes e com condições idênticas (exemplo: num conjunto de cabines de prova de uma loja apenas uma necessita de ser acessível);
- 3) Os espaços de serviço que são utilizados exclusivamente por pessoal de manutenção e reparação (exemplos: casa das máquinas de ascensores, depósitos de água, espaços para equipamentos de aquecimento ou de bombagem de água, locais de concentração e recolha de lixo, espaços de cargas e descargas);
- 4) Os espaços não utilizáveis (exemplo: desvãos de coberturas);
- 5) Os espaços e compartimentos das habitações, para os quais são definidas condições específicas na secção 3.3." **(REVISÃO DO DECRETO-LEI 163/2006)**

Para a última exceção, verifica-se a redução de exigências dimensionais e mitigação do cumprimento do Regime em determinados compartimentos. As secções 3.2 e 3.3 do capítulo 03, da norma, são dedicadas exclusivamente aos edifícios habitacionais. Contudo, torna-se necessário recorrer às disposições gerais quando não houver prerrogativa ali especificada.

#### **4.4.1. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO**

Uma das especificações exclusivas para o edifício habitacional que possuir até cinco pavimentos e com diferença de cotas entre pisos utilizáveis até 11,50m, é isento de instalar meios mecânicos de comunicação vertical alternativos às escadas, este não é o caso do objeto de estudo, que possui oito pavimentos, inclusive o sótão. Logo, a edificação enquadra-se na condição de ter meios mecânicos entre os pavimentos. Esse é um ponto de incompatibilidades, pois a instalação de elevador, plataformas ou rampas interna e externa, resultaria em grandes alterações na habitação, com sérias consequências estética, estruturais, de compartimentações e legibilidade.

A forma da edificação compacta na testada do logradouro público, com implantação em banda e distribuição dos pavimentos em forma escalonada (ver corte no apêndice C), impossibilita o acréscimo de anexo destinado ao ascensor, sem causar destruições internas centrais, que afetariam unidades habitacionais e áreas comuns. Essa configuração de implantação da construção no lote, partilhada por muitas outras edificações na cidade, evidencia que as características do uso e ocupação do solo, volumetria, implantação, fachadas, poderão ser questionadas para o cumprimento da lei.

A possibilidade de inserir plataformas elevatórias ocasionaria grandes perdas às escadas e estruturas, com novas definições de patamares e espaços para o seu deslocamento. O seu uso é normalmente aplicado para transpor desníveis restritos e de pequenas dimensões. Do mesmo modo, seria a construção de rampas, que torna-se impraticável devido a elevada diferença de cota entre os pavimentos.

#### **4.4.2. ESPAÇOS COMUNS**

Num edifício acessível, é condição fundamental que os diversos compartimentos se relacionem por meio de uma faixa de circulação livre de obstáculos e com dimensões mínimas, que podem variar na transição de ambientes e em zonas de rotação ou manobras. O percurso acessível exige a fluidez do espaço sem obstáculos, pois a existência de uma barreira impossibilita alcançar um possível destino. Assim, os corredores são espaços de grande importância para a acessibilidade, pois é o local destinado ao deslocamento, com a função de

direcionar aos vários ambientes, desta forma, evitar o percurso entre os compartimentos intermédios ou em série, que poderiam possuir obstáculos. No capítulo 03, foi observado que muitas habitações do centro histórico tem compartimentos internos em série e híbridos. Os interiores dos fogos do caso de estudo se enquadram-se nestas categorias.

Para quem chega à entrada da edificação, observa os obstáculos da soleira e da porta de entrada com duas folhas. Todos os vãos internos, salvo exceções, devem ter largura útil de, no mínimo, 0,77m e apresentar planos adjacentes no mesmo nível. A norma impõe um percurso livre e de fácil acesso, com exigências do tipo, instalação, modo de operação e dispositivos das portas. Circunstância, que determina a substituição de todas as portas de duas folhas, em toda a edificação. A intervenção em rebaixar a soleira e substituir a porta de entrada, resultaria em impactos no átrio e na composição da fachada. Foi unanimidade, nos 26 edifícios, a existência de soleira com nível acima da cota da rua, portanto, trata-se de uma característica construtiva local.

Seguindo adiante, pelo interior do caso de estudo, ao percorrer os átrios no rés-do chão surgem dois caminhos com barreiras arquitetônicas: subir a escada arqueada ou passar por espaço adjacente com dimensão de 50cm e inclinação acentuada. A hipótese de modificar essa configuração, ocasionaria a remoção da escada arqueada. Essa contém valor singular pelo formato curvo, emprego de materiais tradicionais e disposição no espaço que a torna um elemento construtivo convidativo, denominado degraus de convite.

Continuando o percurso, através do rés-do-chão, após o átrio 02, surge o corredor que dá acesso a instalação sanitária, ao fogo 01, ao comércio através de portas posteriores, ao almoxarifado 05 e à escada que direciona, em cotas inferiores, aos almoxarifados 01 a 04 e o quintal. Neste percurso observa-se que, o corredor está em cota inferior a todos os compartimentos que dá acesso, equivale dizer, que todos estes ambientes, com cotas diversas, deveriam rebaixar os pisos para nivelá-los ao corredor (figura 4.5). As implicações seriam a remoção de pavimentos de pedras, estruturas de madeira, substituição ou complementação de portas e, numa escala maior, alteração da fachada principal, através dos impactos gerados nos compartimentos comerciais.

Importante destacar que, a diferença de cota entre os pisos é uma das incompatibilidades encontradas entre os compartimentos comuns do rés-do-chão. Acrescentam-se a esta, as dimensões das folhas das portas, objetos salientes, pisos sem uniformidade e com inclinações acentuadas. Ademais, a escada que direciona à cave e ao quintal é inacessível.



Figura 5.5: Diferenças de níveis entre o corredor e compartimentos adjacentes.

O percurso restante até alcançar a área externa no fundo do lote, passa por corredor com altura livre inferior a 2m, pisos sem uniformidade, dimensões insuficientes da porta, ressaltos, dentre outros, que se fossem adequados à norma, acarretariam consequências na fachada posterior ou nos interiores dos fogos. Inclusive, o quintal não apresenta percurso pedonal delimitado, possuindo revestimento vegetal em toda a superfície.

Com observação ao percurso horizontal dos espaços comuns nos pavimentos superiores, percebe-se que, são constituídos por corredor, patamares e patins que dão acesso aos fogos. Neste sentido, exige uma zona de rotação de 180°, que equivale a área de 1,50m x 1,20m, mas os patins dos fogos 02, 04 e 05 não possuem. Assim, os lances da escada mista seriam alterados ou os espaços destinados à entrada dos fogos ocupariam as áreas privativas, com destruição de alvenarias, deslocamento de portas e novos desenhos dos compartimentos internos. Observa-se que, a circulação horizontal dos espaços comuns possui único percurso entre os espaços. Portanto, inevitavelmente, perpassa por escadas que compõem a circulação vertical.

#### 4.4.3. ESCADAS

A circulação vertical é tratada na norma de forma geral para todos os edifícios (secção 2.4) e de maneira específica para a situação em que haja escada no interior dos fogos (artigo 3.3.5). No estudo de caso, somente no fogo 05 contém escada no seu interior. Assim, todas as outras escadas devem satisfazer as regras gerais.

A escada é o único meio de circulação vertical para acesso aos diferentes pavimentos e, neste caso, possui três escadas distintas. No rés-do-chão, no átrio 02, foi construída a escada arqueada, com a profundidade do degrau insuficiente de acordo com a norma, somente neste item, com a adequação do cobertor às regras, resultaria na destruição da escada. Contudo, observa-se outras incompatibilidades, detectadas no bocel, na ausência de um corrimão, no prolongamento do corrimão, dentre outros aspectos que revelam um conjunto de dissonância.

Para acesso ao piso inferior e quintal, a escada em pedra, revela discordância com a norma, pisos sem uniformidade, ausência de corrimão, pé direito do patamar inferior a 2m, piso isolado e outras. A principal consequência é a remoção das pedras dos degraus e patamares, que ao invés de destruí-la, poderia passar por tratamento e complemento.

A escada mista, que direciona aos pisos superiores, revela disparidades semelhantes. A adequação desta às normas, originaria sua demolição. A escada do interior do fogo 05, é a continuação da escada mista, contudo, delimitada pelo espaço privado, que por essa razão, apresenta uma regra específica sobre a largura dos lanços, patamares e patins, com a possibilidade de ter de 1m ao invés de 1,20m. Todavia, essa prerrogativa, não a salva de grandes alterações.

Importante sublinhar que, as escadas tradicionais normalmente apresentam bomba da escada, característica arquitetônica verificada no caso de estudo, que confere aos lances, tamanhos diversos, com redução da largura dos pisos conforme altitudes. Neste sentido, fixar uma largura mínima dos pisos das escadas tradicionais é comprometer a sua qualidade e características, condições que podem ir contra o modo de fazer tradicional.

#### 4.4.4. FOGOS

Para a abordagem da acessibilidade no interior dos fogos, pressupõe-se que o acesso até as suas portas de entradas tenha sido realizado através de um percurso acessível. O estudo dar-se-á pelo conjunto de compartimentos com funções semelhantes, para compreender quais são os requisitos da norma a eles atribuídos.

Como foi observado, todos os espaços anteriores às entradas dos fogos estão conectados aos lances de escadas, os quais devem possuir zona de rotação de 180°. Após a entrada nos

fogos, em hall de entrada, corredor ou sala, deve existir uma zona de rotação de 360°. A passagem entre os ambientes deve considerar o trajeto em nível, a largura útil do vão/folha da porta de 0,77m, dentre outros requisitos. Pode-se afirmar que o percurso acessível, na entrada de todos os fogos, é impossibilitado.

Com observação à dinâmica interna, percebe-se que os fogos 02, 04 e 05, têm a circulação horizontal híbrida e os fogos 01 e 03 têm a circulação em série, sem a existência de corredores. Fato que pode ter efeitos nas dimensões dos vãos das portas, de acordo com o artigo 4.9.7, da secção *Portas*:

"No caso de edifícios sujeitos a obras de alteração, podem não existir zonas de manobra desobstruídas com as dimensões definidas no ponto 4.9.6 se a largura útil de passagem da porta for aumentada para compensar a dificuldade do utente se posicionar perpendicularmente ao vão da porta, de acordo com a seguinte fórmula: a soma da largura do vão da porta com a largura do corredor não deve ser inferior a 2 m." **(PROJETO DE REVISÃO DO D.L. 163/2006)**

Destaca-se que, o artigo trata somente das portas que estão localizadas nos corredores (em determinados casos, é possível enquadrar os halls e átrios), desconsiderando para seus efeitos, trechos dos fogos em que há circulação horizontal em série. Tal questão acarreta, para os pequenos vãos, diante da inexistência de zonas de manobras, a demolição parcial da alvenaria para a sua ampliação. As portas dos compartimentos que não dão acesso aos corredores, requer zonas de manobras, que pode ocasionar na demolição de alvenarias circundantes.

A norma define na secção 3.3 - *Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação*, no artigo 3.3.2, que,

"Os corredores e outros espaços de circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m; podem existir troços dos corredores e de outros espaços de circulação horizontal dos fogos com uma largura não inferior a 0,9 m, se tiverem uma extensão não superior a 1,5 m e se não derem acesso lateral a portas de compartimentos." **(REVISÃO DO DECRETO-LEI 163/2006)**

Pode-se inferir que as circulações horizontais dos fogos, referem-se a todos os espaços exigidos para o percurso acessível. É uma exceção sobre a ótica do artigo 4.3.1., que trata da largura livre de forma geral, em que "os percursos pedonais devem ter em todo o seu desenvolvimento um canal de circulação contínuo e desimpedido de obstruções com uma largura não inferior a 1,20m, medida ao nível do pavimento". Portanto, no interior dos fogos, a circulação horizontal deve ter largura não inferior a 1,10m, dado fundamental para verificarmos os espaços necessários para o deslocamento no interior dos fogos, o qual deve ser somado a outros requisitos como zonas de permanência, zona de manobra, zona de rotação e de mudança de direção, incluso no capítulo 04 - *Percurso Acessível, da norma*.

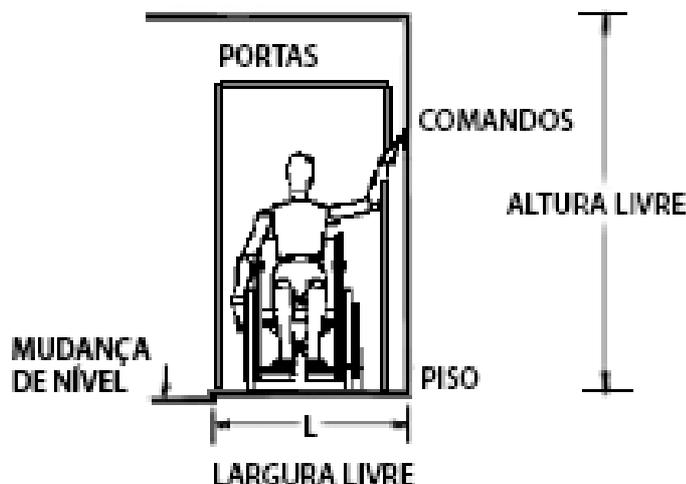


Figura 4.6: Percurso acessível  
Fonte: Decreto-lei 163/2006 (modificado)

O fogo 01 está localizado no rés-do-chão, ao fundo do volume construído, com 60,50m<sup>2</sup>. Possui sala de jantar, cozinha, sala de estar, quarto e compartimento 01. Não há instalação sanitária no interior do fogo. O banheiro existente está situado fora da unidade habitacional e tem acesso através do corredor no térreo. Contudo, a norma de acessibilidade, na secção 3.3 sobre Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação, no artigo 3.3.4 diz que:

"3.3.4 - Em cada fogo deve existir pelo menos uma instalação sanitária que satisfaça as seguintes condições:

1) Deve ser equipada com, pelo menos, um lavatório, uma sanita, um bidé e uma banheira;" **(PROJETO DE REVISÃO DO D.L. 163/2006)**

O banheiro não é acessível, pois além de não existir um bidé, não apresenta zonas de manobras, zona livre de acesso aos aparelhos sanitários, zona de rotação de 360°, altura livre e dimensões da porta adequadas, dentre outras incompatibilidades. Para torná-lo acessível, seria necessário expandir sua área, o que impactaria na estrutura de alvenaria de pedra e na organização espacial. As instalações sanitárias dos fogos 02 e 03, também apresentam áreas que inviabilizam a acessibilidade, não ocorre nas instalações dos fogos 04 e 05, que possuem áreas passíveis de arranjo acessível (figura 4.7). Portanto, existem outros aspectos como ressalto no piso, dimensões e abertura de porta que não satisfazem a norma, suas alterações criariam impactos substanciais.



Figura 6.7: I.S. dos fogos 04 e 05, tendo ao lado arranjo acessível.

A norma exige condições mínimas para as cozinhas, com manutenção de áreas livres e zona de rotação de 360°, após a instalação de bancadas. O artigo 3.3.4 - alínea 3, destaca que "a distância entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes não deve ser inferior a 1,20m". No projeto de revisão do decreto-lei esse artigo é alterado, "Recomenda-se que a distância entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes não seja inferior a 1,5m". Essa mudança admite cozinhas com perímetros irregulares.

No caso de estudo, simulou-se um layout das bancadas e equipamentos no interior das cozinhas para verificar se é possível a acessibilidade e todas possuem área satisfatória. Do mesmo modo, nas outras edificações visitadas e descritas no capítulo anterior, normalmente, as cozinhas têm áreas extensas. Contudo, há outras exigências gerais que não atendidas.

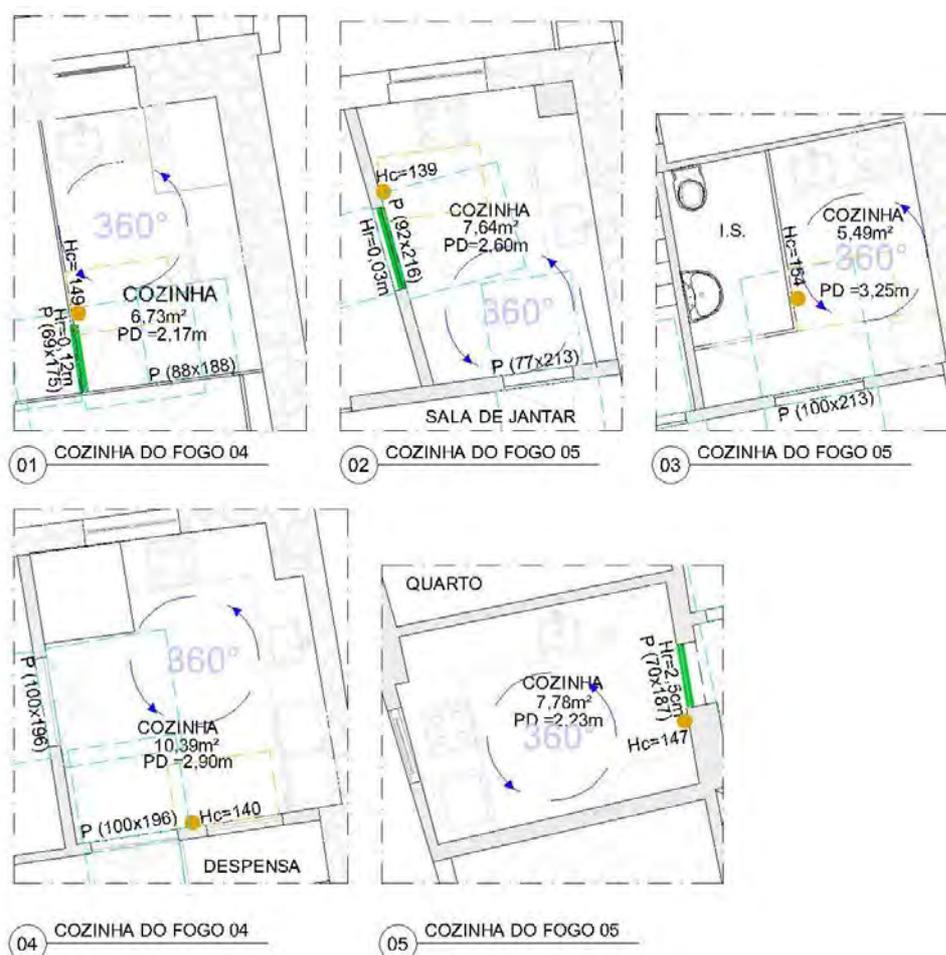


Figura 7.8: Cozinhas dos fogos com layout

Quartos, salas e varandas não são espaços que a norma de acessibilidade destina atenção especial. Estes ambientes devem satisfazer as regras gerais. É necessário que todos adequem pisos, diferença de nível, portas, largura livre, comandos, altura livre para obter condições de acessibilidade. Estes ambientes são citados na secção 3.3 do artigo 3.3.7:

"Os pisos e os revestimentos das habitações devem satisfazer o especificado na secção 4.7 e na secção 4.8; se os fogos se organizarem em mais de um nível, pode não ser cumprida esta condição desde que exista pelo menos um percurso que satisfaça o especificado na secção 4.7 [relativo aos pisos] e na secção 4.8 [relativo aos ressaltos no piso] entre uma porta de entrada/ saída e os seguintes compartimentos:

- 1) Um quarto, ou um compartimento utilizável como quarto, sem aumento da área de construção;
- 2) Uma cozinha conforme especificado no ponto 3.3.3;
- 3) Uma instalação sanitária conforme especificado no ponto 3.3.4." **(PROJETO DE REVISÃO DO D.L. 163/2006)**

Neste sentido, o fogo 05 enquadra-se neste tópico, visto que se organiza em dois pavimentos, mas não atende os requisitos supracitados, pois não existe percurso acessível entre os compartimentos especificados. Cabe refletir que, o escritório, a sala de estar, o corredor 02 e dois quartos não precisam atender as condições relativas ao piso e à mudança de nível. Contudo, nos outros fogos, os compartimentos com mesma função devem satisfazer tais regras. A exigência em reunir os compartimentos, quarto, cozinha e instalação sanitária no mesmo nível, desconsidera a forma de organização espacial.

Em síntese, para que um fogo tenha percurso acessível, com compartimentos de fácil e livre acesso, segurança e autonomia de alcance a comandos e objetos gerais, deve haver um desenho arquitetônico que corresponda a tais necessidades. O trabalho realizado sobre as plantas do projeto de arquitetura do estudo de caso, inserido no apêndice C, mostra a sobreposição de requisitos da norma para o deslocamento acessível (figura 4.4).



Figura 4.9: Projeção de quatro requisitos de acessibilidade no fogo 02

A título de exemplificação, destacada-se a dinâmica no interior do fogo 02 (figura 4.9), para um possível percurso acessível com atendimento aos espaços indispensáveis para o cumprimento de quatro requisitos: o canal de circulação, zona de rotação e mudança de direção, zona de permanência e zona de manobra. Cabe informar que, essa situação desconsidera problemas relacionados a dimensões de portas, existência de ressaltes, dentre outros. Logo, verifica-se as áreas necessárias para satisfazer o percurso acessível numa situação real, com base na planta baixa do fogo 02.

Os dados foram reunidos no gráfico abaixo (figura 4.10). Verifica-se que, os canais de circulação - relacionados aos caminhos livres e contínuos no interior dos fogos - e as zonas de manobras - que referem-se às áreas livres antes e depois das portas - exigem grandes áreas. Estes requisitos favorecem o melhor uso do espaço quando estão sobrepostos numa mesma área, fato não recorrente no caso de estudo, por ser uma edificação preexistente sem aplicação deste conhecimento em fase preliminar de projeto. Tal conhecimento pode ser de grande auxílio em fase de execução do projeto de arquitetura, para edificações novas. Os espaços do fogo 02, que coincidem mais de um requisito, possuem áreas pequenas e, na maioria, devem-se ao fato de terem áreas insuficientes e sem propriedade para abarcar o programa de acessibilidade exigido na norma, como pode ser visto na instalação sanitária social (apêndice C).

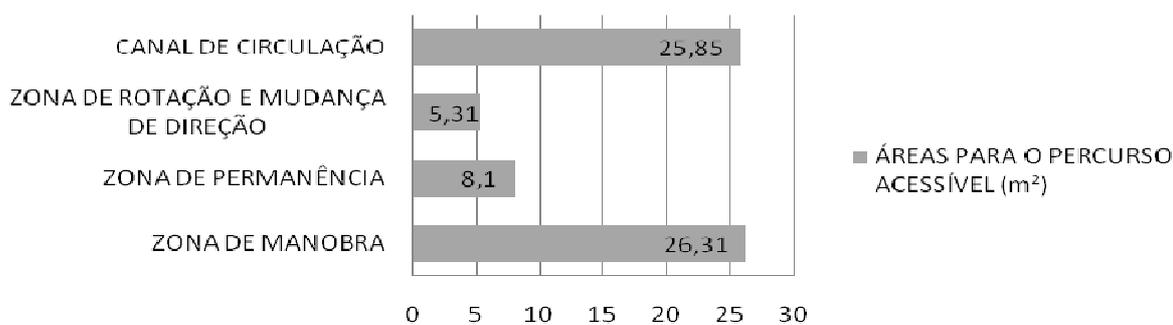


Figura 4.10: Áreas para o percurso acessível no fogo 02

Após observar as áreas necessárias para possibilitar a acessibilidade ao fogo 02, destaca-se na planta as áreas que restam para o desempenho das atividades e inserção de um *layout*, que apresenta um possível arranjo ou disposição física de objetos e móveis, no interior dos compartimentos.



Figura 4.11: Área livre após aplicação da norma

Os dados retirados da simulação da figura acima, foram transportados para o gráfico (figura 4.12), onde verifica-se que dentre os dez compartimentos da edificação somente quatro (quartos, sala de estar e varanda) têm área disponível maior que a área destinada à acessibilidade. É importante observar que a área restante após a aplicação da norma é dispersa, de modo que as atividades e funções ali estabelecidas ficam comprometidas e condicionadas à acessibilidade.

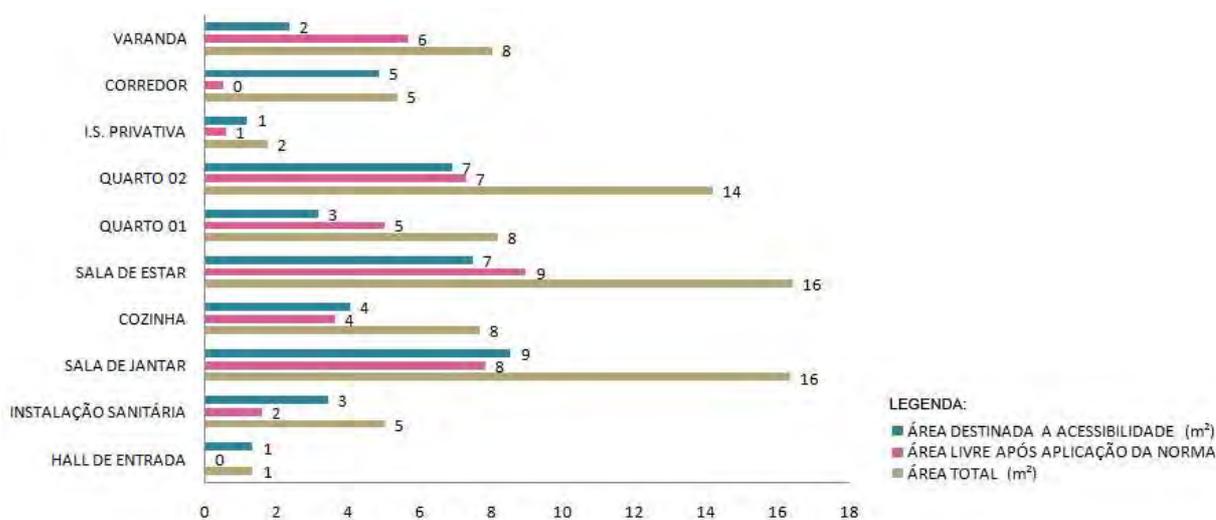


Figura 4.12: Áreas dos requisitos para o deslocamento acessível no interior do fogo 02

Portanto, os demais compartimentos apresentam espaço destinado a acessibilidade maior que a área disponível para acomodação do layout. O hall, a varanda e as instalações sanitárias possuem limites insuficientes para abarcar o programa de acessibilidade, sendo necessário expandi-los. Tais alterações podem interferir nos demais compartimentos e fachada posterior.

#### **4.5. VALORES PATRIMONIAIS IDENTIFICADOS**

Com base nas tabelas da matriz 01 (apêndice A), realizou-se o gráfico 03, com a síntese das consequências da aplicação do regime de acessibilidade ao objeto de estudo RDIR226. A partir desta análise, foram identificados e agrupados em nove grupos, os valores arquitetônicos: Conjunto, Fachadas, Cobertura, Sistema estrutural, Escadas, Compartimentação interior, Vãos e esquadrias, Pisos e Revestimentos e elementos decorativos.

Pode-se afirmar que o regime de acessibilidade tem grandes impactos na edificação corrente, com incompatibilidades em todos os ambientes que integram o percurso acessível, ultrapassando em dobro os requisitos que satisfazem o regime (apêndice A), revelando necessidade de grandes adaptações, que se aplicadas ao caso de estudo, acarretariam consequências irreversíveis para os valores identificados.

Observa-se no gráfico 06 que, as instalações sanitárias e cozinhas são os compartimentos com maiores incompatibilidades, seguido pelos corredores, cozinhas, quarto associado a sacada e suíte. Os halls de entrada, salas, quartos e o corredor do fogo 05 possuem poucas interferências. Com menores impactos, estão os ambientes resguardados por exceções da norma, a despensa, os quartos do fogo 05 e o sótão.

Por considerar que o regime de acessibilidade atinge de maneira alargada os interiores dos fogos, os espaços comuns e as escadas, conclui-se que este contribui para a promoção do fachadismo. Com atenção aos espaços que são ampliados para incorporar áreas para o percurso acessível ou meios mecânicos para o deslocamento, afirma-se que a norma incentiva o acréscimo do volume ou da área construída. Por fim, encaminha a inserção de elementos padronizados nas fachadas, em substituição aos elementos tradicionais.

ATRIBUTOS	SÍNTESE DAS CONSEQUÊNCIAS APLICAÇÃO DIRETA DO REGIME NO CASO DE ESTUDO	VALORES IDENTIFICADOS EM CAUSA
<b>USO E OCUPAÇÃO DO SOLO</b> TABELA 01	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Modificação da volumetria, com possibilidade de alteração da fachada e cobertura;</li> <li>▪ Perda parcial do sistema construtivo e elementos arquitetônicos;</li> <li>▪ Introdução de meios mecânicos para a comunicação vertical;</li> <li>▪ Perda de legibilidade no interior do edifício;</li> <li>▪ Alteração do desenho arquitetônico e impacto em escala de conjunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conjunto</li> <li>▪ Fachadas</li> <li>▪ Cobertura</li> <li>▪ Sistema estrutural</li> <li>▪ Escadas</li> <li>▪ Compartimentação interior</li> <li>▪ Vãos e esquadrias</li> <li>▪ Pisos</li> <li>▪ Revestimentos e elementos decorativos</li> </ul>
<b>ESCADAS</b> TABELAS 02	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Destruição das escadas, extremidades dos corrimãos e porta vinculada;</li> <li>▪ Introdução de novos elementos (sinalização, comandos e corrimãos);</li> <li>▪ Destruição da alvenaria de tabique, vãos e portas;</li> <li>▪ Deslocamento e nivelamento do piso;</li> <li>▪ Introdução de meios mecânicos para a comunicação vertical;</li> <li>▪ Perda de legibilidade e coerência no interior do edifício.</li> </ul>	
<b>ACESSOS COMUNS</b> TABELAS 03A 11, 17 E 26	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Rebaixamento da soleira, elevação e nivelamento do piso;</li> <li>▪ Destruição dos lances de escadas;</li> <li>▪ Substituição das portas com duas folhas, porta externa e sistema de operação;</li> <li>▪ Remoção dos vegetais ou arbusto;</li> <li>▪ Substituição e instalação de comandos e sinalização;</li> </ul>	
<b>FOGOS</b> TABELAS 12 A 16, 18A 25, 27 A 49	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Demolição da soleira de pedra, tratamento dos ressaltes, substituição do piso, rebaixamento para obter pé direito mínimo e nivelamento com pisos adjacentes;</li> <li>▪ Ampliação da laje em balanço (varanda);</li> <li>▪ Substituição das portas com duas folhas, alteração das dimensões, sentido de abertura e dispositivos de operação;</li> <li>▪ Remoção e instalações dos comandos e sinalização;</li> <li>▪ Demolição da alvenaria de pedra e tabique;</li> <li>▪ Execução de novo desenho interno das I.S., demolição das instalações hidráulicas, substituição e instalação de novos aparelhos sanitários e equipamentos, instalação de alarme;</li> <li>▪ Remoção dos degraus e lances das escadas;</li> <li>▪ Ampliação da área útil dos compartimentos e ocupação das áreas adjacentes;</li> <li>▪ Elevação da cobertura para adequar o pé direito e ampliação da área construída.</li> </ul>	

Tabela 4.1: Valores identificados em causa pela aplicação direta do D.L.163/2006 ao caso de estudo

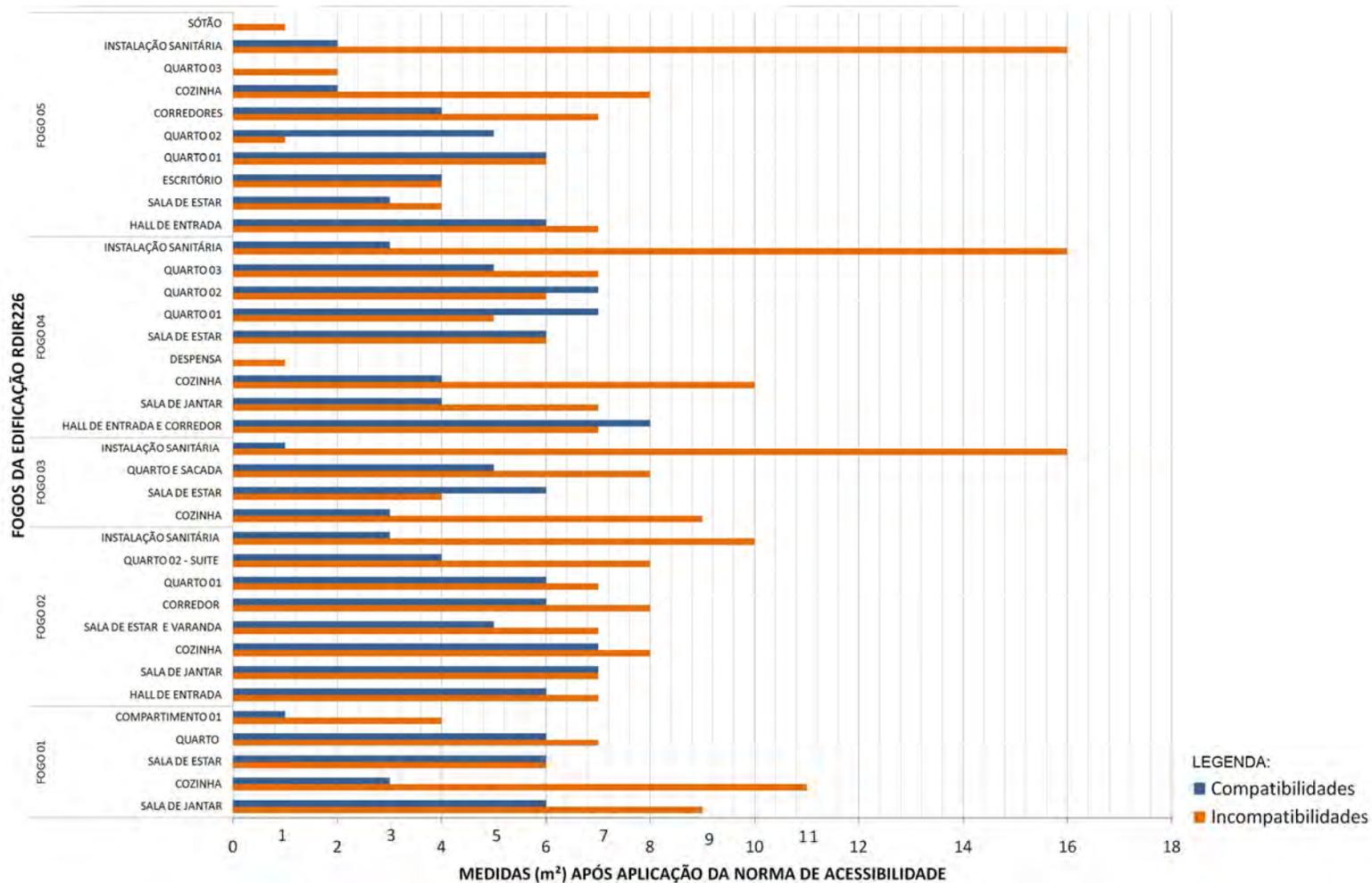


Figura 4.13: Compatibilidades e incompatibilidade nos fogos do caso de estudo

## CAPÍTULO 05.

### CONCLUSÃO

## 5.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aborda a temática da acessibilidade quando aplicada ao edificado corrente, através do decreto-lei 163/2006. Percebe-se a urgência da integração, participação e fruição de todas as pessoas no contexto urbano e democrático; geralmente a acessibilidade é mencionada e estudada como uma prioridade para as intervenções nas edificações e na cidade. Contudo, as dificuldades surgem quando há valores patrimoniais em causa. Sem negar o direito à acessibilidade e ao uso das edificações, questiona-se o fato da edificação corrente, com valores identificados ser tratada legalmente como uma construção nova.

Abordou-se como a cidade de Viseu se desenvolveu para além dos intramuros, criando polos descentralizados e redução da dinâmica do centro histórico. Atualmente, a cidade tem grandes desafios e a reabilitação de edifícios é necessária para impulsionar áreas de importância histórica, arquitetônica e cultural. Ação de intervenção no edificado que tem crescido nas últimas décadas, contudo, tem tomado aspectos contrários ao seu próprio interesse. Para compreender essa conjuntura, foi fundamental traçar percursos da evolução da cidade e do conceito de patrimônio.

As teorias e práticas de reabilitação contribuíram para o conhecimento dos valores patrimoniais, dos critérios de intervenção e da proteção dos bens, principalmente após a revolução industrial. A definição de patrimônio ultrapassou a exclusividade do caráter monumental para incorporar valores do edificado corrente das cidades. Mudança que se fundamenta na coerência urbana, incorporação do meio natural, equilíbrio econômico e qualidade de vida. Neste sentido, iniciaram as experiências da reabilitação integrada, com essenciais ações de salvaguarda. Todavia, em curto período, houve a apropriação do patrimônio como estratégia política e de exploração dos seus recursos para fins empresariais e lucrativos, com ações que negam a contexto histórico e arquitetônico, limitando-se a produção visual e aparentemente atraente.

Somado a essa problemática, verificou-se que as regulamentações portuguesa para edificações urbanas são excessiva, complexas e densas. Conjuntura mitigada por leis provisórias e simplificadas, como o RERU, que, na realidade, mantém em aberto os problemas detectados do desajuste e falta de compatibilização legal. Percebe-se que as especificidade da reabilitação urbana não foram atendidas, resultando na destruição de valores presentes no edificado com anuência dos órgãos públicos.

O decreto-lei 163/2006, trata do regime da acessibilidade em edifícios. Segundo ele, os 26 edifícios inspeccionados deveriam seguir as normativas, inclusive na totalidade dos fogos que compõem as edificações multifamiliares. Diante dessa prerrogativa, foi aplicado, de maneira cega e sem restrições, ao caso de estudo. Construiu-se uma matriz que relaciona a norma de acessibilidade ao espaço construído. Em paralelo, as tabelas e desenhos técnicos expõem os requisitos impostos pelo regime e evidenciam às consequências da aplicação da lei. Através

dos impactos gerados, observou-se as perdas arquitetônicas, com identificação de 09 valores arquitetônicos em causa: Conjunto, Fachadas, Cobertura, Sistema estrutural, Escadas, Compartimentação interior, Vãos e esquadrias, Pisos e Revestimentos e elementos decorativos.

Desta reunião de fatores verificou-se que, o regime de acessibilidade tem dificuldades de aplicação às edificações correntes com valores patrimoniais. A norma exige espaços amplos e adequados ao percurso acessível, características que não se reconhecem no edificado existente, com traços de implantação quinhentista, compartimentação interna heterogênea, sistemas construtivos e elementos arquitetônicos tradicionais. Arquitetura que mostra particularidades, com a sobreposição de camadas históricas, palimpsesto que deve ser protegido sob o estatuto de "patrimônio da arquitetura corrente" ou "patrimônio corrente".

Na simulação do caso de estudo, as prerrogativas do regime resultaram na readaptação e reconstrução da edificação, ou seja, na destruição dos valores identificados e construídos por gerações. Aplicá-la às 25 edificações cujos traços e valores arquitetônicos são semelhantes, equivale à transformação em escala significativa e de conjunto. Verdade que, a edificação corrente está própria às modificações constantes no tempo, no entanto, estas devem ser proporcionadas com base em imposições coerentes e destinadas às suas particularidades.

Nota-se que, é essencial o reconhecimento dos órgãos públicos para a incorporação do patrimônio corrente como categoria a ser salvaguardada, para que uma "nova gramática" particularizada e corente seja utilizada na formação de leis de proteção e cartas patrimoniais direcionadas ao patrimônio português. O arquiteto é o profissional que detém as atribuições e os conhecimentos específicos da edificação e urbanismo, com compreensão dos valores estético e histórico intrínseco à paisagem urbana e ao patrimônio. Este não pode deixar de contribuir para o processo interdisciplinar, que envolve a concepção dos enquadramentos legais relacionados às suas atividades, sua capacidade de síntese, sobre questões múltiplas e complementares à suas áreas de atuação, torna-o indispensável.

Sobre o futuro da investigação, percebe-se que Portugal apresenta grande potencial arquitetônico a ser salvaguardado, por isso, requer a organização de profissionais para a criação de estratégias de proteção e metodologias de intervenção. Neste contexto, o tema de acessibilidade exige considerada atenção, em busca da conciliação com o patrimônio. A acessibilidade pensada em conjunto com o patrimônio corrente pode emergir novas concepções tecnológicas e adaptativas, com menores intrusões no edificado e melhor eficiência. Poderia ainda ser estudada a "acessibilidade gradual", em observação aos espaços que mais necessitam de intervenção aliado às necessidades dos utentes. Deste modo, seria um caminho para encontrar equilíbrio entre ambos.

Ressalta-se ainda que, a arquitetura corrente constitui o pano de fundo das cidades, ameaçadas por desajustes regulamentares e políticas públicas impróprias. Tema que requer observação e análise por parte dos profissionais, num trabalho multidisciplinar, com o

objetivo de alcançar a proteção do patrimônio urbano. Portanto, identificar e sistematizar os desajustes legais é essencial para contribuir de forma coerente e adequada às situações reais.

Por fim, o trabalho no *Projeto Viseu Patrimônio* foi uma oportunidade para estar em contato com as problemáticas da cidade, perceber a dinâmica e riqueza do centro histórico que, contudo, apresenta tantos desafios relacionados a reabilitação e proteção do edificado. Entendeu-se como é fundamental e complexo a relação entre os polos urbanos, o novo (moderno e tecnológico) com o antigo (tradicional, cultural e insubstituível). As visitas ao interior das edificações revelaram, de imediato, o confronto entre a promoção da acessibilidade e o resguardo de elementos arquitetônicos - o sistema tradicional de alvenaria de tabiques, os elementos de cantaria, as escadas de madeira com degraus cuja descrição poderia se prolongar! O tema da acessibilidade, que a princípio aparentava prioritário, confrontou-se com barreiras que não podem ser eliminadas, devido a dimensão cultural intrínseca. Portanto, as energias e os esforços depositados, durante séculos, nos fragmentos das edificações devem permanecer e as atitudes contemporâneas podem agregar mais-valia.

## I. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

1. BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Trad. Beatriz Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
2. RIEGL, Alois. *O Culto Moderno dos Monumentos*. Tradução João Tiago e Edições 70. Lisboa: Edições 70, 2016.
3. CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Lisboa, Edições 70, Lda., 2010.
4. FALORCA, J. e Gonçalves, S. *Projectar e construir com acessibilidade*, Ediliber, Lda, Coimbra, 2008.
5. ROSSA, Walter. *Patrimônio urbanístico:(re)fazer a cidade parcela a parcela*. Fomos condenados à cidade: uma década de estudos sobre patrimônio urbanístico. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.
6. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
7. LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

### LEGISLAÇÕES E CARTAS PATRIMONIAIS

8. DECRETO-LEI N°32/2012, de 13 de fevereiro. Diário da República n.º 31/2012, Série I de 2012. Ministério das Finanças.
9. DECRETO-LEI N°53/2014, de 8 de abril. Diário da República n.º 69/2014, Série I de 2014. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia.
10. DECRETO-LEI N.º 163/2006, de 8 de agosto. Diário da República, 1.ª Série - N.º 152. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
11. CARTA DE ATENAS, de outubro de 1931. Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>
12. CARTA DE LISBOA SOBRE A REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA, 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de outubro de 1995.
13. CARTA DE VENEZA: *Carta Internacional Sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios*. ICOMOS. Veneza: II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, 25 a 31 de Maio de 1964.
14. PRINCÍPIOS DE LA VALETTA PARA SALVAGUARDA E GESTÃO DAS CIDADES E CONJUNTOS HISTÓRICOS. ICOMOS. Paris: 28 de Novembro de 2011.

## TESES, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS

15. AGUIAR, José. *Reabilitação ou fraude?* In revista Património, Lisboa, n. 2, 2014, p. 63
16. ALMEIDA, Vanessa. *Valores Urbanos e Património na definição de Princípios de Intervenção: o Centro Histórico de Viseu*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.
17. CASTILHO, Liliana. *A cidade de Viseu nos Séculos XVII e XVIII. Arquitectura e Urbanismo*. Tese de Doutoramento em História de Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2012.
18. CASTILHO, Liliana. *Espaços e Materiais na arquitectura doméstica da Rua Direita de Viseu no século XVI*. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas Do Patrimóni, I Série vol. V-VI, pp. 115-128. Porto 2006-2007*.
19. CUNHA, Cláudia dos Reis. *Restauração: diálogo entre teorias e práticas no Brasil nas experiências do IPHAN*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.
20. FERREIRA, Paula. *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa., 2010.
21. VALENTIM LOPES, Nuno. *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea. Sobre práticas de reabilitação no edificado corrente*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2016.

## SITES CONSULTADOS

22. ARAÚJO, Denise Puertas de Araújo. *O pensamento de Camillo Boito* Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.043/3154> Acesso em: 24 de jan.de 2018.
23. CABRAL, Renata Campello. *A dimensão urbana do patrimônio na Carta de Atenas de 1931* Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5531>. Acesso: Jan de 2018
24. CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU Disponível em: <http://cm-viseu.pt/guiareabcentrohistorico/capa/index.php>. Acesso: 18 de jan. de 2018
25. CUNHA, Claudia dos Reis e. *Alois Riegl e "O culto moderno dos monumentos"* . Revista CPC, São Paulo, n. 2, p. 6-16, oct. 2006. ISSN 1980-4466. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15586>. Acesso em: 16 nov. 2017.
26. FUNDAZIONE DEL MONTE. Disponível em: <http://fondazionedelmonte.it/oratorio-san-filippo-neri/storia/> Acesso: Dez de 2017
27. GIACOMINI, Fernanda; PÓVOAS, Rui (2011). *Os edifícios antigos de arquitetura corrente em centros históricos no contexto do patrimônio cultural: especificidades e condicionantes para projetos de intervenção arquitetônica*. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São

- Paulo, v. 18, n. 29, p. 174-195, june 2011. ISSN 2317-2762. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43732/47354>. Acesso em: julho 2017.
28. GUIA DE ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE PARA TODOS. Apontamentos para uma melhor interpretação do D.L. nº163/2006 de 8 de agosto. Disponível em : <http://www.inr.pt/uploads/docs/acessibilidade/GuiaAcessEmobi.pdf>. Acesso em: Nov. 2017
29. ICOMOS. Disponível em: <https://www.icomos.org/fr/notre-action/participation-aux-conventions-internationales/normes>. Acesso: Jan de 2018
30. INSTITUTO DE CIDADES E VILAS COM MOBILIDADE (ICVM). Disponível em:<http://icvm.pt/>  
Acesso: Mar. de 2017
31. KUHL, Beatriz Mugayar. *Notas sobre a Carta de Veneza*. An. mus. paul., São Paulo, v. 18, n. 2, p. 287-320, dez. 2010. Disponível em :[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142010000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142010000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 nov. 2017
32. PRIBERAM, Dicionário de língua portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/testada>  
Acesso: Jan de 2018
33. PROJETO DE REVISÃO DO DECRETO-LEI 163/2006 - INSTITUTO NACIONAL PARA A REABILITAÇÃO (INR): Disponível em: <http://www.inr.pt/content/1/2770/projeto-de-revisao-do-decretolei>  
Acesso: Set. de 2017
34. SAMPAIO, Andréa da Rosa. *Reabilitação urbana e património arquitetónico em Portugal Contribuições das experiências do Porto e Guimarães*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6174> Acesso em: julho de 2017
35. SANTOS, Ana Carolina Melaré dos. Viollet-le-Duc e o conceito moderno de restauração Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.044/3153>. Acesso em: 20 de jan. de 2018.

## **II. ANEXOS**

**ANEXO A**

**PARECER DO CONSELHO**

**PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DO DECRETO-LE163/2006**



AV. MARCOO E SOUSA, 52  
3004-511 COIMBRA  
TEL: 239 404 434  
FAX: 239 701 760 / 862  
E-MAIL: ANMP@ANMP.PT  
PESSOA COLECTIVA DE  
UTILIDADE PÚBLICA  
O. R. Nº SÉRIE Nº 276 DE 30.11.85  
NIF 501 627 413

Exmo Senhor  
Presidente do Instituto Nacional para a Reabilitação,  
I.P.  
Avenida Conde de Valbom, n.º63  
1069-178 LISBOA

VIA FAX/VIA MAIL

V/REF.º3050/UIFD/GID/GAT2012 N/OF N.º 934 /2012 -GJ

DATA: 31/07/2012

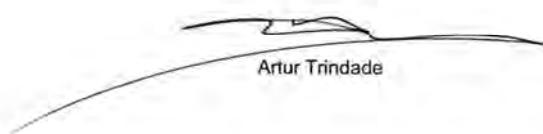
**ASSUNTO: PARECER DO CONSELHO DIRECTIVO DA ANMP. PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DO DECRETO-LEI  
N.º 163/2006, DE 8 DE AGOSTO. APRECIÇÃO DO INR, I.P.**

Na sequência da V. comunicação acima referenciada, somos a informar V.ª Ex.ª que a ANMP -- sem prejuízo da posição já transmitida a V.º Ex.ª através do n/ofício com a ref.ºnº4447/2012/GJ e em face das propostas de alteração remetidas através do V. ofício acima identificado -- reforça, mais uma vez, a sua preocupação relativamente à manutenção na proposta da imposição de elaboração, pelas entidades públicas (e apresentação ao IHRU) e no prazo de um ano, de um plano de adaptações das instalações e espaços da Administração Pública, (acompanhado do respectivo cronograma), sob pena deste incumprimento gerar implicações a definir em sede de Orçamento do Estado. Mantemos, assim, o nosso entendimento, já transmitido anteriormente, de que esta é uma imposição desproporcional na sanção e irrealista no prazo aí determinado.

Importará, ainda, relativamente aos esclarecimentos remetidos, referir que, pese embora muitos pontos onde subsistiam dúvidas tenham sido, efectivamente, clarificados pelo V.ofício, nos parece, de todo, mais adequado, que o conteúdo das V. interpretações/clarificações seja, tanto quanto possível, vertido no próprio texto da proposta de articulado.

Com os meus melhores cumprimentos,

O Secretário-Geral



Artur Trindade

GJ/TC

**ANEXO B**

**FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO**

**PROJETO VISEU PATRIMÓNIO**

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

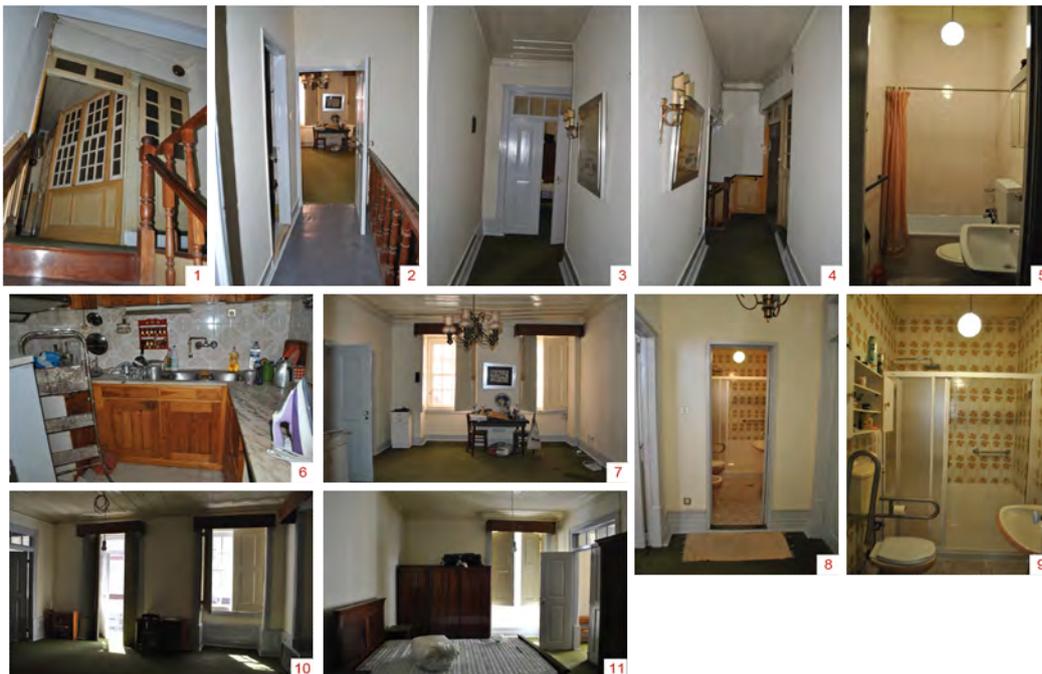
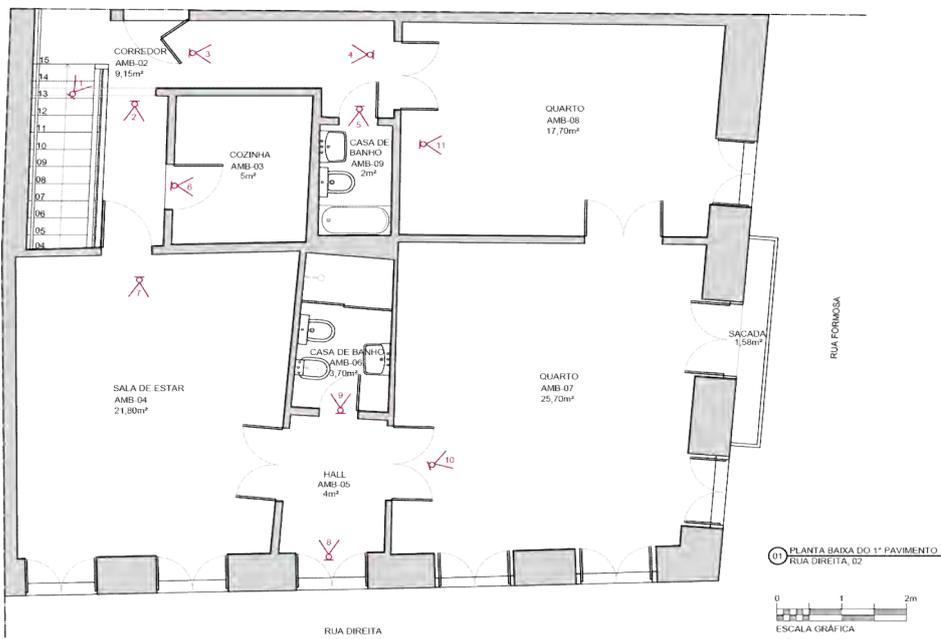
8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

8.1.1. HALL DE ENTRADA



8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	X	2 LANCE		EM "L"		EM "U"	
---------	---	---------	--	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM		NÃO	X
	LARGURA			
	PROF			

TRAMOS	1 TRAMO	X	2 TRAMOS	
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/C		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
-----------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	28,5 cm
ESPELHO	ALT	20,5 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	87 cm	ESPESSURA	8 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	AMBOS OS SENTIDOS
------------	-------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

NÃO FOI POSSÍVEL MEDIR, POIS ESTÃO REVESTIDOS DE ALCATIFA.

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA		NÃO FOI POSSÍVEL MEDIR.
--------	--	-------------------------

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	LADRILHOS	ESPAÇO	HALL DE	DIM	
	CERÂMICOS		ENTRADA		

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	

### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	64 cm	PISO 1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

#### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12,5 cm	PISO 1

#### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	3,10 m					

PISO TIPO

AMBIENTE	1, 2, 7, 8 e 9	3, 4, 5 e 6				
PÉ-DIREITO	3,00 m	2,95 m				

#### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	28 cm	2 cm	1 cm	X		
LAMBRIM	52 cm	2 cm	1 cm	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	12 cm
----------	-------



### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	1,5 cm	MOLDURAS	11,5 cm
------	--------	----------	---------



### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA		1 e 8	2 e 4	4 e 5/5 e 7	
BANDEIRA / ALTURA		X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X		
		2 FOLHA   ESP	X	X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP		X	X	X
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2

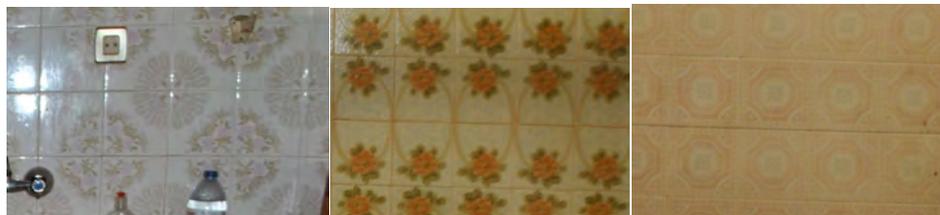


TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
REBOCO E ESTUQUE	1	1, 2, 4, 5, 7, 8	-
GESSO CARTONADO			
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA			
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	3, 6, 9	15 x 15 cm



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		1	3, 6, 9	10 x 20 cm	
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1	8
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1	RESTANTES
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORE DO TELHADO

ASNAS	X	MADRES		FILEIRA		TABIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS	18 x 10 cm	ESCORAS	10 x 15 cm	NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	10 x 15 cm	FILEIRA		VARAS	8 x 6 cm	RIPAS	3,5 x 2 cm
--------	------------	---------	--	-------	----------	-------	------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

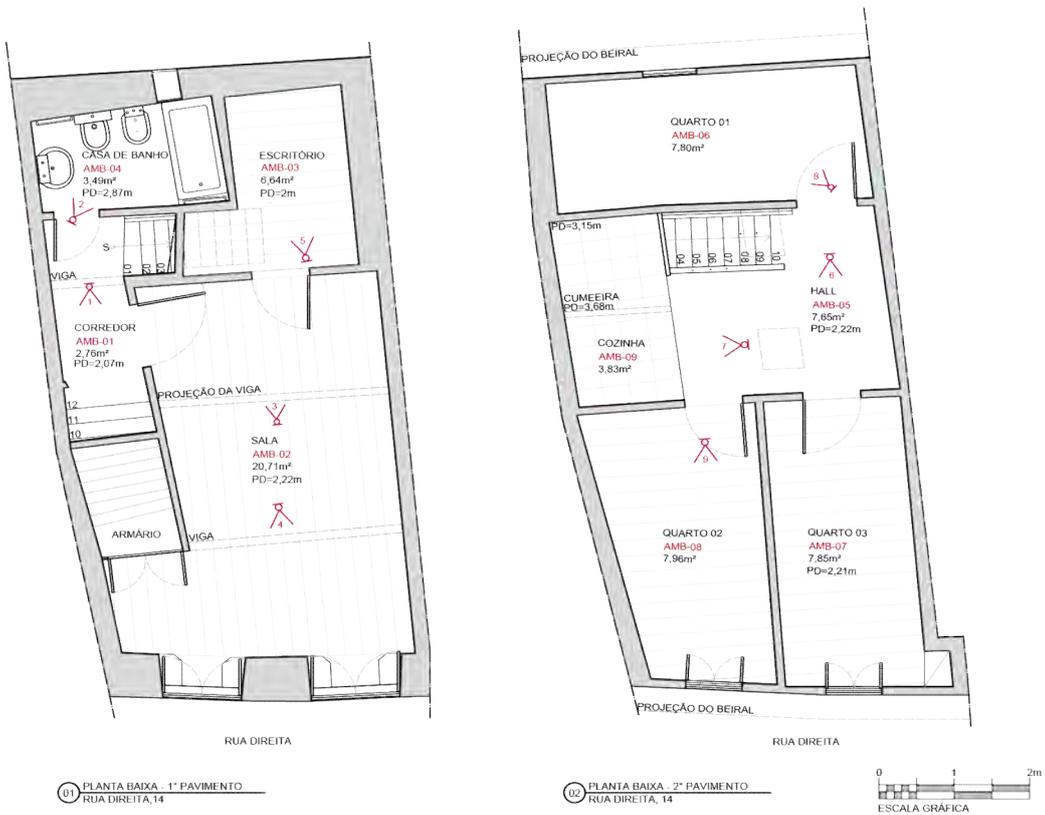
8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

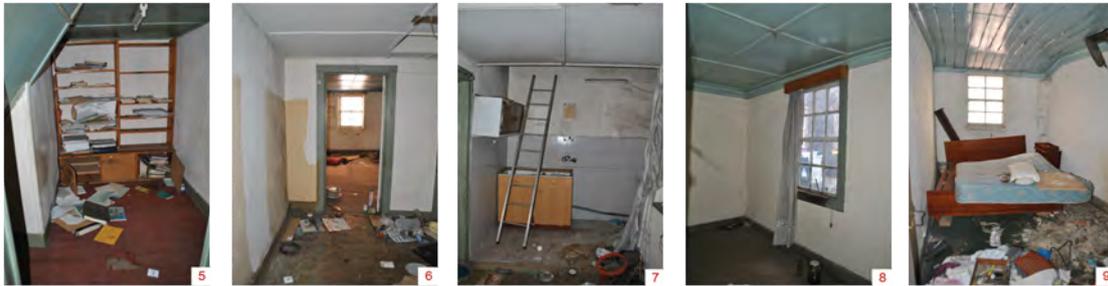
8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

8.1.1. HALL DE ENTRADA



8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	X	2 LANCE		EM "L"		EM "U"	
---------	---	---------	--	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	X
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	24 cm
ESPELHO	ALT	23 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	80 cm	ESPESSURA	7,5 cm
--------	-------	-----------	--------

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR (PISO 1) / PARALELO (PISO 2)
------------	--

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	23 cm	VARIADO

**9.1.1.1 ESTRUTURA**

ORIENTAÇÃO	PARALELA À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTÉS	6 x 10 cm
------------	--------------------	-----------------------	-----------

**9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)**

ALTURA	35 cm
--------	-------

**9.1.2. OUTRO PAVIMENTO**

## RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

## PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

## PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	

**9.2. PAREDES****9.2.1 EXTERIORES**

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	63 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12 cm	2

**9.2.2 INTERIORES**

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	9 cm	1 e 2

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1	2, 5, 6, 7, 8	3	4	9	
PÉ-DIREITO	2,75 m	2,20 m	2,00 m	2,87 m	3,80 m	

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	14/20 cm	2 cm	1 cm	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	11 cm
----------	-------

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	11 cm
------	--	----------	-------

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1	2	3	
ESPAÇO QUE ARTICULA		AMB 01-02	AMB 05-06	AMB 05-07	
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS	X			
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALHEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1 e 2	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	2	AMB-09

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	ESPAÇO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS				
LADRILHOS CERÂMICOS		2	AMB-09	
FLUTUANTE				
SOALHO	DE JUNTA	1 e 2	02, 03, 07, 08	
	DE CHANFRO			
	DE MEIO FIO			
	RECONTRADO			
	MACHO/FEMEA			

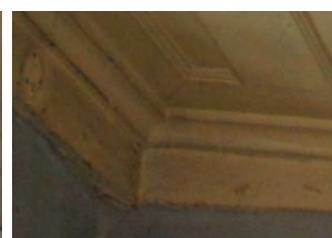
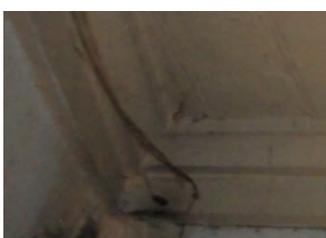
#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	20 cm	1 e 2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	15 x 2 cm	1	AMB-02
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



#### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TABIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	11 x 15 cm	FILEIRA	11 x 15 cm	VARAS	6,5 x 8 cm	RIPAS	4 x 2 cm
--------	------------	---------	------------	-------	------------	-------	----------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

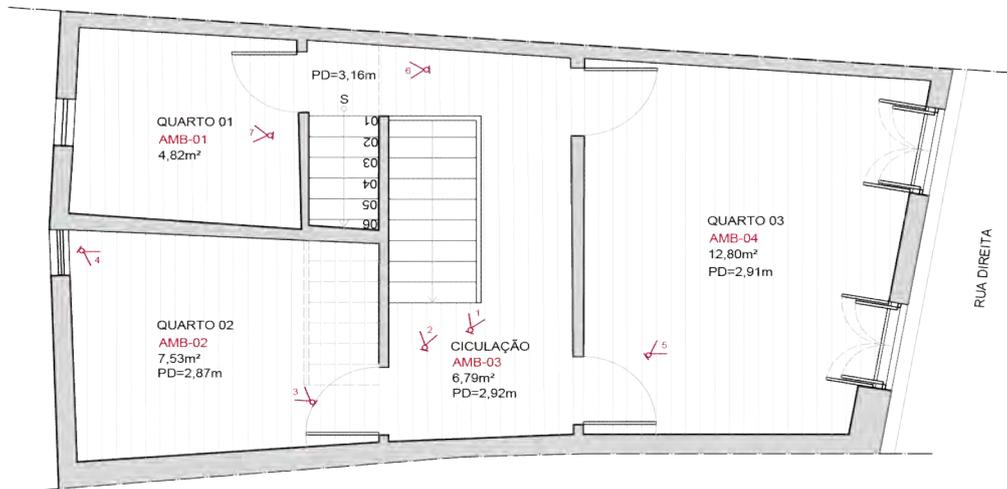
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



01 PLANTA BAIXA - 2º PAVIMENTO  
RUA DIREITA, 16

0 1 2m  
ESCALA GRÁFICA



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	X	2 LANCE		EM "L"		EM "U"	
---------	---	---------	--	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	X
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP		PROF	
ESPELHO	ALT			

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO		NÃO FOI POSSÍVEL OBSERVAR.
------------	--	----------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

## 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

### RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

### PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

### PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	-	1 e 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	3

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	TODOS

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	2	3	4			
PÉ-DIREITO	2,87 m	2,92 m	2,91 m			

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		2	2	3	
ESPAÇO QUE ARTICULA		2 -- 3	1 -- 3	HALL/QUARTO	
BANDEIRA / ALTURA		X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				X
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALHEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	2 E 3	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

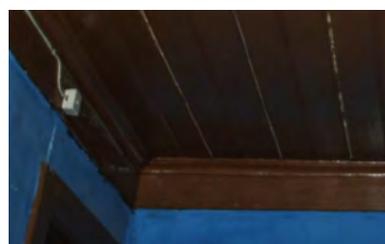
#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	2 e 3	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



#### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TÁBIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

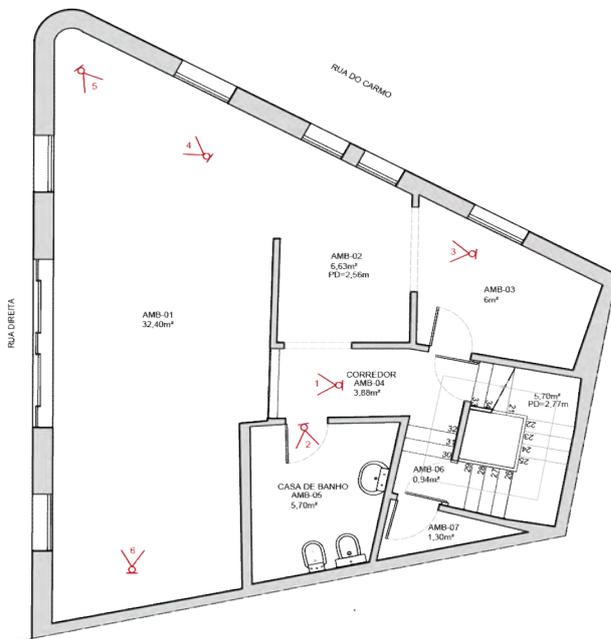
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



01 PLANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO  
RUA DREITA, 26  
0 1 2m  
ESCALA GRÁFICA



#### 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

##### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	87 cm
	PROF	112 cm

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	X

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/C	-	LARG. RESTANTES PISOS	90 cm	NÃO HÁ BOMBA	
-----------	---	-----------------------	-------	--------------	--

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	28/30 cm	PROF	28 cm
ESPELHO	ALT	23 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	88 cm	ESPESSURA	5,5 cm
--------	-------	-----------	--------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.2. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

NÃO FOI POSSÍVEL MEDIR, POIS ESTÃO REVESTIDOS DE ALCATIFA.

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELA A FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	29 cm
--------	-------

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



9.2. PAREDES

9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	33 cm	PISOS 1 E 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	PISO 3



9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	11 cm	PISOS 1, 2, 3

9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	TODOS					
PÉ-DIREITO	2,56 m					

#### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	17 cm	2 cm	1 cm	X		
LAMBRIM						



#### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	6,5 cm
----------	--------



#### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	2 cm	MOLDURAS	9,5 cm
------	------	----------	--------

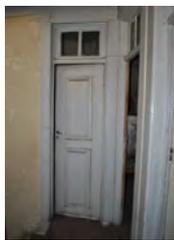


#### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		2	3	3	
ESPAÇO QUE ARTICULA		4 e 3 / 4 e 5	HALL/QUARTO	HALL/QUARTO	
BANDEIRA / ALTURA			X	X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP		X	X	X
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALHEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1	1, 2, 3, 4
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	5

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	ESPAÇO	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1 e 3	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO	-	2	TODOS
PVC			



#### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TABIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

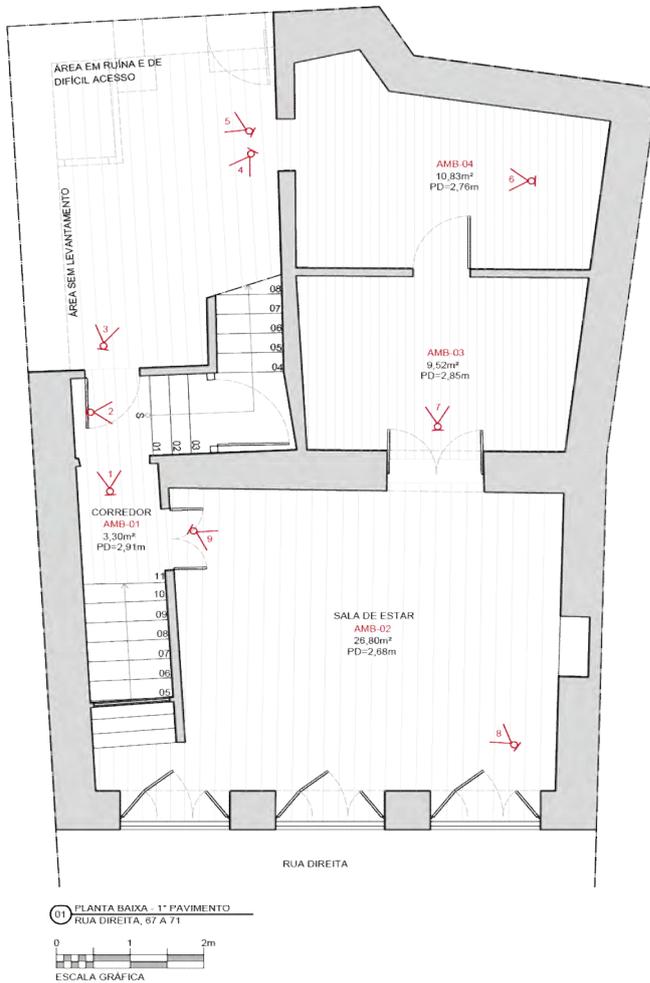
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	X	2 LANCE		EM "L"	X	EM "U"	
---------	---	---------	--	--------	---	--------	--

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	X

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	28.5 cm
ESPELHO	ALT	20 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELA À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--------------------	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

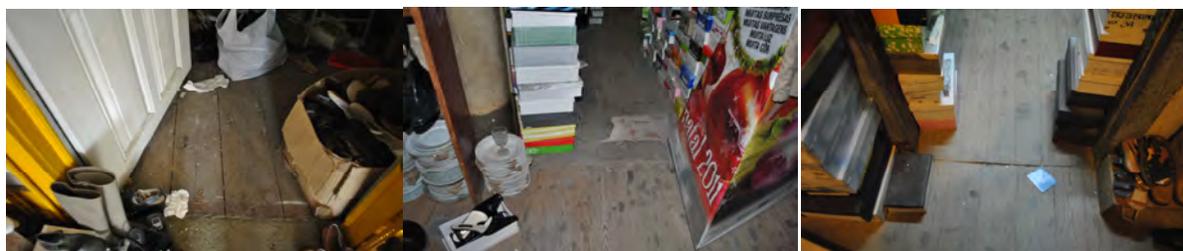
TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	40 cm	1, 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS	12 cm	1, 2, 3
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	12 cm	1, 2, 3
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1	2	3	4		
PÉ-DIREITO	2,90 m	2,70 m	2,85 m	2,75 m		

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	
PISOS		3	1, 2	2	2	
ESPAÇO QUE ARTICULA		QUARTOS	QUARTOS	QUARTOS	QUARTOS	
BANDEIRA / ALTURA					X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X	X
		2 FOLHA   ESP				
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
	BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA	X	X	X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS					
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.					
	COM TRAVESSAS					
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



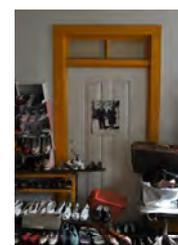
TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2, 3	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA	3	QUARTO
ELEMENTOS CERÂMICOS		



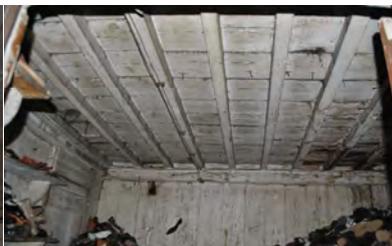
### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS		3	COZINHA	-		
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					



### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1, 2	
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	3	
COM MADEIRAMENETO À VISTA	-	3	
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TÁBIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

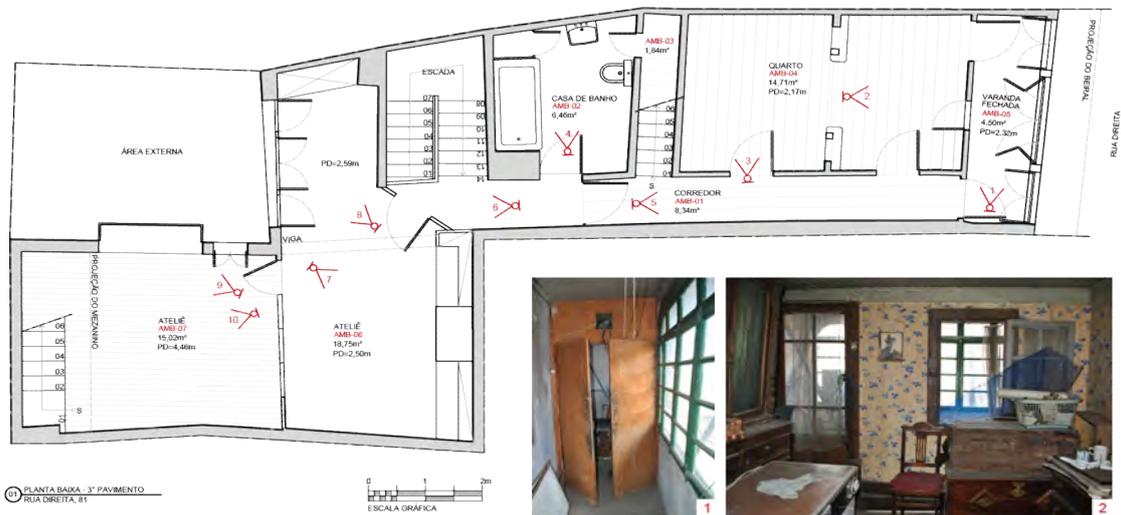
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X	
	LARGURA	180 cm	
	PROF	108 cm	

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO		
	3 TRAMOS		

2 TRAMOS	X
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	25,5 cm
ESPELHO	ALT	20 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	80 cm	ESPESSURA	6 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO	2	3			NÃO SE APLICA	
DIM	80 cm	90 cm				

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	19 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	35 cm
--------	-------

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

#### RÉS-DO-CHÃO

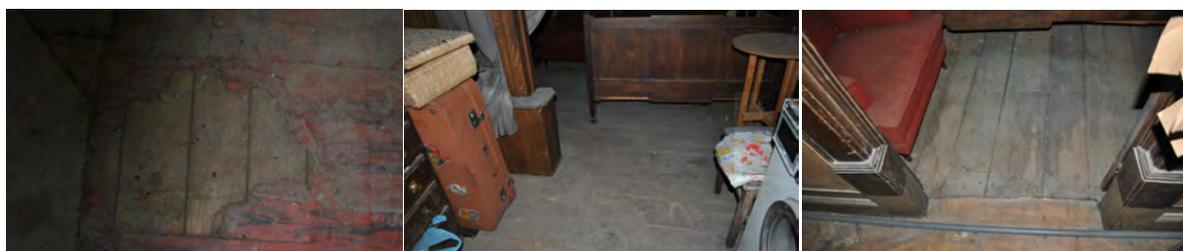
TIPO		ESPAÇO		DIM	

#### PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

#### PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	20 cm	1, 2, 3
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	15 cm	4

#### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	10,5 cm	TODOS

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1, 2, 3, 4	5	6	7		
PÉ-DIREITO	2,15 m	2,30 m	2,50 m	4,45 cm		

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	17 cm	-	1,5 cm	X		
LAMBRIM	90 cm	7,5 cm	1,5 cm	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	10 cm
------	--	----------	-------

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	
PISOS		2	2	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA		CORREDOR	42887	QUARTO	SALA	
BANDEIRA / ALTURA					X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X	X
		2 FOLHA   ESP				
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
	BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA			X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS	X	X		X	
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.	X	X		X	
	COM TRAVESSAS					
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

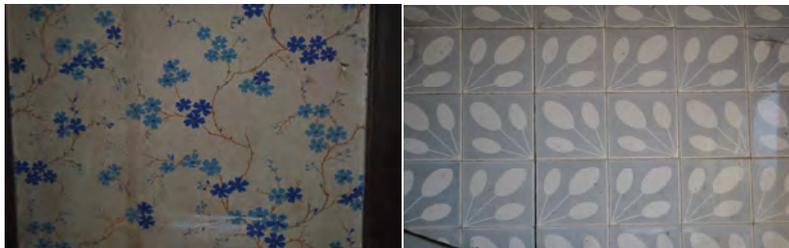


TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	2, 3, 4	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	4	COZINHA
PAPEL DE PAREDE	3	AMB-04



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

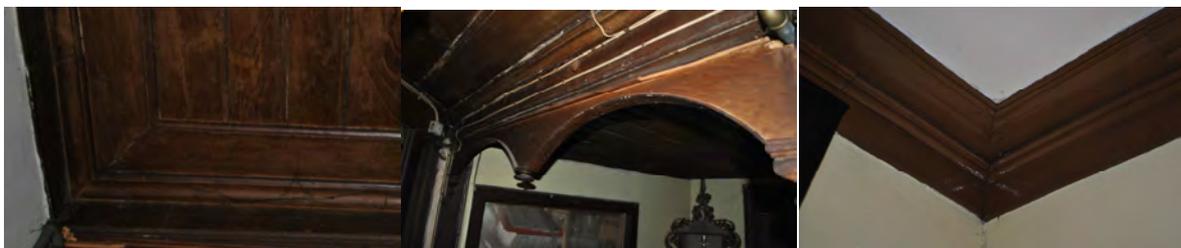
TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	13/15 cm	3, 4	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA	-	3	AMB-06
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			





#### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10. TELHADO

#### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TÁBIQUES	<input type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA		<input type="checkbox"/>					

#### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

##### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

##### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------

NÃO FOI POSSÍVEL O ACESSO AO DESVÃO.

### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input checked="" type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	-------------------------------------

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	6	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

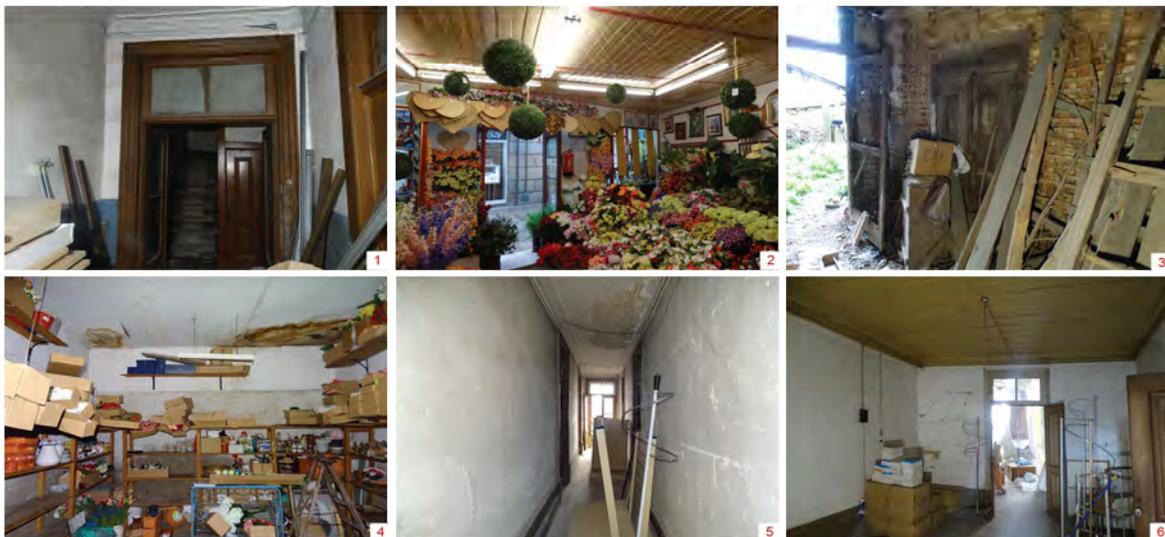
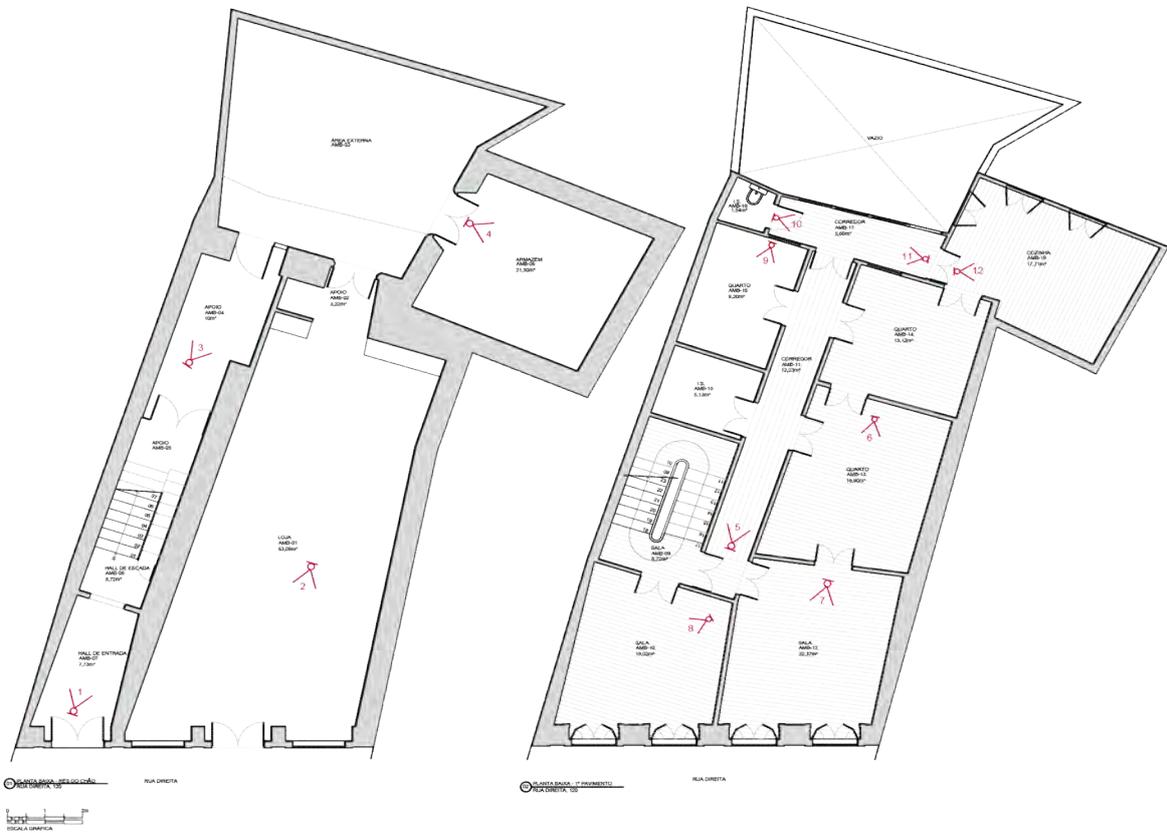
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	2,51 m
	PROF	1,08 m

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	X
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	-	LARG. RESTANTES PISOS	25,5 cm	NÃO HÁ BOMBA
--------------	---	-----------------------	---------	--------------

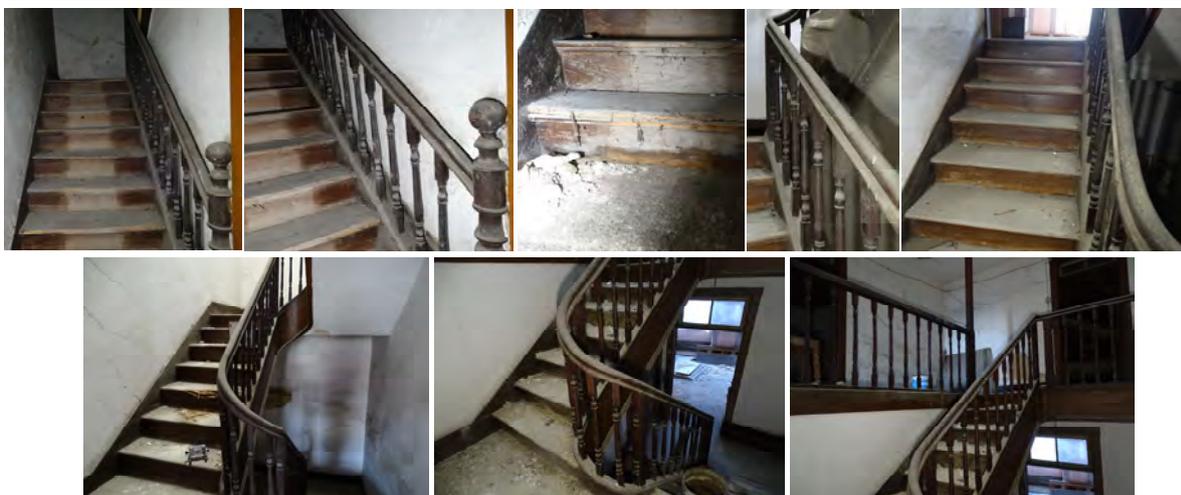
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	-	PROF	29 cm
ESPELHO	ALT	-		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	
------------	--

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTOS	
------------	--------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	59,7 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	12,7 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2		
PISOS		1, 2, 3	1		
ESPAÇO QUE ARTICULA					
BANDEIRA / ALTURA		X	X		
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP			
		2 FOLHA   ESP	X	X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2

## 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE		
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	COZINHA



### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1	-
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1, 2, 3	-
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO	X	OUTRO	
---------	---	-------	---	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	X	MADRES	X	FILEIRA		TÁBIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

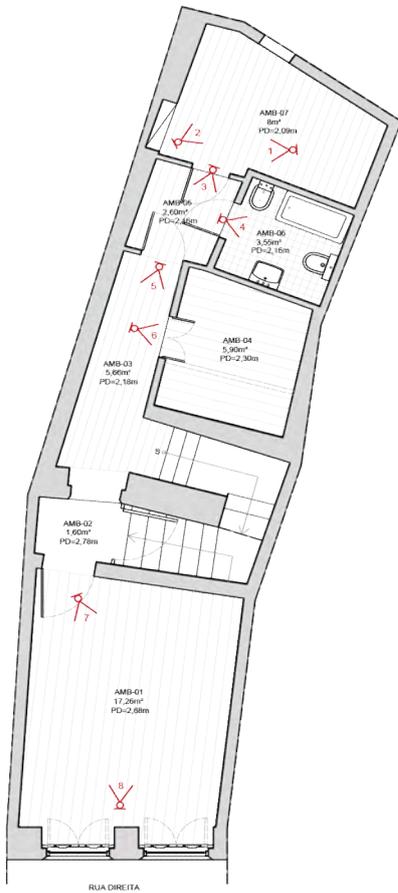
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



01 PLANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO  
RUA DIREITA, 143

0 1 2m  
ESCALA GRÁFICA



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"	X	EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	---	--------	---

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	X

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP		PROF	24--34 cm
ESPELHO	ALT			

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	62 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	9--12 cm	1

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1	2	3, 5, 6	4	7	
PÉ-DIREITO	2,68 m	2,78 m	2,16	2,3	2,09	

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	10 cm
----------	-------



### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	15 cm	MOLDURAS	10 cm
------	-------	----------	-------



### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA					
BANDEIRA / ALTURA		X		X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	X
		2 FOLHA   ESP	X		
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA	X		X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS		X		
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	6
PAPEL DE PAREDE	1	3, 4



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		1	6	-	
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1	-
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	2	-
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			





### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELhado

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELhado

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TÁBIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELhado

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input type="checkbox"/>	CANUDO	<input checked="" type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	--------------------------	--------	-------------------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL

### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	2	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

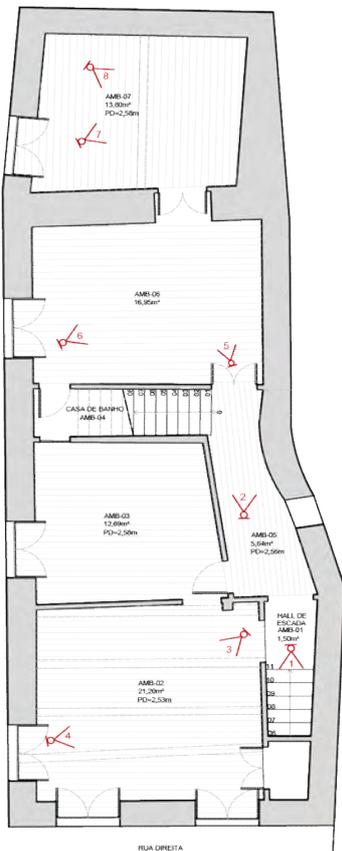
8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

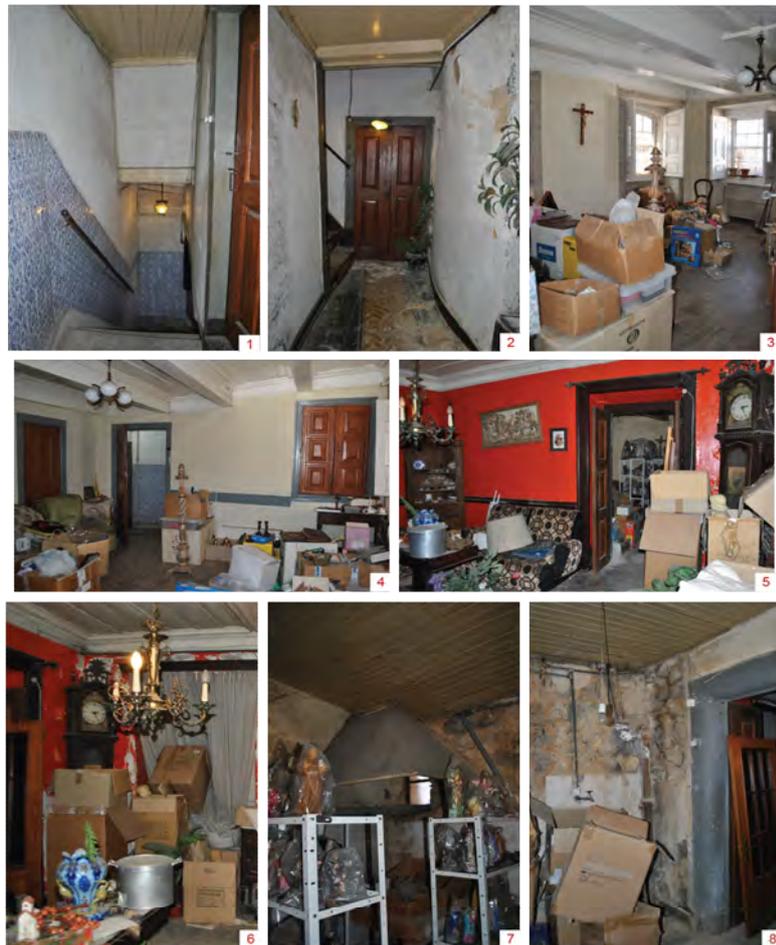
8.1.1. HALL DE ENTRADA



8.1.2. PAVIMENTO TIPO



PLANTA BASEA - 1º PAVIMENTO  
RUA DIREITA, 100  
0 1 2m  
ESCALA GRÁFICA



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"	X	EM "U"	
---------	--	---------	--	--------	---	--------	--

PATAMAR	SIM	X	NÃO	
	LARGURA	140 cm		
	PROF	76 cm		

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	X
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	5 cm	PROF	32 cm
ESPELHO	ALT	14 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	14 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

#### RÉS-DO-CHÃO

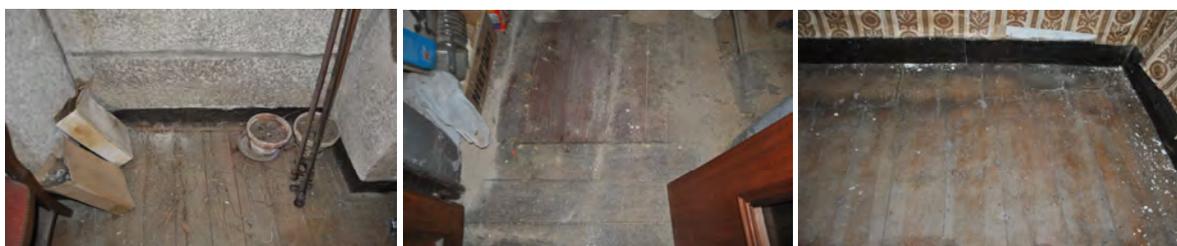
TIPO	PEDRA	ESPAÇO	HALL	DIM	-

#### PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

#### PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	55 cm	R/C, 1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS	11 cm	2, 3
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	11 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	LOJA					
PÉ-DIREITO	3,20 m					

PISO TIPO

AMBIENTE	2	3,7	5			
PÉ-DIREITO	2,53 m	2,58 m	2,56 m			

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	10, 12, 19	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4
PISOS		R/C	1	2	1
ESPAÇO QUE ARTICULA		LOJA	5, 6, 7	QUARTOS	1, 2, 3
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	X
		2 FOLHA   ESP	X	X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X		X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS	X			
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.	X			
	COM TRAVESSAS			X	
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE		
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	R/C	TODOS
PAPEL DE PAREDE	2	QUARTOS



### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS		1	7	-		
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					



### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	R/C	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA		1, 2	
COM MADEIRAMENETO À VISTA		3	
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	X	MADRES	X	FILEIRA		TABIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO	X	LUSA	
----------	--	--------	---	------	--

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	4	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	X	2 LANCE		EM "L"		EM "U"	
---------	---	---------	--	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	X
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	5,5 cm	PROF	27 cm
ESPELHO	ALT	21 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	70 cm	ESPESSURA	8,5 cm
--------	-------	-----------	--------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	15 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR	DIMENSÃO DOS BARROTES	-
------------	---------------	-----------------------	---

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	40 cm
--------	-------

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

##### RÉS-DO-CHÃO

TIPO	PEDRA	ESPAÇO	HALL	DIM	-

##### PISO 1

TIPO	ASSOALHOS	ESPAÇO	TODOS	DIM	-

##### PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	74 cm	R/C, 1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE	70 cm	R/C, 1
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	11 cm	1
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	1	2	3			
PÉ-DIREITO	3,30 m	3,00 m	3,17 m			

#### PISO TIPO

AMBIENTE	4, 15	6, 19	8, 9, 16	10, 12	11, 13	
PÉ-DIREITO	4,00 m	3,85 m	3,00 m	2,50 m	2,60 m	

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	20 cm	2 cm	-	X		
LAMBRIM	131 cm	5 cm	2 cm	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	
PISOS		R/C	1	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA		HALL	4, 19	6, 8	17, 19	
BANDEIRA / ALTURA			X	X	X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP			X	
		2 FOLHA   ESP	X	X	X	
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
BASCULANTE						
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X		X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				X	
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.				X	
	COM TRAVESSAS					
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALDIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	R/C, 1	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1	8 -- 15
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1	4, 5, 6, 19
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TÁBIQUES	<input type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA				A ESTRUTURA ANTIGA DO TELHADO FOI SUSBTITUÍDA POR UMA NOVA EM BETÃO ARMADO E BLOCOS CERÂMICOS.			

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	2	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

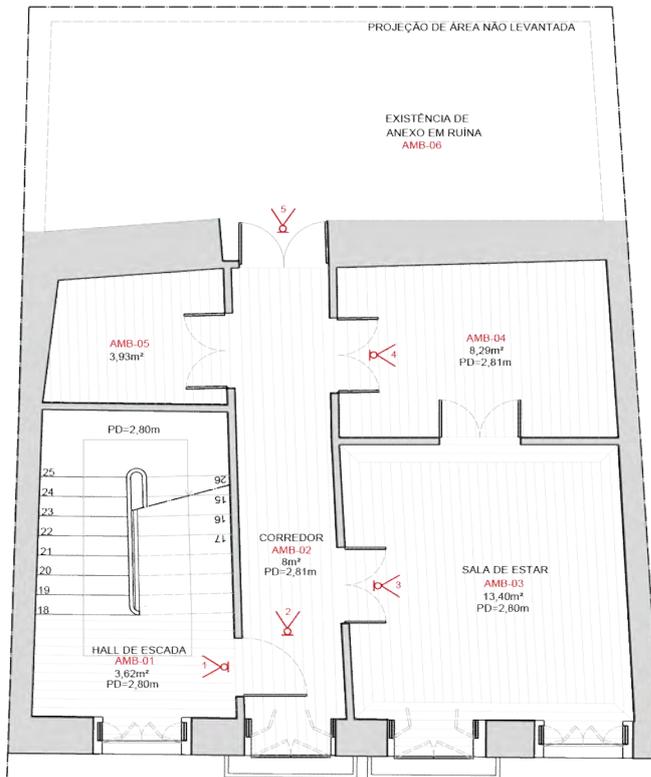
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

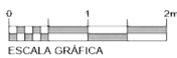
##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



01 PLANTA BAIXA DO 2º PAVIMENTO  
RUA DIREITA, 173



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X	NÃO	
	LARGURA			
	PROF			

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	X
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	-	LARG. RESTANTES PISOS	15 cm	NÃO HÁ BOMBA	
--------------	---	-----------------------	-------	--------------	--

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	6 cm	PROF	27 cm
ESPELHO	ALT	19 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	85.5 cm	ESPESSURA	
--------	---------	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	51 cm	1, 2, 3
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS	12 cm	4
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	9 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	TODOS					
PÉ-DIREITO	2,80 m					

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	38 cm	-	-	X		
LAMBRIM	-	-	-	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4
PISOS		1, 2, 3	1, 2, 3	3	4
ESPAÇO QUE ARTICULA		2, 3, 4, 5	1, 2	ESCADAS	TODOS
BANDEIRA / ALTURA		X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	X
		2 FOLHA   ESP	X		X
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA	X	X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2, 3, 4	ESC, CORR.
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		
PAPEL DE PAREDE	1, 2, 3	QUARTOS





### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	4	TODOS
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1, 2, 3	TODOS
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO	X	OUTRO	
---------	---	-------	---	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA	X	TÁBIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

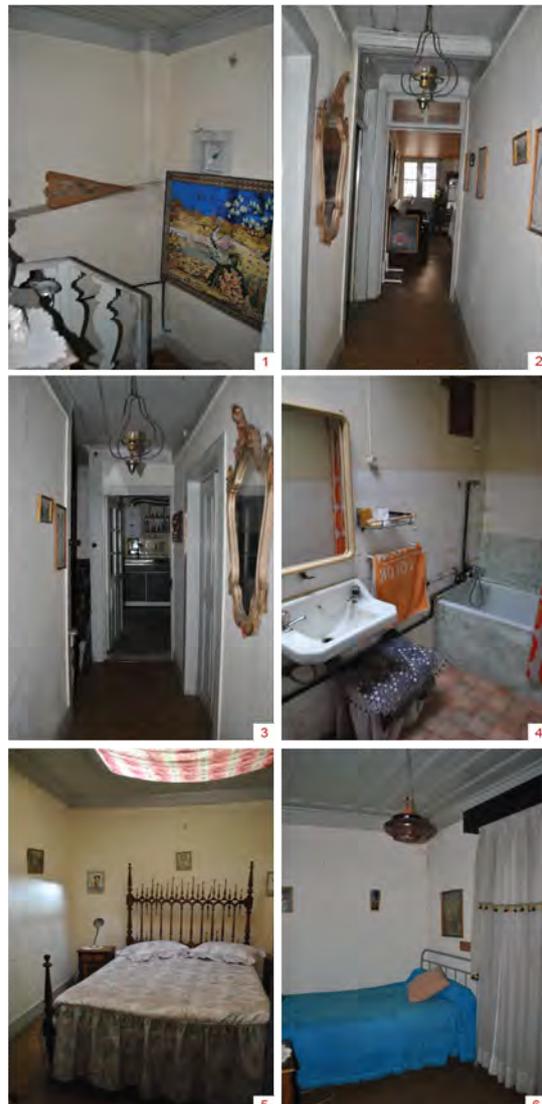
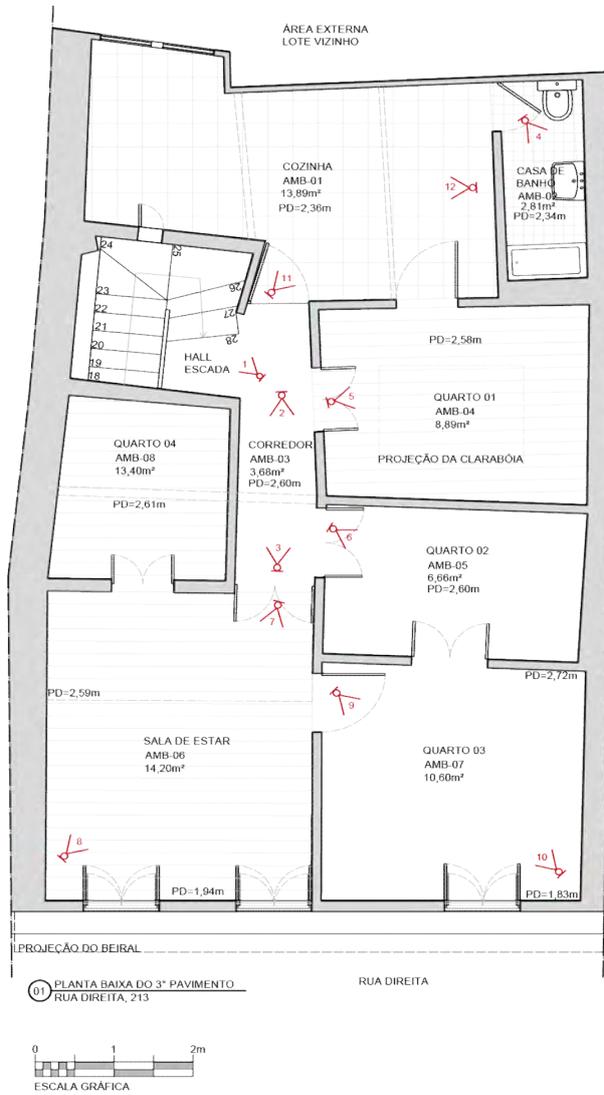
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	X
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	-----------------------	--	--------------	---

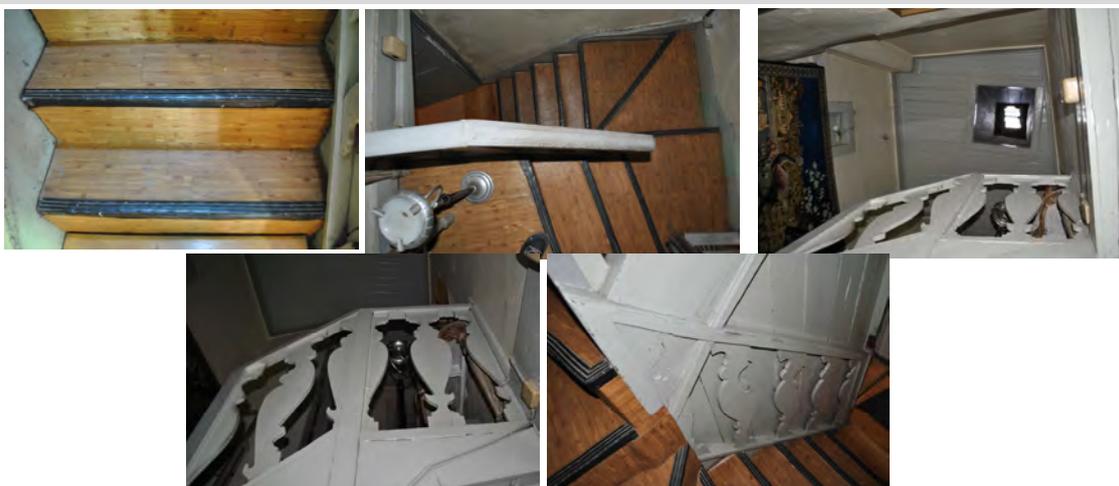
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	30 cm
ESPELHO	ALT	23 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	77 cm	ESPESSURA	5,5 cm
--------	-------	-----------	--------

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

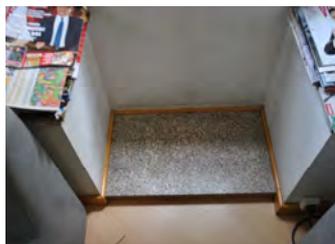
	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	17 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTÉS	
------------	-------------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA		NÃO FOI POSSÍVEL OBSERVAR.
--------	--	----------------------------



#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM

## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	-	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	11 cm	2

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12,5 cm	TODOS

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1	2	3 --- 8			
PÉ-DIREITO	2,36 m	2,80 m	2,60 m			

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	18 cm	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	13 cm	MOLDURAS	11 cm
------	-------	----------	-------

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS	TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	TIPO 5
PISOS	2	2	2	2	2
ESPAÇO QUE ARTICULA	1, 3	3, 4, 5	6, 7	5, 7, 8	3, 6
BANDEIRA / ALTURA					X

MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X		X		
		2 FOLHA   ESP		X		X	X
		3 FOLHA   ESP					
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP					
	PIVOTANTE   ESP						
	PROJETANTE   ESP						
	BASCULANTE						
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X			
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS	X			X	X	
	PARTE INF E SUP PARTE SUP.						
		X			X	X	
	COM TRAVESSAS						
	COM TRAVESSAS E ESCORAS						
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS						
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO						



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4



TIPO 5

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	2	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	2	1



### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE		
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		2	1		
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA			COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TÁBIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS	7 x 5 cm	RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	----------	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

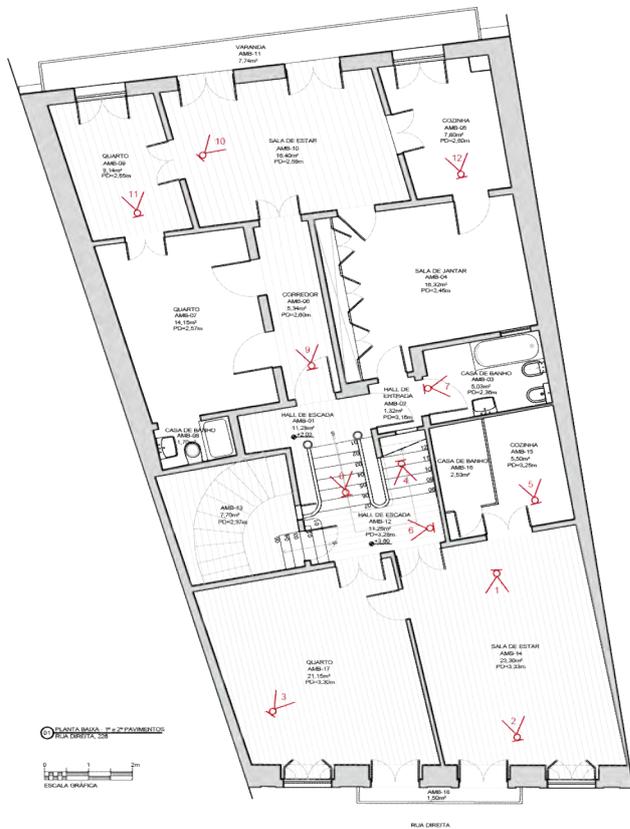
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X	NÃO	
	LARGURA	284 cm		
	PROF	120 cm		

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	X
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	29 cm	LARG. RESTANTES PISOS	29 cm	NÃO HÁ BOMBA
--------------	-------	-----------------------	-------	--------------

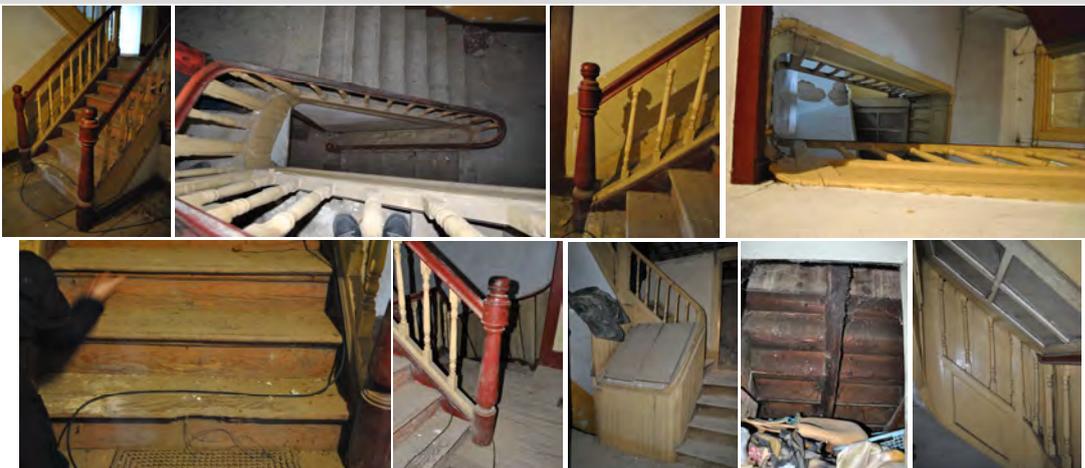
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	30 cm
ESPELHO	ALT	20 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

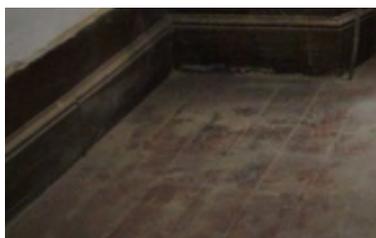
TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	51 cm	1, 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	11 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	3,50 m					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1, 2	3, 4, 13	5, 6, 7, 9, 10	12, 14 - 17		
PÉ-DIREITO	3,15 m	2,4	2,60 m	3,25 m		

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	43/22/12 cm	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	
PISOS		1	1	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA		12, 14, 15, 17	6, 10	5, 7, 9, 10	2, 3, 6	
BANDEIRA / ALTURA		X	X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP			X	
		2 FOLHA   ESP	X	X	X	
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
	BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X		X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS			X		X
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.			X		X
	COM TRAVESSAS					
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALHEIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

## 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		1	5	-	
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA	-	1	5, 9, 10
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1	14, 17
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input checked="" type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	-------------------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	TABIQUEES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

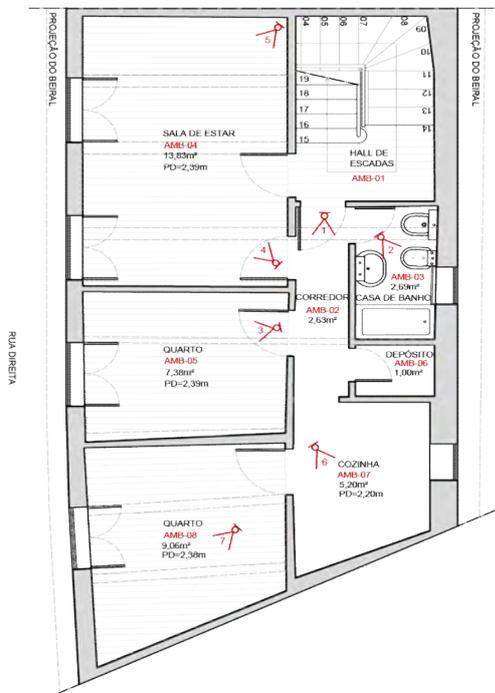
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



#### 8.2 PAVIMENTO TIPO



01 ELANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO  
RUA DIREITA, 246

0 1 2m  
ESCALA GRAFICA

#### 8.1. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

##### 8.1.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"	X	EM "U"	
---------	--	---------	--	--------	---	--------	--

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	X

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.1.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	-----------------------	--	--------------	---

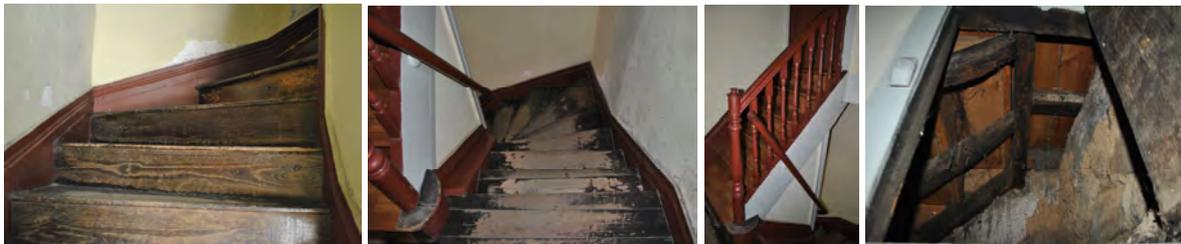
### 8.1.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	29 cm
ESPELHO	ALT	21,5 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.1.5. ESTRUTURA



### 8.2. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTOS	
------------	--------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	23 cm	R/ DO CHÃO, PISO 1, PISO 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	PISO 3



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	10 cm	PISOS 1,2 E 3

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	2,47 m					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	2, 6 e 7	8				
PÉ-DIREITO	2,40 m	2,20 m				

### 9.2.3. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.4. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.6. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1	2	2	
ESPAÇO QUE ARTICULA		INTERNOS	ENTRADA	INTERNOS	
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X		X
		2 FOLHA   ESP		X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA	X	X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS			X	
	PARTE INF E SUP	X	X		
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	TODOS	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	ESPAÇO	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS		R/C	HALL	-	
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1	2, 3, 6, 7
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1	8
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES	X	FILEIRA		TABIQUES	X
PAREDES DE ALVENARIA							

## 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUORTE DO TELHADO

### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	X
----------	---	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

EDIFÍCIO: RGRV-015

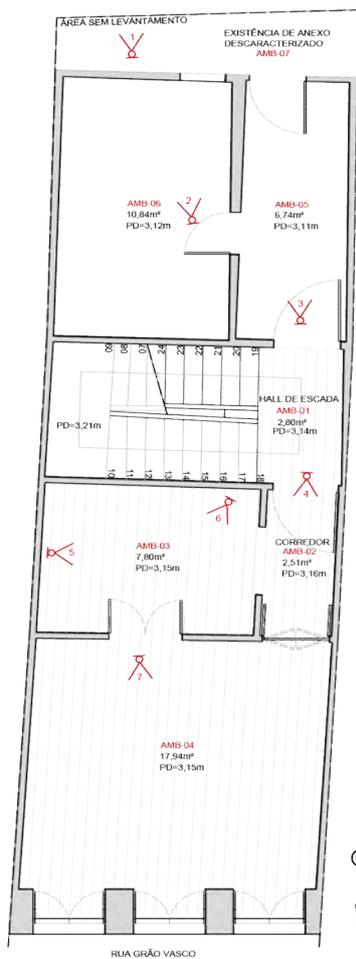
### 1. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 1.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 1.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 1.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 1.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 1.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	220 cm
	PROF	105 cm

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	X
OUTRO	

### 1.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	2 cm	LARG. RESTANTES PISOS	15-35 cm	NÃO HÁ BOMBA	
--------------	------	-----------------------	----------	--------------	--

### 1.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	4 cm	PROF	32 cm
ESPELHO	ALT	19 cm		

### 1.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	97 cm	ESPESSURA	7 cm
--------	-------	-----------	------

### 1.2.5. ESTRUTURA



## 1.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 2. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 2.1. PAVIMENTOS

#### 2.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	15 cm	VARIADO

#### 2.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--------------------	-----------------------	--

#### 2.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	29 cm
--------	-------

#### 2.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

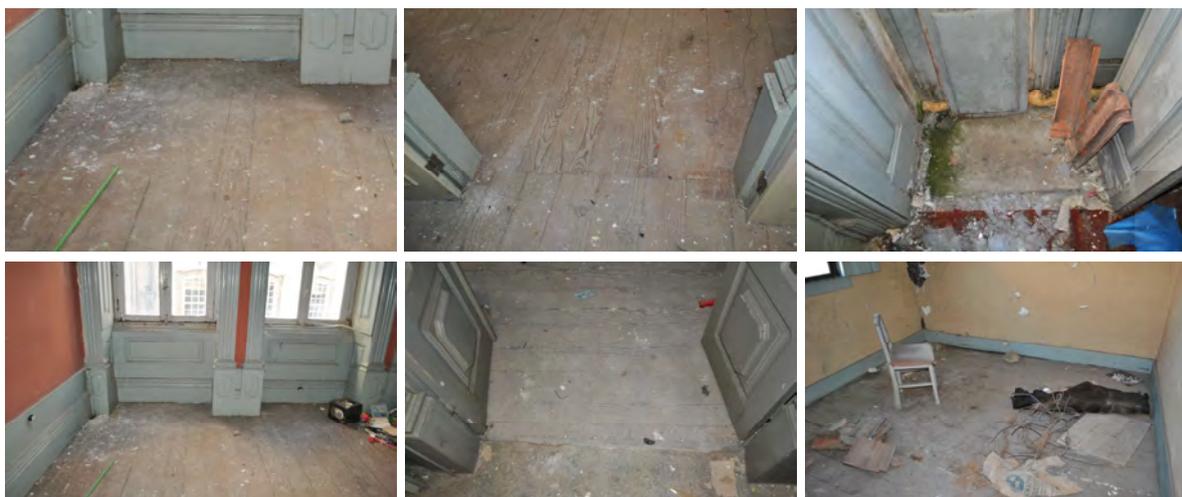
TIPO	PEDRA	ESPAÇO	HALL	DIM	100 x 40 cm

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 2.2. PAREDES

### 2.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	60 cm	1, 2, 3
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	4

### 2.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS	-	ESCADAS
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	12 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 2.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	3,47					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1, 2, 3, 4	5, 6				
PÉ-DIREITO	3,15 m	3,10 m				

### 2.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	40/53 cm	5 cm	2 cm	X		
LAMBRIM	90/192 cm	5 cm	2 cm	X		



### 2.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	16 cm
----------	-------

### 2.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	2 cm	MOLDURAS	16 cm
------	------	----------	-------

### 2.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	
PISOS		1, 2, 3	1, 2, 4	1, 2, 5	4	
ESPAÇO QUE ARTICULA		CORREDOR	SALAS	SALAS	QUARTO	
BANDEIRA / ALTURA		X	X	X		
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP			X	
		2 FOLHA   ESP	X	X	X	
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
BASCULANTE						
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA			X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS		X		X	
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.		X		X	
	COM TRAVESSAS					X
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

## 2.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 2.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2, 3, 4	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		
PAPEL DE PAREDE	3	SALA



### 2.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

### 2.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	4	QUARTO
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1, 2, 3	TODOS
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 2.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input checked="" type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	-------------------------------------	-------	--------------------------



## 3. TELHADO

### 3.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### 3.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 3.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 3.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input checked="" type="checkbox"/>	RIPAS	<input checked="" type="checkbox"/>
					10 x 6 cm		6 x 2,5 cm



### 3.3. COBERTURA

#### 3.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL

#### 3.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	2	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

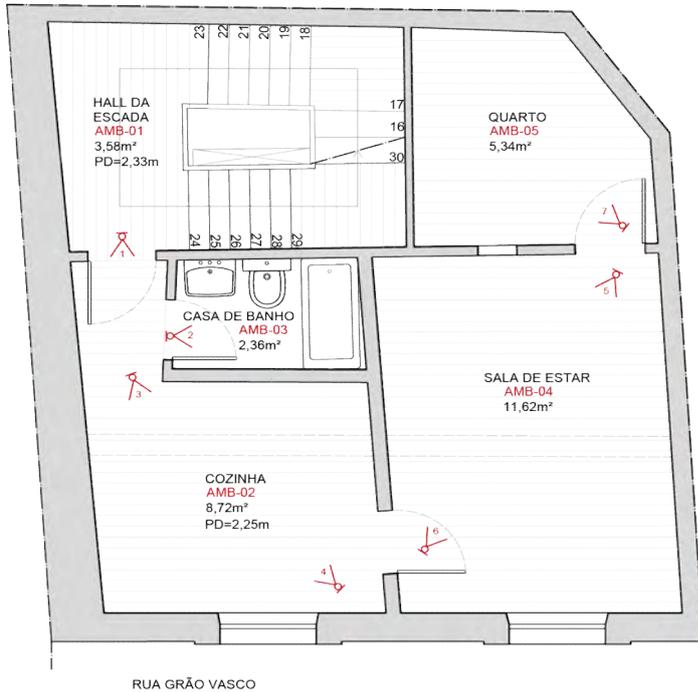
8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

8.1.1. HALL DE ENTRADA

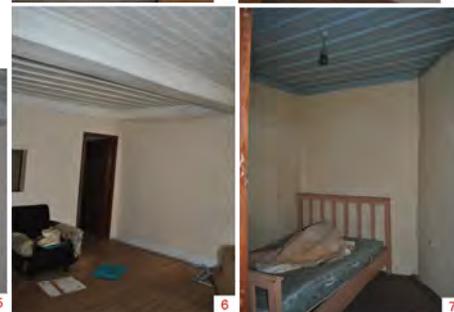


8.1.2. PAVIMENTO TIPO



RUA GRÃO VASCO

01 PLANTA BAIXA - 2º PAVIMENTO  
RUA GRÃO VASCO, 36



8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	253 cm
	PROF	127 cm

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	X

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	35 cm	LARG. RESTANTES PISOS	74 cm	NÃO HÁ BOMBA
--------------	-------	-----------------------	-------	--------------

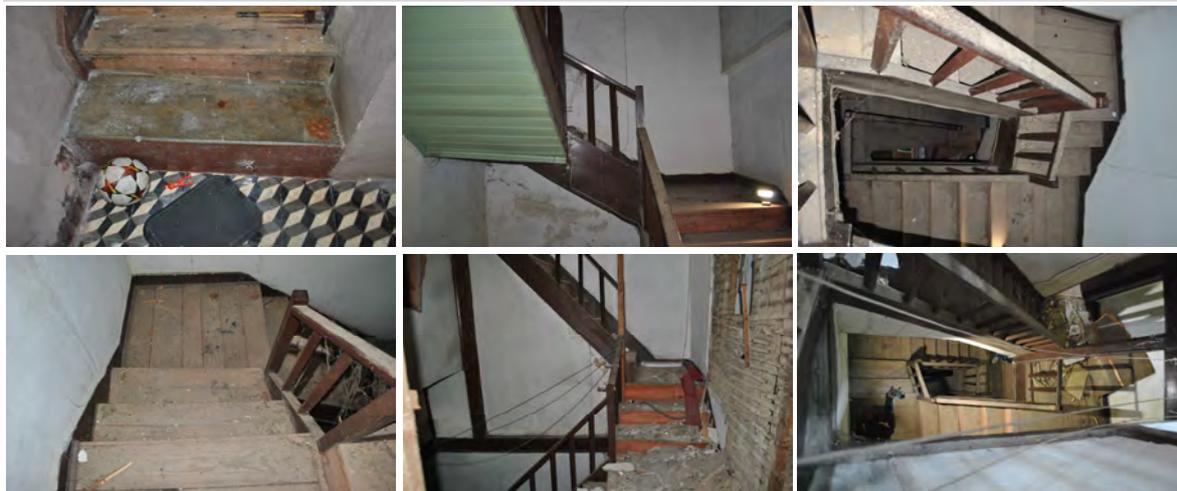
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	2 cm	PROF	28 cm
ESPELHO	ALT	20 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	74 cm	ESPESSURA	7 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	12 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	-------------------------	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	32 cm	1, 2, 3
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS	12 cm	4
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	11 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

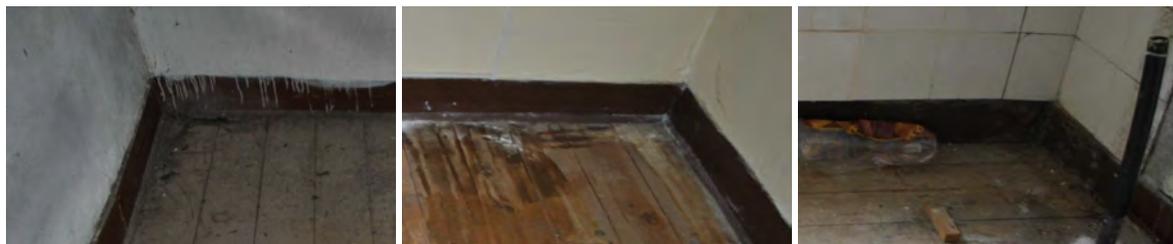
AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1, 3	2, 4, 5				
PÉ-DIREITO	2,30 m	2,25 m				

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2		
PISOS		TODOS	TODOS		
ESPAÇO QUE ARTICULA		ENTRADA	AMB. INT.		
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA				
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO		X	X	



TIPO 1



TIPO 2

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	TODOS	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	2	4
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1, 2, 3	TODOS
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUEs	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input checked="" type="checkbox"/>
----------	--------------------------	--------	--------------------------	------	-------------------------------------

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input type="checkbox"/>	1	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	--------------------------	---	-------	--------------------------



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

8.1.1. HALL DE ENTRADA



8.1.2. PAVIMENTO TIPO



PLANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO  
RUA AUGUSTA CRUZ, 37  
ESCALA GRÁFICA

PLANTA BAIXA - 2º PAVIMENTO  
RUA AUGUSTA CRUZ, 37  
PROJEÇÃO BERAL



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"	X	EM "U"	
---------	--	---------	--	--------	---	--------	--

PATAMAR	SIM		NÃO	X
	LARGURA			
	PROF			

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	X
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

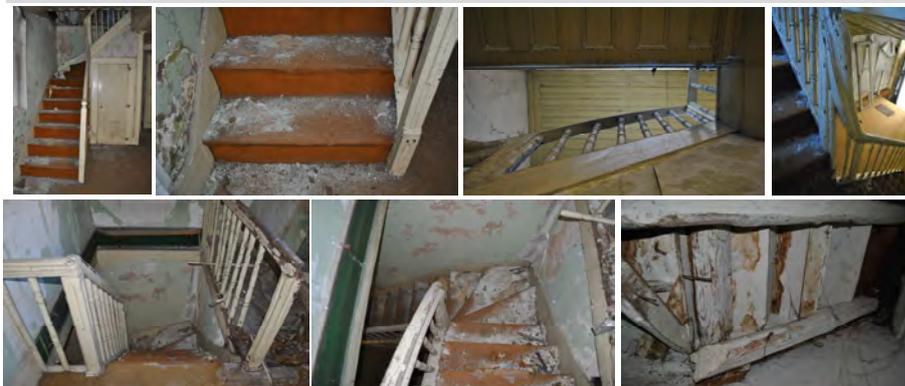
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	25 cm
ESPELHO	ALT	24 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	81 cm	ESPESSURA	8 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

## 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

### RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

### PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

### PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	77 cm	1 E 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÉS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÉS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12 cm	1 E 2



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1, 2, 6, 7	4	5	8 -- 14		
PÉ-DIREITO	2,75 m	2,50 m	2,40 m	3,00 m		

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	24/41 cm	-	-	X		
LAMBRIM	95 cm	-	-	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4
PISOS		1	2	2	2
ESPAÇO QUE ARTICULA		4, 5, 6, 7	11, 12	8, 9, 10, 13	10,11
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X
		2 FOLHA   ESP			X
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				X
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				X
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALTEIRADAS				
ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS -					
REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE		
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		
PAPEL DE PAREDE	1 e 2	TODOS

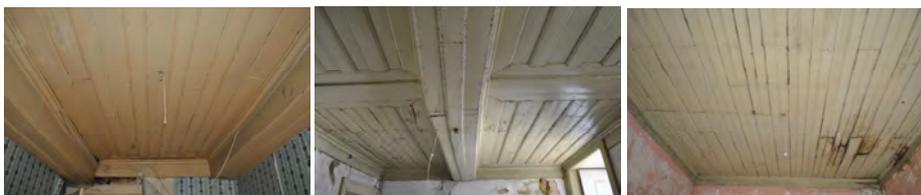


#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1	TODOS
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



#### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	X	GESSO		OUTRO	
---------	---	-------	--	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES		FILEIRA		TABIQUES	
PAREDES DE ALVENARIA							

NÃO FOI POSSÍVEL O ACESSO AO DESVÃO DA COBERTURA.

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--

### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	3	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

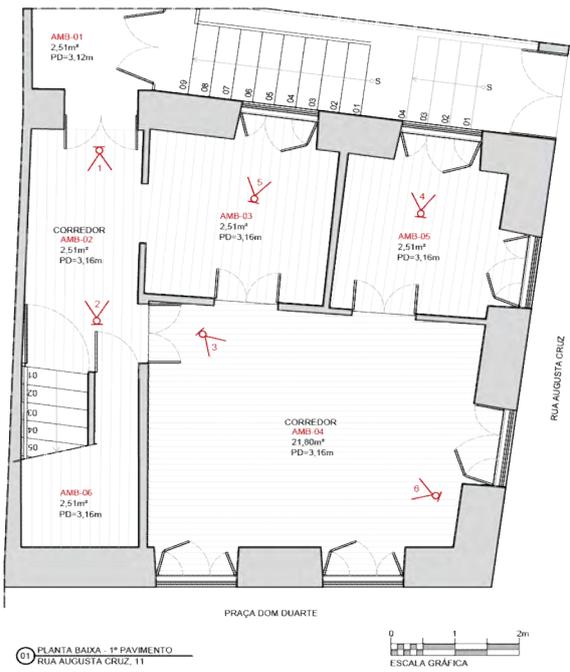
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X	NÃO	
	LARGURA			
	PROF			

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	X
	3 TRAMOS		OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA
--------------	--	-----------------------	--	--------------

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP		PROF	
ESPELHO	ALT			

NÃO FOI POSSÍVEL MEDIR DEVIDO AO PÉSSIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO.

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

#### RÉS-DO-CHÃO

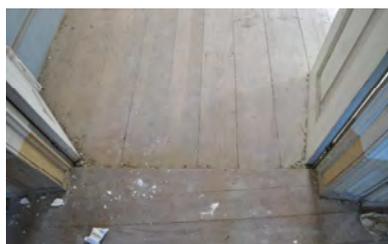
TIPO		ESPAÇO		DIM	

#### PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

#### PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	47,5 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	10 cm	1



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1	2, 3, 4, 5				
PÉ-DIREITO	3,12 cm	3,16 cm				

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ				X		
LAMBRIM				X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3		
PISOS		1	1	1		
ESPAÇO QUE ARTICULA		2, 3, 4, 5	ESCADA	ENTRADA		
BANDEIRA / ALTURA				X		
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X			
		2 FOLHA   ESP	X		X	
		3 FOLHA   ESP				
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP				
	PIVOTANTE   ESP					
	PROJETANTE   ESP					
	BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				X	
	PARTE INF E SUP					
	PARTE SUP.				X	
	COM TRAVESSAS					
	COM TRAVESSAS E ESCORAS					
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS					
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

## 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		
PAPEL DE PAREDE	1	3



### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS						
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

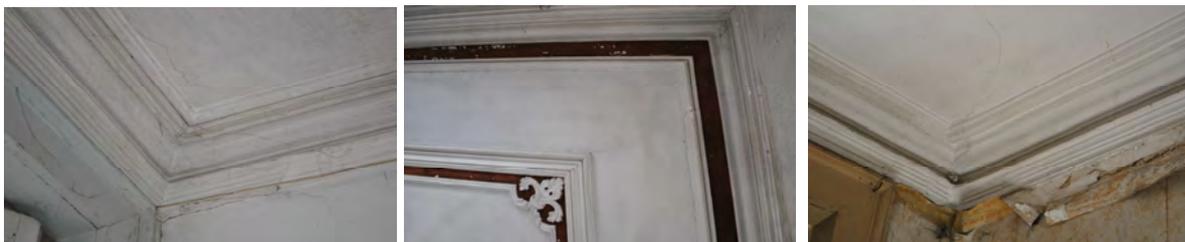
### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1	2
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1	3, 4, 5
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA		GESSO	X	OUTRO	
---------	--	-------	---	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES		FILEIRA		TÁBIQUES	
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL		NÃO FOI POSSÍVEL O ACESSO AO TELHADO DEVIDO ÀS PESSIMAS CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO.					

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--

## 10.3. COBERTURA

### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL



### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2..	PLANA	
-----------	---	-------------	-----	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

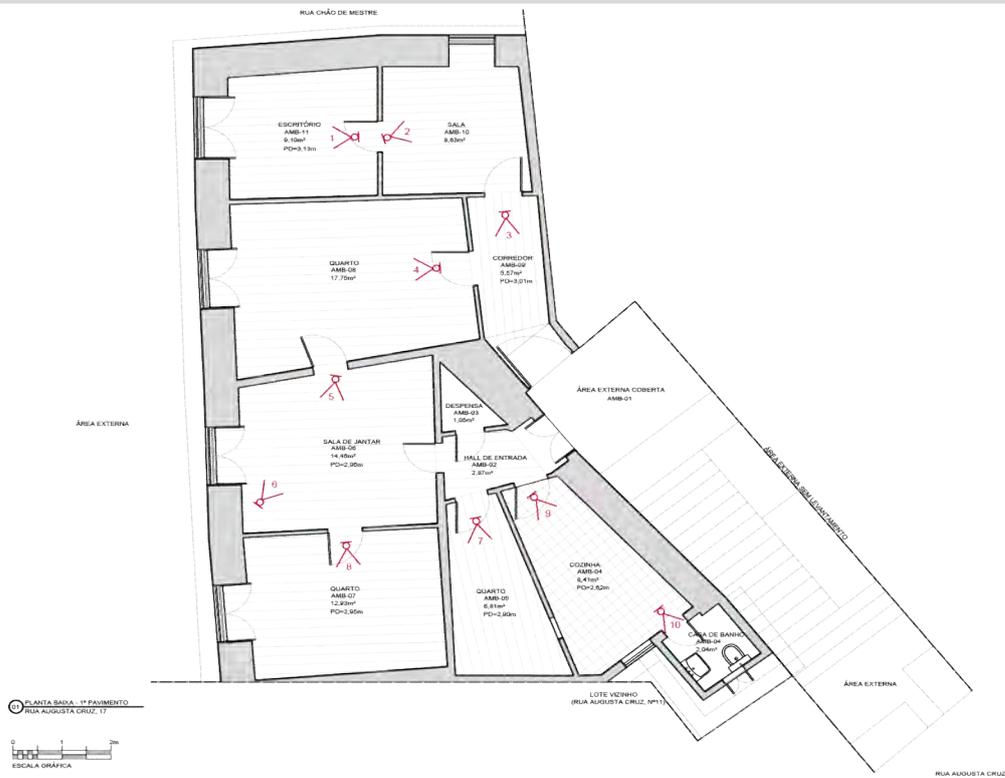
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	
<b>PATAMAR</b>		SIM				NÃO	
		LARGURA		NÃO HÁ ESCADAS INTERIORES.			
		PROF					
<b>TRAMOS</b>		1 TRAMO		2 TRAMOS			
		3 TRAMOS		OUTRO			

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP		PROF	
ESPELHO	ALT			

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA

NÃO HÁ ESCADAS INTERIORES.
----------------------------

## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA.
------------	--------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	51 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12 cm	-

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	4	5	6, 7	9	11	
PÉ-DIREITO	2,62 m	2,90 m	2,95 m	3 m	3,10 m	

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1			
PISOS		1			
ESPAÇO QUE ARTICULA		TODOS			
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X		
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALDIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE		
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	4



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS		1	4	-	
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input checked="" type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUEs	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	4	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	---	-------	--------------------------



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE	<input checked="" type="checkbox"/>	2 LANCE	<input type="checkbox"/>	EM "L"	<input type="checkbox"/>	EM "U"	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	---------	--------------------------	--------	--------------------------	--------	--------------------------

PATAMAR	SIM	<input type="checkbox"/>
	LARGURA	<input type="checkbox"/>
	PROF	<input type="checkbox"/>

NÃO	<input checked="" type="checkbox"/>
-----	-------------------------------------

TRAMOS	1 TRAMO	<input checked="" type="checkbox"/>
	3 TRAMOS	<input type="checkbox"/>

2 TRAMOS	<input type="checkbox"/>
OUTRO	<input type="checkbox"/>

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	<input type="checkbox"/>	LARG. RESTANTES PISOS	<input type="checkbox"/>	NÃO HÁ BOMBA	<input checked="" type="checkbox"/>
--------------	--------------------------	-----------------------	--------------------------	--------------	-------------------------------------

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	4 cm	PROF	26 cm
ESPELHO	ALT	23 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	83 cm	ESPESSURA	8 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO		ESPAÇO		DIM	

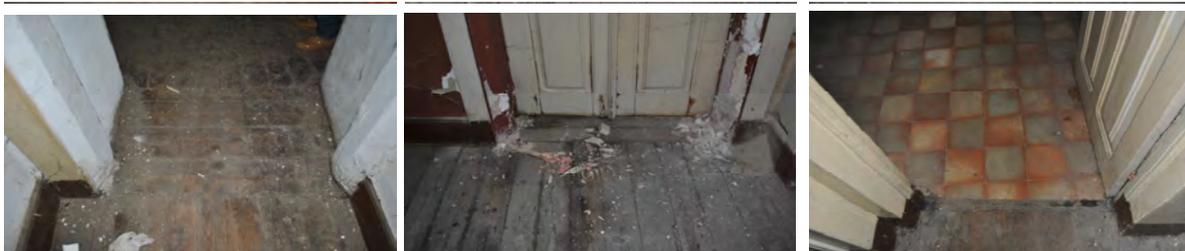
PISO 1

TIPO	CERÂMICO	ESPAÇO	AMB 07	DIM	-

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	





## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	70 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	11 cm	PISOS 1 e 2

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1 -- 8	9, 10, 13	12, 14			
PÉ-DIREITO	2,95 m	2,35 m	2,50 m			

#### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



#### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

#### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

#### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2		
PISOS		1 E 2	1		
ESPAÇO QUE ARTICULA		TODOS	3, 4		
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X		
		2 FOLHA   ESP		X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA	X	X		
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	AMBIENTE
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	7



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		1	7	-	
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1, 2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TÁBIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	2	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



## FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

### B. INTERIOR

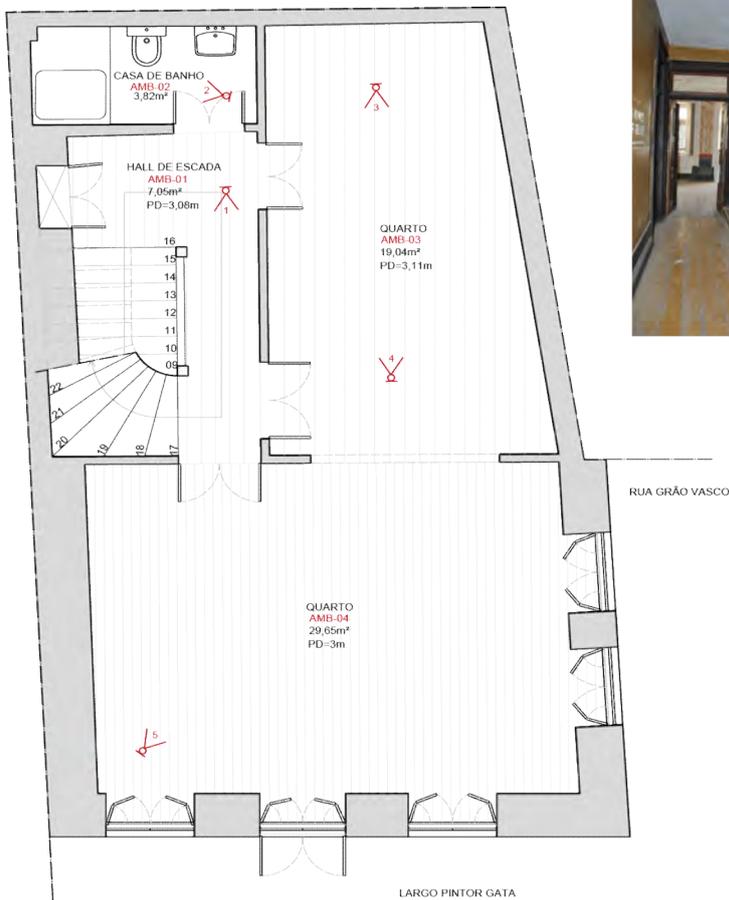
#### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

##### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

###### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



###### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



01 PLANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO  
LARGO PINTOR GATA, 03

0 1 2m  
ESCALA GRÁFICA

## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	X
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS	57 cm	NÃO HÁ BOMBA	
--------------	--	-----------------------	-------	--------------	--

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	6 cm	PROF	28,5 cm
ESPELHO	ALT	23,5 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	96 cm	ESPESSURA	8 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA
------------	-------------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	11,5 cm	

### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTOS	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	43 cm
--------	-------

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

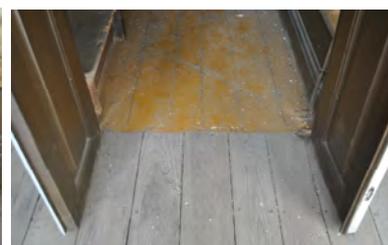
TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	60 cm	1, 2, 3
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	-	4



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	11 cm	1, 2, 3, 4



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	3,45 m					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1, 3	2				
PÉ-DIREITO	3,10 m	3,00 m				

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	38,5 cm	-	-	X		
LAMBRIM	86 cm	-	-	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1, 2, 3	1	4	
ESPAÇO QUE ARTICULA		TODOS	DESPENSA	TODOS	
BANDEIRA / ALTURA		X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	
		2 FOLHA   ESP	X	X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				X
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	4	TODOS
REBOCO E ESTUQUE	3	SALAS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS	3	COZINHA
MARMOREADOS	4	ESCADAS
PAPEL DE PAREDE	1, 2	SALAS





### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS		1, 2, 3	BANHOS	-		
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					

### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	3, 4	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	3	3
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	1, 2	TODOS
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input checked="" type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	-------------------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	TABIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input checked="" type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input type="checkbox"/>
----------	-------------------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/>	3	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	-------------------------------------	---	-------	--------------------------



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

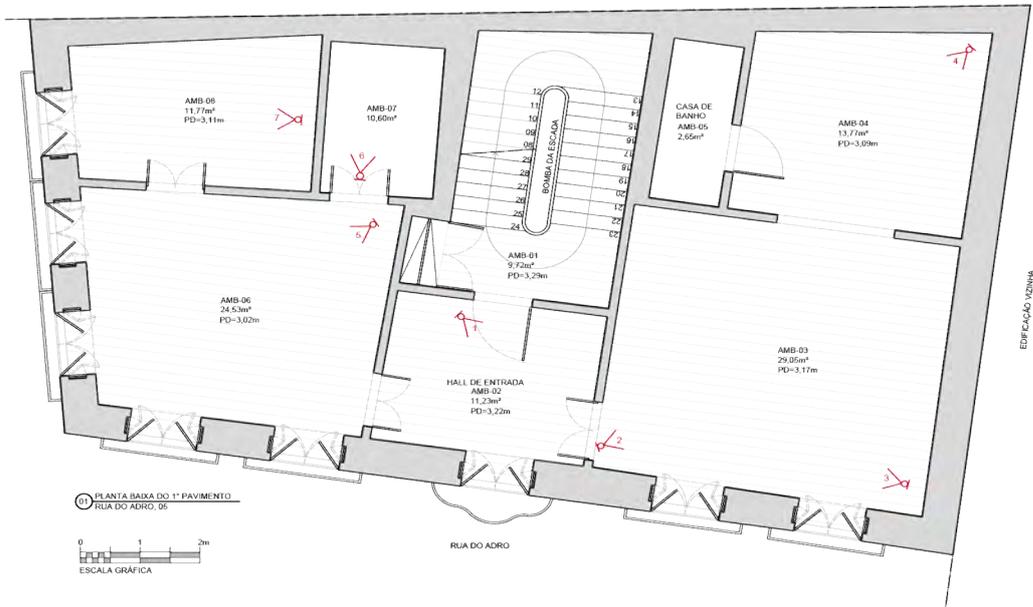
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



#### PAVIMENTO TIPO



## 8.1. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.1.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"		EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	--	--------	--

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	287 cm
	PROF	120 cm

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	X

### 8.1.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/C	-	LARG. RESTANTES PISOS	39 cm	NÃO HÁ BOMBA	
-----------	---	-----------------------	-------	--------------	--

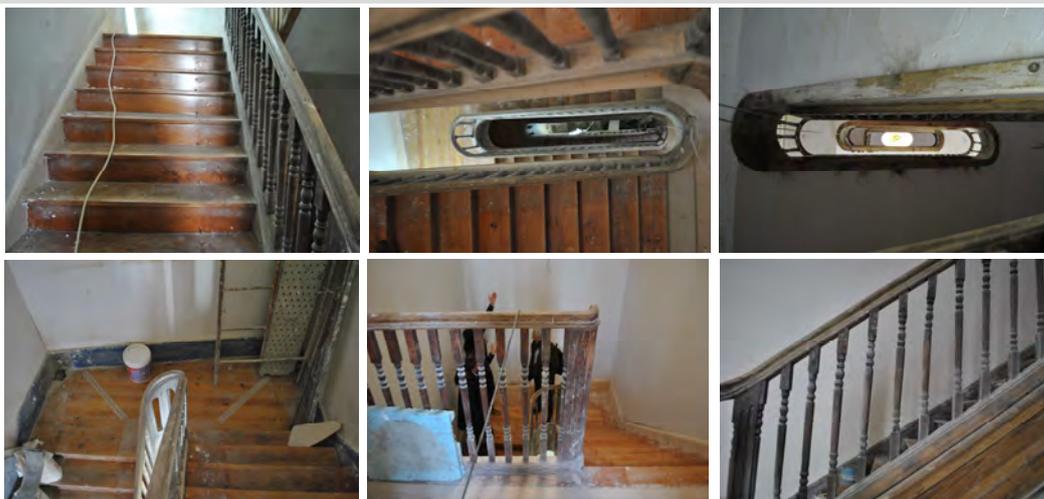
### 8.1.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	27 cm
ESPELHO	ALT	16,5 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	80 cm	ESPESSURA	6 cm
--------	-------	-----------	------

### 8.1.4. ESTRUTURA



## 8.2. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	
------------	--

NÃO FOI POSSÍVEL OBSERVAR A ESTRUTURA ORIGINAL, POIS FOI COBERTA COM UM NOVO PAVIMENTO.

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	57 cm
--------	-------

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

#### RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

#### PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

#### PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM

## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	60 cm	1, 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	15 cm	3

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12 cm	TODOS



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1	2	3	4, 8	6	
PÉ-DIREITO	3,30 m	3,20 m	3,15 m	3,10 m	3,00 m	

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	42/50 cm	7 cm	-	X		
LAMBRIM	95/100 cm	-	-	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--



### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--



### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1 E 2	1 E 2	1 E 2	
ESPAÇO QUE ARTICULA		2, 3, 6, 7, 8	1,2	FACHADA	
BANDEIRA / ALTURA		X	56 cm	X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	
		2 FOLHA   ESP	X		X
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				X
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	TODOS	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	ESPAÇO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS				
LADRILHOS CERÂMICOS				
FLUTUANTE				
SOALHO	DE JUNTA			
	DE CHANFRO			
	DE MEIO FIO			
	RECONTRADO			
	MACHO/FEMEA			

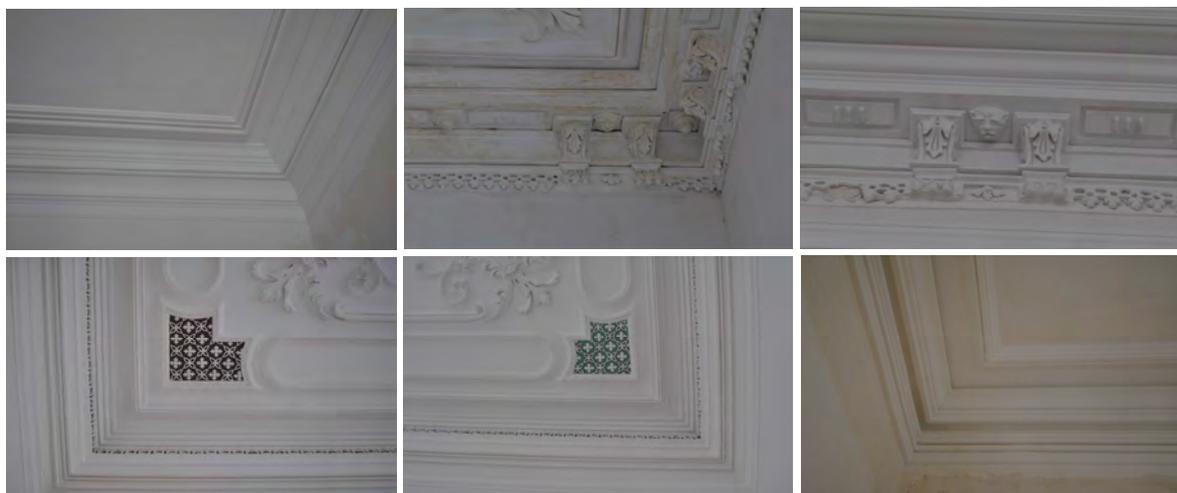
### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE	-	TODOS	TODOS
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA		GESSO	X	OUTRO	
---------	--	-------	---	-------	--



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	X	MADRES		FILEIRA		TABIQUES	
PAREDES DE ALVENARIA							

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	18 cm	PERNAS	18 cm	ESCORAS	10 cm	NÍVEL	
PENDURAL	18 cm						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	4	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

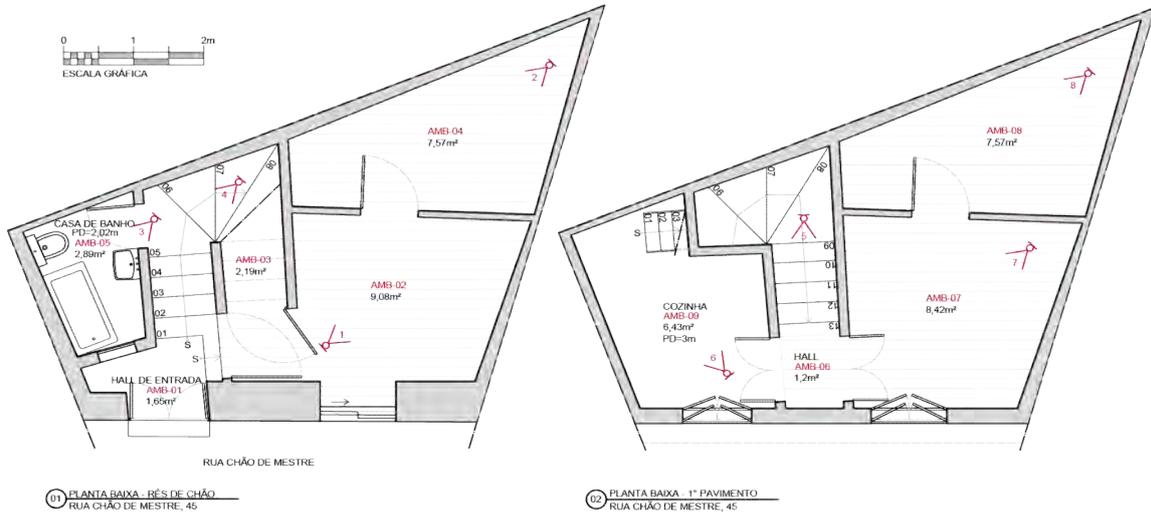
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	X
	3 TRAMOS	

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	X
--------------	--	-----------------------	--	--------------	---

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	2.5 cm	PROF	31.5 cm
ESPELHO	ALT	19 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	PARALELO À FACHADA
------------	--------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO	PERPENDICULAR À FACHADA	DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	-------------------------	-----------------------	--

### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

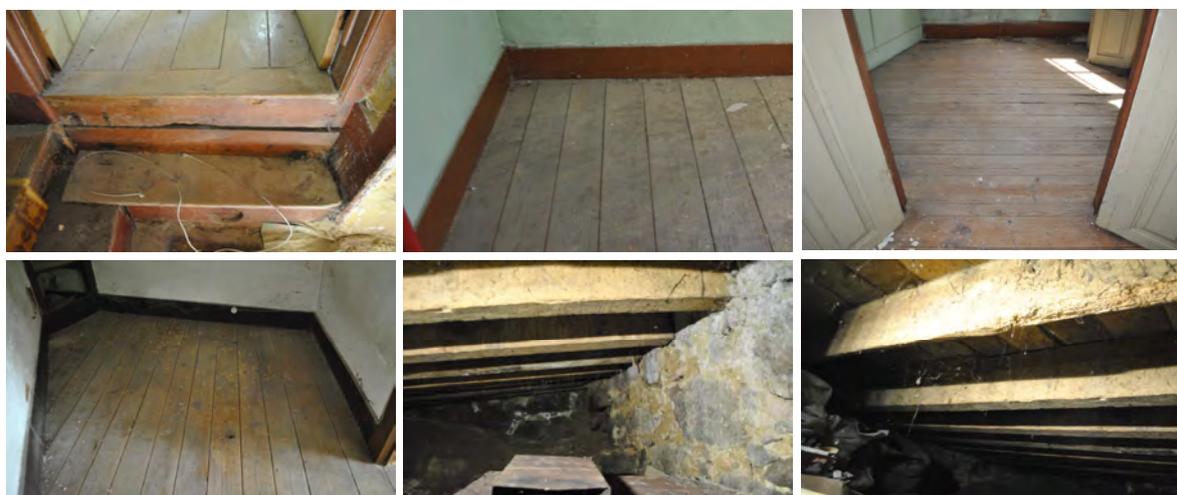
TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 1

TIPO		ESPAÇO		DIM	

PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



### 9.2. PAREDES

#### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	63 cm	PISO 1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	23 cm	PISO 2



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A		
ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS	10,5 cm	TODOS
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		



### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	5					
PÉ-DIREITO	2,89 m					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	9					
PÉ-DIREITO	3,00 m					

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4
PISOS		1	1	2	1
ESPAÇO QUE ARTICULA		1 -- 2	2 -- 3	5 -- 7/9	2 -- 4
BANDEIRA / ALTURA				X	
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP	X	X	X
		2 FOLHA   ESP			X
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X		X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				X
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				X
	COM TRAVESSAS			X	
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3



TIPO 4

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	TODOS	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				

### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	-	1, 2	TODOS
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA		<input type="checkbox"/>					

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	X	CANUDO		LUSA	
----------	---	--------	--	------	--

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	1	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

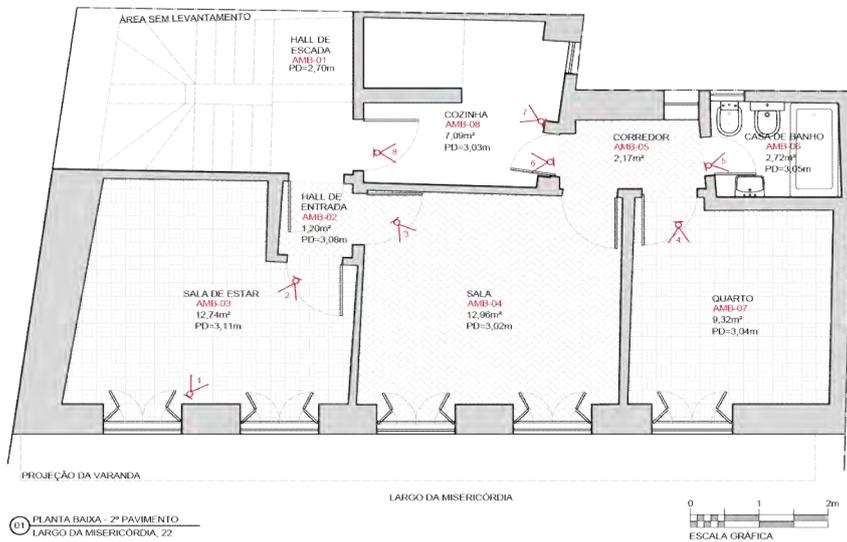
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO



## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	X
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	
-----	--

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	X

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO		LARG. RESTANTES PISOS		NÃO HÁ BOMBA	
--------------	--	-----------------------	--	--------------	--

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP		PROF	
ESPELHO	ALT			

OBS: ESCADA EM ESTRUTURA DE BETÃO.  
NÃO HÁ RESQUÍCIOS DA ESTRUTURA ANTIGA.

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA		ESPESSURA	
--------	--	-----------	--

### 8.2.5. ESTRUTURA



## 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO		ESTRUTURA DO PAVIMENTO EM BETÃO. NÃO HÁ SOALHOS.
------------	--	--

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS			

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

## 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM

## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	47,5 cm	1, 2, 3, 4
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

PISO TIPO

AMBIENTE	1	2, 3	4, 6, 7, 8			
PÉ-DIREITO	2,70 m	3,10 m	3,00 m			

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	-	-	-	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS					
PISOS					
ESPAÇO QUE ARTICULA					
BANDEIRA / ALTURA					
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP			
		2 FOLHA   ESP			
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA				
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				

## 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE		
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO		
LADRILHOS HIDRAULICOS						
LADRILHOS CERÂMICOS		1, 2, 3, 4	COZINHA	-		
FLUTUANTE						
SOALHO	DE JUNTA				COMPOSIÇÃO	
	DE CHANFRO					
	DE MEIO FIO					
	RECONTRADO					
	MACHO/FEMEA					



### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA			
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			

### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA		GESSO		OUTRO	
---------	--	-------	--	-------	--

## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS		MADRES		FILEIRA		TABIQUES	
PAREDES DE ALVENARIA				A ESTRUTURA ANTIGA DO TELHADO FOI SUBSTITUÍDA POR UMA NOVA EM BETÃO ARMADO.			

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA		PERNAS		ESCORAS		NÍVEL	
PENDURAL							

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL

#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

## B. INTERIOR

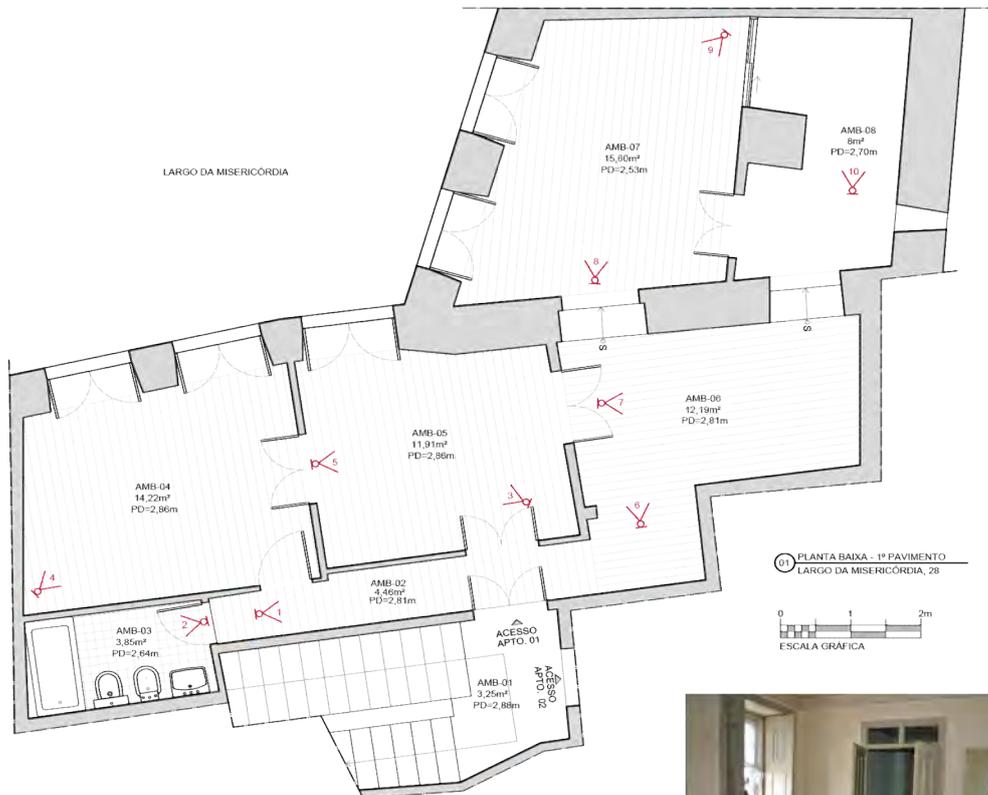
### 8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

#### 8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

##### 8.1.1. HALL DE ENTRADA



##### 8.1.2. PAVIMENTO TIPO





## 8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

### 8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE	X	EM "L"	X	EM "U"	
---------	--	---------	---	--------	---	--------	--

PATAMAR	SIM	X	NÃO	
	LARGURA		PATAMARES IRREGULARES.	
	PROF			

TRAMOS	1 TRAMO		2 TRAMOS	
	3 TRAMOS		OUTRO	X

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	20 cm	LARG. RESTANTES PISOS	51,5 cm	NÃO HÁ BOMBA
--------------	-------	-----------------------	---------	--------------

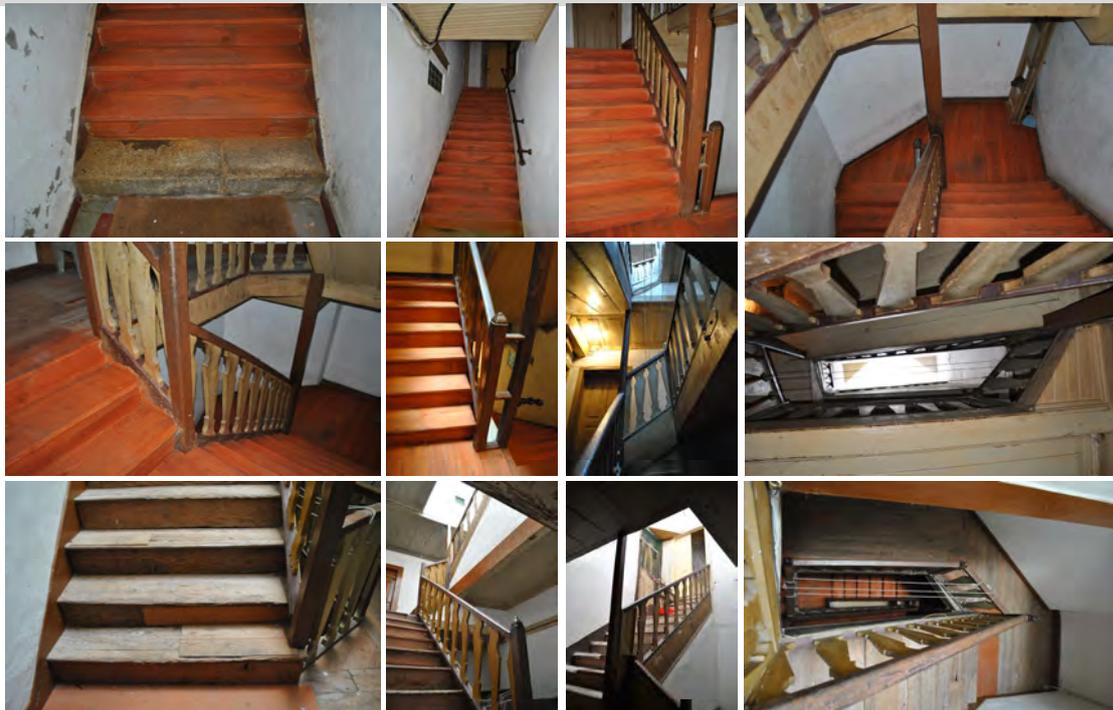
### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	29 cm
ESPELHO	ALT	20 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	90 cm	ESPESSURA	6,5 cm
--------	-------	-----------	--------

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

## 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

### 9.1. PAVIMENTOS

#### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	AMBOS OS SENTIDOS
------------	-------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	-	12/18 cm	VARIADO

#### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

#### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	31 cm
--------	-------

#### 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

##### RÉS-DO-CHÃO

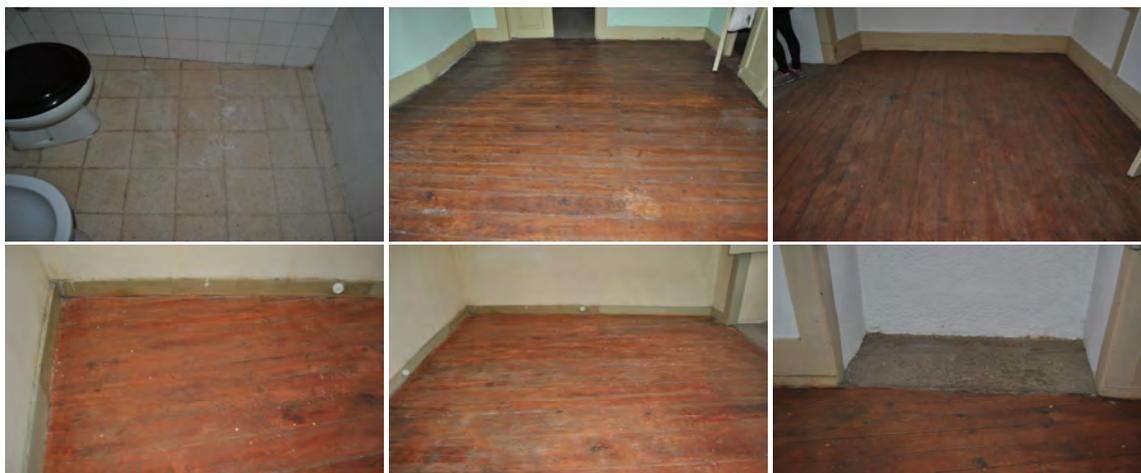
TIPO	LADRILHO	ESPAÇO	HALL DE	DIM	
	HIDRÁULICO		ENTRADA		

##### PISO 1

TIPO	CERÂMICO	ESPAÇO	BANHO	DIM	
			COZINHA		

##### PISO 2

TIPO		ESPAÇO		DIM	



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	68 cm	1
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO		

### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE	70 cm	1
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACBAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	10,5 cm	1

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

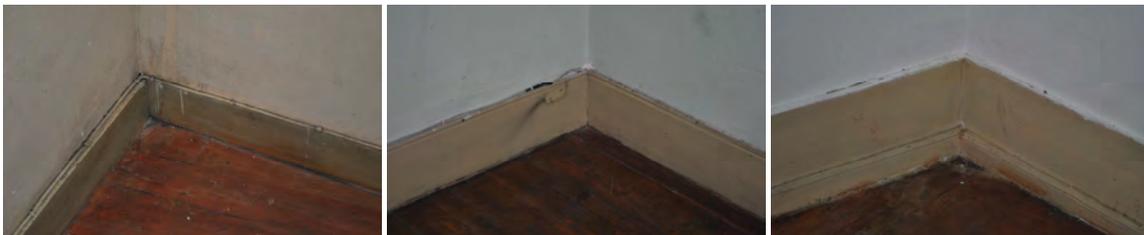
AMBIENTE						
PÉ-DIREITO						

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1	2, 6	3	4, 5	7	8
PÉ-DIREITO	2,88 m	2,81 m	2,64 m	2,86 m	2,53 m	2,70 m

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	13/20/25 cm	2 cm	3 cm	X		
LAMBRIM						



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	11,5/14 cm
----------	------------



### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS	2/1,5 cm	MOLDURAS	14 cm
------	----------	----------	-------



### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	
PISOS		1	1	1	
ESPAÇO QUE ARTICULA		SALAS	COZINHA	QUARTO	
BANDEIRA / ALTURA		36 cm			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	
		2 FOLHA   ESP	X	X	
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
	PROJETANTE   ESP				
	BASCULANTE				
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	X
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALEIRADAS				
	ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO				



TIPO 1



TIPO 2



TIPO 3

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

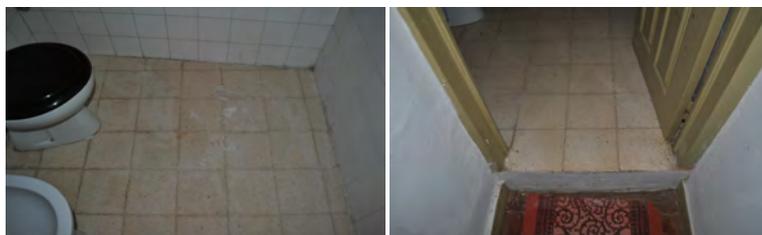
#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO	DIMENSÃO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
REBOCO E ESTUQUE	1	TODOS	-
GESSO CARTONADO			
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA			
ELEMENTOS CERÂMICOS	1	COZ/BAN	15x15cm



#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS		1	BANHO	20x20cm	
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO				
	MACHO/FEMEA				



#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES	11 cm	1	6, 8
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	12/14 cm	1	2, 3, 4, 5, 7
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



### 9.3.4. RODATETO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



## 10. TELHADO

### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input checked="" type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPOORTE DO TELHADO

#### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

#### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	VARAS	<input type="checkbox"/>	RIPAS	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA	<input type="checkbox"/>	CANUDO	<input type="checkbox"/>	LUSA	<input checked="" type="checkbox"/>
----------	--------------------------	--------	--------------------------	------	-------------------------------------

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº DE AGUAS	<input checked="" type="checkbox"/> 2-4	PLANA	<input type="checkbox"/>
-----------	-------------------------------------	-------------	---	-------	--------------------------



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO  
B. INTERIOR

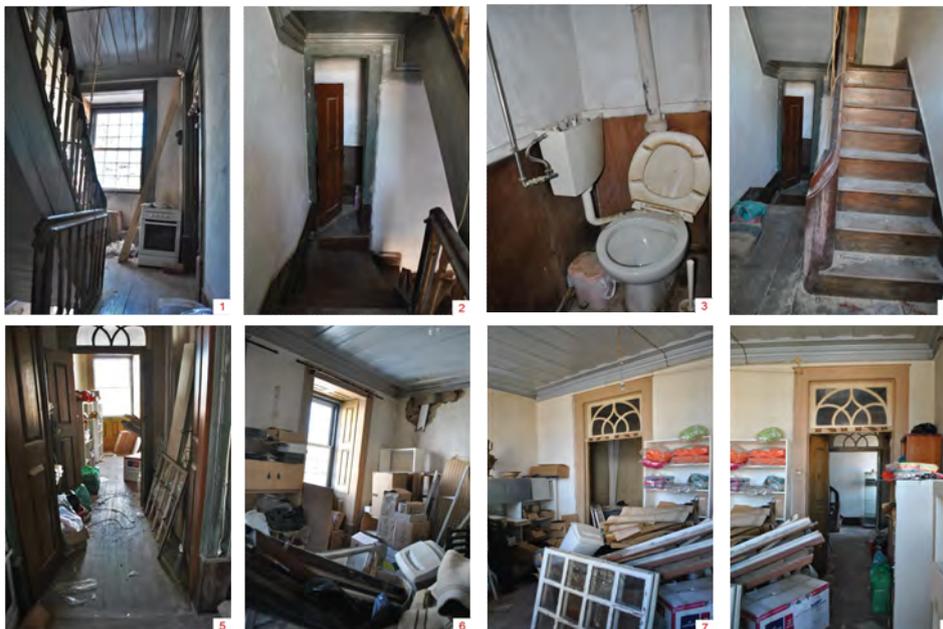
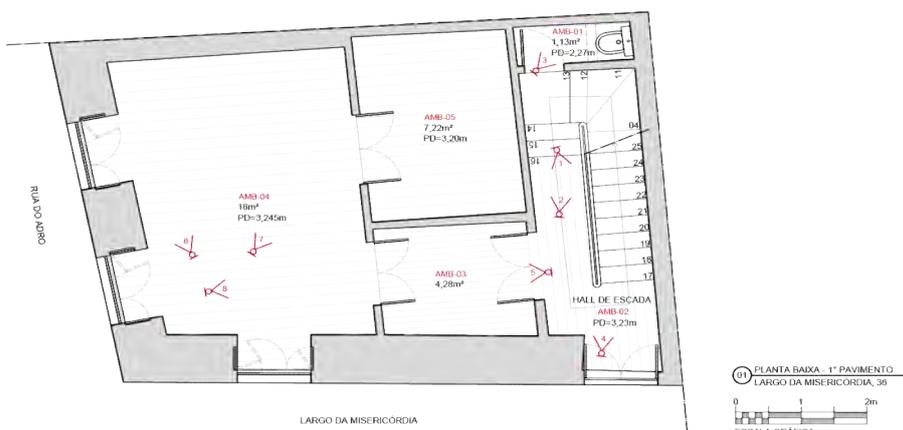
8. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL | DISTRIBUIÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

8.1. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

8.1.1. HALL DE ENTRADA



8.1.2. PAVIMENTO TIPO



8.2. ESCADAS - ACESSO VERTICAL

8.2.1. TIPOLOGIA

1 LANCE		2 LANCE		EM "L"		EM "U"	X
---------	--	---------	--	--------	--	--------	---

PATAMAR	SIM	
	LARGURA	
	PROF	

NÃO	X
-----	---

TRAMOS	1 TRAMO	
	3 TRAMOS	X

2 TRAMOS	
OUTRO	

### 8.2.2. BOMBA DE ESCADAS

LARG. R/CHÃO	-	LARG. RESTANTES PISOS	-	NÃO HÁ BOMBA
--------------	---	-----------------------	---	--------------

### 8.2.3. DEGRAU

COBERTOR	ESP	3 cm	PROF	29,5 cm
ESPELHO	ALT	23 cm		

### 8.2.4. BALAUSTRADA

ALTURA	97 cm	ESPESSURA	-
--------	-------	-----------	---

### 8.2.5. ESTRUTURA



### 8.3. CORREDORES - ACESSO HORIZONTAL

PISO					NÃO SE APLICA	X
DIM						

### 9. ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO

#### 9.1. PAVIMENTOS

##### 9.1.1 SOALHOS

ORIENTAÇÃO	AMBOS OS SENTIDOS
------------	-------------------

	ESPESSURA	LARGURA	COMPRIMENTO
TÁBUAS	3 cm	17 cm	-

##### 9.1.1.1 ESTRUTURA

ORIENTAÇÃO		DIMENSÃO DOS BARROTES	
------------	--	-----------------------	--

##### 9.1.1.2 CAIXA DO PAVIMENTO (INCLUI TETO E ESTRUTURA DO PAVIMENTO)

ALTURA	
--------	--

## 9.1.2. OUTRO PAVIMENTO

RÉS-DO-CHÃO

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 1

TIPO	ESPAÇO		DIM

PISO 2

TIPO	ESPAÇO		DIM



## 9.2. PAREDES

### 9.2.1 EXTERIORES

	ESPESSURA	PISO
TIPO E01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO E02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA	80 cm	R/C, 1, 2
TIPO E03 - ALVENARIA DE PEDRA COM FINGIDOS		
TIPO E04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO E05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO E06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO E07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO E08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	20 cm	3



### 9.2.2 INTERIORES

	ESPESSURA	PISO / ESPAÇO
TIPO I01 - ALVENARIA DE PEDRA COM PEDRA APARENTE		
TIPO I02 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTUQUE		
TIPO I03 - ALVENARIA DE PEDRA REBOCADA, COM ACABAMENTO A ESTANHO (MARMOREADOS)		
TIPO I04 - TABIQUE ALIVIADO		
TIPO I05 - TABIQUE FRANCÊS		
TIPO I06 - TABIQUE TECIDO (CRUZ DE SANTO ANDRÉ)		
TIPO I07 - TABIQUE INGLÊS		
TIPO I08 - TABIQUE NÃO IDENTIFICADO	12 cm	TODOS

### 9.2.3 ALTURA INTERIOR

#### RÉS-DO-CHÃO

AMBIENTE	HALL					
PÉ-DIREITO	3,35 m					

#### PISO TIPO

AMBIENTE	1	2 e 5	3 e 4			
PÉ-DIREITO	2,27 m	3,20 m	3,25 m			

### 9.2.4. ELEMENTOS DE RELAÇÃO ENTRE PAREDES E PAVIMENTOS

	ALTURA	DESTAQUE DA PAREDE		MATERIAL		
		MAX	MIN	MADEIRA	CERÂMICO	PVC
RODAPÉ	46,5 cm	-	-	X		
LAMBRIM	.	-	-	X		



### 9.2.5. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS EXTERIORES

ALIZARES	
----------	--

### 9.2.6. RELAÇÃO DAS PAREDES COM OS VÃOS INTERIORES

AROS		MOLDURAS	
------	--	----------	--

### 9.2.7. ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO DOS VÃOS INTERIORES

VÃOS		TIPO 1	TIPO 2		
PISOS		1 e 2	1 e 2		
ESPAÇO QUE ARTICULA		2, 3, 4, 5	1		
BANDEIRA / ALTURA		X			
MODO DE FUNCIONAMENTO	ABRIR	1 FOLHA   ESP		X	
		2 FOLHA   ESP	X		
		3 FOLHA   ESP			
		MAIS DE 3 FOLHAS   ESP			
	PIVOTANTE   ESP				
PROJETANTE   ESP					
BASCULANTE					
PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO	GRADE COM ALMOFADA OPACA		X	X	
	GRADE COM ELEMENTOS ENVIDRAÇADOS				
	PARTE INF E SUP				
	PARTE SUP.				
	COM TRAVESSAS				
	COM TRAVESSAS E ESCORAS				
	RILHADAS OU ENTALDIRADAS				
ESTRUTURA DE MADEIRA   FAVOS - REVESTIMENTO - LISO					



TIPO 1



TIPO 2

### 9.3. REVESTIMENTOS INTERIORES

#### 9.3.1. PAREDES INTERIORES

TIPOLOGIA	PISO	ESPAÇO
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE		
REBOCO E ESTUQUE	1, 2, 3	TODOS
GESSO CARTONADO		
MADEIRA/TABÚAS DE MADEIRA		
ELEMENTOS CERÂMICOS		

#### 9.3.2. PAVIMENTOS INTERIORES

TIPOLOGIA		PISO	AMBIENTE	DIMENSÃO	COMPOSIÇÃO
LADRILHOS HIDRAULICOS					
LADRILHOS CERÂMICOS					
FLUTUANTE					
SOALHO	DE JUNTA				
	DE CHANFRO				
	DE MEIO FIO				
	RECONTRADO	1, 2, 3	TODOS	13/17 cm	
MACHO/FEMEA					

#### 9.3.3. TETOS INTERIORES

TIPOLOGIA	DIM	PISO	AMBIENTE
MADEIRA SIMPLES			
MADEIRA EM SAIA E CAMISA	-	1, 2	TODOS
COM MADEIRAMENETO À VISTA			
FASQUIADO COM REBOCO E ESTUQUE			
GESSO CARTONADO			
PVC			



#### 9.3.4. RODATELO

MADEIRA	<input checked="" type="checkbox"/>	GESSO	<input type="checkbox"/>	OUTRO	<input type="checkbox"/>
---------	-------------------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------



### 10. TELHADO

#### 10.1. ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

ASNAS	<input type="checkbox"/>	MADRES	<input type="checkbox"/>	FILEIRA	<input type="checkbox"/>	TABIQUES	<input checked="" type="checkbox"/>
PAREDES DE ALVENARIA		<input checked="" type="checkbox"/>	OBS: O TELHADO ANTIGO FOI SUBSTITUÍDO POR UMA NOVA ESTRUTURA.				

#### 10.2. DIMENSÕES DOS ELEMENTOS DE ARMAÇÃO/SUPORTE DO TELHADO

##### 10.2.1. ASNAS

LINHA	<input type="checkbox"/>	PERNAS	<input type="checkbox"/>	ESCORAS	<input type="checkbox"/>	NÍVEL	<input type="checkbox"/>
PENDURAL	<input type="checkbox"/>						

### 10.2.2. OUTROS ELEMENTOS

MADRES		FILEIRA		VARAS		RIPAS	
--------	--	---------	--	-------	--	-------	--



### 10.3. COBERTURA

#### 10.3.1. REVESTIMENTO

TIPO DE TELHA

MARSELHA		CANUDO		LUSA	X
----------	--	--------	--	------	---

OUTRO MATERIAL



#### 10.3.2. GEOMETRIA

INCLINADA	X	Nº DE AGUAS	2	PLANA	
-----------	---	-------------	---	-------	--



### **III. APÊNDICES**

## **APÊNDICE A - MATRIZ DE ACESSIBILIDADE**

MATRIZ RELAÇÃO DA CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO COM O DECRETO LEI Nº163/2006 PARA AVALIAÇÃO DOS VALORES EM RISCO		DECRETO-LEI Nº163/2006 APÓS REVISÃO																																							
		CAPÍTULOS DA NORMA →	EDIFÍCIOS E ESTABELECIMENTOS EM GERAL																	EDIFÍCIOS, ESTABELECIMENTO E INSTALAÇÕES COM USOS ESPECÍFICOS					PERCURSO ACESSÍVEL																
			2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	2.7	2.8	2.9	3.1	3.2	3.3	4.1	4.2	4.3	4.4	4.5	4.6	4.7	4.8	4.9	4.10	4.11	4.12	4.13	4.14													
SEÇÃO DA NORMA →	PERÍMETRO ACESSÍVEL	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO	ÁREAS INDICADAS Pelo PROJETO ARQUITETÔNICO						
INFORMAÇÕES DO EDIFÍCIO RUA DIREITA Nº 226 ↓		TABELA REFERENCIADA ↓																																							
ATRIBUTOS COMUNS		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
CAVE		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
RÉS DO CHÃO		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
1º PISO		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
2º PISO		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
3º PISO		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
4º PISO		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
5º E 6º PISOS		[Grid of colored cells representing attribute presence]																																							
CONTAGEM DAS CELULAS - INCOMPATIBILIDADES COM O REGIME		[Row of numerical counts]																																							
CONTAGEM DAS CELULAS - COMPATIBILIDADES COM O REGIME		[Row of numerical counts]																																							

## **APÊNDICE B - TABELAS DE CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

## ÍNDICE

TABELA 01.....	A-183
TABELA 02.....	A-185
TABELA 03.....	A-188
TABELA 04.....	A-191
TABELA 05.....	A-192
TABELA 06.....	A-193
TABELA 07.....	A-195
TABELA 08.....	A-197
TABELA 09.....	A-199
TABELA 10.....	A-201
TABELA 11.....	A-204
TABELA 12.....	A-205
TABELA 13.....	A-207
TABELA 14.....	A-209
TABELA 15.....	A-211
TABELA 16.....	A-213
TABELA 17.....	A-215
TABELA 18.....	A-217
TABELA 19.....	A-219
TABELA 20.....	A-221
TABELA 21.....	A-223
TABELA 22.....	A-225
TABELA 23.....	A-227
TABELA 24.....	A-229
TABELA 25.....	A-231
TABELA 26.....	A-233
TABELA 27.....	A-235
TABELA 28.....	A-237
TABELA 29.....	A-239
TABELA 30.....	A-241

---

TABELA 31.....	A-243
TABELA 32.....	A-245
TABELA 33.....	A-247
TABELA 34.....	A-249
TABELA 35.....	A-250
TABELA 36.....	A-252
TABELA 37.....	A-254
TABELA 38.....	A-256
TABELA 39.....	A-258
TABELA 40.....	A-260
TABELA 41.....	A-262
TABELA 42.....	A-264
TABELA 43.....	A-266
TABELA 44.....	A-268
TABELA 45.....	A-270
TABELA 46.....	A-272
TABELA 47.....	A-274
TABELA 48.....	A-276
TABELA 49.....	A-279

TABELA 01

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
DOMÍNIOS COLETIVOS - **VOLUMETRIA**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Vista da Fachada da edificação e a Rua Direita

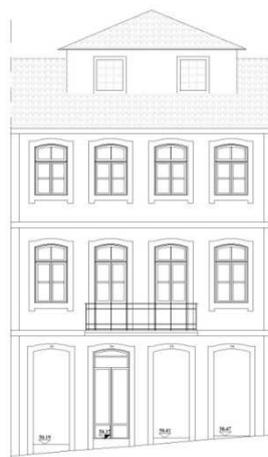


Figura 02: Alçado principal. Edificação com comércio no rés do chão e habitação nos pavimentos superiores

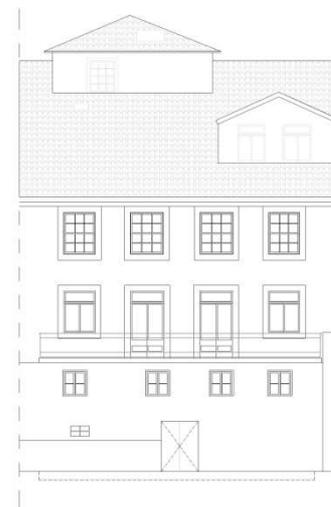


Figura 03: Alçado posterior com único acesso ao quintal, pavimento superior com varanda ao longo da fachada e dois volumes na cobertura.



Figura 04: Vista da Fachada posterior

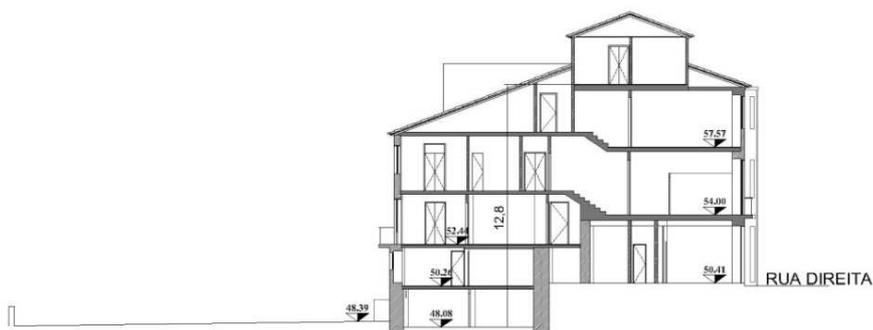


Figura 05: Vista de um corte do edifício, o qual mostra a área de ocupação frontal, com quintal ao fundo; os planos dos pisos internos desencontrados; o terreno inclinado com a Rua Direita à direita em cota superior em relação ao fundo do lote.

A edificação é implantada em terreno de formato irregular, estreito e profundo, de 418m<sup>2</sup>, com testada de 8,73m e profundidade aproximada de 184m. Ausente de afastamentos laterais e frontal, a edificação foi implantada em banda com 44% de taxa de ocupação e o restante é área permeável no fundo do lote.

Internamente os pavimentos da edificação são desalinhados, isto é, os planos dos fogos frontais não coincidem com os planos dos fogos posteriores, tendo uma diferença de cota de aproximadamente 2m. Devido a essa estratégia, a fachada frontal não evidencia o número de pavimentos existentes - que aparentemente são quatro - e, somado a forma do terreno em declive (existência de cave), contabilizam no total oito pisos (figura 05).

A fachada principal apresenta desenvolvimento do plano reto e simétrico (figura 02), com acesso ao rés-do-chão por uma loja e pela entrada a residência multifamiliar através de uma porta na lateral esquerda; no pavimento superior avista-se varanda em consola de pedra e guardas de ferro, caixilharias de peito de batente e sacada de batente com vidro e molduras em pedra; na sequência acima, a composição se mantém com mesmo ritmo e com caixilharias de peito de batente e, por último, na cobertura há volume adicional.

Na fachada posterior (figura 03) há um partido assimétrico devido a esquadrias na cave e a volumes adicionais na cobertura que contribuem para os desalinhamentos, sendo o primeiro e o segundo pavimentos com caixilharias dispostas de maneira simétrica, com repetição de vãos e alinhamentos dos peitoris/soleiras e padieiras. A cobertura da edificação cuja empena é perpendicular à rua, têm duas águas com telha cerâmica aba e canudo e apresenta também telha metálicas provisórias devido ao desmoronamento da cobertura existente. Os volumes adicionais na cobertura apresentam quatro e duas águas.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Escadas incluídas em percursos acessíveis	2.4	2.4.10		X	Deve existir outro meio de circulação vertical, além das escadas.	Existe somente as escadas como meio de circulação vertical.
Edifícios de habitação - espaços comuns:	3.2	3.2.1		X	Em edifícios com até 5 pavimentos ou com diferença de cota entre pisos utilizáveis até 11,50m não é necessário a instalação de outros meios mecânicos de comunicação vertical alternativo a escada.	A edificação possui mais de cinco pavimentos e cota entre pisos superior a 11,50m.
		3.2.6	X		Não há necessidade de vaga de estacionamento.	A edificação não contém vagas de estacionamento.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Modificação da volumetria existente, com possibilidade de alteração da fachada e cobertura;
- Perda parcial de sistemas construtivos e elementos arquitetônicos;
- Introdução de outros meios mecânicos com aumento de custos na obra;
- Perda de legibilidade no interior do edifício;
- Alteração do desenho arquitetônico e impacto em escala de conjunto.

**TABELA 02**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**DOMÍNIOS COLETIVOS - CIRCULAÇÃO VERTICAL**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE:**

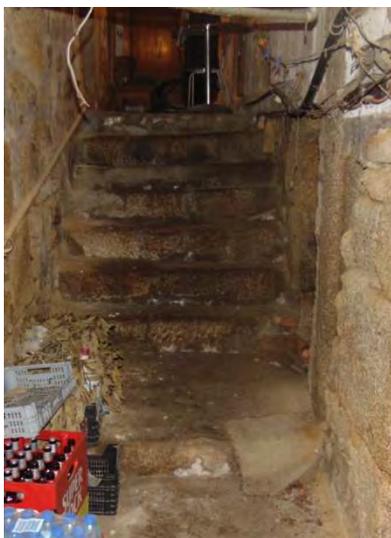


Figura 01: Escada de pedra com o primeiro degrau isolado para acesso à direita ao compartimento lateral.



Figura 02: Escada arqueada presente no rés-do-chão, com o primeiro degrau em pedra e os demais em madeira. Na lateral direita há corrimão de madeira e na lateral esquerda revestimento sobre a alvenaria.



Figura 03: Primeiro lance da escada do primeiro pavimento, único trecho com corrimãos de ambos os lados.



Figura 04: Vista da bomba da escada, com a continuação do corrimão de madeira. Destaque para os degraus isolados após o patim de acesso ao fogo 04.



Figura 05: Vista inferior da caixa de madeira que regula a iluminação na bomba da escada. Observa-se no canto superior direito a porta de acesso ao fogo 05.



Figura 06: Abertura zenital da bomba da escada. Vista interna do fogo 05 e, à esquerda, o vão de acesso ao lance inferior, no qual há uma porta de abrir com uma folha de madeira.

A circulação vertical é composta por diferentes caixas de escadas. Na cave, a escada é reta; no piso térreo a escada tem formato arqueada e nos pisos superiores a escada é reta com variação de dois e três tramos, lances que vencem desníveis de aproximadamente 2m. O corrimão é em madeira e tem formato singular. Os pisos têm medidas heterogêneas e apresenta bocel. Os patamares e patins variam em dimensões e formatos.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	Deve existir pelo menos um percurso acessível.	O percurso pelas escadas é o único modo de acesso a todos os fogos.
Escadas incluídas em percursos acessíveis	2.4	2.4.1		X	A largura dos lanços, patins e patamares devem ter no mínimo 1,2m.	Há patamares e patins com largura menor de 1,20m.
		2.4.2		X	A profundidade dos patamares inferiores devem ser superiores a 1,2m e os patins intermédio das escadas 0,7m em desníveis até 2,4m.	Há patamar com profundidade menor que 1,20m.
		2.4.3		X	Especifica as medidas dos degraus, dos espelhos, da faixa antiderrapante e da sinalização visual e da curvatura do fochinho.	Há degraus com medidas do espelho e cobertor fora do regulamento, sem constância ao longo dos lances, sem sinalização e com bocel.
		2.4.4		X	Os degraus curvos devem ter profundidade em pelo menos 2/3 do piso de no mínimo 0,28m.	Nos degraus da escada com formato giratório, há pisos menores que 0,25m medidos no ponto 1/3 menor de seu comprimento.
		2.4.5		X	Os degraus não devem ter bocéis.	Todos os degraus contém bocéis.
		2.4.7		X	Desníveis maiores de 0,40m deve ter corrimão de ambos os lados.	Somente um lance de escada contém corrimão em ambos os lados.
		2.4.8		X	Estabelece medidas, prolongamentos e continuação do corrimão em todo o percurso.	Não há prolongamento do corrimão na base nem no topo das escadas.
		2.4.9		X	Recomenda-se a inexistência de degraus isolados e quando não for possível, deve ter o piso (cor e textura) destacado.	Há degraus isolados na escada localizada na cave (figura 01) e na escada mista (figura 04).
Edifícios de habitação - espaços comuns	3.2	3.2.1		X	É necessário outro meio de comunicação vertical, além das escadas	As escadas constituem o único modo de circulação vertical.
		3.2.7		X	Inscrever uma zona de rotação de 180° nos patamares de acesso aos fogos	A maioria dos patamares de acesso aos fogos não permite inscrever uma zona de rotação de 180°.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.5		X	Quando só existir escadas como circulação vertical nos fogos, estas devem ter largura e profundidade específica no regulamento.	A escada do fogo 05 não apresenta as medidas especificadas no regulamento.
Altura livre	4.5	4.5.2		X	Estabelece a altura livre de obstruções de 2m.	O patamar inferior da escada da cave apresenta altura livre de 1,94m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	Há descontinuidade do piso da cave.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Item não avaliado nas visitas.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Foi identificada abertura no piso da cave
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não foi identificada inclinação relevante no percurso da circulação vertical.
Portas	4.9	4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Esse item mostra a impossibilidade de existir porta logo após os degraus de uma escada (figura 05).
Corrimãos e barras de apoio	4.11	4.11.1 a 4.11.6	X		Estabelece dimensão e forma do corrimão em diferentes situações.	O corrimão existente apresenta a largura de 0,045m e forma adequada.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI:**

- Destruição da escada e, possivelmente, da alvenaria de tabique para ampliar os patamares/patins, regularizar os pisos e os espelhos e remover os bocéis,
- Destruição das extremidades dos corrimãos para efetuar o prolongamento adequado;
- Remoção da porta na caixa de escada;
- O rebaixamento da cota do pavimento da cave ou a elevação do piso do fogo 01 para que o patamar inferior da escada da cave obtenha altura livre adequada.;
- Perda parcial do sistema construtivo e elementos arquitetônicos para inserção de outro meio de comunicação vertical;
- Destruição interna parcial da edificação para a introdução de outro meio mecânico;
- Perda de legibilidade e coerência no interior do edifício.
- Introdução de novos elementos - sinalização e corrimão de ambos os lados.

**TABELA 03**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**DOMÍNIOS COLETIVOS - CIRCULAÇÃO HORIZONTAL**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Vista da fachada com destaque para o desnível para a via pública e o acesso à edificação.

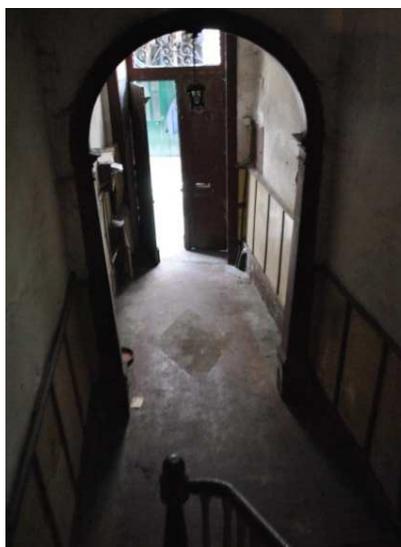


Figura 02: Átrio da edificação e espaço livre para deslocamento



Figura 03: Átrio 02 e passagem em direção à cave, ao lado da escada. Esse é o menor trecho da circulação horizontal comum.



Figura 04: Corredor de acesso à cave e ao quintal no fundo do lote.



Figura 05: Corredor do primeiro pavimento com piso de madeira. Acesso ao fogo 02 pela porta à direita.



Figura 06: Vista do corredor do térreo com destaque para as diferentes portas e ao centro o objeto saliente na base da parede.

A edificação multifamiliar possui circulação horizontal dos espaços comuns e dos espaços privados. Os primeiros são compostos pelos átrios, corredores, patamares e área externa. Os espaços de circulação horizontal privados variam de acordo com cada fogo e pode abranger o hall de acesso, corredor, varandas e áreas dos compartimentos.

Na circulação dos espaços comuns, o primeiro obstáculo encontra-se na entrada da edificação, na diferença de níveis dos pisos da rua em relação a cota da soleira. Outras dificuldades estão nos pisos dos átrios e do corredor do térreo em betão, que estão em ruim estado de conservação, apresentam fissuras, aberturas e heterogeneidade de materiais que comprometem o deslocamento. Os pisos dos patamares de acesso aos fogos, em madeira ou com revestimento vinil, estão em mal estado de conservação e têm dimensões restritas.

A dimensão do pé direito nestes ambientes varia entre 1,94m (no corredor da cave) e 3,53m (átrio). A largura dos espaços de deslocamento varia entre 0,50m (no átrio 02, ao lado da escada) e 1,91m (no átrio 01).

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	Deve existir pelo menos um percurso acessível.	O percurso não é acessível devido às condições do piso, pé direito e largura mínima acessível.
Edifícios de habitação - espaços comuns	3.2	3.2.7		X	Inscriver uma zona de rotação de 180° nos patamares de acesso aos fogos	A zona de rotação de 1,50x1,20m só é possível nos patamares de acesso aos fogos 01 e 03.
Largura livre	4.3	4.3.1		X	O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	A largura dos espaços de deslocamento variam entre 0,50m e 1,91m.
		4.3.3		X	Especifica condições para situações que onde há troços no percurso acessível	A largura mínima não satisfaz a dimensão excepcional da largura livre em troços de percursos pedonais.
Altura livre	4.5	4.5.1		X	A altura livre no percurso acessível é de no mínimo de 2m nos espaços cobertos	O pé direito varia entre 1,94m (no corredor da cave) e 3,53m (átrio).
Objectos salientes	4.6	4.6.1 a 4.6.4		X	Estabelecem medidas e alturas com relação ao piso de objetos salientes.	Há objetos salientes no corredor do térreo que não satisfazem o regulamento.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	Os pisos do átrio 02, do térreo e dos patamares de acesso aos fogos não estão adequados ao percurso acessível.
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	O piso do átrio em betão tem o acabamento polido.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Verifica-se aberturas no corredor do térreo com aberturas significativas.
		4.7.5		X	A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal. Acima de 5% deve ser considerado rampa.	A inclinação dos pisos na direção transversal é maior que 2% no átrio 02, em frente a porta de acesso ao corredor do térreo.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.1		X	Deve ser evitada as mudanças de nível abruptas	Entre o corredor da cave e o quintal há desnível de 22,5cm.
		4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	O desnível de 22,5cm não tem o tratamento adequado (rampa ou dispositivo mecânico)
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	No percurso foram identificadas portas de duas folhas com largura útil inferior a 0,77m.
		4.9.2		X	Especifica altura útil de passagem não inferior a 2m	A porta externa da fachada posterior apresenta altura útil de 1,795m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	Há portas de duas folhas com largura útil inferior a 0,77m.
		4.9.6 4.9.7		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	A porta localizada entre o átrio 02 e o corredor do térreo não apresenta a zona de manobra necessária
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Há puxador em forma de maçaneta, há situações com ausência de dispositivos de operação das portas.

## CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI

- Destruição da escada e possivelmente da alvenaria para a ampliação dos patamares de acesso aos fogos;
- Remoção parcial da escada arqueada (degrau em pedra e corrimão) para abrir espaço com largura livre adequada;
- Elevação do piso do fogo 01 para que o corredor da cave obtenha altura livre adequada e a porta externa tenha altura livre de 2m;
- Tratamento do piso do átrio;
- Elevação do nível da cave para remover ressalte/obstáculo entre essa e o quintal;
- Substituição das portas com duas folhas e porta externa da fachada posterior;
- Substituição de puxadores das portas.

**TABELA 04**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**DOMÍNIOS COLETIVOS - QUINTAL**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Vista da fachada posterior de alvenaria de pedra com esquadrias dos fogos 01, 02 e 04. O acesso à cave é realizado por uma porta ao centro. A direita avista-se a laranjeira.

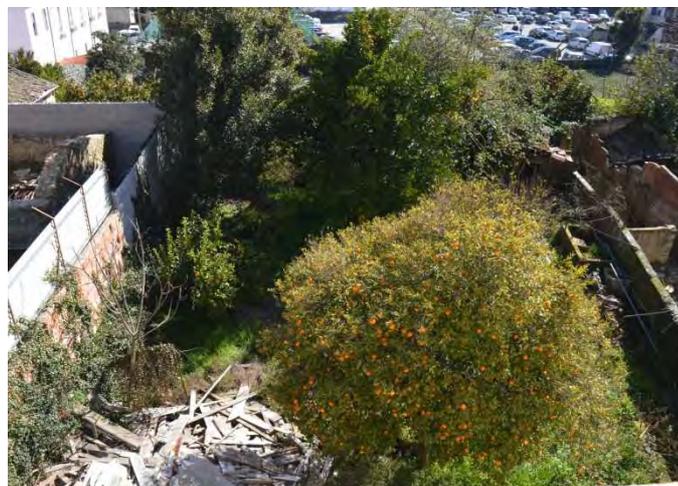


Figura 02: Quintal da edificação com área permeável em quase toda a sua superfície, delimitado por muro e com algumas árvores.

O quintal está localizado na parte posterior da edificação e tem 235m<sup>2</sup>, o que equivale a 56% do lote. Apresenta quase toda a superfície como área permeável, tendo ao fundo um barracão em ruína. Árvores de médio porte, como laranjeiras, estão dispersas pelo terreno. Não há percurso pedonal delineado. Observou acúmulo de lixo e de materiais de construção.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	Deve existir pelo menos um percurso acessível.	Não há percurso acessível
Largura livre	4.3	4.3.1		X	O percurso acessível deve ter um canal de circulação de no mínimo 1,20m	Não há um canal de circulação pelo quintal
Altura livre	4.5	4.5.1	-	-	A altura livre no percurso acessível é de 2,4 m nos espaços descobertos	Como o percurso não está delimitado, não é possível verificar esse item.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	A grama reveste o quintal em praticamente toda a sua extensão.
Elementos vegetais	4.13	4.13.1 a 4.13.4		X	Estabelece que os elementos vegetais não devem interferir no percurso acessível, proíbe a existência de alguns tipos nas áreas adjacentes, trata de proteções como grelhas de revestimento e sua resistência mecânica.	O quintal não apresenta área destinada ao percurso pedonal. Projeto arquitetônico e paisagístico deverão definir as áreas de acesso, as proteções das caldeiras das árvores e outras estratégias para o percurso livre e seguro.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Execução de percurso acessível, com possibilidade de remoção de vegetal ou arbusto

**TABELA 05**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**CAVE - ALMOXARIFADOS 01 A 04**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE:**

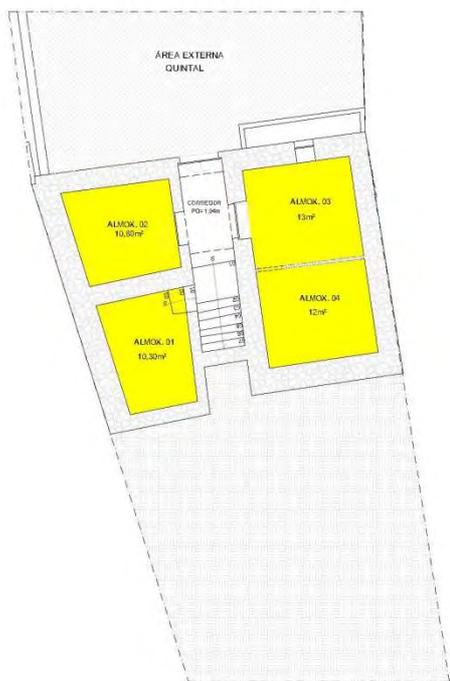


Figura 01: A planta da cave mostra a localização dos almoxarifados



Figura 02: Vista da porta de entrada do almoxarifado 02. Os espaços dos almoxarifados são de alvenaria de pedra, possui pé direito restrito.

Esses compartimentos, localizados na cave, servem para o depósito de materiais dos comerciais ou da edificação. Representa espaços livres entre as paredes da fundação de alvenaria de pedra, com o pé direito reduzido, sem tratamento do piso e teto.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.2	X	Estabelece espaço que não precisam incluir ao percurso acessível	Os almoxarifados foram considerados espaços de carga e descarga e podem não ter acesso através de percurso acessível.	
Sinalização orientação	4.14	4.14.2		X	Deve existir sinalização nos locais onde não há percurso acessível	Não há nenhuma sinalização

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Instalação de sinalização de acessibilidade

TABELA 06

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**CAVE - CORREDOR**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

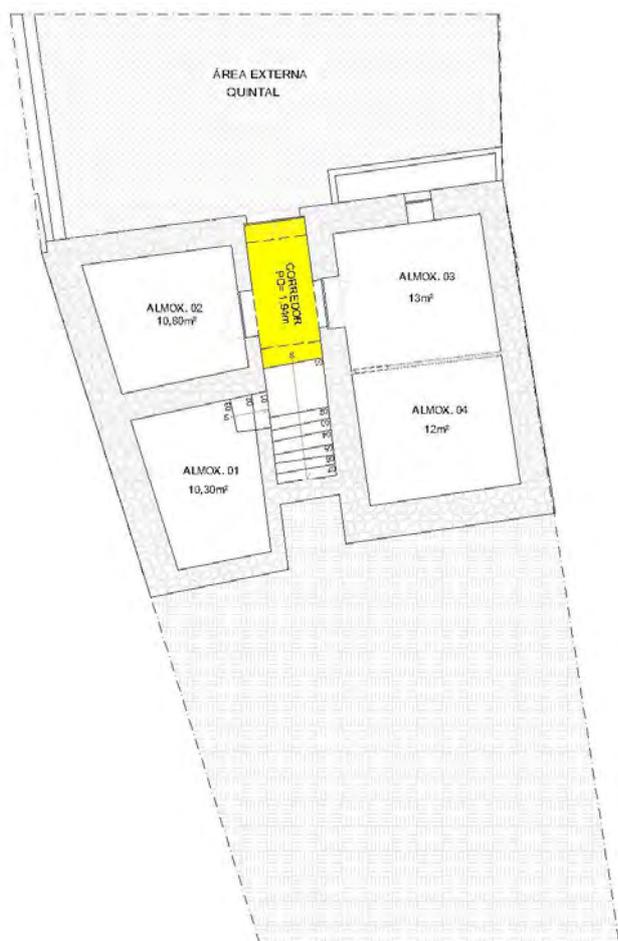


Figura 01: Planta da cave com destaque para o corredor



Figura 02: Corredor localizado na cave do edifício, constituído por alvenaria estrutural de pedras. Ao fundo, a escada retilínea para acesso ao piso térreo.



Figura 03: Vista do corredor da cave, com a porta para acesso ao quintal ao fundo. Destaque para o desnível entre o corredor e a área externa.

O corredor da cave tem aproximadamente 1,47x3,59m, paredes de alvenaria de pedra e pé direito de 1,94m. Em seu comprimento há duas portas, uma à esquerda para o acesso ao almoxarifado 02 e outra à direita para o acesso aos almoxarifados 03 e 04. É um espaço retilíneo que conecta o rés-do-chão ao quintal. A porta de acesso ao quintal é metálica e tem duas folhas. Observa-se que o corredor está em nível abaixo ao da área externa e, portanto, há um desnível de 22,5cm.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O corredor faz parte do percurso acessível.	O corredor não é acessível.
Patamares, galerias e corredores incluídos em percursos acessíveis	2.3	2.3.1	X		Estabelece que os corredores devem ter largura não inferior de 1,20m.	O corredor tem largura adequada.
Largura livre	4.3	4.3.1 4.3.2	X		O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	O corredor tem largura adequada e sem obstruções.
Altura livre	4.5	4.5.1		X	O percurso acessível deve ter altura livre de 2m	O corredor possui altura livre de 1,94m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso não é uniforme e contínuo.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não há informações suficientes.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso não tem inclinações consideráveis
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas	O vão de acesso ao quintal apresenta a largura de 1,35m
		4.9.2		X	Os vãos de porta devem ter uma altura útil de passagem não inferior a 2 m	A porta de acesso ao quintal tem altura de 1,80m.
		4.9.5		X	Estabelece que para portas com duas folhas, pelo menos uma deve garantir o vão de 0,77m livre.	A abertura das folhas da porta não garante o especificado em norma.
		4.9.6		X	Estabelece que as portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados e em nível.	As zonas de manobras dos dois lados da porta estão em níveis diferentes, com ressalto de 22,50cm.
		4.9.8		X	Na existência de ressalto no piso não devem ter uma altura superior a 0,02 m.	O ressalto é superior ao especificado em norma.
		4.9.9 4.9.10		X	Estabelece parâmetros para os dispositivos de operação das portas.	Os trincos da porta estão localizados fora do limite estabelecido no regulamento.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor não apresenta dispositivo luminoso e está instalado a 1,47m do piso.
Sinalização e orientação	4.14	4.14.1 4.14.6		X	Estabelece as características da identificação do número de piso.	Não há identificação do número do piso

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Elevação do piso do fogo 01 para que o corredor obtenha altura livre adequada do pé direito e da porta externa;
- Substituição da porta externa com largura útil mínima de 0,77m e novos dispositivos de operação;
- Elevação do piso da cave ou rebaixamento da soleira para nivelar as zonas de manobras dos dois lados da porta externa;
- Recuperação e uniformidade do piso;
- Troca do comando de interruptor;
- Inserir sinalização de informação visual na parede.

TABELA 07

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
RÉS-DO-CHÃO - ÁREA COMERCIAL

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

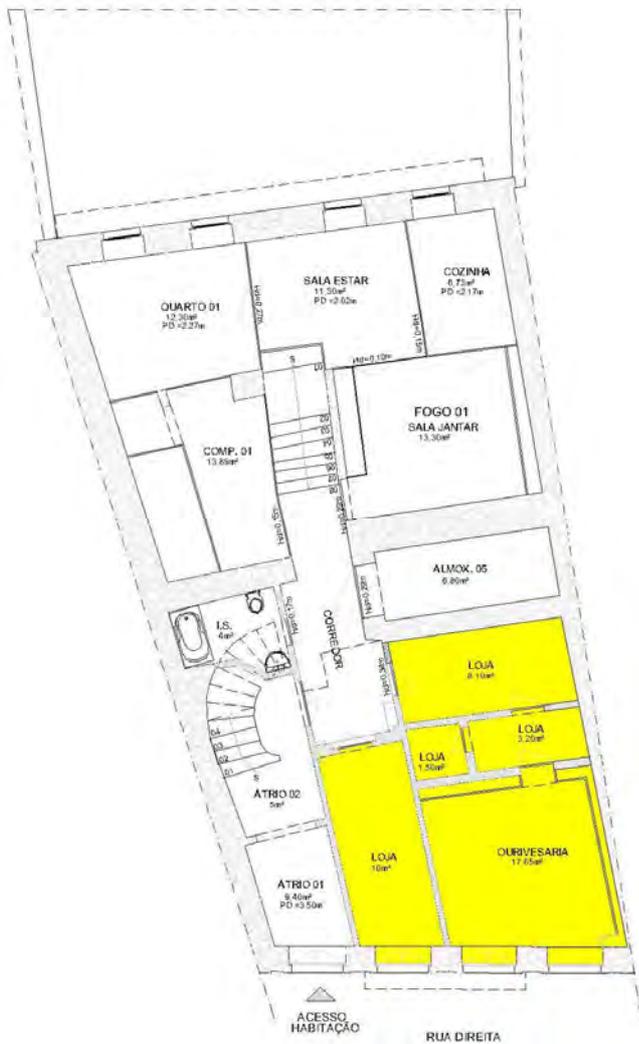


Figura 01: Planta do térreo com destaque para as áreas de comércio.



Figura 02: Vista da base da fachada com acesso à esquerda para a habitação e ao centro duas portas de acesso a comércios, à direita o vão é destinado a montra.



Figura 03: Entrada das lojas através do rés-do-chão

No rés-do-chão e com acesso pela fachada principal existem duas lojas, a Lust e a Ourivesaria. Enquanto a primeira loja tem 10m<sup>2</sup>, formato retangular com uma porta ao fundo que dá acesso ao corredor do rés-do-chão, a outra loja é maior, com 17,65m<sup>2</sup>, e tem ao fundo outros três compartimentos. Para o acesso a cada uma das lojas, a partir do logradouro público, é necessário vencer um desnível de aproximadamente 0,30 e 0,16m respectivamente.

As paredes internas são autoportantes de tabique, a parede externa e a parede de divisa do lote são de alvenaria estrutural de pedra. Não foi possível entrar nos três compartimentos posteriores pertencentes a loja de Ourivesaria e as informações obtidas foram retiradas do projeto de arquitetura e de visitas às áreas adjacentes.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	Deve existir pelo menos um percurso acessível.	Não há percurso acessível
Balcões e guichês de atendimento	2.12	2.12.1		X	O balcão de atendimento deve ser vinculado ao percurso acessível, ter zona de permanência, ter uma zona aberta ao público e dispor de mecanismos de comunicação.	Somente o balcão de uma das lojas foi medido e não contempla os requisitos desejados na norma, altura de 92cm e não apresenta meios alternativos à comunicação oral.
Largura livre	4.3	4.3.1	-	-	O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	Não foi possível observar todas as áreas internas.
		4.3.3	X		Dimensão excepcional para largura livre	As portas têm largura maior que 0,90m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Deve ter a altura livre de obstruções de 2m	Os pés direito observados em projeto têm altura adequada
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	Os pisos das lojas são adequados.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância dos pisos.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas nos pisos
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não foi identificada inclinação relevante nos compartimentos acessados
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	As mudanças de níveis nos pisos não apresentam tratamento conforme
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Há portas com largura mínima útil menor que a estabelecida na norma.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura do vão da porta é de 2,20m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta com duas folhas não apresenta largura admissível.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados, desobstruídas e em nível.	Em algumas portas não há zonas de manobras e em outras há desníveis entre os pisos.
		4.9.8		X	Se nas portas existirem ressaltos de piso não devem ter uma altura superior a 0,02 m.	Há ressaltos entre pisos maiores que 0,02m.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Os sistemas de aberturas das portas são vários, inclusive com o uso de puxador.
		4.9.14		X	Portas com envidraçados devem ter marcas de segurança de cor e dimensões adequadas	A porta de vidro não apresenta marcas de segurança.
Comandos e controlos		4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi identificada o tipo de comandos utilizados.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Readequação do balcão de atendimento;
- Rebaixamento da soleira e nivelamento dos pisos internos com o piso externo;
- Substituição da porta com largura útil e dispositivos de operação adequados;
- Inserção de comandos adequados.

TABELA 08

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
ÁTRIO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

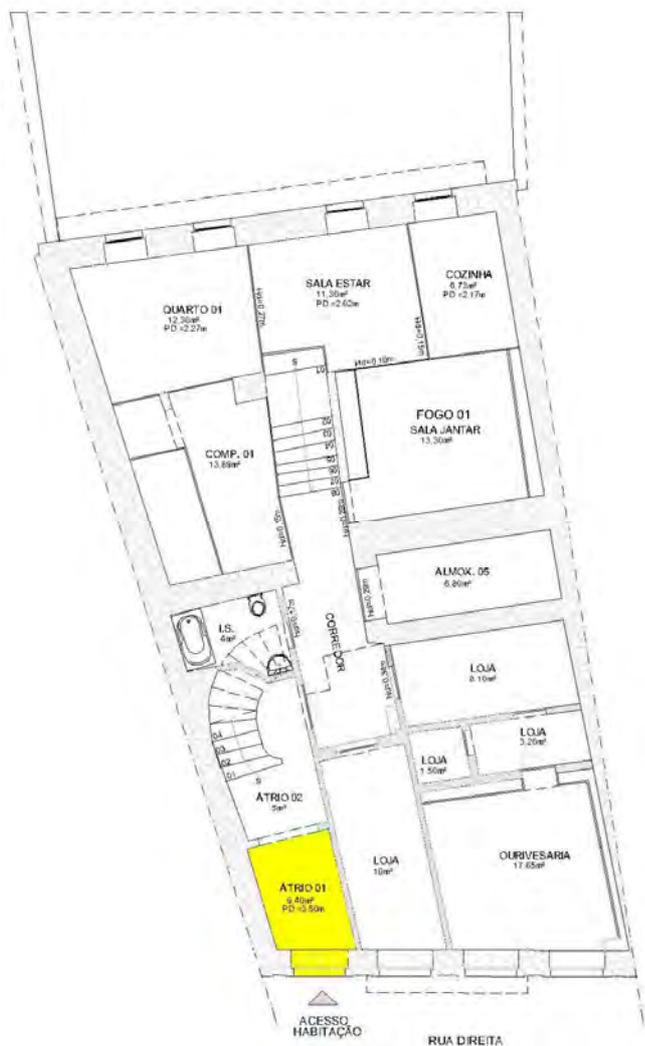


Figura 01: Planta do rés-do-chão com destaque para o átrio 01.



Figura 02: Vista do acesso a edificação multifamiliar e ao átrio. A entrada apresenta desnível médio de 0,275m, porta de duas folhas tendo cada uma 0,485m.



Figura 03: Vista do átrio 01 ao fundo cujo formato irregular apresenta nas menores faces as dimensões de 1,84x2,48m.

A porta de madeira com bandeira de duas folhas, à esquerda na fachada principal, marca o acesso a edificação, que é realizado vencendo um desnível da soleira, de aproximadamente 0,485m. O átrio é o primeiro ambiente da edificação acessado por quem vem da Rua Direita. Após este há outro átrio que direciona ao primeiro pavimento ou à cave. Ambos são separados por um vão em arco pleno. As paredes internas são de tabique e as paredes que separam a edificação do lote vizinho é de pedra. O pé direito de 3,53m possibilita maior iluminação e ventilação aos átrios e contribui para destacar a escadaria no lado oposto à porta de acesso. As paredes são revestidas com lambrim de madeira e pintura branca. O piso é de betão pintado com desenho de losango ao centro. O átrio não apresenta móveis nem qualquer outro obstáculo.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
		Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O átrio faz parte do percurso acessível. O percurso pelo átrio não é acessível
Átrios incluídos em percursos acessíveis	2.2	2.2.1	X		Do lado exterior e interior da porta de acesso deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°
		2.2.3		X	A porta de entrada/saída devem ter largura útil não inferior a 0,87 m. A porta de entrada tem duas folhas com largura útil menor que 0,87m.
Largura livre	4.3	4.3.1	X		O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m. O átrio tem largura variável, contudo sempre maior que 1,20m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Deve ter a altura livre de obstruções de 2m. O pé direito tem 3,53m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes. O piso em betão pintado tem polimento
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido. Não foi possível verificar a refletância do piso.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m. Não foi identificada abertura relevante
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal. Não foi identificada inclinação além do permitido
Portas	4.9	4.9.2	X		A altura útil mínima do vão da porta é de 2m. A altura da porta é de 3,25m
		4.9.3	X		Estabelece tamanho do vão de porta cujas ombreiras são maiores que 0,60m. A porta tem largura maior que 0,90m
		4.9.5		X	A largura mínima para portas com duas folhas é de 0,77m. A porta com duas folhas não tem largura útil numa das portas suficiente.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados, desobstruídas e em nível. As zonas de manobras estão em níveis diferentes.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta. A porta apresenta a maçaneta como dispositivo de operação.
		4.9.10		X	Estabelece altura do dispositivo de operação da porta e relação com o bordo exterior. O dispositivo de operação está a 1,25m do piso
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis. O interruptor está localizado a 1,62m de altura do piso, acima da altura estabelecida pela norma.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Substituição do piso;
- Substituição da porta de acesso;
- Rebaixamento e alinhamento dos níveis interno e externo;
- Remoção e instalação de novo tipo de comando.

TABELA 09

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
ÁTRIO 02

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

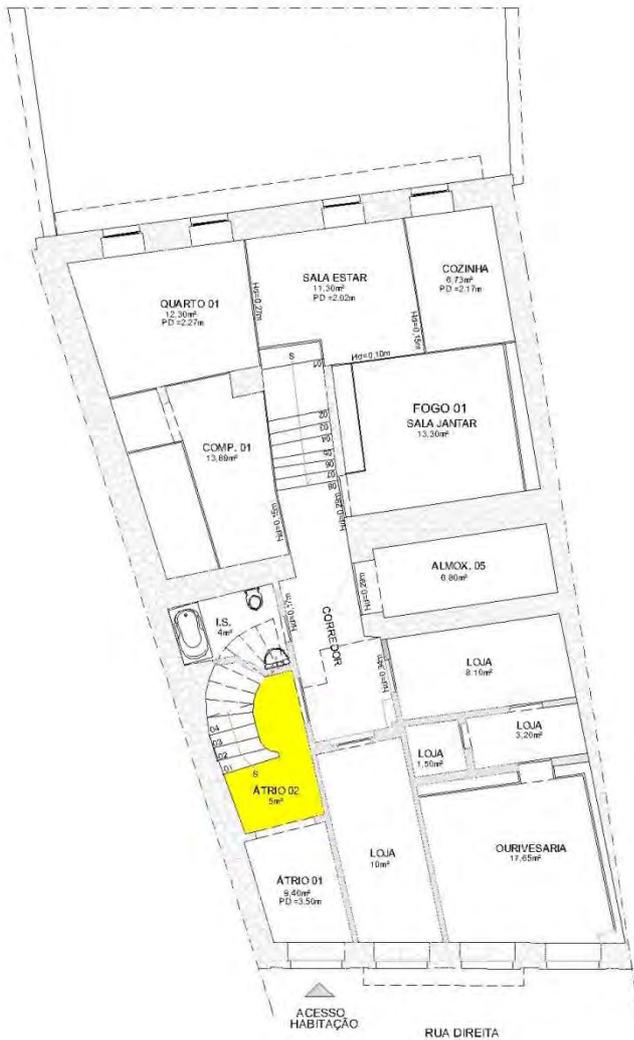


Figura 01: Planta do rés-do-chão com destaque para o átrio 02.



Figura 02: Vista do átrio e em destaque a escada de madeira. No rés-do-chão à direita há porta que dá acesso a fogo 01, a loja e a cave.



Figura 03: Vista geral do piso dos átrios. Ao fundo a porta de entrada da edificação.

O Átrio 02 é o primeiro espaço de bifurcação por quem acessa a habitação pela Rua Direita. Existe uma escada de madeira que direciona aos pisos superiores e à direita existe uma estreita passagem (de 0,50cm) que dá acesso, através da porta de madeira, ao fogo 01, às lojas, à cave e, posteriormente, ao quintal. O pé direito do átrio tem 3,52m. O piso, as paredes e o teto são iguais ao do átrio 01, sendo, portanto, uma continuação daquele.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O átrio faz parte do percurso acessível.	O percurso pelo átrio 02 não é acessível.
Átrios incluídos em percursos acessíveis	2.2	2.2.2	X		No interior do átrio deve inscrever uma zona de rotação de 360°.	É possível inscrever a zona de rotação de 360°
Patamares, galerias e corredores incluídos em percursos acessíveis	2.3	2.3.2		X	Podem existir troços dos corredores com uma largura não inferior a 0,9 m, se o seu comprimento for inferior a 1,5 m e se não derem acesso a portas laterais de espaços acessíveis.	Há um espaço de acesso ao lado da escada. Esse espaço apresenta passagem de 0,50cm.
Largura livre	4.3	4.3.1		X	O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	Há um espaço de acesso ao lado da escada. Esse espaço apresenta passagem de 0,50cm.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		A altura livre de obstruções é de 2m	O pé direito do átrio tem 3,52m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso do átrio 02 é de betão e apresenta descontinuidade, desgastes.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Embora o piso esteja em condição ruim, não foi identificada aberturas significativas.
		4.7.5		X	A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso entre a escada e a porta de acesso ao corredor térreo há inclinação transversal maior que 2%.
Portas	4.9	4.9.2		X	A altura útil mínima do vão da porta é de 2m.	A altura útil da porta é de 1,99m
		4.9.5		X	A largura mínima para portas com duas folhas é de 0,77m.	A porta com duas folhas apresenta largura útil menor que 0,77m
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não há espaço para a zona de manobra entre a escada e a porta.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O dispositivo de operação da porta requer força e prensão firme
		4.9.10		X	Estabelece altura do dispositivo de operação da porta e relação com o bordo exterior	Há puxador a 1,16m do piso, acima da altura permitida.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O comando existente ultrapassa da altura permitida de instalação e não apresenta dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Substituição do piso e adequação do nível;
- Destruição parcial da escada para ampliar o espaço de circulação adjacente e obter zona de manobra;
- Substituição da porta para obter largura e altura útil mínima, além de dispositivos de operação adequados.

TABELA 10

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
RÉS-DO-CHÃO - INSTALAÇÃO SANITÁRIA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

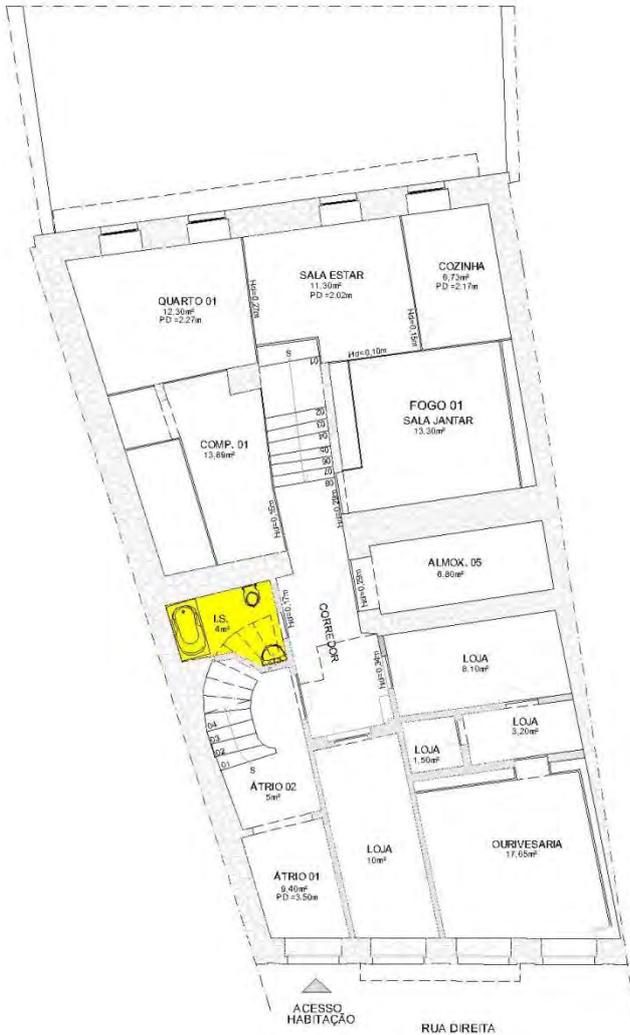


Figura 02: À direita, porta de abrir em madeira, acesso a instalação sanitária no rés-do-chão e , à esquerda, a vista interna tendo no teto volume do trecho da estrutura da escada arqueada.



Figura 03: Vista do lavatório e da sanita. Acúmulo de objetos na instalação sanitária.

Figura 01: Planta baixa com destaque para a Instalação Sanitária

A instalação sanitária localizada no piso térreo tem acesso pelo corredor, por uma porta de madeira com dimensões de 61x189cm. A diferença de altura entre o plano do corredor e da I.S. é de 17cm. Internamente, a I.S. de 4m² possui uma sanita, uma banheira e um lavatório, não possui bidê. O espaço é restrito e possui o pé-direito baixo devido ao volume da escada de acesso ao primeiro piso que sobressai no teto. O interruptor localiza-se externamente a 1,73m do piso. A I.S. apresenta-se suja, com acúmulo de materiais e em ruim estado de conservação.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A Instalação Sanitária faz parte do percurso acessível.	A I.S. em questão é a única existente no piso térreo e não é acessível..
Instalações sanitárias de utilização geral	2.9	2.9.4		X	Estabelece condições de acessibilidade para a sanita.	Não há barras de apoio.
		2.9.7		X	Estabelece condições de acessibilidade para a banheira	Não existe recuo ao lado da banheira e não há barras de apoio.
		2.9.14		X	Estabelece condições para a instalação de espelhos	O espelho não apresenta instalação adequada
		2.9.15		X	Estabelece condições para a instalação e o modo do equipamento de alarme.	Não há instalação de alarme.
		2.9.17		X	Diz sobre os mecanismos operáveis dos aparelhos sanitários acessíveis, os acessórios e as tomadas de corrente elétrica.	Tomada de corrente elétrica e suporte de toalha não estão ao alcance definidos em norma, além da torneira ser inadequada.
		2.9.19		X	No espaço livre deve inscrever uma zona de rotação de 360°, podendo, em casos específicos, alguns elementos sobrepor a essa.	Não é possível inscrever a zona de rotação de 360°.
		2.9.20		X	A porta deve ser de correr ou de abrir para fora e satisfazer requisitos específicos	A dimensão da porta não é suficiente e o ressalto superior ao ideal.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.4		X	Estabelece que cada fogo deve ter uma instalação sanitária acessível e determina algumas condições, dentre elas que deve ter no mínimo: um lavatório, uma sanita, um bidé e uma banheira	O fogo situado no térreo não há I.S. exclusiva, sendo necessário o uso desta casa de banho em questão. Além disso, a I.S. não apresenta a instalação de bidé.
Altura livre	4.5	4.5.1		X	Estabelece altura livre de obstruções de 2m.	Na I.S. há obstruções no teto.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso da I.S. está em ruim estado de conservação e não há garantia da sua durabilidade.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso
		4.7.7	X		Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	Não foi observado grandes inclinações no piso.
Portas	4.9	4.9.14		X	Estabelece largura e altura mínima dos vãos das portas.	A porta tem as dimensões de 61x189cm.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados e em nível.	Não há zona de manobra desobstruídas e em nível.
		4.9.7		X	Os ressaltos no piso não devem ter altura superior a 0,02 m.	O ressalto existente tem 0,17cm.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	A garantia para o manuseio de um comando é ter uma zona livre para acessá-lo e não é possível obtê-la em frente o lavatório.
		4.12.2		X		
Sinalização e orientação	4.14	4.14.1		X	Deve possuir sinalização nas instalações sanitárias de utilização geral acessíveis.	Não há sinalização de acessibilidade.

### CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI

- Demolição da alvenaria de pedra para aumento da área útil interna com inserção de todos os equipamentos necessários, visando as zonas de manobras e zona de rotação;
- Demolição parcial da estrutura de madeira da escada que avança para o interior da I.S.;
- Nivelamento dos pisos do corredor e da I.S.;
- Remoção e inserção de novas tomadas, comandos localizados em zonas de alcance;
- Substituição do piso;
- Demolição de alvenaria de tabique e substituição da porta por outra com dimensões adequadas;
- Inserir barras de apoio, comandos de adequados, alarme e sinalização de acessibilidade.
- Comunicação entre essa instalação sanitária e o fogo 01 ou a execução de outra I.S. no interior do fogo.

**TABELA 11**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**RÉS-DO-CHÃO - ALMOXARIFADO 05**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

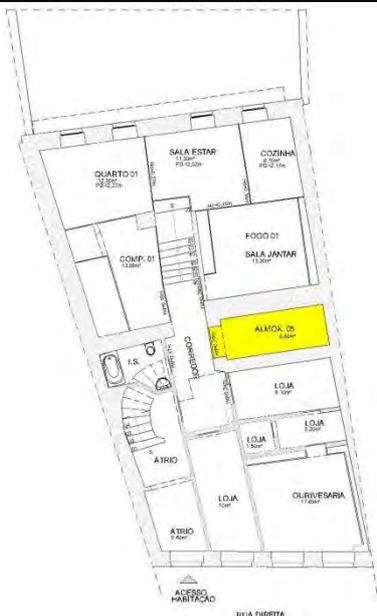


Figura 01: Planta do rés-do-chão com destaque para a localização do almoxarifado.



Figura 02: Vista da porta de madeira com destaque para o desnível com relação ao piso do corredor.



Figura 03: Vista no interior do compartimento. Local de acúmulo de objetos e ferramentas.

O almoxarifado está localizado no rés-do-chão, com formato retangular de 6,80m<sup>2</sup>. O acesso é realizado por única porta de madeira através do corredor que liga o quintal, no fundo do lote, ao átrio, local de acesso à edificação. Internamente, o almoxarifado é envolvido por alvenaria estrutural de pedra e não apresenta janelas.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.2	X	Estabelece espaço que não precisam incluir ao percurso acessível	O almoxarifado não precisa se incluir no percurso acessível.	
Sinalização e orientação	4.14	4.14.2		X	Deve existir sinalização nos locais onde não há percurso acessível	Não existe localização no local.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Inserção de sinalização;

## TABELA 12

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 01 - SALA DE JANTAR**

### CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

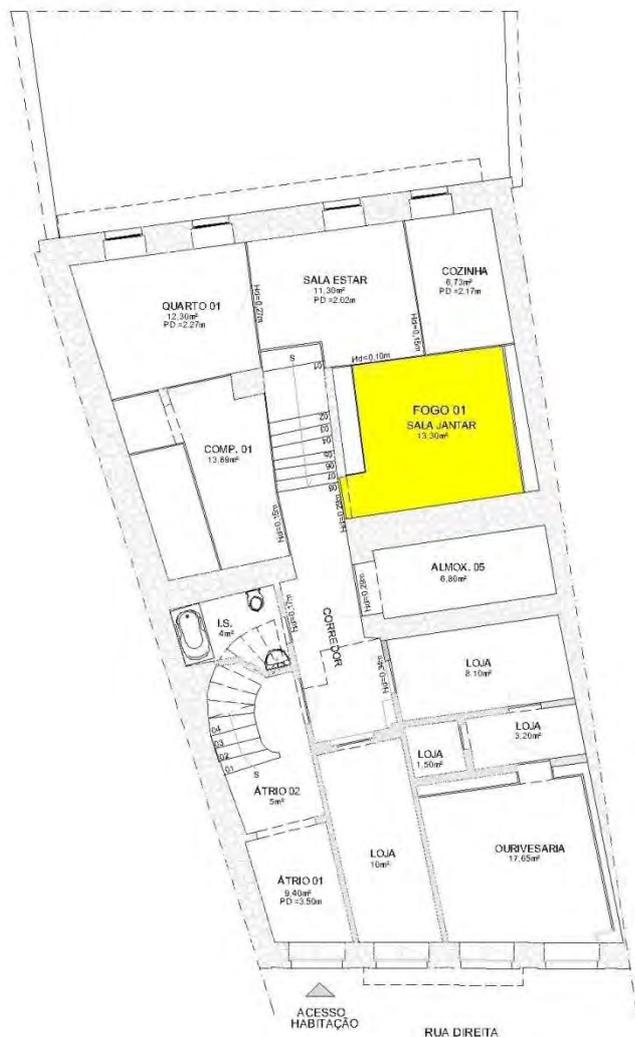


Figura 01: Planta baixa com destaque para a sala de jantar do fogo 01.



Figura 02: Porta de acesso ao fogo 01, com acesso direto à sala de jantar.



Figura 03: Vista do interior do compartimento com acúmulo de objetos.

O Fogo 01 está localizado no rés-do-chão e apresenta 05 compartimentos em série. Logo, através da área comum do corredor há dois acessos: um pela Sala de Jantar (porta de 0,69x1,95m), à direita, e pelo Compartimento 01 (0,95x1,92m), à esquerda. A Sala de Jantar tem 13,30m², apresenta teto, piso e paredes de madeira. Essas últimas estão distanciadas da alvenaria de pedra em aprox. de 30 a 50cm.

Da sala de jantar há acesso para a cozinha à direita (através de porta de abrir de 0,88x1,88m) e à sala de estar à esquerda (porta de duas folhas, de 0,84x1,78m), ambas possuem janelas com vista para o fundo do lote. A Sala de Jantar não apresenta janelas e tem 1,96m de pé direito.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala de jantar faz parte do percurso acessível.	A sala não é acessível
Edifícios de habitação - espaços comuns	3.2	3.2.7	X		Inscrever uma zona de rotação de 180° nos patamares de acesso aos fogos	É possível inscrever a zona de rotação.
Edifícios de Habitação Área Privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1	X		Deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°.	É possível inscrever zona de rotação em ambas entradas
		3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível obter uma faixa de circulação de 1,10m
Altura livre	4.5	4.5.1		X	Estabelece altura livre de obstruções de 2m	A sala de jantar possui o pé direito de 1,97m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso é de madeira
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso maiores que 0,02.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso é adequada.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Os ressaltos existentes ultrapassam as medidas aceitáveis.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta de acesso ao fogo tem largura inadequada.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todas as portas apresentam altura útil inaceitável.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta de duas folhas que divide a sala de jantar da sala de estar apresenta abertura menor que a prescrita na norma.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível de ambos os lados.	As zonas de manobras estão em níveis diferentes
		4.9.9	X		Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O dispositivo de operação das portas não é em forma de maçaneta
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor não é apresenta dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Rebaixar o piso da sala de jantar para obter o pé direito mínimo;
- Nivelamento entre os pisos da sala de jantar e os ambientes adjacentes;
- Demolição de parte da alvenaria de pedra para obter dimensões adequadas da porta de acesso;
- Abertura do vão adequada nas divisórias de madeira;
- Substituição das portas de duas folhas;
- Remoção e novas instalações de comandos.

TABELA 13

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 01 - COZINHA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

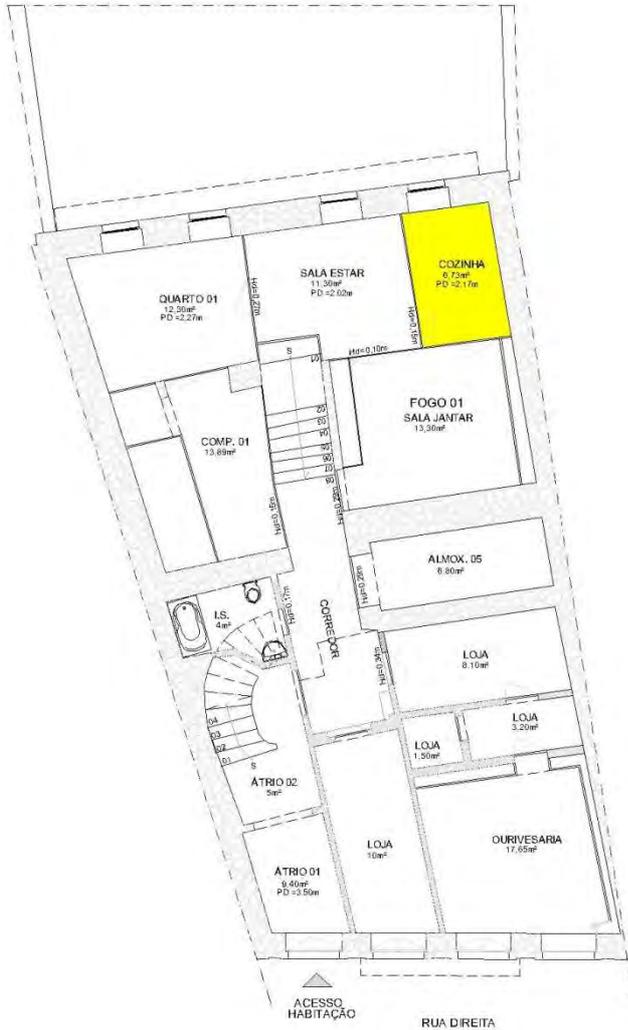


Figura 01: Planta baixa do rés-do-chão com destaque para a cozinha.

Figura 02: Vista da cozinha em péssimo estado de conservação e acúmulo de distintos objetos

A cozinha do fogo 01 está situada ao fundo do volume construído, com abertura na fachada posterior. Apresenta forma retangular, com 6,73m<sup>2</sup> e está em péssimo estado de conservação. Há duas maneiras de acessá-la: pela sala de estar, através da porta de 0,69x1,75m, e pela sala de jantar, pelo vão de 0,88x1,88m<sup>2</sup>.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A cozinha faz parte do percurso acessível.	A cozinha não apresenta todos os requisitos de acessibilidade.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.3	X		Estabelece condições para cozinhas, como: deve inscrever uma zona de rotação de 360° e ter distância mínima de 1,50m entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes.	A cozinha está em péssimo estado de conservação, todavia há espaço suficiente para que essa regra seja cumprida.
		3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter uma faixa de circulação de 1,10m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito é de 2,17m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso de madeira está em ruim estado de conservação, não garantindo a segurança.
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Há aberturas no piso que excedem as dimensões da lei
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O piso não é adequado e não apresenta a drenagem e secagem correta.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há ressalto entre o piso da cozinha e da sala de estar
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta de acesso à cozinha através da sala de estar tem dimensão insuficiente
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	As portas têm alturas abaixo da permitida pela norma
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível de ambos os lados.	As zonas de manobras não estão no mesmo nível.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A porta de acesso a cozinha tem o puxador em forma de maçaneta
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está a 1,49m acima do piso, altura elevada e além do permitido.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Substituição do piso;
- Nivelamento dos pisos da cozinha e da sala de estar;
- Ampliação dos vãos das portas das divisórias de madeira;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Remoção e novas instalações de comandos.

**TABELA 14**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 01 - SALA DE ESTAR**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

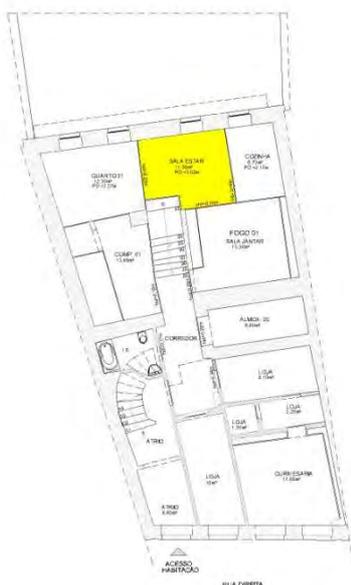


Figura 01: Planta baixa com destaque para a localização da Sala de Estar do fogo 01.



Figura 02: Sala de estar com acúmulo de objetos. Piso e teto em madeira, parede externa em pedra e divisões em madeira.



Figura 03: Acesso à Sala de Estar pela porta à direita, Sala de Jantar, ou pela porta ao centro, cozinha. Destaque para os ressaltos no piso.



Figura 04: Vista do interior da sala de estar tendo ao fundo a sala de jantar, acessada por uma porta de madeira com folha dupla.

A Sala de Estar do fogo 01 está ao centro da unidade habitacional, com área de 11,30m². É acessada pela sala de jantar, pela cozinha e pelo quarto. Apresenta uma janela com vista para o fundo do lote. O teto, piso e paredes são de madeira, com exceção da parede externa que é de alvenaria de pedra.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala de estar faz parte do percurso acessível.	A sala de estar não cumpre todas as normas de acessibilidade.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter uma faixa de circulação de 1,10m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 2,02m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	Apesar de sujo, aparentemente o piso apresenta-se em bom estado.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso que o comprometam.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso está dentro da faixa recomendada
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	As mudanças de nível apresentam dimensões além do permitido.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta que separa a sala de estar da cozinha apresenta dimensão inadequada.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todas as portas apresentam altura abaixo do permitido
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta com duas folhas tem dimensão abaixo do permitido.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	A porta de acesso a sala de estar
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Os dispositivos de abertura das portas estão incorretos. Há puxador em forma de maçaneta.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi encontrado nenhuma instalação de comandos.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Nivelamento entre os pisos da sala de estar e os adjacentes;
- Ampliação dos vãos das portas das divisórias de madeira;
- Substituição das portas com duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas.

TABELA 15

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 01 - QUARTO

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

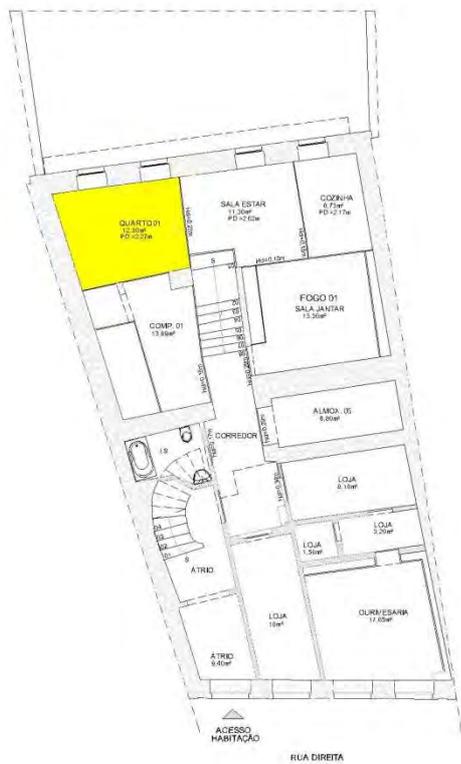


Figura 01: Planta baixa com destaque para o quarto do fogo 01.



Figura 02: Vista do quarto em péssimo estado de conservação. À direita tem uma janela com vista para o fundo do lote.

O quarto do fogo 01 apresenta 12,30m² e está localizado ao fundo e à esquerda do volume construído. Apresenta duas janelas na fachada posterior com vista para o quintal no fundo do lote. O revestimento das paredes é de madeira, como no piso e teto.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto faz parte do percurso acessível.	O quarto faz parte do percurso acessível, contudo não é acessível.
Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter uma faixa de circulação de 1,10m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito do quarto tem 2,27m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso do quarto deve ser revisto pois há trechos em estado ruim de conservação.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não há inclinação maiores que as estabelecidas na norma.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Verificou-se que a mudança de nível entre o quarto e a sala de estar é de 27cm.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta tem 0,77x192m
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta (2m)	A altura da porta é de 1,92m.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível de ambos os lados.	Verificou-se ressalto entre as zonas de manobras
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A porta não apresenta dispositivos de operação em ambos os lados
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	A altura do interruptor no quarto está a 1,78m do piso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Revisão e substituição parcial do piso;
- Nivelamento entre os pisos adjacentes com o deslocamento de suas estruturas;
- Ampliação dos vãos das portas das divisórias de madeira;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Remoção e novas instalações de comandos.

TABELA 16

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 01 - COMPARTIMENTO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

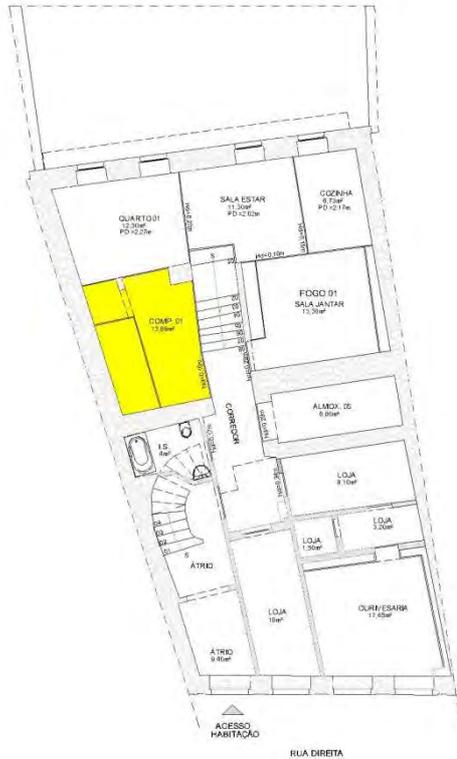


Figura 01: Planta do rés-do-chão com destaque para o compartimento no fogo 01.

Figura 02: Porta de acesso ao compartimento do fogo 01 pelo corredor do rés-do-chão.

O compartimento 01 está localizado acima do nível do corredor em 15cm, apresenta 13,90m<sup>2</sup> e tem divisões internas conforme o projeto (figura 01). Não foi possível acessar este ambiente durante a visita *in loco* e, portanto, algumas medidas foram retiradas do corredor e outras informações do projeto arquitetônico.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O compartimento faz parte do percurso acessível.	O compartimento faz parte do percurso acessível, contudo não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	-	-	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	Não foi possível acessar a parte interna do compartimento em questão.
Altura livre	4.5	4.5.1	-	-	Estabelece altura livre de obstruções de 2m	Não foi possível entrar neste compartimento, assim, não foram observadas tais considerações.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	-	-	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	
		4.7.5	-	-	A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Verificou-se que a mudança de nível entre os este compartimento e o corredor é de 15cm.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta de acesso pelo corredor tem largura de 0,95cm. Contudo, não foi possível verificar a porta que comunica o compartimento ao quarto
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura da porta verificada é de 1,92m.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Com relação a porta de acesso pelo corredor, verificou-se um ressalto.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A instalação do dispositivo de operação da porta é inadequada.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	-	-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi verificado nenhum tipo de instalação de comando.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Nivelamento entre os pisos adjacentes com o deslocamento de suas estruturas;
- Demolição da soleira de pedra
- Ampliação do vão da porta da divisória de madeira;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas.

TABELA 17

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
ÁREA COMUM - **CORREDOR**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

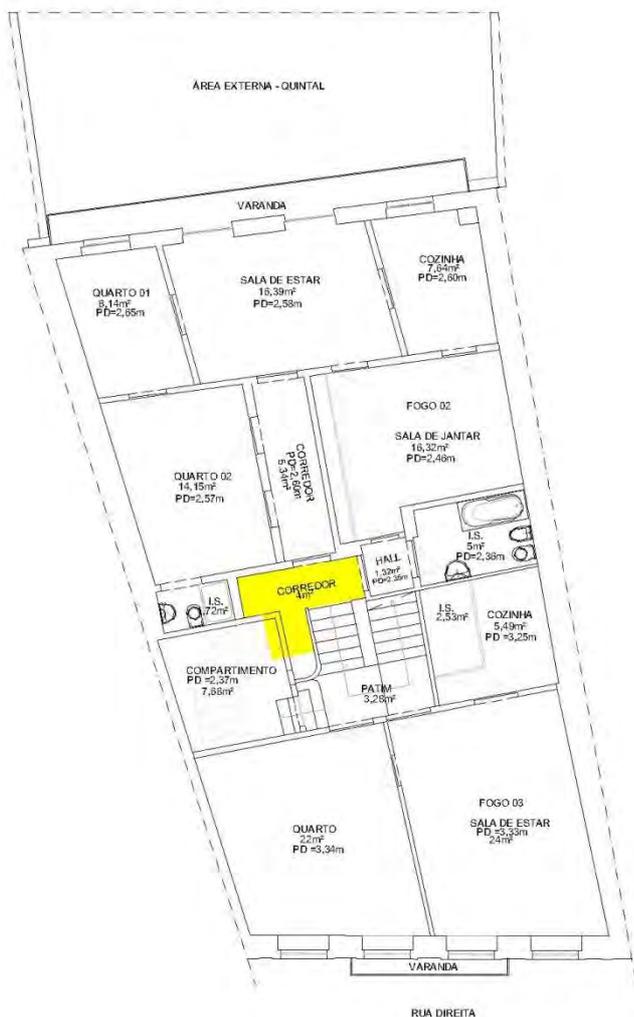


Figura 01: Planta do primeiro piso com destaque para o corredor em área comum de acesso ao Fogo 02.



Figura 02: À direita a escada em forma giratória e à esquerda, a escada de acesso aos pavimentos superiores. O corredor do primeiro pavimento está localizado entre ambas as escadas.



Figura 03: Vista do corredor com acesso à direita ao fogo 02 e à esquerda a escada.

O corredor está localizado no primeiro piso e compreende o espaço que dá acesso ao fogo 01 e às escadas que direcionam aos pisos superiores e rés-do-chão. Apresenta 4m², piso de madeira, teto e paredes de entorno de tabique rebocadas com argamassa de cal.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O corredor está incluído no percurso acessível.	O corredor deve ser incluído no percurso acessível.
Patamares, galerias e corredores incluídos em percursos acessíveis	2.3	2.3.1		X	Os patamares devem possuir largura não inferior a 1,20m,	O patamar tem largura livre de 1,12m.
		2.3.2		X	O artigo estabelece condições para quando há troços nos patamares	A escada, com seus corrimãos, é um obstáculo no corredor. Não cumpre a norma por apresentar neste intervalo acesso a porta lateral.
		2.3.3		X	Se a largura for menor que 1,50m deve existir zonas de rotação ou mudança de direção.	Não há possibilidade de realizar a rotação de 180° na área livre do corredor.
		2.3.4		X	Se tiver corrimãos devem ser instalados a uma altura de 0,9 m do piso e quando interrompidos ser curvados na direção do plano do suporte.	O corrimão da escada arqueada e seu prolongamento não satisfazem este artigo.
Largura livre	4.3	4.3.1		X	O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	Não é possível ter faixa de circulação com largura mínima de 1,20m.
		4.3.3	X		Especifica condições para situações que onde há troços no percurso acessível	O corrimão da escada é um troço/obstáculo no corredor e, por isso esse pode ter dimensão excepcional.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		A altura livre de obstruções é de 2m	A altura do pé direito é superior a 2m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O tabuado de madeira está em boas condições apesar de sujo.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas maiores que 0,02m no piso
		4.7.5	-	-	A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso possui inclinação que não pode ser verificada.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	-	-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi observado nenhum tipo de comandos no ambiente em questão
Sinalização e orientação	4.14	4.14.6		X	Estabelece características para a identificação do número do piso	Não há identificação do número do piso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Remoção parcial da escada mista para inserir a zona de rotação e faixa de circulação livre de 1,20m;
- Instalação na parede de sinalização para identificação do número de piso.

TABELA 18

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - HALL DE ENTRADA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

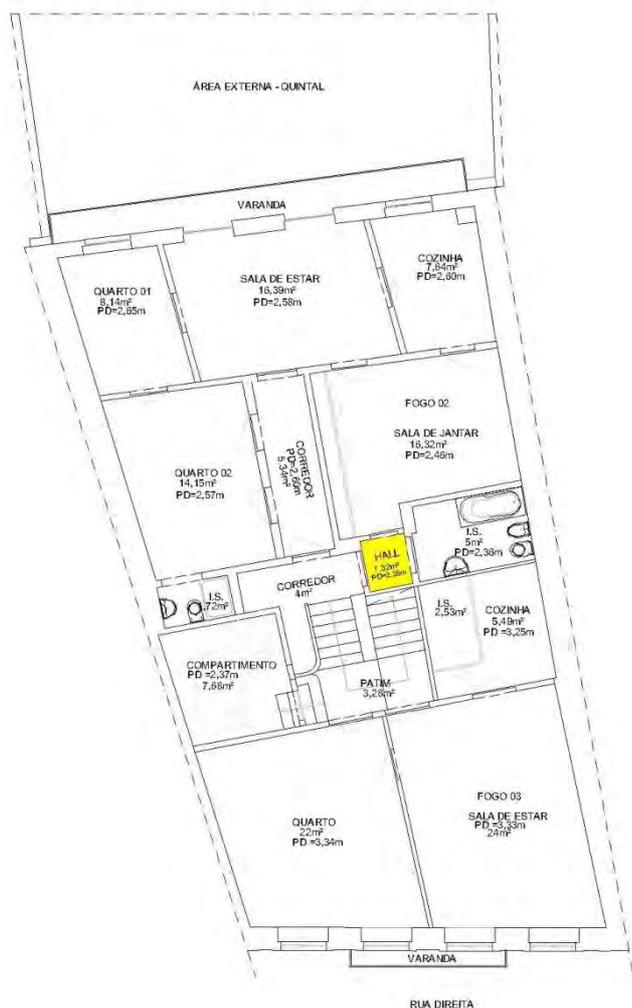


Figura 01: Planta do primeiro piso com destaque para o Hall de acesso ao Fogo 02.

O Hall do fogo 02 tem as dimensões de 1,24x1,07m, com área total de 1,32m². É acessado através do corredor, após ultrapassar um ressalto na porta de 10cm. Este pequeno espaço dá acesso à Sala de Jantar e à Instalação Sanitária social. É composto por paredes de tabique revestidas de argamassa de cal e pintura branca. As portas ali existentes são de madeira de uma folha e variam de 61 a 83cm de largura com altura no mínimo de 2m. É um espaço de entrada e transição que não possui janelas.



Figura 02: Em destaque o acesso ao hall de entrada do fogo 02. Pequeno ambiente que direciona a instalação sanitária e a sala de jantar



Figura 03: Em segundo plano o hall de entrada do fogo 02. Em primeiro plano a sala de jantar.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O hall faz parte do percurso acessível.	O hall não apresenta acessibilidade.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1		X	Nos espaços de entrada dos fogos deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°.	Não é possível inscrever uma zona de rotação de 360° no hall.
		3.3.2		X	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	Não é possível ter uma faixa de circulação de 1,10m no interior do hall
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito tem 2,35m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso apresenta-se sujo, contudo está em boas condições estruturais e de durabilidade.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não há inclinações relevantes.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há um ressalto na porta de entrada de 0,10cm, acima do permitido.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta de acesso à sala de jantar tem largura de 0,61cm.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todas as portas apresentam altura maior que 2m.
		4.9.6 4.9.7		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou satisfazer a condição: a soma da largura do vão da porta mais a largura do hall não pode ser inferior a 2m. (vp+lc≥2m)	A área interna do hall não possibilita ter zonas de manobras. E no caso da porta de acesso a sala de jantar, a fórmula (vp+lc≥2m) não é atendida.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Há maçaneta, porta sem puxadores e instalação em altura inadequada.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	-	-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi identificada a instalação de comandos/ interruptores.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição da alvenaria de tabique com deslocamento de portas para criar a zona de rotação de 360°, a faixa de circulação de 1,20m, as zonas de manobras e para ampliar o vão da porta de acesso da sala de jantar;
- Rebaixamento do piso do hall para nivelamento com o piso do corredor da área comum;
- Remoção e instalação de dispositivos de operação de portas
- Instalação de comandos

TABELA 19

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - SALA DE JANTAR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

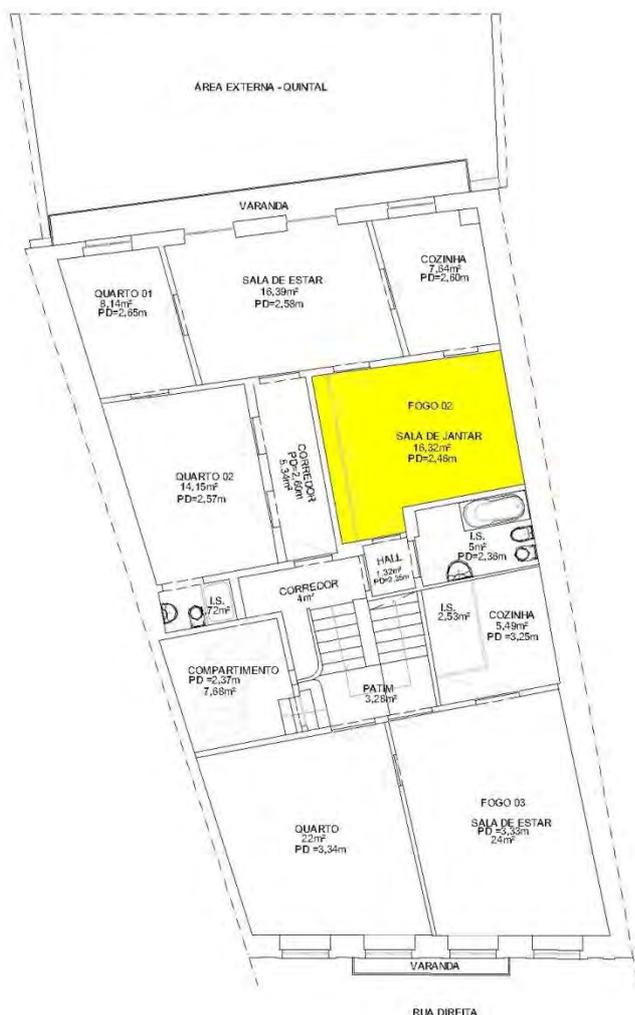


Figura 01: Planta do primeiro e segundo piso com destaque para a sala de jantar do fogo 02



Figura 02: Vista interna da sala de jantar, com alvenaria de tabique. À direita o acesso ao hall de entrada e a instalação sanitária.



Figura 03: Armários da sala de jantar

A Sala de jantar tem acesso pelo hall de entrada (porta de 0,61x2m), pela cozinha (porta de 0,77 x 2,13m) e pela sala de jantar (porta de duas folhas de 0,81x2,15m). A Sala de Jantar tem área de 16,32m<sup>2</sup> e iluminação indireta, proveniente dos compartimentos localizados no perímetro da construção. Há um armário permanente de seis portas instalado na parede que divide a sala do corredor. Os materiais que compõem as paredes são de tabique e alvenaria de pedra no muro de divisa, o teto não apresenta forro e o piso é de madeira revestido por manta.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala de Jantar faz parte do percurso acessível.	A Sala de jantar não é acessível,
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível obter uma faixa de circulação no interior da sala de jantar para o deslocamento acessível.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito da Sala de Jantar tem 2,46m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso é revestido e, aparentemente, não apresenta danos.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado nenhuma abertura no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso não apresenta inclinação relevante.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há ressaltos entre o piso da sala de jantar e a sala de estar de 0,065m.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Há porta de 0,61m de largura.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	As portas apresentam alturas recomendadas pela norma.
		4.9.6 4.9.7		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível, em ambos os lados ou considerar a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$	Há zonas de manobras que não estão em nível ou não é possível obtê-la na área existente.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A instalação do dispositivo de operação é inadequada.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Existe interruptor instalado a 1,44m de altura do piso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Deslocamento e nivelamento dos pisos para remover os ressaltos e obter zonas de manobras adequadas;
- Demolição parcial de alvenaria de tabique com deslocamento e ampliação do vão da porta para criar zona de manobras e vão com largura adequada;
- Remoção e nova instalação de comandos.

TABELA 20

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - COZINHA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

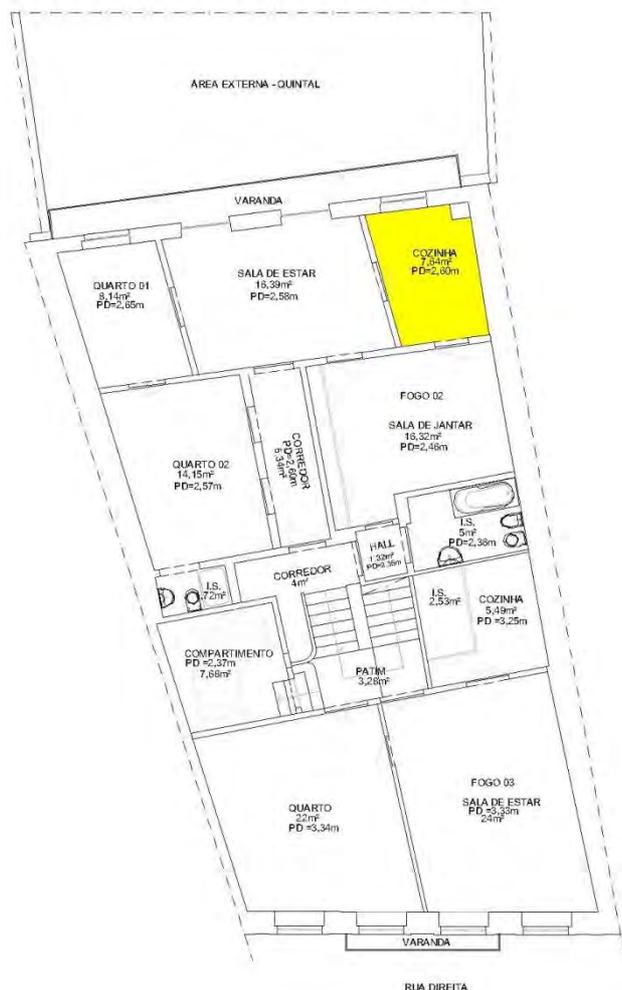


Figura 01: Planta do fogo 02 com destaque para a cozinha



Figura 02: Revestimento cerâmico na parede da cozinha com falta de partes, sujidades, fissuras e quebras.

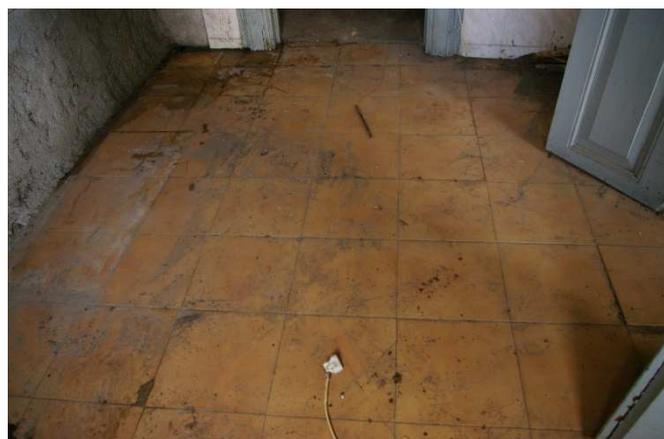


Figura 03: Piso cerâmico com desgaste, fissuras e sujidades.

A cozinha do Fogo 02 está localizada no perímetro da construção à direita, com uma abertura de janela vista na fachada posterior. Devido a sua localização, apresenta duas paredes de alvenaria de pedras: o muro de divisa e a parede externa; as restantes são de tabique. Internamente são revestidas parcialmente com cerâmicas, o piso é de cerâmica na cor marrom e o teto com estrutura de madeira. A área da cozinha é de 7,64m<sup>2</sup>, com pé direito de 2,60m. Não apresenta nenhum móvel em seu interior. Existem duas portas de madeira sendo uma com conexão com a sala de jantar e a outra com acesso à sala de estar.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A cozinha faz parte do percurso acessível.	A cozinha não é acessível devido ao estado de conservação.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível obter uma faixa de circulação no interior da cozinha para o deslocamento acessível.
		3.3.3	X		Estabelece condições para cozinhas, como: deve inscrever uma zona de rotação de 360° e ter distância mínima de 1,50m entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes.	É possível fazer o layout da cozinha com os requisitos em questão.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito tem 2,60m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso atual está degradado e não apresenta as condições apresentadas em lei
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	Pela condição degradada acredita-se que não haja boa condução de escoamento e drenagem.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Entre o piso da cozinha e a sala de estar há ressalto no piso de 3cm.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas dos vãos quando abertas apresentam largura maior que 0,77cm.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura útil dos vãos é maior que 2m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta de duas folhas tem 92cm de largura e não é suficiente de acordo com a lei.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível e em ambos os lados.	Devido ao ressalto, não é possível ter as zonas de manobras no mesmo nível.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Há puxador em maçaneta, a falta de puxador e altura de instalação inadequada.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está a 1,39m do piso, mas não apresenta dispositivo luminoso e formato adequado.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição do piso da cozinha para nivelar com o piso da sala de estar;
- Substituição do piso;
- Substituição e instalação dos dispositivos das portas;
- Remoção e nova instalação de comandos.

TABELA 21

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - SALA DE ESTAR E VARANDA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

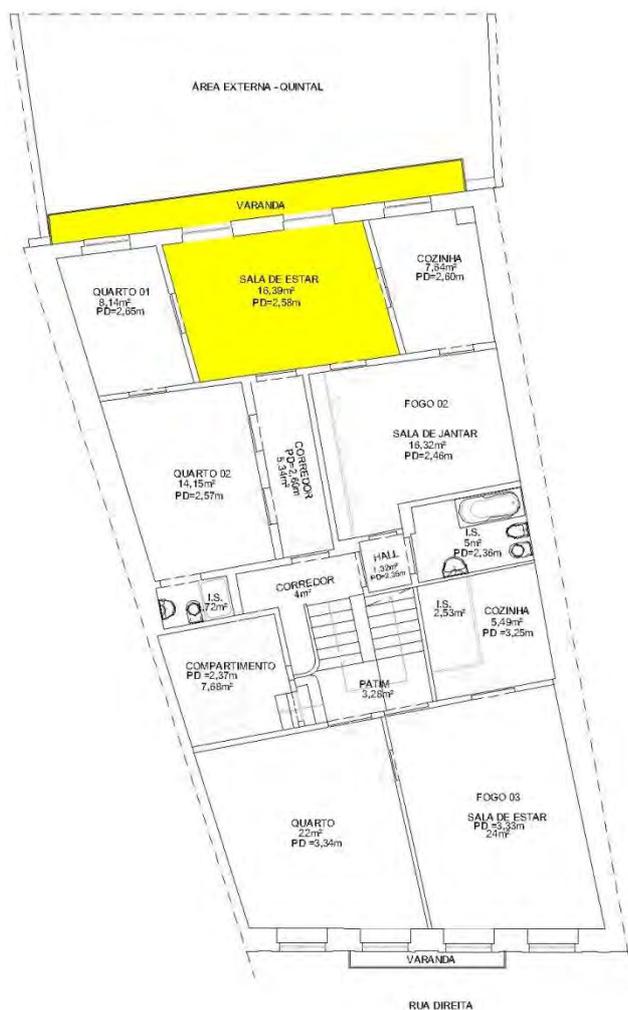


Figura 01: Planta baixa do fogo 02 com destaque para a sala de estar.



Figura 02: Vista do interior da sala de estar em direção à cozinha que tem acesso pela porta ao centro. À direita têm acesso ao corredor e sala de jantar e à esquerda existe a varanda com vista para o quintal.



Figura 03: Parede interna de tabique com porta de duas folhas que dá acesso ao quarto 01.

A Sala de Estar está localizada na parte posterior do volume construído e tem acesso à varanda que dá vista para o quintal no fundo do lote. Apresenta área de 16,39m<sup>2</sup>, em formato retangular. Em todas as paredes da sala de estar tem portas que dão acesso a algum compartimento do fogo 02. No plano menor à direita há ligação com a cozinha, no lado oposto acessa-se ao quarto 01. No perímetro maior relativo à parede interna há conexão com a sala de jantar à direita e ao corredor à esquerda. O plano oposto de mesma dimensão faz parte da fachada posterior da edificação e existem duas portas que dão acesso a varanda, essa prolonga-se por toda a largura da fachada com dimensão de 0,80x10m. O estado de conservação é ruim, com ausência de forro, quebra ou perda de partes de esquadrias, piso com revestimento vinil rasgado, madeira umedecida com patologias, muita sujeira por todas as superfícies, laje da varanda com infiltrações e guarda-corpo enferrujado.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A Sala de Estar faz parte do percurso acessível.	A sala de estar não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2		X	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível obter uma faixa de circulação no interior da sala, mas não é possível na varanda.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito da sala de estar tem 2,58m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso está muito degradado e não garante as condições da norma.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Difícil avaliar pois o revestimento deve ser removido e o piso tratado.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	A manta existente está deslocada e com rasgões, o piso em péssimo estado de conservação com aberturas.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso apresenta inclinação admissível.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Em quatro das seis portas existentes há ressalto no piso sem o tratamento adequado.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas apresentam largura suficiente.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todos os vãos têm altura maior que 2m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As portas com duas folhas não garantem a passagem livre de 77cm.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não é possível garantir as zonas de manobras em todas as portas.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Há portas com dispositivos de operação inadequados.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	X		Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Foi verificado tomada a 0,30cm do piso, fora de alcance de aproximação frontal e com alcance lateral

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Ampliação a largura da varanda;
- Remoção do revestimento do piso;
- Tratamento do ressalto em direção à varanda (Bordo boleado ou chanfrado até 50% de inclinação);
- Alteração da cota do piso para nivelamento com os pisos adjacentes;
- Substituição das portas de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas.

TABELA 22

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - CORREDOR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

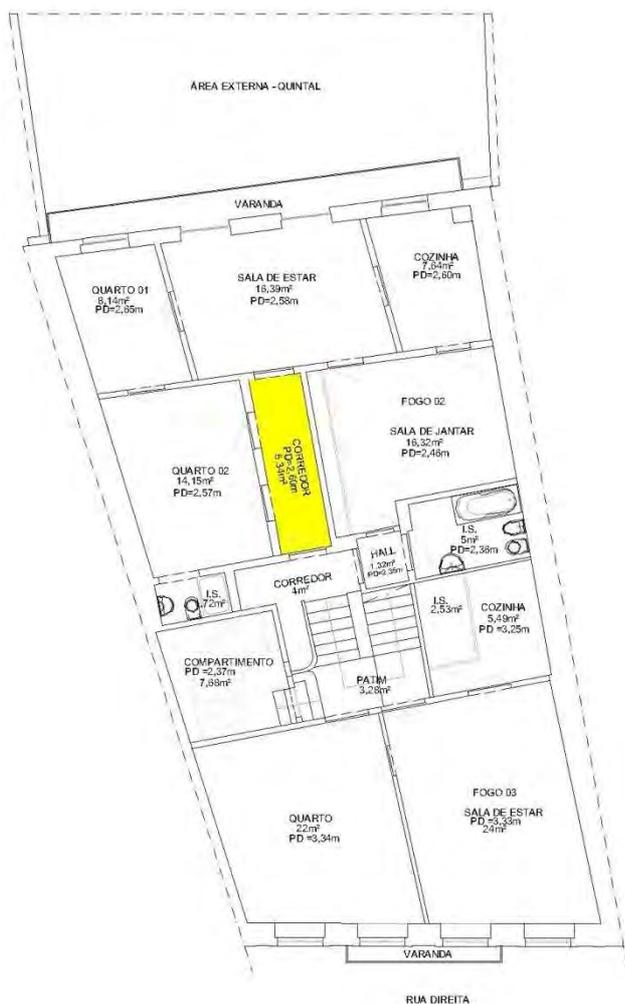


Figura 01: Planta do primeiro e segundo pavimento com destaque para o corredor do fogo 02.



Figura 02: Vista do corredor, tendo ao fundo a sala de estar



Figura 03: Corredor do fogo 02 com acessos à direita para o quarto 02 e ao fundo uma das portas de entrada à unidade habitacional.

O fogo 02 tem acesso através do hall de entrada ou pelo corredor. Esse está localizado ao centro do edifício, apresenta a forma retangular com dimensão de 1,25x4,28m, área total de 5,34m² e pé direito de 2,60m. É composto por paredes de tabique revestidas de argamassa de cal e pintura branca, o piso é de madeira com revestimento vinil e o teto tem estrutura de madeira e não contém forro. O estado de conservação é ruim, pois está em degradado e sem manutenção.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O corredor faz parte do percurso acessível.	O corredor não apresenta condições de acessibilidade conforme a lei.
Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1		X	Nos espaços de entrada dos fogos, deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°	O corredor é uma das entradas da edificação e não há espaço para a zona de rotação de 360°.
		3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m.	O corredor apresenta largura de 1,25m, suficiente para o deslocamento com acessibilidade.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O revestimento do piso não garante as condições exigidas.
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	O acabamento do revestimento do piso não é adequado.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m e se tiver frestas no piso, essas devem ser dispostas na direção perpendicular à circulação.	Não foi observada nenhuma abertura no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso está de acordo com o estabelecido em norma.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Todas as portas apresentam larguras suficientes.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Há portas com altura menor que 2m
		4.9.6 4.9.7	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou "a soma da largura do vão da porta com a largura do corredor não deve ser inferior a 2 m" ( $vp+lc \geq 2m$ )	Todas as portas estão adequadas com relação a fórmula.
		4.9.9 4.9.10		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A altura para operação da porta de entrada ultrapassa exigida em norma.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	A instalação do interruptor está inadequada devido a altura e o tipo.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria de tabique para inscrever a zona de rotação de 360°;
- Adaptação do piso às exigências legais;
- Recorte na alvenaria de tabique para aumentar o vão da porta;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique.

TABELA 23

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - QUARTO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

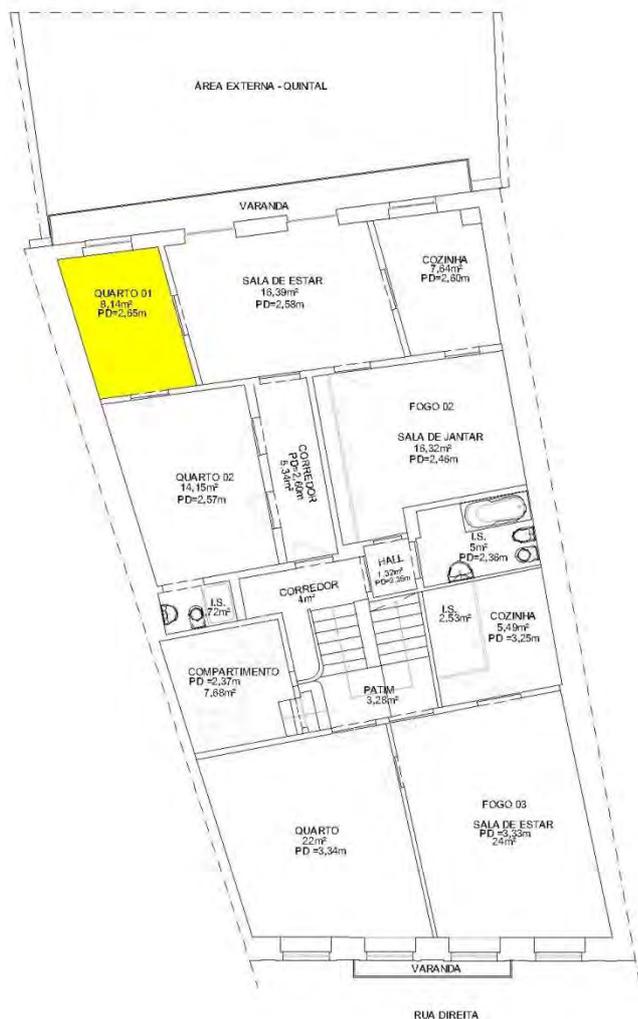


Figura 01: Planta do primeiro e segundo piso com destaque para o quarto 01, no canto esquerdo e ao fundo do volume edificado.



Figura 02: Vista interna do quarto 01, tendo ao fundo a suíte.



Figura 03: Quarto 01 com porta de duas folhas para acesso à sala de estar e janela ao fundo com vista para a varanda e o quintal.

O quarto 01 está localizado no perímetro do volume construído, com abertura de uma janela na fachada posterior. Em formato retangular, apresenta área de 8,14m² e pé direito de 2,65m. Tem duas portas de madeira com duas folhas, que conecta à sala de estar e ao quarto 02. O sistema construtivo é de alvenaria de pedra, no muro de divisa e na fachada posterior, e tabique nas paredes internas. No teto é visível a estrutura de madeira, pois não há forro. O piso é de madeira com o revestimento vinil desgastado. Como o restante dos compartimentos da unidade habitacional, este está em ruim estado de conservação com preservação de elementos característicos arquitetônicos.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto faz parte do percurso acessível.	O quarto não apresenta condições de acessibilidade conforme a lei.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível inserir uma faixa de circulação no interior do quarto.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito do quarto é de 2,65m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O revestimento do piso está deslocado e rasgado.
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não há definição do piso, o revestimento está em péssimo estado de conservação e a madeira deteriorada.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	O revestimento rasgado e deteriorado apresenta grandes aberturas no piso.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação é adequada.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Os vãos das portas é suficiente para a passagem acessível.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	As alturas do vãos são adequadas e maiores que 2m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	Ambas as portas apresentam folha dupla e não são adequadas a norma
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	É possível ter zonas de manobras de ambos os lados em todas as portas.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O dispositivo de operação é a maçaneta.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor não é indicado por dispositivo mecânico.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Adaptação do piso às exigências legais;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique.

TABELA 24

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 02 - SUÍTE

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

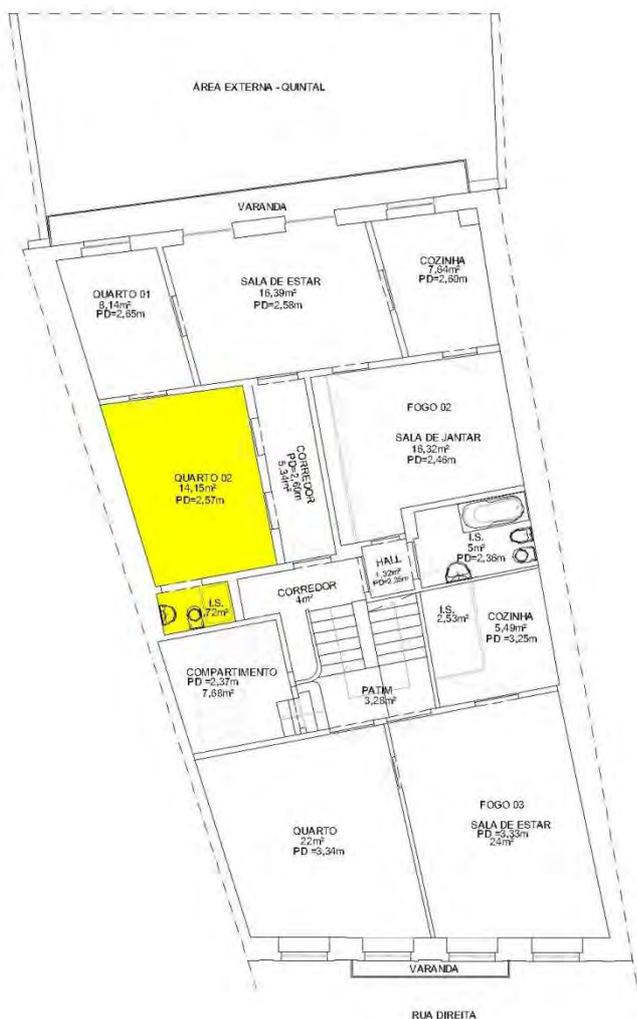


Figura 01: Planta do primeiro e segundo pavimento com destaque para o quarto 02 com suíte.



Figura 02: Interior do quarto 02, tendo ao fundo a Instalação Sanitária privativa.



Figura 03: Destaque da I.S.

O quarto 02 e a instalação sanitária localizam-se ao centro do volume edificado, têm formato retangular e não apresentam janelas para o exterior. O quarto tem área de 14,15m² e pé direito de 2,57m. A I.S. tem 1,72m², instalação de sanita e base de ducha. Internamente o quarto é pintado e a I.S. é revestida com azulejo branco nas paredes e cerâmica branca no piso. A alvenaria estrutural é de pedra e de tabique, nas paredes internas. O quarto 02 tem conexão com o quarto 01 por uma porta de duas folhas e com o corredor através de duas portas de única folha de madeira com bandeira envidraçada. O estado de conservação é ruim, pois há material com desgastes e sem manutenção, não há o forro do quarto.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto faz parte do percurso acessível.	O quarto não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	O quarto pode abranger a faixa de circulação de 1,10m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O quarto apresenta altura livre maior que a estabelecida
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O revestimento do piso do quarto não apresenta as características adequadas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso do quarto apresenta inclinação adequada
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	A I.S. não apresenta drenagem e secagem adequadas.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas de 77cm	As portas apresentam a largura mínima.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Há portas com altura menor que 2m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta de duas folhas não satisfaz o exigido em norma.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$	A porta da I.S. não possibilita zonas de manobras
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As portas não apresentam dispositivos de operação adequado.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está na altura acima do permitido.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Adaptação do piso às exigências legais;
- Recorte na alvenaria de tabique para aumentar o vão da porta;
- Demolição de alvenaria e rearranjo dos aparelhos sanitários internamente com a consequente remoção de azulejo e pisos para criar a zona de manobra de ambos os lados da porta.
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique.

**TABELA 25**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 02 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

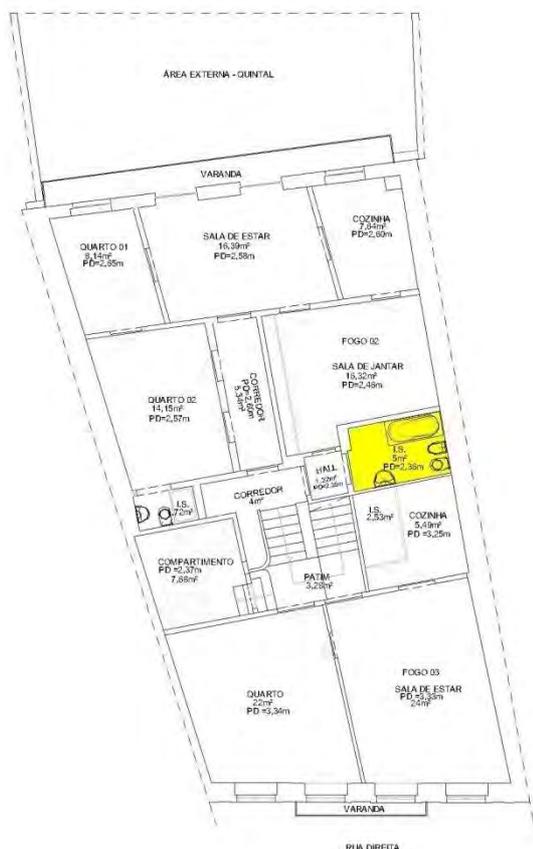


Figura 01: Planta do fogo 02 com destaque para a I.S.



Figura 02: Vista do interior da casa de banho

A Instalação sanitária social do fogo 02 está localizada em seguida ao hall de entrada. Possui formato retangular com área de 5m<sup>2</sup> e 2,36m de pé direito. Internamente é revestida com cerâmica branca e estão instalados o lavatório, bidê, vaso sanitário e banheira. Possui uma pequena janela que tem ligação com a sala de jantar. Está em ruim estado de conservação como pode ser visto na figura 02, com perda do forro, quebra de materiais e sujidades por todas as superfícies.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
		Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1	X	A I.S. faz parte do percurso acessível.	A I.S. não é acessível.
Instalações sanitárias de utilização geral	2.9	2.9.4	X	Estabelece condições de acessibilidade e uso da sanita.	Impossível ter zonas de permanência e não há barras de apoios.
		2.9.7	X	Estabelece condições de acessibilidade e uso da banheira.	A banheira não é acessível, pois não tem assento incorporado ou plataforma, barras de apoio.
		2.9.15	X	Estabelece condições para a instalação e o modo do equipamento de alarme.	Não há sistema de alarme.
		2.9.17	X	Diz sobre os mecanismos operáveis	Alguns são operados rodando o

					dos aparelhos sanitários acessíveis, os acessórios e as tomadas de corrente elétrica.	pulso, as torneiras não são monocomandos nem de acionamento por alavanca.
		2.9.19		X	No espaço livre deve inscrever uma zona de rotação de 360°.	Não é possível inscrever uma zona de rotação de 360°.
		2.9.20		X	A porta deve ser de correr ou de abrir para fora.	A porta abre para dentro da I.S.
<b>Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação</b>	3.3	3.3.4		X	Estabelece que cada fogo deve ter uma instalação sanitária acessível e determina algumas condições.	As observações feitas na secção/itens anteriores também servem para esse artigo.
<b>Altura livre</b>	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m.	O pé direito é de 2,36m
<b>Pisos e seus revestimentos</b>	4.7	4.7.1	-	-	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	Há muito entulho e sujeira sobre o piso cerâmico branco e a observação foi dificultada.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso devido ao acúmulo de resíduos.
		4.7.7	-	-	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	Não foi observado aberturas no piso devido a sujidade e acúmulo de resíduos.
<b>Portas</b>	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta tem largura de 0,83cm.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A porta tem altura maior que 2m.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$	A porta atende a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$ .
<b>Comandos e controlos</b>	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Há controles inadequados, que requer rodar o pulso.
<b>Sinalização e orientação</b>	4.14	4.14.1		X	Deve possuir sinalização nas instalações sanitárias de utilização geral acessíveis.	Não há sinalização na I.S.

#### CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI

- Demolição da alvenaria de tabique com o avanço sobre a área da sala de jantar para possibilitar as adequadas zonas de permanências, zonas de manobras e zona de rotação de 360°, tendo como consequência o investimento em toda a nova área aderida e repercussões sobre a utilização e estética da sala de jantar;
- Instalação de alarme;
- Substituição e adequação dos mecanismos operáveis dos equipamentos sanitários;
- Modificar a abertura da porta para fora da I.S., tendo como consequência a abertura ao encontro da porta de entrada no hall;
- Adaptação do piso às exigências legais;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Instalação de comandos nas paredes de tabique.

TABELA 26

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
SEGUNDO PAVIMENTO - COMPARTIMENTO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

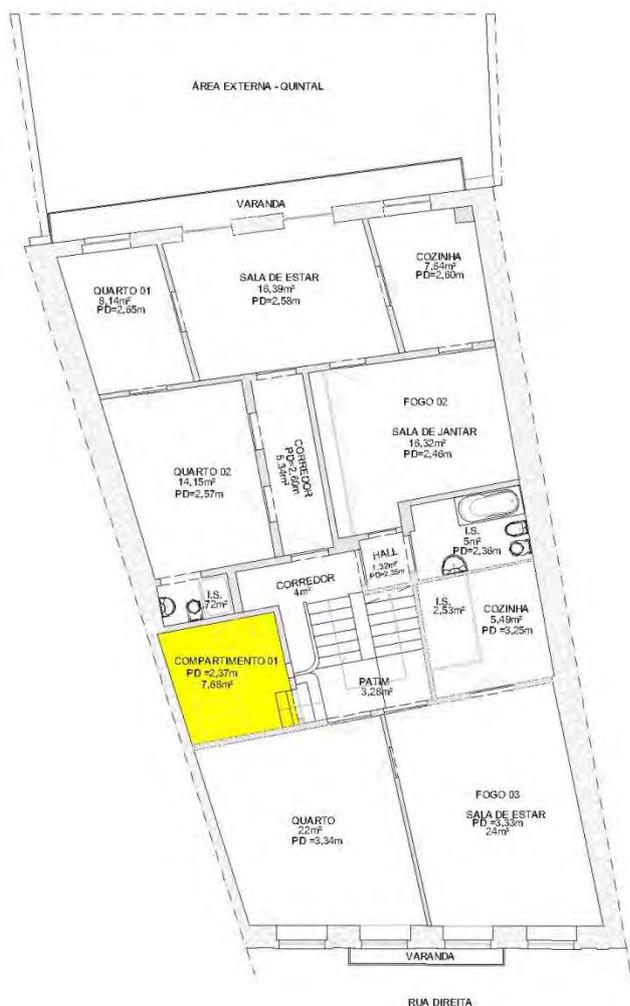


Figura 01: Planta do primeiro e segundo piso com destaque para o compartimento 01.



Figura 02: Vista do compartimento a partir do patim do piso 02



Figura 03: Interior do compartimento com piso de madeira, alvenaria de tabique e estrutura do teto de madeira sem forro.

O compartimento 01 tem acesso pelo segundo piso através de uma escada reta de cinco degraus. Este espaço tem 7,68m², pé direito de 2,37m e uma pequena janela que se abre para o hall de escada. O sistema construtivo é de alvenaria de tabique com revestimento de argamassa de cal que está deteriorado, o piso é de tábuas de madeira e a estrutura do teto é de madeira, não apresenta forro.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O compartimento faz parte do percurso acessível.	Não é acessível
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito é de 2,37m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso é de tabuado de madeira e apresenta-se com as características adequadas.
		4.7.2	X		Os pisos devem ter refletância média e não polido.	O piso de madeira apresenta refletância média.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada aberturas maiores que as especificadas em norma.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação está dentro da norma.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Entre o compartimento 1 e o patim há uma escada e não possui dispositivo mecânico de elevação.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta apresenta 74cm de largura.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima (2m) do vão da porta	A altura da porta é de 1,92m
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não há zona de manobras pois existe a escada de acesso ao compartimento.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O dispositivo de operação da porta é inadequado e não há puxador.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O comando do interruptor não é indicado por dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Alteração da cota do piso e nivelamento com o patamar da escada;
- Demolição da alvenaria para abertura do vão da porta e conseqüentemente a adequação ou a substituição da porta;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos tipos de comandos.



**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A cozinha faz parte do percurso acessível.	A cozinha não é acessível.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.3		X	Estabelece condições para cozinhas, como: deve inscrever uma zona de rotação de 360° e ter distância mínima de 1,50m entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes.	A pia existente no interior da cozinha inviabiliza a rotação de 360° e a distância mínima de 1,50m da parede.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito é maior que 2m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso apresenta revestimento que está em mal estado de conservação.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Há acúmulo de objetos e impossibilidade de observação.
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O piso da cozinha é de madeira com revestimento frágil, inapropriado às funções de uma área molhada.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Possui largura mínima admissível.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Possui altura adequada.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta é de duas folhas e não apresenta a área útil mínima de abertura.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não possui zona de manobra necessária.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Não possui puxador em todas as folhas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	A altura do interruptor é de 1,54m do piso e o comando possui 0,02x0,25m, sem dispositivo luminoso

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Substituição do piso;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Remoção da I.S. ao lado ou a modificação da porta de acesso para a extremidade da alvenaria para que seja possível a zona de manobra dos dois lados da porta;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Adequação dos comandos nas paredes de tabique.

TABELA 28

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 03 - SALA DE ESTAR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta dos 1º e 2º pisos, com destaque para a sala de estar do fogo 03.



Figura 02: Vista interna da sala de estar, com vãos da direita para a esquerda de acesso ao quarto adjacente, ao patim e à cozinha.



Figura 03: Vista do plano de alvenaria de pedra com dois vãos com vista para a Rua Direita. O vão à direita tem acesso à sacada em consola com projeção sobre o logradouro público.

A sala de estar do fogo 03 tem 24m<sup>2</sup>, pé direito de 3,33m. Apresenta piso com tábuas de madeira, teto com estrutura de madeira e estuque, parede externa e de divisa de alvenaria de pedra e as paredes interiores de tabique. De uma forma geral, o espaço está em ruim estado de conservação, com aberturas no teto, apodrecimento de madeiras, peças metálicas com corrosão, pintura desgastada, sujidades em todas as superfícies. A falta de manutenção intensifica o estado precário, contudo resiste elementos construtivos tradicionais e de boa qualidade.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala de estar faz parte do percurso acessível.	A sala de estar não é totalmente acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter circulação de 1,10m no interior da sala de estar
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	A altura livre da sala é maior que 2m, é de 3,33m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso da sala é de tábuas de madeira e estão em boas condições, apesar de sujo.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foram observadas aberturas no piso.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não há inclinação notável do piso.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta de acesso ao quarto apresenta 0,70m de largura.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura da porta é maior que 2m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As portas com duas folhas não se adequam à norma.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	A porta de entrada não garante a zona de manobra adequada.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	É utilizado o puxador em forma de maçaneta.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria de tabique para a adequação do vão da porta em direção ao quarto e criação da zona de manobra da porta de entrada ao fogo;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Instalação de comandos nas paredes de tabique.

TABELA 29

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 03 - QUARTO E SACADA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 1º e 2º pisos com destaque para o quarto e a sacada do fogo 03.



Figura 02: Vista interna do quarto duas portas: à direita de acesso à sala de estar e à esquerda de acesso ao patim (escada comum).



Figura 03: Plano de parede de alvenaria de pedra com dois vãos cujas esquadrias se abrem com vista para a Rua Direita.

O quarto do fogo 03 apresenta 22m² com o pé direito de 3,34m. A parede externa e a parede de divisa são de alvenaria de pedra e as paredes internas são de tabique. O piso é de tábuas de madeira, as esquadrias são de madeira com vidro, o teto é de estuque. O estado de conservação é ruim, com várias patologias, principalmente, nas paredes e no teto.

Através de um vão na fachada principal há ligação entre o quarto e a sacada, essa se prolonga em direção ao logradouro público.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto faz parte do percurso acessível.	O quarto não é acessível
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2		X	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter circulação de 1,10m no interior do quarto, mas não é possível na sacada
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 3,34m, altura adequada.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso em madeira apresenta as características adequadas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Foram observadas aberturas no piso.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso não é notável.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2	X		As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há ressalte de 0,005m.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta entre o quarto e a sala tem largura menor que 0,77m.
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura útil é maior que 2m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As folhas das portas apresentam dimensões menores que o permitido.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	A zona de manobra fica comprometida por obstáculos no patim e dimensão do balcão.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Há uso de puxadores do tipo maçaneta.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Há comandos em altura acima do permitido.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- A acessibilidade na sacada é condicionada a ampliação desta com o seu reforço estrutural;
- Demolição parcial da alvenaria de tabique para a adequação do vão da porta em direção à sala;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Remoção da escada de acesso ao compartimento 05 para criar a zona de manobra da porta de acesso ao quarto;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique.

**TABELA 30**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 03 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**

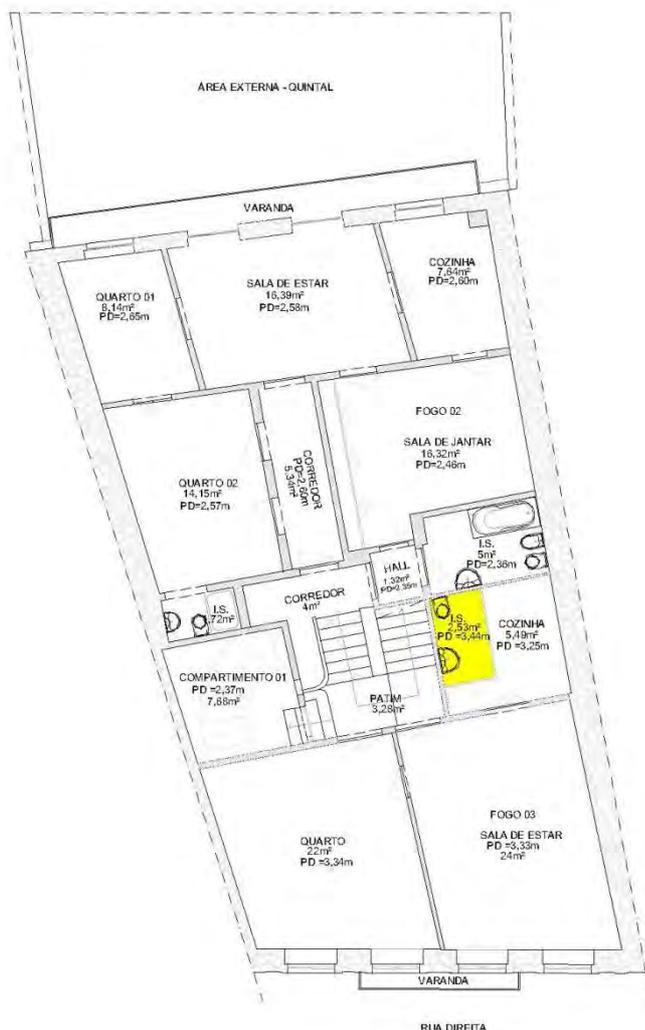


Figura 01: Planta do 1º e 2º pisos com destaque para a I.S. do fogo 03

Figura 02: Vista interna da I.S. com sanita, lavatório e espelho.

O fogo 03 tem uma única instalação sanitária com área de 2,53m² e pé direito de 3,44m. Para acessá-la é necessário entrar na área da cozinha, sendo separada desta por placas de madeira, de maneira improvisada. A cozinha e a I.S. não possuem ventilação direta e abertura para a área externa, estão localizadas em num compartimento ao centro da edificação, junto à parede de divisa de alvenaria de pedra. Internamente a casa de banho apresenta a sanita, o lavatório e um espelho. Não há banheira, bidê nem base de ducha. O piso é de madeira com revestimento vinil em mal estado de conservação, as paredes de tabique com argamassa de cal e pintura bege, parcialmente revestido com azulejo e divisórias de madeira. A porta de acesso tem 0,61x1,91m situada no plano da divisória.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
		Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1	X	A I.S. faz parte do percurso acessível.	A I.S. não é acessível
Instalações	2.9	2.9.4	X	Estabelece a condições para sanita acessível	Não há zona de manobras nem barras de apoio
		2.9.7	X	Estabelece a condições para banheira	Não há banheira na casa de banho

<b>sanitárias de utilização geral</b>	2.9				acessível	
		2.9.14		X	Estabelece condições para a instalação de espelhos	O espelho existente está posicionado em altura acima do permitido.
		2.9.15		X	Estabelece condições para a instalação e o modo do equipamento de alarme.	Não há equipamento de alarme.
		2.9.17		X	Diz sobre os mecanismos operáveis dos aparelhos sanitários acessíveis, os acessórios e as tomadas de corrente elétrica.	A torneira existente exige rodar o pulso.
		2.9.19		X	No espaço livre deve inscrever uma zona de rotação de 360°.	Não é possível inscrever uma zona de rotação de 360° no interior da I.S.
		2.9.20		X	A porta deve ser de correr ou de abrir para fora.	A porta não satisfaz a medida mínima adequada.
<b>Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação</b>	3.3	3.3.4		X	Estabelece que cada fogo deve ter uma instalação sanitária acessível e determina condições e equipamentos.	A I.S. apresenta somente a sanita e o lavatório.
<b>Altura livre</b>	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m.	O pé direito tem 3,44m
<b>Pisos e seus revestimentos</b>	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso apresenta revestimento degradado e em condições inadequadas ao uso.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi possível identificar
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem, inclinação e secagem dos espaços.	O piso é de madeira com revestimento inadequado ao local.
<b>Portas</b>	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta tem largura de 0,61m
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A porta tem altura de 1,91m
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não é possível obter as zonas de manobras.
<b>Comandos e controlos</b>	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está localizado a uma altura de 1,48m.
<b>Sinalização e orientação</b>	4.14	4.14.1		X	Deve possuir sinalização nas instalações sanitárias	Não há sinalização de acessibilidade.

#### CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI

- A acessibilidade na I.S. no local instalado é condicionada a ampliação de sua área útil, tendo como consequência a ocupação da área da cozinha e a transferência desta para outro local. Assim, haverá área para a criação de zonas de manobras, zonas de permanência, zonas de rotação de 360° e inserção de todos os aparelhos sanitários exigidos por lei;
- Substituição e instalação adequada do espelho e mecanismos operáveis dos aparelhos sanitários;
- Instalação de alarme, barras de apoio e acessórios;
- Substituição da porta com as medidas mínimas;
- Substituição do piso adequado às áreas molhadas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique;
- Instalação de sinalização de acessibilidade.

TABELA 31

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - HALL DE ENTRADA E CORREDOR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para o patim e corredor do fogo 04.



Figura 02: Vista do corredor em formato "L", com a porta de acesso à direita e ao fundo a I.S.



Figura 03: Vista do corredor do fogo 04 tendo à esquerda o acesso ao quarto 02 e ao fundo a porta de acesso a sala.

O fogo 04 localiza-se no 4º piso e tem acesso através de um patim de 1,94m². Após o patim há um corredor em formato "L" que dá acesso através de porta de madeira de duas folhas à instalação sanitária, aos quartos 02 e 03, à sala de jantar e à sala de estar. O corredor situa-se ao centro do volume da edificação e está circundado por alvenaria de tabique; o piso é de madeira e observa-se no teto a ausência de forro, com a estrutura de madeira a vista. O estado de conservação é ruim devido à falta de manutenção, acúmulo de materiais de construção, sujidades e desgastes de todos os materiais e revestimentos. Contudo, há materiais representativos e históricos.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O patim e o corredor fazem parte do percurso acessível.	Ambos os espaços não apresentam acessibilidade, conforme a lei.
Patamares, galerias e corredores incluídos em percursos acessíveis	2.3	2.3.1	X		Os patamares/patins devem possuir largura não inferior a 1,20m,	O patim possui largura de 1,43m
		2.3.3		X	Se a largura for menor que 1,50m deve existir zonas de rotação ou mudança de direção.	Não é possível obter zona de rotação de 180°
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1	X		Nos espaços de entrada dos fogos deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°.	É possível inscrever uma zona de 360° na área do corredor.
		3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	A largura do corredor varia entre 1,35m a 1,61m.
Largura livre	4.3	4.3.1	X		O percurso acessível deve ser livre e sem obstruções, com largura mínima de 1,20m	O corredor tem largura sem obstruções maior que 1,20m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito do corredor tem 2,88m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso de madeira apresenta tais características.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Piso muito sujo com impossibilidade de verificar aberturas
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso é adequada, sem variações notáveis.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Entre o corredor e a I.S. há ressalto de 0,04m
Portas	4.9	4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	As portas apresentam altura máxima de 1,98m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As portas de duas folhas tem dimensões inadequadas
		4.9.6 4.9.7	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender à fórmula $(vp+lc \geq 2m)$ .	A fórmula é atendida nesta situação.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas.	O dispositivo de abertura das portas exige a rotação do pulso.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos.	Há interruptor instalado em altura inadequada.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Remoção parcial da escada para inscrever a zona de rotação de 180° no patamar, com consequentes implicações na forma e estrutura da mesma;
- Modificação da cota da I.S. e nivelamento com o piso do corredor, com implicações nas instalação hidráulica, revestimentos e aparelhos sanitários;
- Demolição parcial da alvenaria de tabique para ampliar o vão da porta às dimensões mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição e adequação dos comandos nas paredes de tabique.

TABELA 32

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - SALA DE JANTAR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

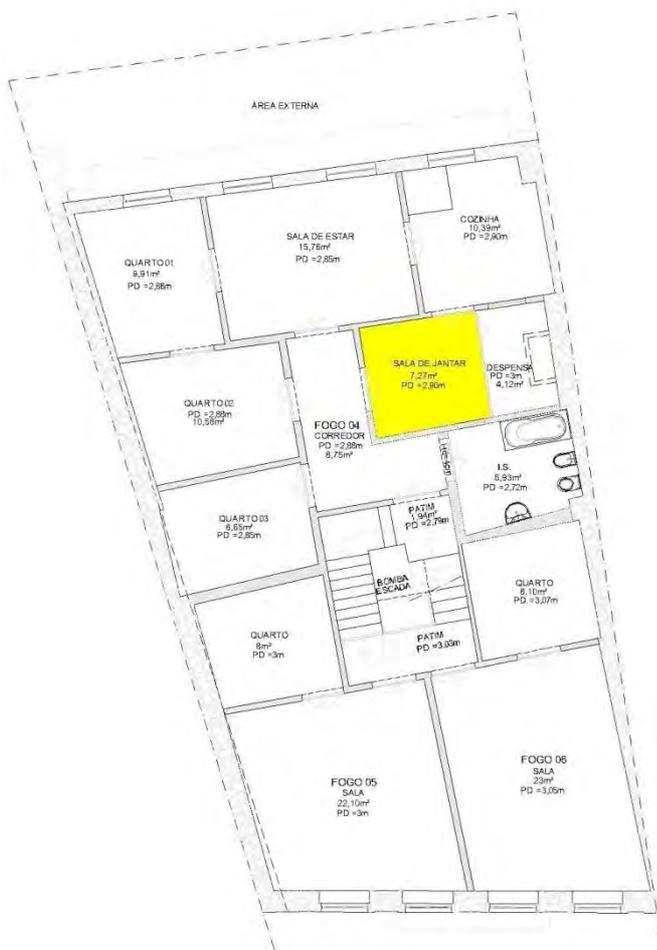


Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para a sala de jantar do fogo 04.



Figura 02: Vista interna da sala de jantar com a porta de acesso a partir do corredor.



Figura 03: Interior da sala de jantar tendo à direita a janela da I.S., à esquerda o vão de acesso à cozinha e entre estes o plano da divisória em madeira da despensa.

A sala de jantar tem formato retangular, área de 7,27m<sup>2</sup>, paredes de alvenaria de tabique e divisória de madeira que a separa da despensa. Não possui abertura para o exterior e a única janela existente dá para a instalação sanitária. Existem três portas de madeira que dão acesso ao corredor, à despensa e à cozinha.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala de Jantar faz parte do percurso acessível.	A Sala de jantar não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter percurso de largura de 1,10m na sala de jantar.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito da Sala de Jantar tem 2,90m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso é revestido e, aparentemente, não apresenta danos.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	-	-	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi possível verificar devido ao acúmulo de sujeiras no piso.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso não apresenta inclinação relevante.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Há porta de 55cm de largura.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todas as portas apresentam altura menor que 2m
		4.9.6 4.9.7		X	As portas devem ter zonas de manobras em nível, em ambos os lados	Não é possível ter zonas de manobra das portas de acesso a cozinha e a despensa.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A instalação do dispositivo de operação é inadequada pois necessita rodar o pulso e força de preensão.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não apresenta dispositivo luminoso e dimensões adequadas.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria de tabique e da divisória de madeira para a adequação dos vãos das portas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição de comandos.

TABELA 33

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - COZINHA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Vista interna da cozinha em direção a porta de acesso pela sala de jantar.



Figura 02: Vista da parede de divisa de alvenaria de pedra parcialmente revestida de azulejo.



Figura 03: Planta do 4º e 5º pisos com destaque da cozinha no fogo 04.

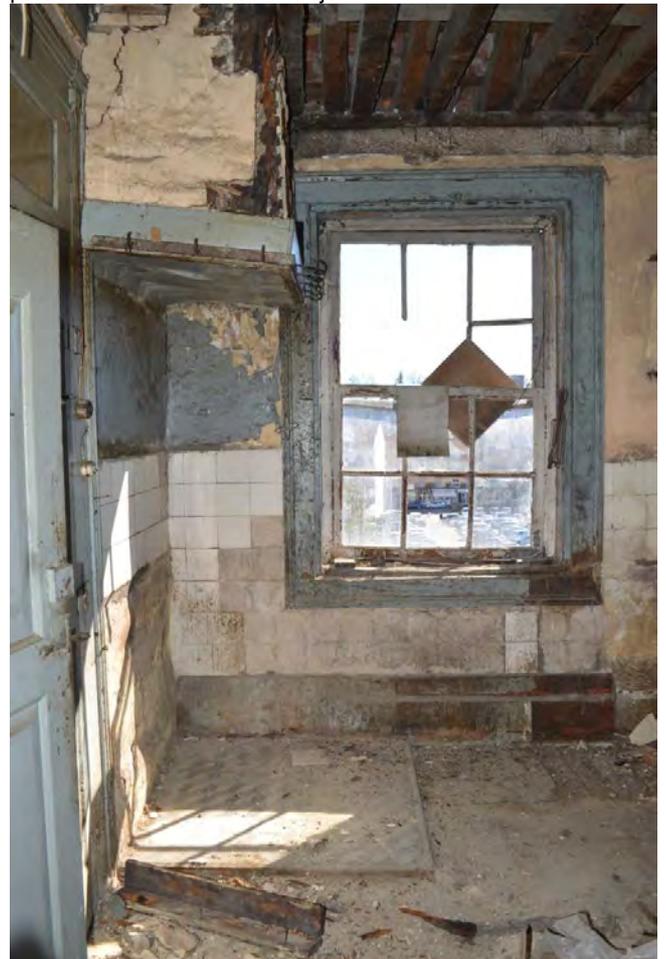


Figura 04: Vista parede que separa a cozinha da sala de estar. No canto direito superior há duto de fumo.

A cozinha está localizada na parte posterior do fogo, com abertura na fachada posterior. Apresenta paredes em alvenaria de tabique e de pedras, piso com estrutura de madeira revestido com vinil. A área interna tem 10,39m², pé direito de 2,90m. Estado de conservação ruim.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A cozinha faz parte do percurso acessível.	A cozinha não é acessível de acordo com a norma.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter circulação com largura de 1,10m na cozinha.
		3.3.3	X		Estabelece condições para cozinhas, como: deve inscrever uma zona de rotação de 360° e ter distância mínima de 1,50m entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes.	A cozinha tem área disponível para a rotação de 360°.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito da cozinha tem 2,90m, suficiente de acordo com a norma.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O revestimento do piso encontra-se desgastado e inadequado.
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	O revestimento do piso não é adequado.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Há aberturas no piso com dimensões maiores que 0,02x0,02m.
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O revestimento do piso está desgastado e não é possível assegurar a drenagem e secagem ideal.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Os vãos das portas apresentam largura suficiente.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura das portas é de 1,96m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As portas são de duas folhas com 0,50cm cada folha.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não é possível obter zona de manobra de uma das portas.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O puxador é do tipo asa, contudo para a abertura do trinco é necessário rodar o pulso.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não apresenta dispositivo luminoso e dimensões adequadas.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Substituição do piso da cozinha com características adequadas às condições de área molhada;
- Demolição parcial da alvenaria para ampliar o vão da porta de acordo com as medidas mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição de comandos.

**TABELA 34**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 04 - DESPENSA**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque da despensa junto à parede de alvenaria de pedra à direita do volume edificado.

Figuras 02: Vista interna da despensa com chaminé de tabique e prateleiras instaladas na parede

A despensa está localizada ao lado da sala de jantar, tendo uma divisória de madeira entre ambos os compartimentos. Internamente há uma **chaminé** feita com estrutura de tabique e prateleiras para armazenamento de alimentos. A área da despensa é de 4,12m<sup>2</sup> com pé direito de 3m. O estado de conservação é ruim, com desgaste das estruturas e dos materiais

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.2	X	Estabelece espaço que não precisam incluir ao percurso acessível.	Enquadra-se como "espaços para os quais existem alternativas acessíveis adjacentes e com condições idênticas"	
Sinalização e orientação	4.14	4.14.2		X	Deve existir sinalização nos locais onde não há percurso acessível	Não há nenhuma sinalização

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Instalação de sinalização.

TABELA 35

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - SALA DE ESTAR

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º pavimento com destaque para a sala de estar localizado junto a fachada posterior.



Figura 02: Janelas de madeira em precárias condições de conservação.



Figura 03: Vista interna da sala de estar, tendo ao centro um vão que acessa a cozinha. À direita, uma porta de acesso ao corredor .

A Sala de Estar tem formato retangular com área de 15,76m<sup>2</sup>, pé direito de 2,85m, alvenaria externa de pedra e interna de tabique, estruturas do piso e do teto de madeira, ausência de forro e parcialmente com revestimento do piso de vinil. O espaço está bastante degradado, com infiltrações, fissuras, desgaste de pinturas e revestimentos, sujeiras em todas as superfícies, dentro outras patologias que comprometem a habitabilidade do fogo 04.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A Sala de Estar faz parte do percurso acessível.	A sala não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter a faixa de circulação pela sala de estar.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito da sala é de 2,85m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O revestimento do piso está degradado e não confere as características exigidas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média (entre 15 a 40%) e não polido.	Difícil avaliar, pois o piso é parcialmente revestido e muito degradado.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada abertura maior que 0,02x0,02m.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não foi observada inclinação notável.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas apresentam vãos com dimensões adequadas.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Todas as portas têm altura útil menor que 2m.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As portas com duas folhas não apresentam dimensões adequadas.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender à fórmula ( $yp+lc \geq 2m$ ).	As portas atendem os requisitos na lei.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	O dispositivo de operação de uma das portas está a 1,18m do piso.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Há interruptor a 1,44m sem dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Remoção do revestimento e tratamento do piso;
- Demolição parcial da alvenaria para ampliar o vão da porta de acordo com as medidas mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Remoção e instalação de comandos adequados.

TABELA 36

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - QUARTO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para o quarto 01 do fogo 04.



Figura 02: Vista interna do quarto 01 com porta à direita e janela ao fundo com vão na fachada posterior.



Figura 03: Quarto 01 com portas de acesso à sala de estar e ao quarto 02.

O quarto 01 está localizado na parte posterior do volume edificado e à esquerda, com vão na fachada posterior. Tem área de 9,91m<sup>2</sup> limitada por alvenaria de pedra e de tabique. A entrada neste compartimento pode ser realizada através da sala de estar ou pelo quarto 02, por portas de madeira de duas folhas almofadadas, com bandeira de placas de vidro, de dimensões 1,00x1,96m. O piso e a estrutura do teto são de madeira, contudo não há forro. O pé direito tem 2,86m. O estado de conservação é precário.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 01 faz parte do percurso acessível.	O quarto 01 não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter faixa de circulação de 1,10m
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 2,86m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso de madeira está sem manutenção, mas apresenta as características em questão.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada aberturas no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação do piso não é relevante
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas apresentam vãos de 1m.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura dos vãos das portas tem 1,96m, altura inadequada.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As folhas das portas têm dimensões que não satisfazem a norma.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Há zonas de manobras adequadas.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As portas apresentam trincos nas extremidades e ao centro das folhas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor existente tem altura de 1,48m, não apresenta dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria para ampliar o vão da porta de acordo com as medidas mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição dos tipos de comandos.

TABELA 37

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - QUARTO 02

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta com destaque do quarto 02 do fogo 04.



Figura 02: Vista do corredor e acesso ao quarto 02



Figura 03: Vista interna do quarto com piso, rodapé e porta de duas folhas com bandeira.

O quarto 02 tem acesso pelo corredor ou pelo quarto 01. Está localizado ao centro do volume edificado e não possui abertura para a área externa, a ventilação e a iluminação deste compartimento são indiretas. Em formato irregular com quatro arestas, possui área total de 10,58 e portas de 1,00x1,96m em duas faces. O sistema construtivo é de alvenaria de pedra na parede de divisa do lote e as outras paredes são de tabique. O piso e o teto são de estruturas de madeira.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 02 faz parte do percurso acessível.	O quarto 02 não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter a faixa de circulação de 1,10m no interior do quarto.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 2,88m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso de madeira está sem manutenção, mas apresenta as características em questão.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Foi observado abertura no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	A inclinação não é notável.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas apresentam vãos de 1m.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura dos vãos das portas tem 1,96m, altura inadequada.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As folhas das portas têm dimensões que não satisfazem a norma.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula ( $vp+lc \geq 2m$ )	Há zona de manobra adequada ou atende a fórmula.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As portas apresentam trincos nas extremidades e ao centro das folhas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor existente tem altura de 1,44m e não apresenta dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria para ampliar o vão da porta de acordo com as medidas mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição dos tipos de comandos com intervenção na parede de tabique.

TABELA 38

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 04 - QUARTO 03

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º pisos com destaque para o quarto 03, do fogo 04.



Figura 02: Porta de acesso ao quarto 03 através do corredor.



Figura 03: Vista interna do quarto 03, com destaque para a parede de alvenaria de pedra com pequena abertura próximo do teto.

O fogo 04 contém três quartos na lateral esquerda. O quarto 03 é aquele localizado mais ao centro do volume edificado, com formato retangular e trecho da parede de divisa com saliência de 11cm. A área total interna é de 8,65m², o pé direito tem 2,85 e o acesso é possível através de única porta de duas folhas proveniente do corredor, de dimensões 1,00x1,96m. O sistema construtivo é de alvenaria de pedra, na parede de divisa, e com paredes internas de tabique. Como nos demais quartos do fogo 04, o piso e o teto têm estrutura de madeira, mas não há forro e o assoalho está desgastado.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 03 faz parte do percurso acessível.	O quarto 03 não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	É possível ter circulação no interior do quarto com 1,10m.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 2,85m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	Soalho muito degradado
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	foi observada abertura no piso maiores que 0,02x0,02m.
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	O piso não revela inclinações notáveis.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	O vão da porta tem 1m
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura dos vãos das portas tem 1,96m, altura inadequada.
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	As folhas das portas têm dimensões que não satisfazem a norma.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula ( $vp+lc \geq 2m$ )	A porta atende condição da fórmula.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As portas apresentam trincos nas extremidades e ao centro das folhas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor existente tem altura de 1,57m, não apresenta dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria para ampliar o vão da porta de acordo com as medidas mínimas exigidas;
- Substituição da porta de duas folhas;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Substituição dos tipos de comandos com intervenção na parede de tabique.

**TABELA 39**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 04 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para a Instalação Sanitária do fogo 04.

Figura 02: Instalação sanitária com banheira, sanita, bidê e lavatório em mal estado de conservação.

A instalação sanitária está localizada ao centro do volume construído e não possui aberturas para o exterior. O acesso é realizado através do corredor, onde há um ressalto no piso de 4cm e porta de duas folhas de madeira de dimensões 0,95x1,91m. Encontra-se internamente um lavatório, um bidê, uma sanita e uma banheira. A alvenaria é de tabique e somente a parede do fundo, que faz divisa com o lote vizinho é de alvenaria de pedra. O revestimento interno é parcialmente em azulejo na faixa mais baixa e acima a parede é revestida com argamassa de cal e pintura. A área interna compreende em 6,93m² com pé direito de 2,72m. O compartimento é insalubre e impossível de utilizá-lo, está em péssimo estado de conservação.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimen to?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
		Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1	X	A I.S. faz parte do percurso acessível.	A I.S. não é acessível.
Instalações sanitárias de utilização geral		2.9.4	X	Estabelece as condições de acessibilidade da sanita.	Não é possível ter zonas de permanências nem barras de apoio.
		2.9.7	X	Estabelece as condições de acessibilidade da banheira.	Não há zonas de permanências, barras de apoio, assento.
		2.9.13	X	Estabelece as condições de acessibilidade do lavatório	Não há zona inferior livre, existe um armário sob o lavatório.
		2.9.15	X	Estabelece condições para a instalação	Não há sistema de alarme

					e o modo do equipamento de alarme.	
	2.9	2.9.17		X	Diz sobre os mecanismos operáveis dos aparelhos sanitários acessíveis, os acessórios e as tomadas.	Há mecanismos que não estão dentro das zonas de alcance, o tipo de torneira não é adequado.
		2.9.19		X	No espaço livre deve inscrever uma zona de rotação de 360°.	Não é possível obter a zona de rotação de 360°
		2.9.20		X	A porta deve ser de correr ou de abrir para fora.	A porta é de duas folhas de abrir para dentro.
<b>Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação</b>	3.3	3.3.4		X	Estabelece que cada fogo deve ter uma instalação sanitária acessível e determina algumas condições.	A I.S. não se enquadra nos requisitos exigidos, pois a disposição dos aparelhos sanitários e as respectivas zonas de manobras estão incorretas.
<b>Altura livre</b>	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m.	O pé direito tem 2,72m
<b>Pisos e seus revestimentos</b>	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso da I.S. não apresenta as características exigidas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada aberturas no piso.
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O estado de conservação ruim do piso não garante as qualidades solicitadas.
<b>Portas</b>	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta apresenta 0,95m de largura
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura útil é de 1,91m
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$	A porta atende a fórmula: $1,36 + 0,95 = 2,31m$ ; no entanto apresenta ressalto no piso.
		4.9.8		X	Se as portas tiverem ressalto no piso, não devem ter uma altura superior a 0,02 m.	O ressalto existente é de 4cm.
<b>Comandos e controlos</b>	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Os comandos não são acessíveis ou são irregulares.
<b>Sinalização e orientação</b>	4.14	4.14.1		X	Deve possuir sinalização nas instalações sanitárias de utilização geral acessíveis.	Não há sinalização.

#### CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI

- Execução de novo desenho do interior da I.S. cuja área interna possibilita adequadas zonas de permanências, zonas de manobras e zona de rotação de 360°, tendo como consequência o investimento em nova instalação hidráulica, revestimentos e acessórios;
- Substituição e adequação dos mecanismos operáveis dos equipamentos sanitários;
- Adaptação do piso às exigências legais;
- Demolição parcial da alvenaria de tabique para ampliar o vão da porta;
- Substituição da porta de duas folhas e modificação da direção de sua abertura para fora da I.S.;
- Substituição dos dispositivos de operação das portas;
- Alteração da cota do piso e nivelamento com o piso do corredor;
- Instalação de comandos nas paredes de tabique e alarme;
- Instalação de sinalização.

TABELA 40

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - HALL DE ENTRADA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4° e 5° pisos com destaque para a sala do fogo 05.



Figura 02: Vista do hall de entrada através da sala de estar.



Figura 03: Porta de acesso ao fogo e, na imagem à direita, vista da escada em direção ao 6° piso.

O fogo 05 é a última unidade habitacional da edificação, que tem os compartimentos interiores posicionados em três pisos. No primeiro piso há o hall de entrada, a sala de estar, o escritório, o quarto 01 e o quarto 02. No piso superior, há a instalação sanitária, os corredores, a cozinha e o quarto 03. No último piso existe o sótão.

O hall de entrada tem formato retangular, possui 3,34m<sup>2</sup>, pé direito de 3,03m e é um patamar da escada mista com a função de recepção do fogo 05, pois faz parte do interior da unidade habitacional. Assim, a porta de acesso do fogo 05 está localizada logo após um lance de escada. A partir do hall de entrada é possível acessar a sala de estar, o quarto 01 e subir a escada em direção ao corredor ou ao sótão localizado no desvão da cobertura.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O hall faz parte do percurso acessível.	O hall não apresenta acessibilidade.
Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1		X	Nos espaços de entrada dos fogos deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°.	Não é possível inscrever uma zona de rotação de 360° no hall.
		3.3.2		X	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	Não é possível ter uma faixa de circulação de 1,10m no interior do hall
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	O pé direito tem 3,34m.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1	X		Os pisos e seus revestimentos devem ser estáveis, duráveis, firmes, contínuos e antiderrapantes.	O piso apresenta-se sujo, contudo está em boas condições estruturais e de durabilidade.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observado aberturas no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não há inclinações relevantes.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Os ressaltos encontrados se referem a escada, obstáculo que deveria ser vencido por rampa ou outro dispositivo mecânico.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Todas os vãos de portas apresentam a largura mínima exigida.
		4.9.2	-	-	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Não foi possível verificar
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou satisfazer a condição $(vp+lc \geq 2m)$	A área interna do hall não possibilita ter zonas de manobras e em níveis.
		4.9.9		X	Estabelece dispositivos e altura (entre 0,8 e 1,1m) de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A porta de entrada do fogo não apresenta as condições adequadas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	A instalação de comandos/interruptores é inadequada.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição da alvenaria de tabique;
- Remoção e instalação de dispositivos de operação de portas;
- Instalação de comandos.

**TABELA 41**

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
**FOGO 05 - SALA DE ESTAR**

**CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE**



Figura 01: Planta do 4º e 5º pisos com destaque para a sala do fogo 05.



Figura 02: Vista de dois vãos, à direita tem acesso ao hall de entrada e, à esquerda, acesso ao escritório.



Figura 03: Plano da sala com vista para a Rua Direita através de duas janelas de peito, caixilheria de madeira com placas de vidro.

A sala de estar tem 22,10m<sup>2</sup>, com pé direito de 3m, limitada por alvenaria de pedra e de tabique. As aberturas das janelas estão na fachada principal, com vista para a Rua Direita. As estruturas do forro e do piso são de madeira. O assoalho de madeira está com falta de manutenção, úmido, sujo e com acúmulo de materiais. No teto não há forro.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
		Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A sala faz parte do percurso acessível. A sala não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.2	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,10m. É possível ter a faixa de circulação de 1,10m
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m O pé direito tem 3m.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas. O vão da porta tem largura admissível de 0,99m
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta A altura das portas são apropriadas
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas. O projeto e os vestígios no local mostram que havia porta de duas folhas com tamanhos inadequados.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados. Não é possível ter zonas de manobras de todos os lados
		4.9.9		-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta. As folhas das portas foram removidas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis. O interrupto está na altura de 1,74m e não é indicado por dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- A faixa de circulação de 1,10m é possível, contudo restringe o uso de área útil no interior da sala;
- Instalação de porta com novas dimensões;
- Substituição dos tipos de comandos com intervenção na parede de tabique.

TABELA 42

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - ESCRITÓRIO

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 02: Acesso ao escritório através da sala de estar , por porta de madeira



Figura 03: Vista do interior do escritório

Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para o escritório do fogo 05.

O escritório do fogo 05 tem área total de 8m² e pé direito de 3m. Não apresenta aberturas para o exterior e o único vão existente é a da porta com dimensão de 0,95x2,08m. As paredes são autoportantes de alvenaria de pedra e de tabique. O estado de conservação do quarto é ruim, com presença de muitas fissuras nas paredes e degradação dos elementos construtivos. Não há forro, sendo possível ver a estrutura de madeira. O piso é de assoalho de madeira e está muito sujo e com manchas.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O escritório faz parte do percurso acessível.	O escritório não é acessível.
Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação	3.2	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,10m.	É possível ter faixa de circulação de 1,10m de largura.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 3m.
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	O vão da porta tem largura admissível de 0,95m
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura das portas são apropriadas e maiores que 2m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	O projeto e os vestígios <i>in loco</i> mostram que havia porta de duas folhas com tamanhos inadequados.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não é possível ter zonas de manobras de todos os lados
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As folhas das portas foram removidas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está na altura de 1,67m e não é indicado por dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Demolição parcial da alvenaria de tabique para deslocamento do vão da porta com garantia das zonas de manobras adequadas de ambos os lados;
- A faixa de circulação de 1,10m é possível, contudo restringe o uso de área útil no interior do escritório;
- Instalação de porta com novas dimensões e diferentes das que existiam com duas folhas iguais;
- Substituição dos tipos de comandos com intervenção na parede de tabique.

TABELA 43

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - QUARTO 01

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para o quarto do fogo 05.



Figura 02: Vão de acesso ao quarto 02 sem porta.



Figura 03: Vista do quarto em condições precárias.

A área total do quarto 01 é de 23m<sup>2</sup>, com o pé direito de 3,05m. As paredes externa e de divisa são de alvenaria de pedra e as paredes internas são de tabique. Parte da parede está revestida com papel de parede e outra parte é pintada. O assoalho está sujo e com pequenas deformações. Está em condições precárias visto que falta o forro, portas, desgastes dos materiais e superfícies. Pode-se observar o escoramento feito da estrutura do forro na imagem 03. O compartimento é inabitável e necessita de melhorias.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 02 faz parte do percurso acessível.	O quarto 02 não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.2	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,10m.	É possível ter faixa de circulação de 1,10m de largura.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	O pé direito tem 3,05m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O soalho apresenta deformações
		4.7.2		X	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	O piso deve ser revisado e tratado.
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada abertura no piso
		4.7.5	X		A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não há inclinação notável do piso
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	As portas têm dimensões satisfatórias
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura das portas tem 2,09m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	O projeto e os vestígios <i>in loco</i> mostram que havia porta de duas folhas com tamanhos inadequados.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	Não é possível ter zonas de manobras de todos os lados
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	As folhas das portas foram removidas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O interruptor está na altura de 1,69m e não é indicado por dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Tratamento do piso com possibilidade de remoção e demolição parcial;
- A faixa de circulação de 1,10m é possível, contudo restringe o uso de área útil em seu interior;
- Demolição parcial da alvenaria de tabique, com interferência e ocupação de área da sala de estar para criar zona de manobras de ambos os lados da porta de acesso;
- Instalação de porta com novas dimensões e diferentes das que existiam (portas com duas folhas iguais);
- Substituição dos tipos de comandos com intervenção na parede de tabique.

TABELA 44

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - QUARTO 02

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 4º e 5º piso com destaque para o quarto 02 localizado no fogo 05.



Figura 02: Vista interna do quarto com a divisória de tabique sem revestimento.



Figura 03: Piso de madeira do quarto.

O quarto 02 do fogo 05 tem área de 8,10m² e o pé direito de 3,07m. As paredes internas são de alvenaria de tabique e a parede que faz divisa com o lote vizinho é de alvenaria de pedra. Um dos planos de parede de tabique apresenta-se sem revestimento, sendo possível observar os fasquiados e as tábuas de sustentação.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 02 faz parte do percurso acessível.	O quarto 02 não é acessível.
Edifícios de Habitação Área privativa dos fogos de habitação	3.2	3.3.2	X		A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,10m.	É possível ter faixa de circulação de 1,10m de largura.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m	A altura livre é de 3,07m
Portas	4.9	4.9.1	X		Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta tem 0,98m de largura
		4.9.2	X		Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura da porta é de 2,09m
		4.9.5		X	Estabelece largura mínima para portas com duas folhas.	A porta de 0,98cm tem duas folhas de mesma dimensão e não se enquadra na norma.
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados.	A porta tem zona de manobra adequada.
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	A porta não está instalada.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Tratamento do piso com possibilidade de remoção ou demolição parcial;
- A faixa de circulação de 1,10m é possível, contudo restringe o uso de área útil em seu interior;
- Instalação de porta com novas dimensões e diferentes das que existiam (portas com duas folhas iguais);

TABELA 45

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05- CORREDORES

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

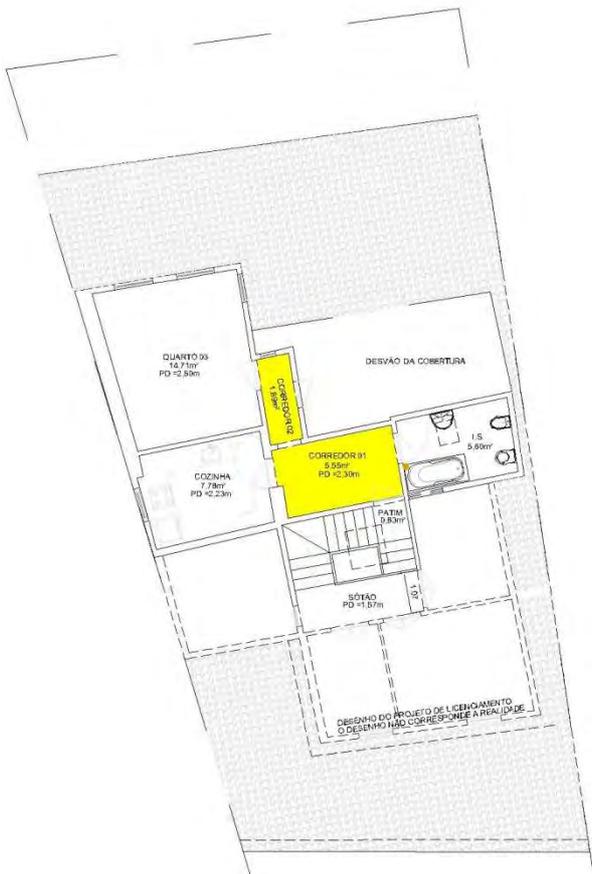


Figura 01: Planta do 6º e 7º pavimentos com destaque para os corredores do fogo 05.



Figura 02: Corredor 01 com vista para o vão de acesso da I.S.



Figura 03: Corredor 01, tendo à esquerda o acesso a cozinha e, através do outro vão, o acesso ao corredor 02.

O 6º piso está em péssimo estado de conservação, onde podem ser observadas as estruturas sem revestimentos. Todas as paredes são feitas de tabique, sendo que as internas estão praticamente todas sem revestimento, com possibilidade de observar as tabuas e os fasquiados. As estruturas do forro e da cobertura também estão aparentes. O corredor 01 apresenta vãos em direção à I.S., à cozinha e ao corredor 02. Este último direciona para o quarto 03, à esquerda, ao desvão da cobertura.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	Os corredores fazem parte do percurso acessível.	Os ambientes não são acessíveis.
Edifícios de Habitação de Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.1	X		Nos espaços de entrada dos fogos deve ser possível inscrever uma zona de rotação de 360°.	É possível inscrever a zona de rotação de 360°.
		3.3.2		X	A circulação horizontal dos fogos devem ter uma largura não inferior a 1,1 m	O corredor 02 tem 0,84m de largura e não apresenta a condição do artigo.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	A altura livre é adequada.
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	Os pisos não garantem as características exigidas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4	X		Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Não foi observada abertura no piso
		4.7.5	-	-	A inclinação do piso deve ser inferior a 5% na direção do percurso e até 2% na transversal.	Não foi possível verificar a inclinação do piso.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há ressaltos com dimensões além do permitido em norma, no corredor 01.
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Há portas com largura menor que 0,77m.
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	Há portas com altura inadequada e menor que 2m.
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula ( $vp+lc \geq 2m$ )	Os vãos do corredor 01 podem ser calculados conforme a fórmula, mas as portas no corredor 02 não se enquadram em nenhuma opção.
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Não há portas instaladas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	-	-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi observado nenhum comando

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Ampliação da largura do corredor 02 através da demolição da alvenaria de tabique e da cobertura, com implicações estruturais, estéticos, aumento de área ocupada e arquitetónicos.
- Tratamento ou remoção do piso;
- Demolição de alvenaria para aumentar o vão da porta;
- Alteração da cota dos pisos e nivelamento com os pisos da cozinha e do patim;

TABELA 46

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - COZINHA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

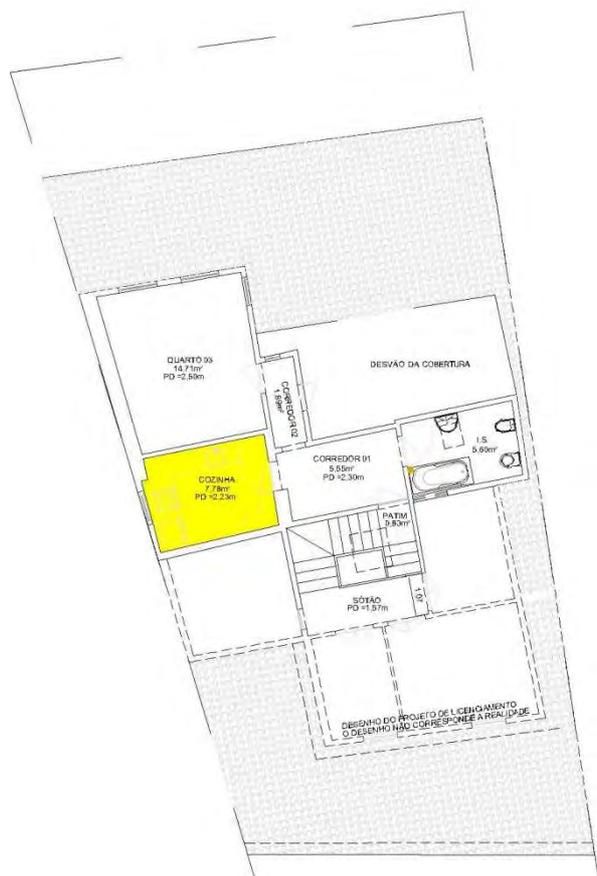


Figura 01: Planta do 6º e 7º piso com destaque para a cozinha do fogo 05.

Figura 02: Vista interna do compartimento destinado cozinha em péssimo estado de conservação.

A cozinha do fogo 05 está em condições precárias e inabitável. Todos os elementos construtivos estão degradados e incompletos. As paredes de tabiques não têm revestimento, a estrutura da cobertura é avistada do interior da cozinha e não há nenhum equipamento ou instalação hidráulica. A área da cozinha tem 7,78m<sup>2</sup> com pé direito de 2,23m. Há uma pequena janela com abertura para a área externa.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A cozinha faz parte do percurso acessível.	A cozinha não são acessíveis e está em estado precário de conservação.
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.3	-	-	Estabelece condições para cozinhas, como: deve inscrever uma zona de rotação de 360° e ter distância mínima de 1,50m entre bancadas ou entre as bancadas e as paredes.	A cozinha tem condições de ser adequada de acordo com o layout sugerido. Contudo, o estado atual não possibilita a análise destas condições.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções	De acordo com o projeto o pé direito da cozinha é de 2,23m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso está em péssimo estado de conservação e não garante as características deste artigo.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso.
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	O piso apresenta-se degradado, com aberturas, fissuras e sujeira.
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O piso apresenta-se com várias aberturas e fissuras, não garante a drenagem e secagem adequadas.
Mudanças de nível no piso	4.8	4.8.2		X	As mudanças de nível devem ter um tratamento adequado à sua altura.	Há ressalto no piso com altura de 0,025m
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A porta tem largura menor que 0,77m
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A porta tem altura menor que 2m
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula ( $vp+lc \geq 2m$ )	O tamanho da porta atende a fórmula.
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Não há portas instaladas.
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	O comando está instalado a 1,47m do piso e não possui dispositivo luminoso.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Remoção e substituição do piso com característica apropriadas para área molhada;
- Alteração da cota do piso e nivelamento com o piso do corredor;
- Demolição parcial da estrutura de tabique para aumentar o vão da porta;
- Substituição dos tipos de comandos.

TABELA 47

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - QUARTO 03

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

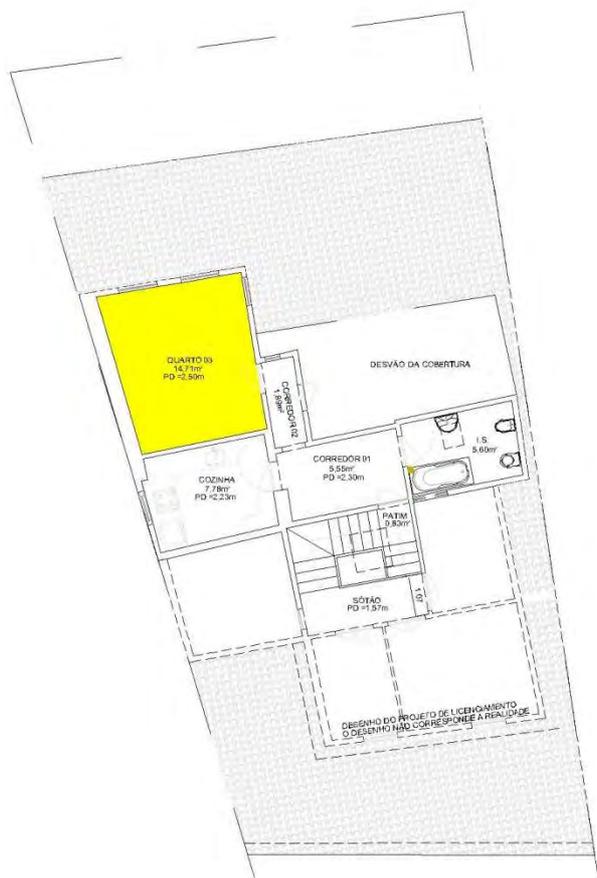


Figura 01: Planta do 6º e 7º piso com destaque para o quarto 03 do fogo 05.



Figura 02: Vista interna do quarto 03.

O quarto 03 apresenta área interna de 14,71m² e pé direito é variável devido ao desmoronamento da cobertura e inserção de telhas metálicas provisórias apoiadas sobre uma parede com altura menor que 1m, o que impossibilita o percurso no ambiente, conforme a figura 02. O estado de conservação é precário e não se garante condições de habitabilidade e segurança no sítio.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	O quarto 03 faz parte do percurso acessível.	O quarto 03 não tem acessibilidade.
Altura livre	4.5	4.5.1		X	Estabelece altura livre de obstruções de 2m	A altura livre é variável e menor que 2m.
Portas	4.9	4.9.1	-	-	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	Não há vão de porta definido.
		4.9.2	-	-	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	
		4.9.6		X	As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula ( $vp+lc \geq 2m$ )	Não é possível ter zonas de manobras nem atender à fórmula.
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas, exclui o puxador em forma de maçaneta.	Não existe porta instalada no vão .
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2	-	-	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Não foi observado comandos no ambiente.

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- Elevação da cobertura para adequar o pé direito ao mínimo de 2m;
- Ampliação da largura do corredor 02 através da demolição da alvenaria de tabique e da cobertura, com implicações estruturais e, estéticas.

TABELA 48

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

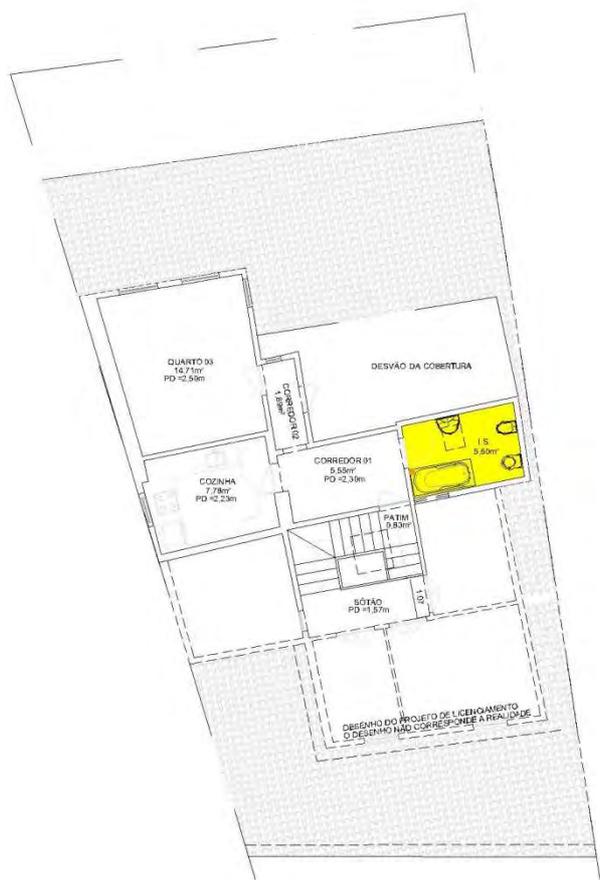


Figura 01: Planta do 6º e 7º piso com destaque para a instalação sanitária do fogo 05.



Figura 02: Vista do vão de entrada da I.S.

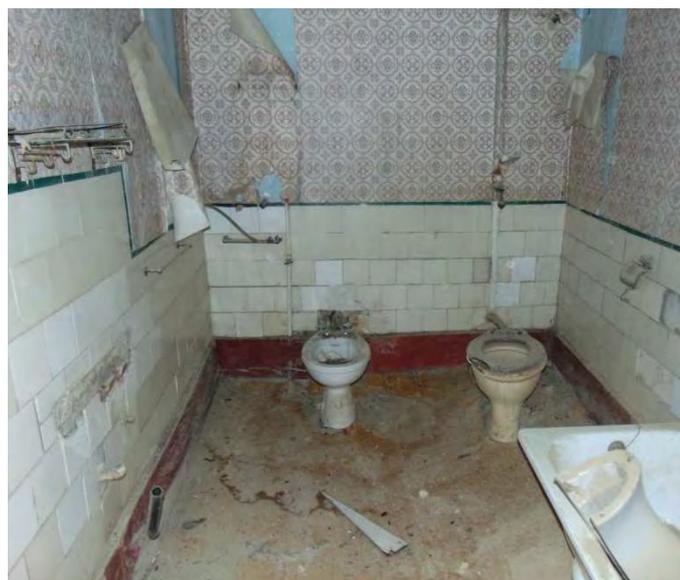


Figura 03: Instalação sanitária com sanita, bidê e banheira. Ausência de lavabo e mal estado de conservação do compartimento.

A instalação sanitária está localizada à direita de quem acessa o corredor 01. Internamente há um bidê, um vaso sanitário e uma banheira. Não está presente o lavatório, embora seja possível ver marcas da antiga instalação. O estado de conservação é precário e com danos em todas as superfícies e acessórios. As paredes ainda estão revestidas parcialmente com azulejo e a outra parte com argamassa de cal revestida com vinil em processo de descolamento; o piso está sem uniformidade e o teto não apresenta forro.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção	Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente	
		Sim	Não			
Percurso acessível	2.1	2.1.1		X	A I.S. faz parte do percurso acessível.	A I.S. não é acessível.
Instalações sanitárias de utilização geral	2.9	2.9.4		X	Estabelece as condições de acessibilidade da sanita.	Não é possível obter a zona livre ao lado e na frente da sanita, não há barras de apoio.
		2.9.7		X	Estabelece as condições de acessibilidade da banheira.	Não é possível ter zona de manobra ao lado da banheira, barras de apoio e assento adequado.
		2.9.13		X	Estabelece as condições de acessibilidade do lavatório.	Não há lavatório e o antigo local da instalação não possibilitava a zona livre de aproximação.
		2.9.15		X	Estabelece condições para a instalação e o modo do equipamento de alarme.	Não existe sistema de alarme na I.S.
		2.9.17		X	Diz sobre os mecanismos operáveis dos aparelhos sanitários acessíveis, os acessórios e as tomadas de corrente elétrica.	O controle de escoamento da banheira não é do tipo alavanca.
		2.9.19		X	No espaço livre deve inscrever uma zona de rotação de 360°	Não é possível inscrever a zona de rotação de 360°.
		2.9.20		X	A porta deve ser de correr ou de abrir para fora.	A porta é de abrir para dentro
Edifícios de Habitação – Área privativa dos fogos de habitação	3.3	3.3.4		X	Estabelece que cada fogo deve ter uma instalação sanitária acessível e determina algumas condições, dentre elas que deve ter no mínimo: lavatório, sanita, bidé e banheira	Essa instalação Sanitária é a única existente no fogo. Não existe lavatório na casa de banho.
Altura livre	4.5	4.5.1	X		Estabelece altura livre de obstruções de 2m.	O pé direito tem 2,24m
Pisos e seus revestimentos	4.7	4.7.1		X	Os pisos e seus revestimentos devem ser estável, durável, firme, contínuo e antiderrapante.	O piso não apresenta nenhuma das condições especificadas.
		4.7.2	-	-	Os pisos devem ter refletância média e não polido.	Não foi possível verificar a refletância do piso
		4.7.4		X	Não devem ter aberturas maiores que 0,02x0,02m	Há aberturas no piso maiores que as exigidas.
		4.7.7		X	Garante a aderência, drenagem e secagem de espaços molhados. Além da inclinação entre 0,5% e 2% no sentido de escoamento.	O piso degradado não apresenta tais garantias
Portas	4.9	4.9.1		X	Estabelece largura mínima dos vãos das portas.	A largura da porta é de 0,74m
		4.9.2		X	Estabelece altura útil mínima do vão da porta	A altura da porta é de 1,94m
		4.9.6	X		As portas devem ter zonas de manobras em ambos os lados ou atender a fórmula $(vp+lc \geq 2m)$	A porta atende à fórmula
		4.9.9	-	-	Estabelece dispositivos de operação das portas.	Não existe porta instalada no vão .
Comandos e controlos	4.12	4.12.1 4.12.2		X	Estabelece parâmetros para a instalação e o tipo de comandos aos ambientes acessíveis.	Os comandos devem ser instalados em áreas com zonas livres e isto não é viável na I.S.
Sinalização e orientação	4.14	4.14.1		X	Deve possuir sinalização nas instalações sanitárias de utilização geral acessíveis.	A I.S. não apresenta sinalização

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

- A área interna da I.S. possibilita criar um novo arranjo/desenho no qual seja possível torná-lo acessível. As consequências são os investimentos em nova instalação hidráulica, revestimentos, acessórios e aparelho sanitários adequados;
- Adaptação do piso às exigências legais;
- Demolição parcial da alvenaria de tabique para ampliar o vão da porta;
- Remoção e instalação de comandos nas paredes de tabique e alarme;
- Instalação de sinalização.

TABELA 49

CATEGORIA ANALISADA DO EDIFÍCIO:  
FOGO 05 - SÓTÃO

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE



Figura 01: Planta do 6º e 7º piso com destaque para o sótão do fogo 05.



Figura 02: Vistas do estado da cobertura, o 7º piso da edificação.

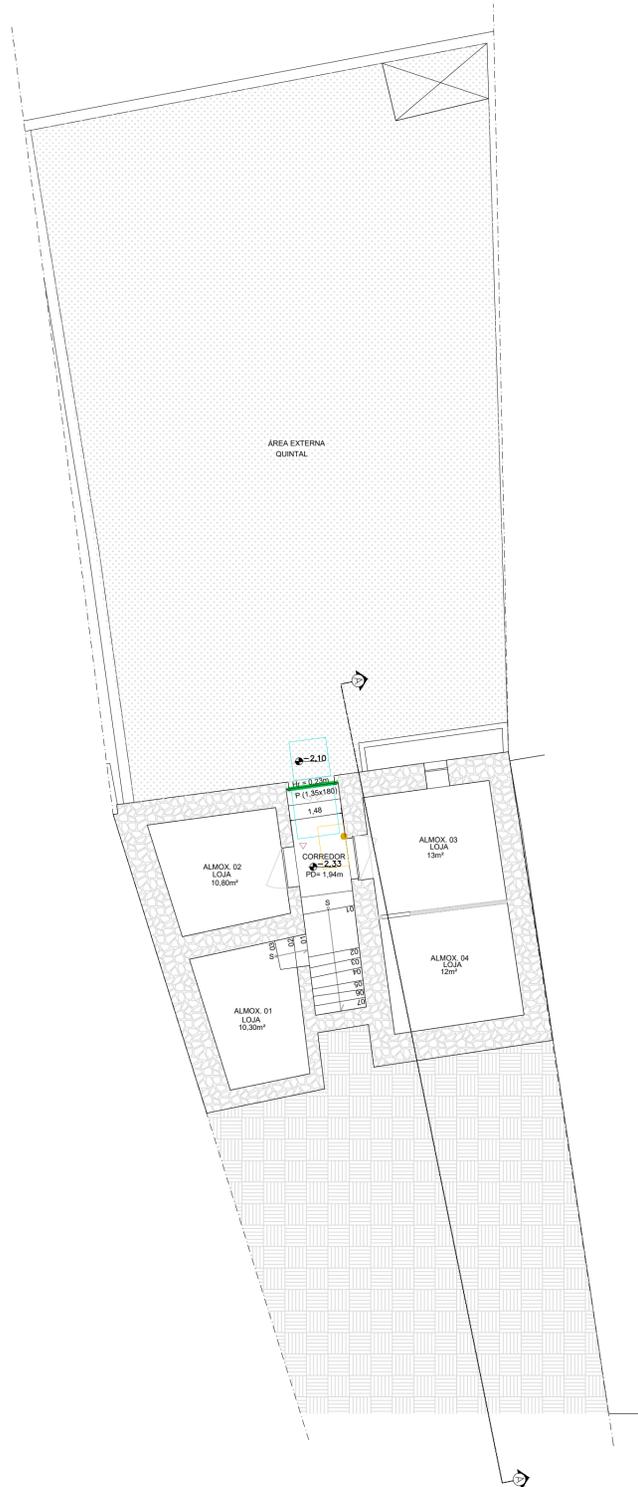
O último piso está em ruína sem definições dos espaços, sem alvenarias, com pisos incompletos. No projeto de licenciamento requerido na SRU, havia a configuração dos quartos e do compartimento de arrumos no sótão da edificação, local onde atualmente pode ser visto as estruturas da cobertura e as telhas. Local bastante sujo e não apresenta condições de habitabilidade.

**SÍNTESE INTERPRETATIVA DA APLICAÇÃO DO DL 163/2006 AO EDIFÍCIO**

Secção		Artigo	Cumprimento?		Observações sobre o regime de acessibilidade	Observações sobre a situação existente
			Sim	Não		
Percurso acessível	2.1	2.1.2	X		Estabelece espaço que não precisam incluir ao percurso acessível	O sótão foi considerado espaço não utilizável
Sinalização e orientação	4.14	4.14.2		X	Deve existir sinalização nos locais onde não há percurso acessível	Não há nenhuma sinalização

**CONSEQUÊNCIAS DA APLICAÇÃO DA LEI**

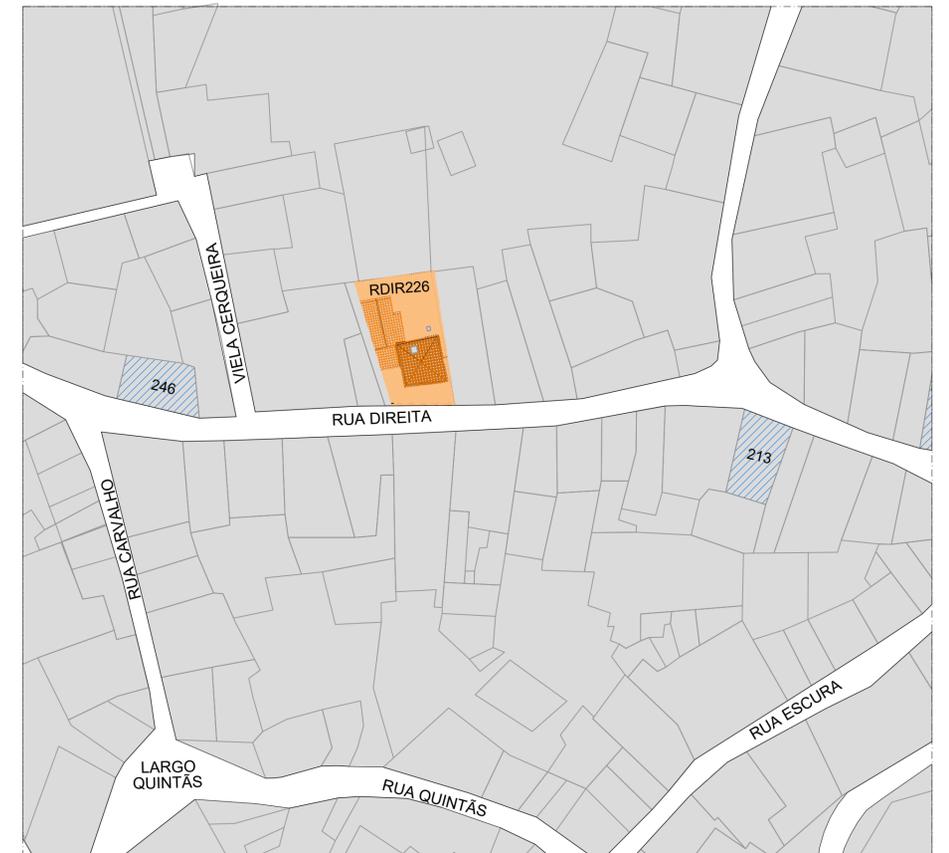
## **APÊNDICE C - PROJETO DE ACESSIBILIDADE**



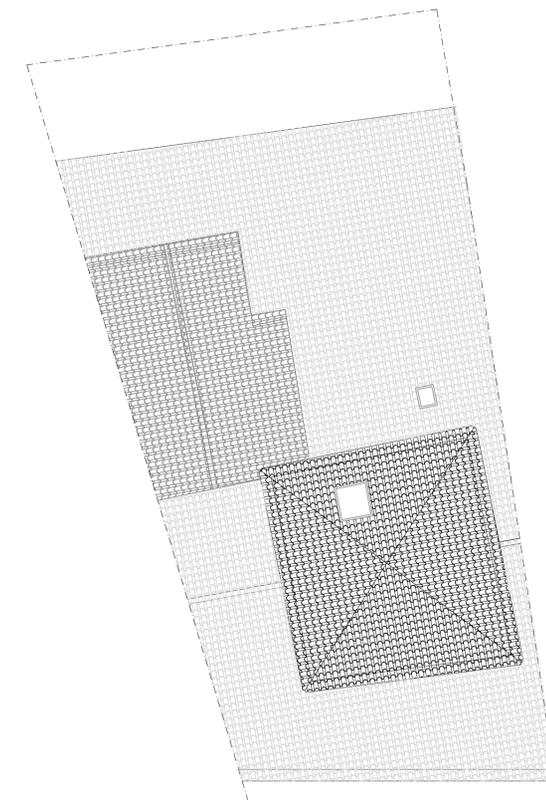
1 PLANTA DA CAVE  
ESCALA 1/100



2 PLANTA BAIXA DO TÉRREO  
ESCALA 1/100

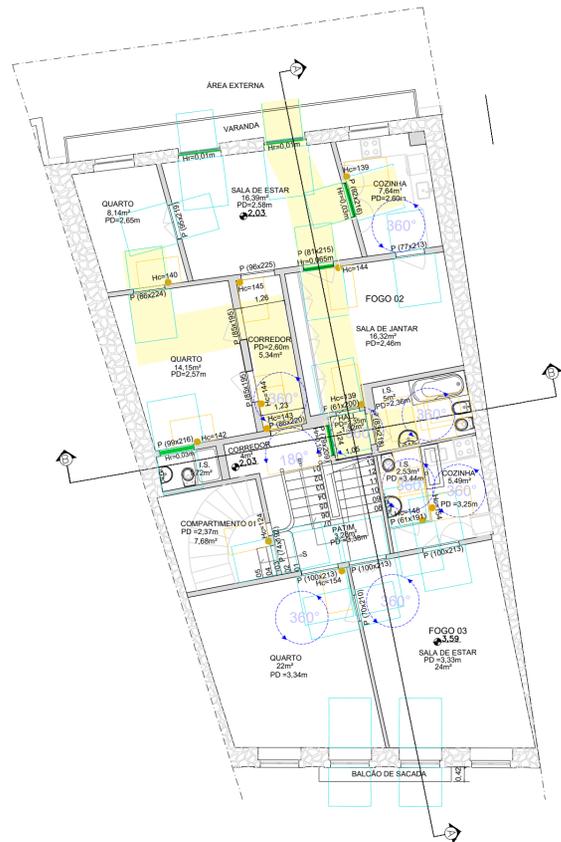


3 PLANTA DE SITUAÇÃO  
ESCALA 1/500



4 PLANTA DE COBERTURA  
ESCALA 1/100

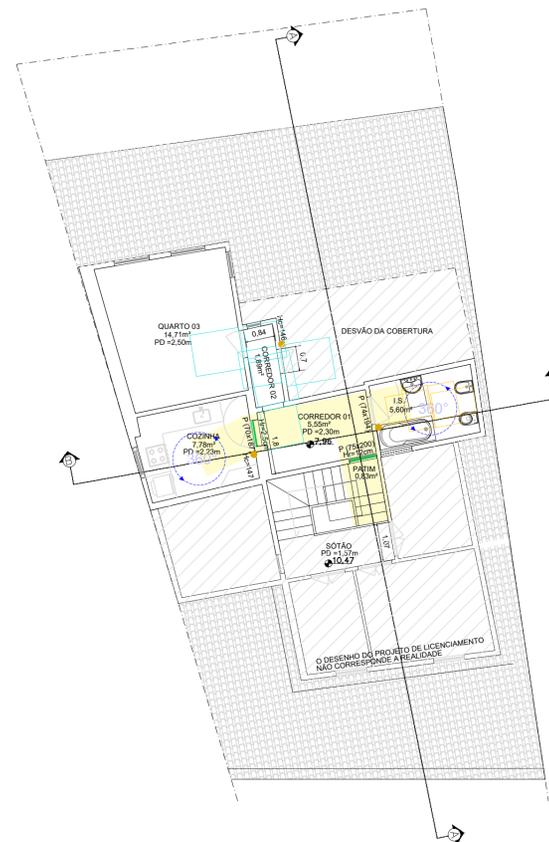
LEGENDA	
	ZONA DE ROTAÇÃO 360°
	ZONA DE ROTAÇÃO 180°
	CANAL DE CIRCULAÇÃO
	ZONAS DE MANOBRAS
	ZONA LIVRE DE ACESSO E PERMANÊNCIA
	ALTURA LIVRE MENOR QUE 2M
	COMANDOS E CONTROLOS (Hc) - altura do comando
	MUDANÇA DE NÍVEL NO PISO (Hr) - altura do ressalto
	INCLINAÇÃO EXCEDENTE
	OBJETO SALIENTE



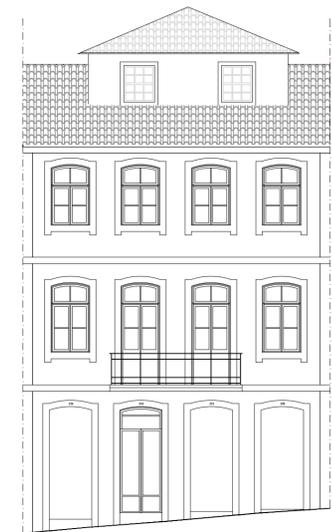
1 PLANTA DO 1º E 2º PISO  
ESCALA 1/100



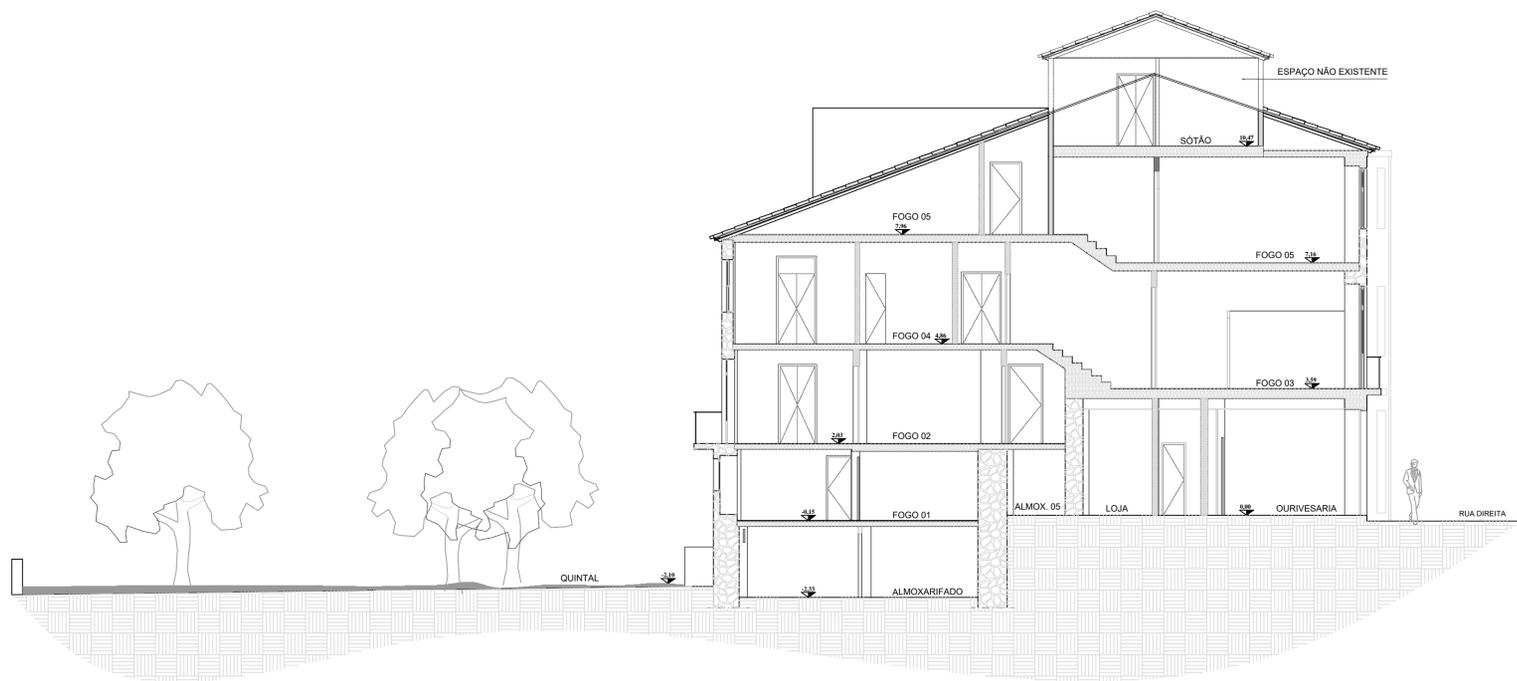
2 PLANTA DO 3º E 4º PISO  
ESCALA 1/100



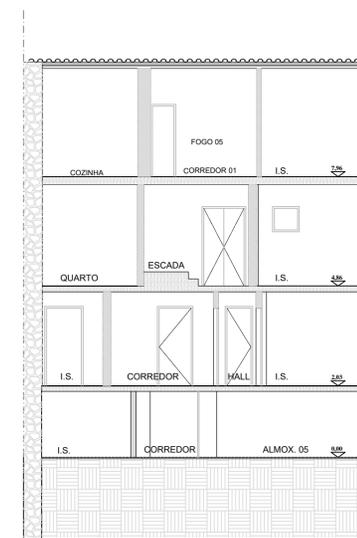
3 PLANTA DO 5º E 6º PISO  
ESCALA 1/100



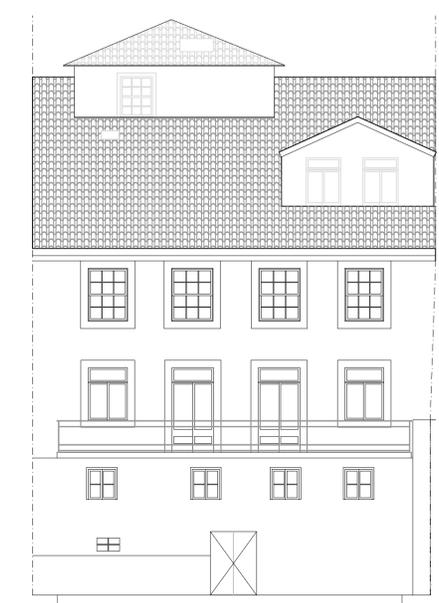
4 ALÇADO PRINCIPAL  
ESCALA 1/100



5 CORTE A-A  
ESCALA 1/100



6 CORTE B-B  
ESCALA 1/100



7 ALÇADO POSTERIOR  
ESCALA 1/100